Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23211 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 30 MARÇO 90 60$00

EDITORIAL

Quem tramou sua Ex.ª?

O ajuste de contas de Miguel Cadilhe com empresários e jornalistas que, sem nomear, responsabiliza pelos ataques públicos que o atingiram e conduziram à sua demissão, processa-se num tom de prudência e indignação contida, próprio de quem, manifestamente, não se dá por vencido, nem renuncia à hipótese de uma carreira pública.

Além de justificar e autolouvar a «sua» política económica, o livro de Miguel Cadilhe constitui também um ajuste de contas com certa Imprensa que o ministro responsabiliza pela «trama» em que se viu enredado: peças de jornalismo investigativo e secções confidenciais, revistas mundanas e respeitáveis semanários são referidos, mas nunca directamente identificados, como autores de infracções éticas e deontológicas que vão desde informações e fotografias truncadas até gravações de conversas telefónicas (só de um lado...).

Ninguém ousará defender que certos processos, violentamente criticados pelo ex-ministro, constituam modelos de ética e deontologia jornalística. Tão pouco se põe em causa o direito que lhe assiste de recorrer aos tribunais em defesa da sua honorabilidade, enquanto cidadão e homem político. Pode-se, legitimamente, perguntar se, em casos de insinuações vagas e não fundamentadas, como as da «INTERVIU», a que Cadilhe alude, sem expressamente citar, a *overeaction* do Governo (misteriosa intervenção de Cavaco Silva na TV, denunciando calúnias sem citar caluniadores) e do aparelho judiciário, (interditando a venda da revista espanhola em Portugal) favoreceram o Governo e o então ministro ou, pelo contrário, os seus adversários.

Mário Mesquita

(Continua na pág. 5)

Miguel Cadilhe: o ajuste de contas

O ex-ministro das Finanças lança, na próxima semana, "Factos e Enredos", um livro que é um retrato de quatro anos passados no Governo e das histórias que o envolveram. O DL já leu e revela o principal

"Factos e Enredos" foi o nome escolhido por Miguel Cadilhe para o livro que lança na próxima semana. Uma obra que promete pegar fogo. As 317 páginas dactilografadas que compõem o documento, a que o DL teve acesso, desdobram-se em duas partes: numa delas, o ex-ministro justifica toda a sua política-económica; na outra, Cadilhe avança com esclarecimentos sobre os muitos casos que surgiram na opinião pública durante os quatro anos em que esteve no Ministério. No conjunto, o livro revela que Cadilhe optou por um ajuste de contas e decidiu passar ao contra-ataque em defesa do seu nome e da reputação da sua família. São muitas as acusações, mas nem um só nome é revelado, embora se entenda que empresários e jornalistas são os principais destinatários deste autor inesperado que de si próprio diz "não virar costas à vilania" e acreditar que o tempo lhe fará justiça.

Págs. 16, 17 e 18

UNITA reivindica atentado em Angola

Três portugueses entre os 25 mortos na queda de um avião que a organização de Savimbi diz ter provocado

A Unita reivindicou o abate de um avião em Angola, que, segundo afirma, transportava "tropas e material de guerra", provocando a morte de todos os ocupantes.

O comunicado do movimento de Jonas Savimbi foi ontem divulgado em Lisboa.

Entretanto, a noite passada, a Lusa noticiou ter-se registado a queda de um avião da TAAG no Bié, provocando a morte de 25 pessoas, entre as quais três cooperantes portugueses, identificados como sendo Carlos Fernando Gamboa Reis, de 33 anos, António L. Sousa Pinto, de 40, e Alberto Marcial da Silva, de 38 anos.

Presume-se haver uma ligação entre as duas notícias. No entanto, Luanda desmente a hipótese de atentado.

Pág. 11

Rosa Mota/Federação: as pazes

Pág. 25

Iraque concentra mísseis capazes de atingir Israel *Pág. 11*

Portugal/Índia: finalmente nada a opor *Págs. 2 e 3*

Federação já não alinha em jogos nocturnos *Pág. 25*

Morreu Alain Oulman *Pág. 23*

SEC defende Teatro S. João *Pág. 22*

Lotaria Nacional
1.º 8 633 2.º 41 475 3.º 52 279

A Mosca pica em Suplemento

GRANDE ANGULAR

O Presidente da República da Índia, Ramaswami Venkataraman, chega amanhã a Lisboa, em visita de Estado. Há esperanças de resolver o «caso das jóias», único contencioso entre os dois países, cujas relações possuem esta singular característica: os indianos são os mais interessados na defesa do património português em Goa...

Cento e cinquenta contos para animar a cultura portuguesa...

«A Virgem com o Menino» (*Capela da Senhora da Piedade, Velha Goa)*

Era da AD o Governo quando André Gonçalves Pereira, ministro dos Negócios Estrangeiros, de ascendência goesa, visitou oficialmente a Índia. Deparou principalmente com duas coisas: o definhamento da presença portuguesa e a disponibilidade das autoridades indianas para facilitarem todas as iniciativas de Portugal tendentes a revitalizar a nossa cultura nas antigas possessões. A senhora Indira Gandhi reafirmou-lhe, na altura, que, tal como seu pai, Nehru, combatera a soberania portuguesa no seu país, mas nunca a presença cultural portuguesa ou a religião católica. O 25 de Abril derrubara, aliás, todas as barreiras que pudessem ainda subsistir no caminho deste novo relacionamento amigável (restava o «caso das jóias», a que noutro local nos referimos e que, segundo Gonçalves Pereira, representa um contencioso cujas culpas cabem às duas partes, mas sobretudo ao nosso Estado).

Regressado a Portugal, André Gonçalves Pereira discutiu a situação com o seu colega das Finanças, João Salgueiro. Em resultado da diligência, foi autorizado a despender em acções que obstassem à extinção do nosso passado histórico naquelas paragens... cento e cinquenta contos!

O dinheiro serviu para prolongar durante três meses a agonia de «O Heraldo», único jornal em língua portuguesa que ainda se publicava em Goa — como revelou ao «DL» o antigo ministro. Finaram-se os dois, dinheiro e jornal, ao mesmo tempo.

Este episódio ilustra exemplarmente o nível de prioridade que, na ordem da nossa política externa, tem sido atribuído às relações com a União Indiana, em particular no tocante à preservação do património cultural, que é possível, não obstante as condições adversas decorrentes da própria evolução social dos territórios outrora por nós ocupados.

Depois de 1961

Em 1961, data em que os indianos se reapossaram de Goa, Damão e Diu, existiam em Goa, no sector português do ensino, o Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, com cerca de 500 alunos, o Instituto de Instrução, com cerca de 200, o Colégio Abade de Faria, a Escola Médico-Cirúrgica, a Escola de Farmácia, com cerca de 20 estudantes, e um seminário. Nas escolas primárias concelhias também se ensinava o português e nas hindus, espalhadas por todo o território, os alunos deviam fazer exame desta língua para se matricularem nos cursos secundários — a partir de 1950, mesmo que optassem por um dos seis estabelecimentos ingleses.

O funcionalismo público era obrigado a falar Português, os contingentes militares idos de Portugal estabeleciam, evidentemente, contacto com a população autóctone na nossa língua.

Em resultado — explica Narana Coissoró, goês e especialista em Estudos Orientais — , mais de 50 por cento da população até aos 30 anos falava minimamente português, mesmo nas aldeias, o suficiente para exercerem a actividade profissional, embora não o sabendo escrever. A par destes, 20 ou 30 famílias cristãs cultivavam o Português como língua materna. Publicavam-se três jornais diários em língua portuguesa — «O Heraldo», «Heraldo» e «A Voz da Índia» — com cerca de mil assinaturas.

Três meses após o estabelecimento da soberania indiana em Goa, os colégios portugueses, a três meses dos exames, passaram a ensinar em inglês. O liceu perdeu frequência e, em Março de 1962, fechava as portas (nele funciona hoje a Universidade de Goa). O ensino da nossa língua acabou também nas escolas primárias. Imperava um ambiente de suspeita e de rejeição dos portugueses, agravado por acções tendentes a criar o mito da resistência ao poder indiano (Casimiro Monteiro, um dos «pides»condenados pelo assassínio de Delgado, deslocou-se à Índia — conta Narana Coissoró — para fazer explodir bombas junto à Câmara de Pondá).

Poucos anos depois, só as pessoas de meia idade falavam ainda Português. «O Heraldo», escrito parte em inglês, parte em língua portuguesa, continuou, apesar de tudo, a publicar-se (até 1984), o mesmo sucedendo durante algum tempo com «A Voz da Índia». Mas praticamente já ninguém sabia ler o Português. Em 1980, houve esforços para inverter a situação. Foi retomada a publicação de «O Heraldo»; o Português passou a ser língua de opção, com o Francês (que, segundo Narana Coissoró, não atrai grandemente os indianos), nas escolas secundárias; no departamento da Universidade de Bombaim em Goa foi criado o mestrado e o doutoramento em Língua Portuguesa. Entretanto, a biblioteca do Instituto Vasco da Gama, hoje Menezes Bragança, que funcionava como depósito oficial, perdeu-se em grande parte, devido a condições deficientes de armazenamento. Resta o Arquivo Histórico de Goa, precioso, que guarda documentação a partir de 1500, para cuja conservação a Fundação Gulbenkian e as instituições indianas têm contribuído decisivamente. O intercâmbio cultural é escassíssimo. Há uma Comissão de Historiadores, alguns bolseiros indianos que vêm a Portugal investigar (cinco ou seis nos últimos dez anos)...

Narana Coissoró revela que desde 1979 se bate pela abertura de um Centro Cultural Português em Goa. O problema está em que os indianos não o queriam apenas em Goa; pretendiam-no também em Nova Delhi, onde se encontra o departamento oficial que supervisiona este tipo de instituições no País. Portugal não concordou e inclinou-se para a criação de um curso superior de Língua Portuguesa. Era pedir de mais, as hesitações mantiveram-se; e o centro apareceu... fundado por brasileiros, com um leitor brasileiro de Português.

Pedidos sem resposta

Agora, a Fundação Oriente vai abrir o Centro Português de Goa e conta com o apoio do primeiro-ministro do Estado, Rane, que é, frisa Narana Coissoró, um grande amigo de Portugal. Deseja que facilitemos a vinda ao nosso País de indianos interessados em aprender a nossa língua e a nossa música, para depois ensinarem. Até agora, as suas várias solicitações não têm obtido resposta das autoridades portuguesas. E há oito anos que se procura a declaração de Velha Goa como património universal — mas só há pouco diz Narana Coissoró ter ouvido Santana Lopes referir-se ao assunto.

«Da parte do Estado, zero — conclui Narana Coissoró — acrescentando que o Estado se dedica antes a dificultar as iniciativas de outrém para preservar o nosso património em Goa, onde as ruas e as velhas lojas conservam os nomes portugueses.

Um Presidente sindicalista

Ramaswami Venkataraman, Presidente da República da Índia, é um combatente anticolonialista que desde cedo se devotou à actividade sindical e jurídica. Nascido em 1910, no Estado de Tamil Nadu, licenciou-se em Economia e Direito pela Universidade de Madrasta e, em 1942, teve papel destacado no movimento de libertação do seu País do domínio britânico, o que lhe valeu dois anos de cadeia. Era, desde 1935, membro do Tribunal da Relação daquele Estado. Em 1946, quando estava iminente a transferência do Poder dos ingleses para os indianos, o Governo da Índia incluiu-o no grupo de advogados enviado à Malásia e a Singapura para defender indianos acusados de colaboracionismo com os ocupantes japoneses.

O direito do trabalho constituiu sempre para Ramaswrami Venkataraman um domínio de especial atracção. Libertado em 1944, o actual Presidente indiano foi encarregado de organizar a Comissão de Trabalho do Parlamento de Tamil Nadu. Em 1949, fundou o *Labour Law Journal*, publicação especializada naquele ramo do Direito. Ramaswrami Venkataraman acabou por se envolver cada vez mais na actividade sindical, e fundou e dirigiu vários sindicatos, entre os quais os dos trabalhadores das plantações, portuários, ferroviários e jornalistas. No seu distrito natal, Thanjavur, interessou-se pelo estudo das condições de trabalho dos assalariados agrícolas.

A actividade jurídica e sindical levou Ramaswrami Venkataraman a dedicar-se crescentemente à política. Em 1950, foi eleito para o Parlamento Provisório da Índia livre e, em 1952, para o Primeiro Parlamento. Durante o exercício deste último mandato, participou numa reunião do Organização Internacional do Trabalho como delegado sindical. Em 1953, assumiu o cargo de secretário do Partido do Congresso.

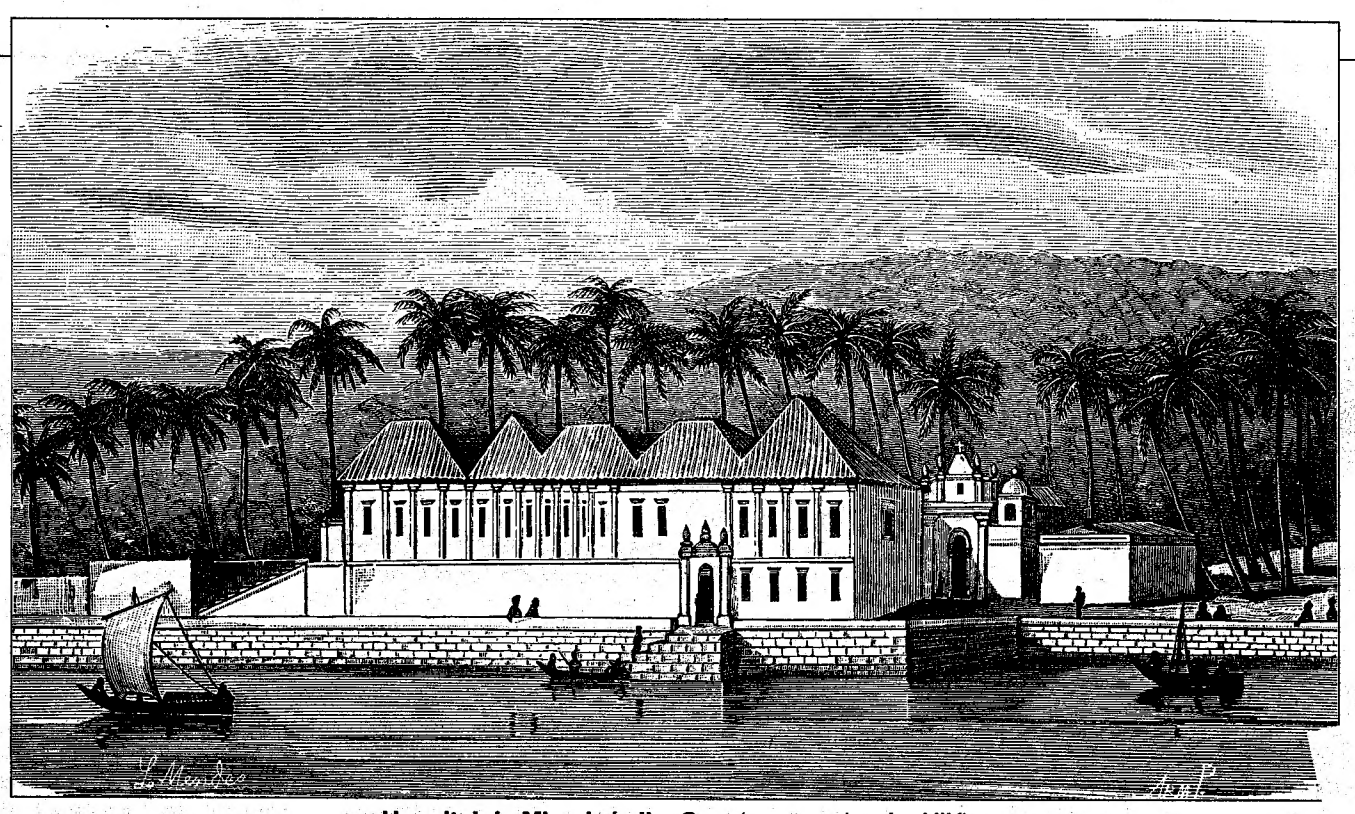
Reeleito parlamentar da União em 1957, resignou ao mandato para integrar, como ministro, o Governo do Estado de Madrasta, no qual sobraçou sucessivamente as pastas da Indústria, Trabalho, Cooperação, Energia, Transportes e Comércio, até 1967. Foi também presidente da Câmara Alta, o Conselho Legislativo de Madrasta. Fez parte da Comissão do Plano da União, tendo a seu cargo os pelouros da Indústria, Trabalho, Energia, Transportes, Comunicações e Caminhos de Ferro, até 1971. Em 1977, foi presidente da Comissão de Negócios Públicos do Parlamento, enquanto na Oposição. Em 1981, foi nomeado ministro das Finanças da União no Governo de Indira Gandhi e, mais tarde, ministro da Defesa.

Ramaswrami Venkataraman fez ainda parte das comissões de Assuntos Políticos e de Assuntos Económicos do Governo da União, foi governador do FMI, do Banco Internacional para a Reconstrução e do Banco de Desenvolvimento da Ásia, e representou o seu País em várias organizações internacionais, designadamente como presidente do Tribunal Administrativo das Nações Unidas, cargo que ocupou durante onze anos (1968-1979).

Em Agosto de 1984, foi eleito Vice-Presidente da Índia, quando desempenhava as funções de presidente da Segunda Câmara do Parlamento indiano. Em 25 de Julho de 1987, foi empossado como oitavo Presidente da República da Índia.

Ramaswrami Venkataraman é doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Roorkee, e *honoris causa* em Direito pelas Universidades de Madrasta, Nagarjuna e Burdwan. Possui o Prémio Tamra Patra pela sua participação na luta anticolonialista.

Casou em 1938 com a senhora Janki Venkataraman e tem três filhas.



Hospital da Misericórdia, Goa *(gravura do séc. XIX)*

Trinta anos depois

Jóias de Goa vão regressar

O contencioso das jóias de Goa que opõe o banco Nacional Ultramarino ao State Bank of Índia, dificultando o normal relacionamento entre os dois países, poderá vir a conhecer nos próximos dias uma resolução, se o banco estatal da Índia aceitar uma proposta que lhe foi apresentada pelo BNU através dos canais diplomáticos.

Esta proposta, segundo o banco português, «acolhe no essencial os pontos de vista de ambas as partes» e «possibilitará o reatamento imediato de negociações a nível técnico com vista à assinatura de um protocolo que permita a rápida devolução desses valores».

A prevista assinatura do protocolo coincide com a visita que o Presidente indiano, Ramaswami Venkataramam, inicia amanhã a Portugal.

O diferendo teve início em 1961, quando as tropas indianas invadiram Goa, contra todas as previsões de Salazar, que acreditou nos resultados da intensa movimentação diplomática internacional que tinha feito contra a União Indiana.

A actividade bancária em Goa estava, nessa altura, a cargo do Banco Nacional Ultramarino. Além das suas operações normais, este banco funcionava também como instituição de penhores, a que recorriam pessoas em dificuldades económicas, entregando jóias como garantia, na expectativa de que a qualquer momento as pudessem resgatar.

O império começava a abrir brechas. Em Lisboa ninguém acreditava que a União Indiana fizesse uma invasão em força, abandonando a via pacifista que tinha seguido até aí.

Menos confiante estava Jorge Anastácio, nessa época gerente do BNU em Goa. Ao aperceber-se de que o optimismo dos governantes portugueses nada tinha a ver com a realidade, decidiu queimar todo o dinheiro existente nos cofres do banco e enviar para Lisboa alguns milhares de jóias que ali estavam guardadas. Antes contactou o então vice-governador do BNU, Visconde de Merceana, que lhe respondeu não parecer necessária tal iniciativa porque, em contacto com o Ministério dos Negócios Estrangeiros «se colhera a convicção de que os nossos territórios não seriam invadidos». Aconselhou-o, no entanto, a que, uma vez que se encontrava no local, procedesse como achasse melhor.

Ancorado no porto de Goa, o navio «Índia» largava para Lisboa nessa noite. Jorge Anastácio pediu um automóvel emprestado e, discretamente, levou as jóias para bordo. Foram escondidas num paiol de munições, à guarda do comandante.

Após a invasão, Jorge Anastácio foi preso pelas tropas indianas, que pretendiam trocá-lo pelas jóias. Mas estas já estavam a salvo, num cofre forte do BNU, na Rua Augusta. Durante muitos anos não mais se ouviu falar delas.

Com o reatamento das relações relações diplomáticas entre Portugal e União Indiana, na sequência do 25 de Abril, o contencioso reacendeu-se, com o governo indiano a reclamar periodicamente as jóias. O BNU argumentava que elas eram propriedade de clientes do banco. As autoridades indianas contrapunham que, embora essas jóias fossem propriedade de particulares, o ouro era do Estado indiano. Ante o desencontro de opiniões nunca foi possível chegar-se a um acordo.

As relações entre os dois países têm sido até agora marcadas por este contencioso que, inclusivamente, retardou a projectada visita oficial de Mário Soares à União Indiana.

Ao longo dos anos, diversos protocolos com vista à resolução do problema têm sido estudados, mas nenhum teve êxito.

O State Bank of India estava, mesmo, disposto a pagar para reaver as jóias, solução com a qual tanto o Governo português como o BNU concordavam . O problema reside no facto desta instituição bancária pretender endossar ao banco indiano a responsabilidade das jóias que venham a ser reclamadas. Muitos dos seus proprietários já faleceram, não sendo conhecidos os respectivos herdeiros. Outros não se sabe onde param, apesar de existirem no BNU registos muito completos e rigorosos.

Uma das formas de resolver este problema, e que o BNU pretende ver incluida no protocolo a assinar, é a definição de um período em que, através de anúncios ou editais, os legítitmos proprietários das jóias, ou seus herdeiros, sejam informados de que as podem reclamar.

Subsistem ainda outros problemas técnicos, como a revalorização das jóias ao longo de quase 30 anos (valiam, em 1961, à roda 30 mil contos) e o facto de muitos dos empréstimos nunca terem sido pagos.

Os proprietários deveriam também pagar uma comissão de guarda ao BNU, mas este já concordou em prescindir dela pelo facto de considerar que os seus clientes não devem ser responsabilizados por questões a que são alheios.

Oficialmente, nunca foi invocado o contencioso das jóias como motivo de perturbação nas relações entre os dois países, mas a verdade é que, estas relações têm sofrido bloqueamentos diversos.

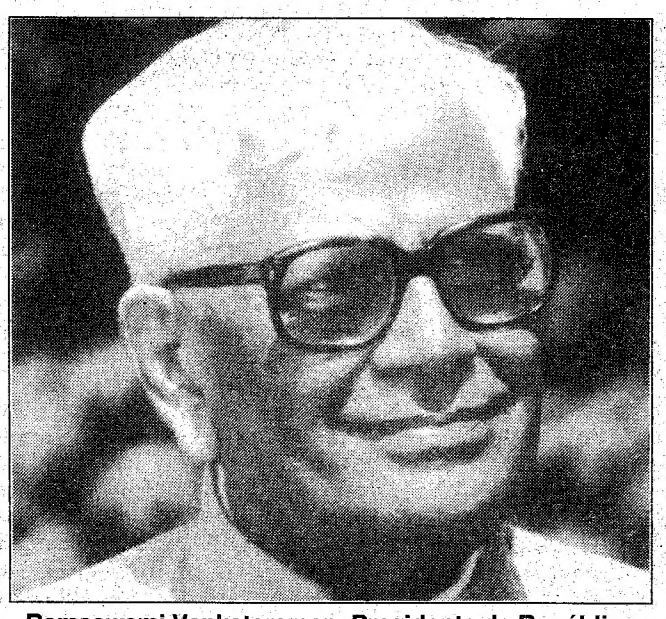
Por diversas vezes estiveram agendadas visitas oficiais de dirigentes portugueses à Índia, sem nunca terem sido concretizadas.

A própria TAP tem tudo pronto para o estabelecimento de uma linha para o Extremo-Oriente com escala em Bombaím, projecto que continua igualmente congelado.

Meios diplomáticos atribuem ao contencioso das jóias a razão de todos esses bloqueamentos.

A visita do Presidente da União Indiana pressupõe que o problema estará agora em vias de resolução a contento de ambas as partes.

Augusto Vilela



Ramaswami Venkataraman, Presidente da República da Índia

COMENTÁRIO

Um esforço indispensável

Raros serão os países outrora ocupados que, depois de se reapossarem do seu território, insistem com o antigo Poder para que se esmere na defesa do que abandonou — os monumentos, a língua, enfim,o património cultural. Acontece, porém, com a Índia, ao que sucedem as nossas orelhas moucas. Os restos da colonização portuguesa em Goa, designadamente o Português, não têm despertado o concerto de esforços oficiais indispensável à sua salvaguarda. Logo após a transferência da soberania, era decerto impraticável delinear e pôr em prática um plano de manutenção cultural, porque os ânimos estavam exaltados — nem sequer faltavam arremedos de terrorismo, perpetrado por agentes da PIDE, para fazer crer numa resistência inexistente; todavia, depois do 25 de Abril e do restabelecimento de relações com a União Indiana, seria de esperar que fossemos ao encontro, no nosso interesse, dos desejos de retomada do intercâmbio e de preservação dos múltiplos sinais de uma presença de quatrocentos anos, manifestados pelas autoridades de Nova Delhi, que nunca retiraram ao Português o estatuto de língua oficial em Goa.

Em vez disso, temos primado pelo alheamento, como demonstram episódios caricatos do género daquele que André Gonçalves Pereira, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, nos conta. Parece — ou, pelo menos, o argumento vem a jeito — que tudo por causa do famoso caso das jóias na posse do Banco Nacional Ultramarino, a arrastar-se desde 1961. Ainda ontem, o embaixador da Índia não escondia a sua preocupação ante novos empecilhos, surgidos à última hora, por parte da Secretaria de Estado do Tesouro, num processo bem encaminhado de resolução do diferendo, e solicitava a intervenção do Presidente da República junto do primeiro-ministro no sentido de aplanar obstáculos menores ao bom termo do conflito, como se espera que aconteça.

Ficará deste modo aberto o caminho à cooperação bilateral, conveniente às duas partes, e sem desculpa o desinteresse do Estado português pelas repetidas solicitações do primeiro-ministro de Goa, com vista a reanimar a presença da nossa cultura no território, e que, por enquanto, apenas têm encontrado resposta em iniciativas não-governamentais. Não se ignoram as dificuldades de acorrer à salvaguarda dessa presença, disseminada pelo mundo, desde logo as de ordem financeira, mas também não se pode desconhecer que muito depende da vontade política e da actuação diplomática, em alguns casos nos centros de decisão internacionais, como no tocante à possibilidade de Velha Goa vir a ser proclamada património mundial. Não subsistem hoje razões impeditivas de um relacionamento frutuoso entre Portugal e a União Indiana, e ainda menos de pugnarmos pela defesa do que é nobilitantemente nosso — um património cultural secular.

João Paulo de Oliveira

Para um compromisso com o País

PS tem programa de governo

A redução do papel do Estado na área económica, mas também o seu reforço no apoio à educação pré-escolar, aos idosos ou aos deficientes, são algumas linhas de força do programa de Governo do Partido Socialista. Programa que está quase pronto para a discussão nas federações e nas secções do partido. Falta sintetizar o conteúdo de cerca de 200 páginas em 20 ou, no máximo, 30.

Os autores do documento não querem que o projecto final seja encarado como um programa de governo definitivo, mas como um compromisso político que vincula a direcção do PS perante os militantes presentes no próximo Congresso e perante o país, nas próximas eleições legislativas. O grupo de trabalho constituído por Joaquim Mestre, Ferro Rodrigues, Jaime Gama, Almeida Santos, António Guterres, António Barreto, João Cravinho, Emanuel Jardim Fernandes e Martins Goulart dividiu o programa em sete capítulos que fazem o diagnóstico dos principais problemas da sociedade portuguesa e apresentam algumas alternativas. Há assuntos que continuam em aberto.

Os responsáveis

António Guterres ficou com a responsabilidade de fazer uma reflexão sobre os valores do socialismo democrático e os desafios do tempo moderno. António Barreto fez um levantamento dos problemas da sociedade portuguesa, com destaque para a cultura, qualidade de vida, ambiente, relações sociais, educação, saúde, em suma, «viver em Portugal».

Ferro Rodrigues elaborou um capítulo sobre trabalho e desenvolvimento económico, que define as linhas estratégicas de progresso e as relações entre os diversos agentes, quer na relação triangular trabalhadores-empresários-Governo, quer no que respeita ao relacionamento dentro das empresas.

O Estado, a justiça, a administração pública e a regionalização constam do quinto capítulo do programa do PS. O principal responsável desta área é Almeida Santos, que está a desenvolver uma análise no sentido de garantir mais poderes aos cidadãos em relação ao Estado, revendo algumas posições defendidas anteriormente, que apontavam para um maior centralismo dos poderes.

As questões de regime relacionadas com uma prática política mais «clara, firme e na base do diálogo», o papel do Presidente da República e o sistema de alianças ficaram sob a alçada de Joaquim Mestre, um homem muito próximo de Jorge Sampaio e que o acompanhou no percurso político.

Jaime Gama ficou, quase por inerência de funções, com o capítulo respeitante à defesa nacional e às relações de Portugal com a Europa e o resto do mundo. Nesta matéria todos os membros do grupo de trabalho foram unânimes em acabar com o conceito tradicional do emigrante português, considerado o parente pobre da Europa. António Barreto disse ao DL que «é preciso acabar com a ideia do emigrante. Os trabalhadores portugueses nos países europeus têm direitos não porque são emigrantes pobres que é preciso proteger, mas porque são cidadãos da Europa».

Uma das reuniões que preparou o programa de governo PS

O deputado socialista sublinhou que «Portugal tem de estar preparado para acolher os portugueses que queiram regressar, quer estejam na África do Sul, na Venezuela ou em outro país do mundo».

Apesar dos capítulos do programa terem sido entregues para um estudo mais aprofundado a alguns elementos do grupo de trabalho, tanto João Cravinho como Emanuel Jardim Fernandes e Martins Goulart colaboraram no sentido de introduzir alterações nos textos iniciais. Paralelamente à feitura do programa do Governo, grupos de trabalho sectoriais estão a fazer documentos mais elaborados sobre áreas específicas como a saúde, educação e regionalização.

As «batatas quentes»

Nem o facto de estar na oposição, impediu os socialistas de, no programa de governo, pensarem duas vezes em assuntos que são polémicos para a sociedade civil e no seio do partido. Há por isso questões que ficaram em aberto para uma melhor definição durante o Congresso.

Qual é a política dos socialistas para as privatizações? Como? Sem limites ou com reservas? Que gestão para o sector público? E a política de investimento estrangeiro, é nacionalista ou moderada?

São apenas alguns dos assuntos que ainda não têm uma resposta clara por parte dos socialistas.

António Barreto considera que a definição do regime de gratuitidade ou não de serviços públicos essenciais, como a saúde ou a educação, será a grande «batata quente» dentro e fora do partido. Em termos filosóficos o PS tem sempre defendido a gratuitidade da saúde e da educação, embora na última revisão constitucional tivesse acordado com o PSD uma versão que abriu campo para outras soluções, ao ficar consignado no texto fundamental o carácter«tendencialmente gratuito» da saúde.

No que respeita à educação, a posição de António Barreto é conhecida: «escolaridade obrigatória gratuita, mas depois cada um paga a educação segundo as suas possibilidades». Mais complicado será pôr em prática este conceito respeitando a justiça social que teoricamente prevê.

A Regionalização

A regionalização é outra das questões em aberto. Os socialistas têm de definir com clareza quais as regiões e como desencadear o processo com um mínimo de custos políticos. O deputado socialista, a título pessoal, manifestou-se defensor do aumento do número de concelhos e câmaras. «Veja o caso da Suíça, com metade da nossa superfície tem 2000 câmaras, só que são câmaras com dimensões e objectivos diferentes. O mesmo acontece em Paris, com 30 câmaras. São mais eficazes e só assim se evita a criação de "monstros" como a câmara de Lisboa».

António Barreto manifestou-se um veemente adversário das políticas proteccionistas tanto a nível interno como comunitário.

«É preciso abrir, abrir tudo. Este país precisa de um safanão. Não precisamos de proteger os nossos músicos se nas escolas existirem meios para os jovens aprenderem a tocar. A protecção tradicional a certas indústrias tem como consequências termos o trigo, a carne, o leite, o vinho mais caros da Europa». Esta atitude pessoal não colhe a aprovação de muita gente dentro do Partido Socialista, que defende posições mais moderadas no período de transição para o mercado único.

Maria João Rocha

Primeira reunião ocorreu ontem

Governo debate assuntos europeus

A comissão governamental para os assuntos europeus reuniu-se ontem pela primeira vez. No decorrer do encontro debateram-se três hipóteses para a localização de um posto experimental de passagem praticamente livre da fronteira luso-espanhola.

Esta nova comissão tem por objectivo estabelecer a ligação entre a Comissão Inter-Ministerial das Comunidades Europeias e o Conselho de Ministros para os Assuntos Comunitários, é presidida pelo ministros dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro e reúne-se na última quinta-feira de cada mês.

Além de João de Deus Pinheiro, integram a comissão os secretários de Estado das Finanças, Agricultura, Obras Públicas, Plano, Emprego, Indústria, Comércio, Ambiente e Administração Interna.

Presidência da CEE domina conselho

Ontem, o Conselho de Ministros dedicou a sua reunião às questões comunitárias, tendo decidido criar uma comissão para preparar a presidência portuguesa da CEE.

O ministro João de Deus Pinheiro fez, no início do encontro, uma exposição sobre este acontecimento que se aproxima (vai decorrer durante o primeiro semestre de 1992).

«Terá de ser uma presidência marcada pelo rigor e pela busca de consenso, no sentido de mobilizar todos os parceiros e todas as instâncias comunitárias para a estrutura europeia», refere um comunicado oficial.

Entretanto, foi anunciado que o ministro dos Negócios Estrangeiros vai constituir uma comissão para iniciar já os preparativos de natureza técnico-logística «cuja dimensão e complexidade impõe um trabalho de grande antecipação»

A União Económica Monetária constitui «uma objectivo que o Governo assume e ao qual quer dar todo o apoio, na condição de que esse passo possa ser dado de forma equilibrada por todas as regiões da Comunidade», disse ainda Marques Mendes.

O porta-voz do Conselho de Ministros anunciou que foi aprovada uma proposta de lei sobre higiene, segurança e saúde no trabalho, que deverá discutida no Parlamento.

D.José Policarpo define ecumenismo a Leste e no Ocidente

«Quando se tratou de dividir a Alemanha depois da II Guerra Mundial, a Alemanha católica ficou de um lado e a Alemanha protestante do outro», explicava ontem à noite D. José Policarpo, bispo, aos que o foram ouvir à paróquia do Campo Grande, na sessão de encerramento do ciclo de conferências «Que Homem, que Sociedade na Nova Europa».

Daí que o prelado que falou da tribuna antes ocupada por oradores como Lucas Pires, Lourdes Pintasilgo, Silva Lopes, António Guterres e José Luís Judas tenha colocado o Velho Continente perante um dilema: «Ou os cristãos se entendem, ou dificilmente a Europa encontrará o caminho da unidade».

A primeira culpa foi do cisma do Oriente, que definiu uma Igreja ortodoxa «mais marcada pela tradição helénica», ao passo que de Roma vinha outro espírito, «mais positivo».

A fronteira

Gerou-se então, segundo D. José Policarpo, «uma fronteira que nunca mais foi colmatada» entre Oriente e o Ocidente, se bem que a reunião de Gorbachev com o Papa João Paulo II e as suspeições ortodoxas perante a «perestroika» forneçam aos crentes deste lado do muro de Berlim em cacos a quase certeza de uma vitória moral.

«É curioso verificar que Gorbachev e os ortodoxos entraram em polémica», assinalou o prelado, no capítulo de divergências teológicas com implicações terrenas.

A aludida divisão política da Alemanha radicou-se, na perspectiva de D. José Policarpo, num outro cisma, a Reforma protestante, cuja principal consequência foi «enfraquecer a Europa».

Tratou-se, segundo aquele prelado, «não sobretudo de uma questão teológica, mas de uma questão política».

Uma Europa forte será, portanto, ecuménica.

«Ultrapassar os aspectos negativos dos nacionalismos exacerbados» passará a ser tarefa das Igrejas. Daí que o Presidente soviético tenha tomado de empréstimo a expressão «casa comum europeia» à pregação de João Paulo II, segundo D. José Policarpo.

Para já, «as Igrejas têm um papel absolutamente imprescindível na Europa do futuro», frisou D. José Policarpo.

J.I.

POLÍTICA

No congresso da ANMP e num debate no «L'Express»

Soares paladino do diálogo

«Precisamos de fomentar um clima de constante diálogo e de sólida cooperação- mesmo quando haja assumidas divergências- entre o Poder Central e o Poder Local», disse o Presidente da República Mário Soares esta manhã no seu discurso da sessão de abertura do VI congresso da Associação Nacional de Municípios Portugueses, ANMP, a decorrer em Cascais até domingo.

Neste contexto, Mário Soares sublinhou o papel consensual que tem assumido, nomeadamente com as Presidências Abertas.

«No exercício das minhas funções tenho-me esforçado e trabalhado para atingir esse objectivo, por forma isenta e não polémica.

Assim continuarei até ao fim do meu mandato», acrescentou.

Referindo-se à modernização do País, o Presidente da República disse que esta só poderá ter carácter duradouro se «passar pela erradicação dos atrasos estruturais, pela remoção das assimetrias, pelo desenvolvimento das potencialidades e recursos de todas as regiões, norteados sempre pelos imperativos da solidariedade e da coesão».

Finanças Locais revistas

A revisão da Lei das Finanças Locais foi esta manhã defendida em Cascais por Mário de Almeida, futuro presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, durante um encontro com jornalistas.

O líder autárquico de Vila do Conde, indigitado pelo PS para suceder a Torres Pereira na ANMP, considerou a legislação inadequada às novas realidades do Poder Local, preconizando ao mesmo tempo, a introdução de alterações no Código das Expropriações.

O VI congresso da ANMP, vai analisar a possibilidade da criação de uma instituição financeira vocacionada para as autarquias, conforme adiantou ontem ao DL, em primeira mão. A proposta será apresentada por Luis Monterroso e Alípio Sol.

A composição dos futuros órgãos directivos da ANMP ficará decidida em absoluto durante uma reunião que está a realizar-se à hora de fecho desta edição. De concreto, é possível afirmar que a presidência do Conselho Geral será atribuída a Torres Pereira, sendo Jorge Sampaio, presidente da Câmara de Lisboa, o segundo nome. Abílio Curto, líder do município da Guarda, será um dos vice-presidentes do Conselho Directivo, órgão executivo da Associação.

Soares no «L'Express»

Mário Soares e Bronislaw Geremek, teórico e principal estratego do movimento polaco Solidarnosc, são capa da revista «L'Express», como protaganistas de um debate exclusivo sobre a Europa, realizado em 10 de Março último, no Grémio Literário, e que ocupa oito páginas daquela publicação francesa.

Numa discussão que incidia sobre o modelo de democracia que a Europa deve oferecer, Soares e Geremek divergem quanto ao funcionamento democrático das instituições nos países recentemente libertados de regimes totalitários.

Soares defende, como modelo de referência, a democracia pluralista, seja ela de tipo parlamentar, de tipo presidencial ou semipresidencial, em oposição às democracias ditas populares, que «não são democracias, mas ditaduras».

Afirma, também, que as democracias pluralistas não são um «luxo» dos países ricos, podendo funcionar nos países do Leste, na América Latina e em África.

Geremek considera que o principal problema dos países do Leste é saber «como sair da herança totalitária», e sublinha que a ameaça das tentações totalitárias nas sociedades pós-totalitárias não é um paradoxo intelectual.

«Há uma impressão de necessidade de um poder forte.

E o perigo está aí. Para a Europa de Leste e para a Europa». Geremek sublinha, por isso, a necessidade da democracia local.

Quanto à construção da Europa, as posições dos dois intérpretes do debate não se afastam muito.

Enquanto Soares afirma que «a construção da Europa é um sonho nascido da guerra fria, mas um sonho realizado», Geremek adverte que o problema da Europa «é não só ver o que deve ser feito, mas fazê-lo imediatamente».

EDITORIAL

Quem tramou sua excelência?

continuação da pág. 1

O que surpreende no livro de Miguel Cadilhe é o excesso de inocência que o autor, no seu compreensível empenho de auto-defesa, reclama para si próprio. Vai longe o tempo em que se defrontavam, de um lado, governantes, guardadores de segredos e, do outro, jornalistas, intrépidos pesquisadores de notícias. No universo impropriamente dito comunicacional em que vivemos, os governos são ventríloquos e os governantes falam a várias vozes. O poder concebe-se como o «grande comunicador» e procura envolver os jornalistas na sua teia. É difícil conceber, neste contexto, um ministro tão inocente e desarmado como Cadilhe a si próprio se descreve. Será que estavam em confronto, de um lado, um Governo fraco e desprotegido, e do outro, uma Comunicação Social todo poderosa?...

O livro intitula-se «Factos e Enredos», pelo que o seu autor deve calcular que, em matéria de Comunicação Social, os factos só existem pelos enredos e estes, por seu lado, valem o que valerem as personagens. Até agora, nos «enredos» da Imprensa, a personagem central e quase única foi ele mesmo, o ex-ministro das Finanças de Cavaco. O contra-enredo de Miguel Cadilhe sofre de um grave problema: não nomeia os acusados. É uma «estória» sem personagens. Não responde à pergunta: quem tramou Sua Excelência?

O cidadão e ex-ministro lamenta que «não aparecesse um jornalista que investigasse, a fundo, a trama e a pusesse a nu», mas convém lembrar-lhe que, por mais generosa que seja a ideia de «jornalismo investigativo», os orgãos de Comunicação Social não dispõem, por si mesmos, de meios investigativos tão eficazes como os governos, as polícias ou os tribunais. Presume-se mesmo que, por via de regra, os ministros das Finanças estão melhor informados sobre os negócios do reino do que os melhores repórteres da praça. Por que será que não querem, à semelhança de alguma Imprensa, correr o risco de dizer o que sabem ou insinuam saber?

M. M.

Em conferência de Imprensa do PSD do Porto

Eurico ao lado de Menezes

Eurico de Melo vai estar esta tarde ao lado do presidente da Comissão Política Distrital do Porto, Luís Filipe Menezes numa conferência de imprensa para dar as boas-vindas aos novos militantes do PSD.

Este facto coincide com a visita de Cavaco Silva ao Porto para uma série de actos oficiais como primeiro-ministro, que é também um pretexto para um encontro privado entre o presidente do PSD e o seu vice-presidente e ex-vice-primeiro ministro.

Há dois dias Eurico de Melo disse ao DL que provavelmente ia apoiar a moção da Comissão Política no partido e manifestou-se disposto a ocupar um lugar na direcção desde que «não me obrigue a radicar em Lisboa».

A distrital do Porto aposta forte na negociação dos lugares para a Comissão Política, neste período pré-Congresso. Luís Filipe Menezes veria com bons olhos a recondução de Eurico de Melo no cargo de vice-presidente, embora até agora o chamado «barão do norte» ainda não tenha publicamente anunciado a sua posição sobre este assunto.

Questionado sobre o significado da sua presença na conferência de Imprensa, Eurico disse ao DL que «na qualidade de vice-presidente do partido, que ainda sou, vou dar o meu apoio aos novos militantes do norte que aderiram ao PSD e manifestar o meu gáudio , que é também certamente o da Comissão Política».

Apoio a Menezes

Quanto à possibilidade de este acto significar um apoio à moção de Luís Filipe Menezes, Eurico de Melo respondeu que «a minha presença não pode ser interpretada como uma posição contra ninguém. Sou amigo de Luís Filipe Menezes, apoio a Comissão Política do PSD do Porto, mas estou na conferência de Imprensa como vice-presidente do partido».

«Estou disponível para ocupar qualquer cargo. Estou onde o partido precisar de mim. Não tenho problemas dessa natureza, porque eu entrei para o PSD por baixo e não me importo de voltar ao trabalho regional que estou neste momento a fazer. Quero calma e quero estar ao pé da minha família». No entanto, Eurico de Melo disse ao DL que « só me instalarei em Lisboa se os sinos tocarem a rebate, o que não é agora o caso».

Cavaco Silva inaugura nova fábrica da Agros

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, inaugurou esta manhã, em Vila do Conde, a nova fábrica de lacticínios da Agros, considerada pelos seus responsáveis como a mais moderna do sector e que custou cerca de dez milhões de contos.

A Agros, que representa cerca de 30 mil produtores de leite e mais de 40 cooperativas leiteiras do Norte do País, teve, em 1989, um volume de negócios de cerca de 27,5 milhões de contos, correspondentes a um total de 370 milhões de litros de leite. Além de Cavaco Silva, estiveram presentes na cerimónia, os ministros da Agricultura, do Planeamento e Administração do território e do Emprego e Segurança Social.

Antes de seguir para Vila do Conde, o primeiro-ministro inuagurou a nova lota de Matosinhos.

Durante a tarde, o chefe do executivo visita os Estaleiros Navais de S. Jacinto, em Aveiro - que comemora o seu 50º aniversário - onde presidirá à entrega de vários navios a armadores.

Cavaco Silva segue depois para o Porto, onde visita as novas instalações da Associação Nacional de Jovens Empresários, regressando depois à sua qualidade de líder partidário para assistir a um jantar organizado pelo PSD local para anunciar as adesões a este partido de vários empresários e autarcas, entre os quais Salvador Caetano e o presidente da Câmara Municipal da Maia, Vieira de Carvalho.

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

SECRETARIA

AVISO

RECONVERSÃO DE ZONAS DE CONSTRUÇÃO CLANDESTINA

A existência de diversas zonas de construção clandestina na área do Concelho de Odemira constitui um problema que a Câmara Municipal pretende resolver, socorrendo-se para o efeito dos estudos do Plano Director Municipal, que se encontra em curso.

O Departamento Técnico da Câmara Municipal está a proceder ao levantamento das zonas de construção clandestina, nomeadamente:

a) Freguesia de Vila Nova de Milfontes
- — Freixial
- — Lagoa dos Gansos
- — Brunheiras / Foros do Galeado
- — Brejo das Figueiras
- — Pousadas Velhas
- — Foros da Pereira
- — Pereirinha
- — Malhadinhas

b) Freguesia de Zambujeira do Mar
- — Brejo da Lagoa

Para as zonas referidas foram estudadas e aprovadas normas especiais e está a incentivar-se a criação de Associações de proprietários.

Para que sejam obtidos os melhores resultados solicita-se a colaboração de todos os interessados (proprietários, arrendatários, promitentes compradores e titulares de outros direitos, ónus, encargos ou responsabilidades) para apresentarem até ao dia 31 de Março de 1990 na Câmara Municipal de Odemira os documentos comprovativos dos direitos que reclamam sobre as parcelas.

De salientar que não serão aceites os documentos que sejam entregues em data posterior a acima mencionada, sendo os respectivos interessados excluídos dos Planos de Reconversão Urbanística que venham a ser elaborados.

Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, vinde e dois de Fevereiro de mil novecentos e noventa.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Justino Abreu dos Santos

Calma volta a Macau

O governador de Macau garante que tem o território controlado e nega a existência de vítimas mortais durante a concentração de vários milhares de imigrantes ilegais de etnia chinesa, em carta enviada ao Presidente da República.

A confusão gerou-se quarta-feira quando foi conhecida uma nota interna do governo de Macau, segundo a qual os pais indocumentados das crianças recenseadas em Janeiro último, no âmbito da «Operação Dragão», receberiam também a cédula de identificação.

De quarta para quinta-feira foi a grande confusão, provocada pelos restantes chineses que habitam clandestinamente o território.

As Forças de Segurança de Macau (FSM) encerraram às 21 horas de ontem a operação de listagem dos imigrantes ilegais residentes em Macau, mas não atenderam qualquer outro caso depois daquela hora.

Em comunicado de Imprensa, aquelas forças esclarecem que foi entregue aos cidadãos recenseados uma senha numerada com a indicação da data e local de apresentação para que, de forma planeada, se possa analisar a sua situação num futuro próximo.

Melancia quer TDM nas mãos

O governo de Macau pretende fortalecer a sua posição na Teledifusão de Macau- TDM. É ao nível da gestão corrente, do Executivo e do conselho fiscal que essa acção de Murteira Nabo - secretário-adjunto de Melancia com a tutela da TDM - se poderá fazer sentir.

O governo de Macau quer viabilizar a TDM, mas exige como contrapartida uma intervenção mais directa na gestão corrente. «Eu pago, mas quero que seja o meu projecto», disse Murteira Nabo», que adianta a sua vontade de «jogar forte».

O titular da pasta dos Assuntos Económicos de Macau disse à Lusa estar na posse de um estudo elaborado pelo Banco Indo-Suez que, contudo, conclui pela inviabiliadde financeira da TDM. «É a primeira parte do estudo. Quero ver a segunda», acrescentou.

Carlos Monjardino contra a Bolsa

«Sou contra a Bolsa de Macau», afirmou ontem Carlos Monjardino, presidente da Fundação Oriente, à hora do café, num almoço promovido pelo «American Club of Lisbon» num hotel da capital.

O tema era «Portugal/Macau- Que Presente ? -Que Futuro ?», mas Monjardino preferiu acrescentar o passado a este panorama temático.

Mas sobre a Bolsa de Macau, encostada à de Hong Kong, este partidário ferrenho do progresso do território chinês sob administração portuguesa pensa que uma Bolsa de valores não tem grande razão de ser, ficando em sério risco de se tornar «uma Bolsa de segunda escolha», com toda a carga negativa que tal estatuto acarreta.

O objectivo principal da administração portuguesa em Macau deve apontar, segundo Monjardino, para «que o fim do ciclo do Império seja feito com a dignidade que a nossa História merece».

«A partir da altura em que saímos de Malaca e do Japão», Macau caiu num período de «grande estagnação», nos termos do orador.

Carlos Monjardino referiu-se a Macau começando por aludir à maior densidade populacional do Pla-neta e passando, a propósito, por cima do fenómeno da imigração clandestina, entretanto copiosamente citado pelos jornais.

O ambiente não era de polémica e houve mesmo quem perguntasse, na hora do debate, se os investimentos no território seriam ou não a fundo perdido.

«Perdido por quem ?» - perguntou o conferencista, por seu turno.

O futuro desse território é que foi bem achado, durante a comunicação do presidente da Fundação Oriente, apesar da reconhecida dependência de Macau em relação a Hong Kong.

«Fazer de Macau um pólo de desenvolvimento tecnológico» foi a perspectiva avançada pelo orador, que também deu uma opinião «muito pessoal» sobre a manutenção da identidade do território. «Macau só pode desenvolver-se caso lá se estabeleçam sedes de organismos internacionais», frisou.

Antes, tinha falado na necessidade de grandes investimentos, pagos sobretudo pelos lucros do jogo.

E contou que, entre as sortes e azares da negociação do acordo multifibras com a CEE, teve que defrontar do outro lado da mesa, em Bruxelas, o representante do que os macaenses chamam «a República» .

Nesse confronto entre o Oriente e a Europa, perdemos por um a zero.

J.I.

PSD arrefece entusiasmo da oposição parlamentar

Administração aberta mas não escancarada

O deputado Mário Raposo, do PSD, sintetizou a discussão de ontem, travada no Parlamento em torno da garantia de acesso pelos cidadãos aos documentos da Administração Pública, com a significativa frase: «Administração aberta, sim, mas não escancarada».

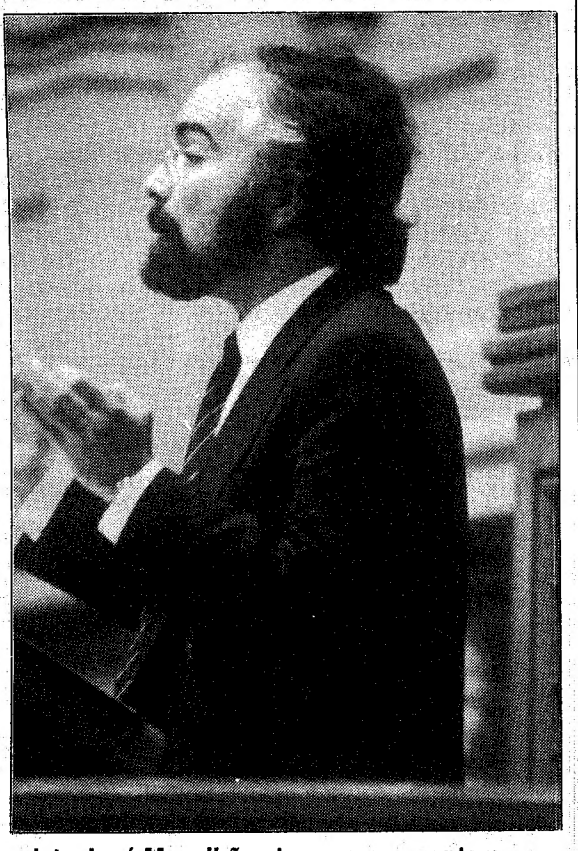
Raposo respondia assim às propostas avançadas por José Magalhães, do Partido Comunista, e Alberto Martins, do Partido Socialista, ambos com projectos de lei próprios sobre a matéria e que visam eliminar, de facto, o secretismo tradicional da Administração Pública.

A ideia geral dos dois documentos é considerar como de acesso imediato pelos cidadãos interessados todos os arquivos, com a excepção dos que o segredo de Estado ou razões de oportunidade temporal possam qualificar como reservados. O deputado Adriano Moreira, em nome do CDS, apresentou igualmente um projecto de lei conexo com estes mas noutra perspectiva: só o segredo de Estado pode limitar o acesso dos cidadãos aos documentos administrativos. Mas para que o sistema funcione, é necessário delimitar com rigor o que pode ser considerado como segredo de Estado e quem tem competência para assim classificar os documentos em trânsito administrativo.

A alternativa social-democrata, a estes textos da oposição à sua direita e à sua esquerda, também foi ontem apresentada no Parlamento e visa, igualmente, aprofundar o princípio da administração aberta consagrado na última revisão constitucional. Simplesmente é mais recuado nos seus objectivos, mantém a reserva de consulta em limites mais vastos e, além disso segundo o secretário de Estado Carlos Encarnação, usa da prudência para não desarticular abruptamente a Administração Pública.

O secretário de Estado dos Asssuntos Parlamentares anunciou durante o debate que o acesso aos documentos administrativos, objectivo do projecto de lei do Grupo Parlamentar do PSD, só ficará inteiramente operacional quando a Assembleia tiver aprovado outros diplomas que o Governo se prepara para apresentar. A saber: protecção de dados pessoais, segredo de Estado e segurança de matérias classificadas, classificação dos documentos administrativos, procedimento administrativo, contencioso administrativo e direito de petição. Um destes diplomas, o Código do procedimento administrativo, foi encomendado ao prof. Freitas de Amaral.

Daniel Reis



O secretário de Estado Carlos Encarnação e o deputado comunista José Magalhães travaram-se, ontem, de razões por causa das pretensas escutas telefónicas, de que estariam a ser vítimas alguns deputados do PSD e até membros do Governo. Para Encarnação, trata-se apenas de «angústias» do deputado, que veria «perseguições em toda a parte»; para Magalhães a questão é séria: os jornais falaram dela e o Governo não disse nada, até agora, pelo que o PCP se propõe activar a Subcomissão criada exactamente apara purar a verdade das escutas telefónicas no País. E José Magalhães adianta mesmo que os próprios membros do Governo referidos nas notícias devem ser chamados a depor

Comunistas querem institucionalizar contactos com Parlamento Europeu

O grupo parlamentar do Partido Comunista prepara-se para propor à Assembleia da República, já na próxima terça-feira, a institucionalização de contactos regulares com o Parlamento Europeu, no quadro da interpelação ao Governo sobre política de integração comunitária.

A interpelação do PCP domina a agenda parlamentar da próxima semana e foi ontem justificada pelos deputados Sérgio Ribeiro, Rogério de Brito e Ilda Figueiredo na perspectiva de que o Governo «tem negado informação» ao País e à Assembleia da República sobre as negociações de adesão à União Económica e Monetária. Os deputados comunistas acrescentaram mesmo que «o Governo está a praticar uma política clandestina de integração comunitária» e por isso exigiram a presença de Cavaco Silva e vários dos seus ministros na sessão plenária de terça-feira. A interpelação é de carácter político global mas centra-se nas questões comunitárias e visa também exigir contas da aplicação dos fundos estruturais que, segundo os deputados do PCP, não estão a ser facultadas ao Parlamento. Uma das questões centrais que o PCP anunciou pretender agitar é a adesão de Portugal à União Económica e Monetária, que está a ser preparada em quase secretismo, no quadro da Conferência Intergovernamental, discutindo a sua data e o seu âmbito. Os deputados comunistas, sem rejeitarem em absoluto a entrada de Portugal na UEM, manifestaram objecções quanto à sua oportunidade. Nomeadamente, garantiram que a adesão será desastrosa para o nosso País se, até a consumar, não for anulado o diferencial de inflação actualmente existente para com a média da CEE e não for corrigido o défice estrutural das nossas contas externas. Na opinião do grupo parlamentar comunista, a forma prática de reduzir o défice de informação sobre os negócios comunitários, que dizem existir na Assembleia da República, seria activar o funcionamento do grupo de contacto da AR com os deputados portugueses no Parlamento Europeu. Este grupo existe em teoria já há vários anos, mas não funciona. Por isso o PCP admite a hipótese de apresentar, já na próxima interpelação, uma proposta de criação da Comissão Parlamentar que trate as questões comunitárias a um nível qualitativamente mais elevado e asegure a ligação permanente e regular com os eurodeputados portugueses.

Sobre o Congresso do PCP (conclusão)

A rejeição das grandes inovações

Por Vital Moreira

Excluída à partida, por deliberada opção, a possibilidade de o próximo Congresso do Partido Comunista Português se debruçar sobre a introdução de alterações no respectivo programa e nos estatutos (e também no Comité Central), a principal atenção do Congresso tinha naturalmente de virar-se para a questão de saber como é que a direcção iria enfrentar o *desafio da mudança* lançado tanto pela derrocada do socialismo no Leste europeu, como pela agitação interna, quer, quanto a uma eventual reestruturação doutrinária quer quanto a uma possível redefinição da sua identidade ideológica.

A resposta que as *teses* oficiais dão a estas duas questões, traduzem o triunfo da continuidade e a rejeição das grandes renovações. Nem *perestroika* interna, nem mudança dos fundamentos ideológicos tradicionais.

Não precisamos de *perestroika*?

O aspecto mais surpreendente do projecto oficial de documento para o Congresso é a afirmação, implícita em todo o texto, segundo a qual não precisamos de mudar nada de importante no partido, seja porque não partilhámos dos erros e desvios dos outros, seja porque há muito os corrigimos. *Ou não precisamos de perestroika ou já a fizemos antes dos outros.*

Esta tese não é de agora. Desde que lá fora começou a *perestroika* que se engendrou e se pôs a correr no partido a ideia de que isso era assunto alheio: por um lado, porque — diz-se — não estando nós no Poder, não incorremos nos malefícios em que acabaram por se atolar os partidos comunistas governantes; por outro lado, porque — argumenta-se — tendo-nos dado conta das deficiências alheias, desenvolvemos antecipadamente respostas autónomas para os problemas que hoje a *perestroika* está a defrontar. Não falta mesmo quem, a este propósito, invoque o livro do secretário-geral *O Partido com Paredes de Vidro* como espécie de manifesto *avant la lettre* da *perestroika* do PCP.

Para a generalidade dos militantes, esta história, se não é verdadeira está bem achada. Não há nada mais cómodo do que tomar os desejos por realidades, sobretudo quando isso nos poupa embaraços e enquanto houver uma conspiração de silêncio que torne a história credível. Acontece, porém, que essa tese não passa de um conto bem intencionado. Por exemplo, fazer do referido livro do secretário-geral uma antecipação lusitana das teses da *perestroika* é uma pretensão que não resiste a uma simples leitura. O que nele se lê é apenas uma versão, de resto bastante simplificada (seguramente para militante comum ler), da doutrina mais tradicional do «comunismo científico» e da teoria leninista do partido incluindo a defesa das eleições sem voto secreto e da apresentação de candidaturas reservada aos organismos superiores acompanhada da descrição de um tipo ideal de partido, em relação ao qual os desvios na prática seriam apenas de carácter excepcional ou transitório. Poucas vezes terão sido tão longamente elogiadas as virtudes do «centralismo democrático» como afirmação do «aparelho ou núcleo central» do partido; a própria exaltação do trabalho e da direcção colectiva (suposta inovação teórica do PCP e do seu secretário-geral), combinada com a correlacionada regra da obrigatória inserção do trabalho e da iniciativa individual no trabalho colectivo, acaba por se transformar perversamente num elemento de afirmação centralista, hostil à iniciativa individual e à expressão de opiniões discordantes e, por isso, geradora do conformismo com a opinião colectiva, que é a mãe do unanimismo.

Mas se se verifica que aquela história das medidas reformistas antecipadas do PCP deixa o domínio da circulação informal e difusa para passar a ser reivindicada formalmente como teoria oficial, então o caso muda de figura. Ora, a verdade é que tal ideia está agora em vias de se tornar em doutrina oficial do Congresso. Com efeito, depois de se afirmar nas teses que o PCP «defendeu orientações diferentes e em muitos casos pioneiras no movimento comunista internacional», sustenta-se com insistência que estamos isentos de «infracções ao ideal comunista» agora revelados no Leste, pela razão de que elas «estavam excluídas do ideário, do programa, da concepção e do funcionamento do partido e da sua ligação com as massas». E vá de arrolar, entre outros aspectos, a rejeição de um modelo único de socialismo, a defesa da democracia política, a exclusão da sua vida interna de processos e concepções autoritários, o desenvolvimento teórico e a aplicação prática de um novo conceito de direcção colectiva...

O esforço é louvável e alguns aspectos nem são de todo infundados (não é impunemente que se vive numa democracia, em que, por exemplo, a liberdade de Imprensa não se limita aos jornais do partido); *mas a tese é globalmente insustentável.* Não se pode convencer seriamente ninguém de que, enquanto nos solidarizávamos activamente com tais «infracções ao ideal comunista», realizávamos internamente, sem cá fora se dar conta, a nossa *perestroika*; e que, enquanto condenávamos aqueles partidos comunistas que se demarcavam de Moscovo, operávamos entre nós, fora dos olhos do público, as reformas que só agora o PCUS veio fazer sob pressão dos acontecimentos...

A verdade é que, desde logo, algumas daquelas pretensões de autonomia não fazem senão sorrir de incredulidade, como sucede com a da «exclusão de processos e concepções autoritários» — tão frescos estão na memória exemplos recentes de tais processos e concepções! — ou a do «novo conceito de trabalho colectivo», o qual, provavelmente, para além de servir para diluir na aparência o real poder individual e as responsabilidades individuais, só tem funcionado como artigo de acusação contra quem «não insere a sua contribuição no trabalho colectivo». O mesmo se diga — anote-se de passagem — da descoberta agora feita de que o partido «tem uma importantíssima experiência de informação e discussão horizontal», o que não passa de uma conveniente invenção.

Quanto ao resto, é certo que sempre tem havido proclamações de respeito pela democracia política e pela legalidade democrática, e no actual programa do partido até existe uma expressa referência ao direito de formação de partidos políticos; mas é indesmentível que *proclamações dessas sempre existiram em todo o lado*, mesmo

continua na pág. 8

MKM marktmagie

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS DE TELEFONE E TELEFAX

A partir de 31 de Março os números de telefone e telefax do Edifício da Sede do BNU (Av. 5 de Outubro, 175 — Lisboa) serão os seguintes:

Telefone	793 01 12
Telefax	
Agência da Sede	793 39 05
SCAP — Serviço de Controlo de Activos e Passivos	793 38 30
Telecomunicações	793 59 94
Departamento Financeiro — "Back Office"	793 63 38
Departamento de Títulos	793 59 61

Banco Nacional Ultramarino, S.A.

uma constante de evolução

POLÍTICA

Sobre o Congresso do PCP (conclusão)

A rejeição das grandes inovações

continuação da pág. 7

nos países comunistas (o problema era a prática!), devendo recordar-se que, nas chamadas democracias populares, até existia uma pluralidade de partidos, mas sempre com garantia da hegemonia institucional do Partido Comunista.

Observe-se, neste contexto, que as teses insistem em apontar o programa da «democracia avançada no limiar do século XXI» como prova da nossa antecipação na adesão a uma concepção irrepreensivelmente democrática da luta política e do socialismo, o que nos colocaria a coberto dos «desvios e infracções ao ideal comunista» que vitimaram outros partidos comunistas. A invocação comprende-se, mas a verdade é que o argumento envolve um pequeno «truque», que não pode passar em claro.

E a «habilidade» consiste em confiar que se não repare que o programa da «democracia avançada no limiar do século XXI» não é um programa para o socialismo, mas sim para uma *fase pré-socialista*, ou seja, anterior à «revolução socialista», a que o programa também expressamente se refere. Ora, sob o capitalismo, os partidos comunistas sempre lutaram por mais liberdade, mais democracia, mais participação popular, menos privilégios, mais controlo do Poder — e esse é, de resto, o nosso título de glória e o nosso mais estimável património.

O problema está, porém, no que se segue, ou seja, na concepção da *tomada do Poder* — e na forma do seu *posterior exercício*. E, quanto a isso, não podemos seriamente contestar que o partido nunca teve um projecto essencialmente diferente do dos demais partidos comunistas ortodoxos quer quanto ao acesso ao Poder — que nunca renunciou à ideia da sua conquista por via insurreccional (é também por isso que o partido se define como «partido revolucionário», o que na linguagem corrente quer dizer que «isto não vai lá com eleições») — quer quanto à organização política e social pós-revolucionária, para a qual nunca foi expressa e formalmente enjeitado o paradigma do modelo soviético, ou seja, da «ditadura do proletariado» (como dizia há tempos um conhecido dirigente partidário, retirámos do programa essa expressão «mas mantivemos o conceito» e, é de acrescentar, não renunciámos ao projecto de a instalar).

É certo que no programa se diz que o socialismo «incorpora e desenvolve os elementos fundamentais (...) da democracia avançada», mas a verdade é que, não se dizendo quais são os elementos considerados «fundamentais», também não se especifica quais é que ficam para trás. Não é por acaso que, sobre essa matéria, o programa é particularmente sumário e, em alguns aspectos, totalmente omisso — como sucede com o «processo social e político» da construção do socialismo — deixando em aberto, como se alertou na devida altura, todas as especulações sobre as questões fundamentais da revolução e do Poder no projectado Estado socialista. O que é certo é que, no programa, não se rejeita expressamente o modelo tradicional de revolução e da sociedade socialista; as formulações utilizadas são suficientemente equívocas, no que dizem *e no que não dizem*, para comportar tal projecto e, pior do que isso, há expressões (como «revolução socialista», «resistência dos que se lhe opõem», etc.) que, na sua arqueologia, deixam claramente perceber os vestígios vivazes das velhas concepções, que deixaram de figurar expressamente do programa, mas que não foram substituídas por outras que inequivocamente as excluam.

O projecto de documento oficial para o Congresso é tão enfático na negação da necessidade de uma reestruturação do partido como na reafirmação dos fundamentos ideológicos tradicionais do comunismo e da correspondente identidade ideológica do partido.

> *«O capítulo sobre a Natureza e identidade do partido é penoso de ler .(...) Um tal fixismo doutrinário não está obviamente isolado. Mas é de duvidar se os paralelos invocáveis-como a patética proclamação de Fidel Castro ("marxismo-leninismo ou morte") (...) são credenciais recomendáveis nos dias de hoje na Europa, depois da queda do Muro de Berlim»*

O capítulo sobre a *Natureza e identidade do partido* é penoso de ler. Em 1990, consumada a falência do comunismo real, provoca pelo menos perplexidade ver reivindicada a validade de todos os grandes esteios ideológicos que deram vida aos respectivos regimes, nomeadamente, a proclamação da natureza marxista-leninista do partido, a sua redução classista, o seu papel de vanguarda, a fidelidade ao centralismo democrático, a actualidade do «internacionalismo proletário». Um tal fixismo doutrinário não está obviamente isolado, mesmo no mundo de hoje. Mas é de duvidar se os paralelos invocáveis — como a patética proclamação de Fidel Castro («marxismo-leninismo ou morte!») ou a determinada reafirmação da ditadura do proletariado por banda do Partido Comunista Chinês — são credenciais recomendáveis nos dias de hoje na Europa, depois da queda do Muro de Berlim. Essa afirmação revivalista de um corpo doutrinário perimido não pode deixar de suscitar a mesma perplexidade que levantaria aos católicos reformistas um concílio que viesse agora reafirmar solenemente os velhos dogmas integristas, como, por exemplo, a infabilidade do Papa ou a incompatibilidade entre a fé e o socialismo.

Que tais princípios não sejam retirados do programa já é incompreensível. Agora que, à sobreposse, eles sejam solenemente reiterados num Congresso expressamente convocado para o efeito, isso só pode atribuir-se a um estranho *masoquismo doutrinário* ou à suicidária determinação de delimitar as fronteiras de uma caserna ideológica, separando as águas dentro do partido entre os que continuam a comungar dos artigos de fé novamente revalidados e os que, não compartilhando deles, permaneciam, todavia, na esperança da sua revisão ou, ao menos, da sua caducidade por desuso.

> *«Desde que lá fora começou a* perestroika *que se engendrou e se pôs a correr no partido a ideia de que isso era assunto alheio»*

E, de facto, não é certamente por acaso que a convalidação serôdia de dogmas ideológicos tão desacreditados vem acompanhada da reedição dos habituais anátemas contra todos os que não crêem neles. Não falta, mais uma vez, a estafada ladaínha da alegada associação das «opiniões e atitudes de alguns membros do partido» com as «violentas campanhas e ofensivas» contra ele, procurando «ferilo por dentro», sendo tais opiniões qualificadas de simples «eco de posições capitulacionistas (...) e de teses divulgadas por ideólogos ao serviço do imperialismo».

É evidente que com tais imputações malevolentes não é possível nenhuma argumentação racional nem nenhum diálogo honesto.

A denúncia de um imaginário *inimigo interno* transfere propositadamente o âmbito do confronto para a esfera da rejeição irracional das opiniões discordantes e do banimento dos seus autores. Cria-se deliberadamente um clima de exclusão à partida do que não é conforme com o decálogo oficial, que não deixa lugar senão para a adesão total ou a rejeição absoluta.

O paradigma maniqueísta irrompe a cada passo deste capítulo das teses. Marxismo-leninismo ou social-democracia, centralismo democrático ou fraccionismo, unidade ou balbúrdia parlamentarista, como se não houvesse nada de permeio entre cada um dos termos dessas dicotomias. Todas as posições críticas de luta pela transparência e democratização orgânica do partido encontram-se caricaturalmente apresentadas nas teses e são liminarmente rejeitadas, como se a única alternativa ao centralismo autoritário vigente fosse a anarquia de ominosas facções, prontas a lançar o partido no caos... Um exemplo: a reclamação de que o Comité Central seja um verdadeiro órgão representativo de todo o partido, dando expressão também às correntes de opinião divergentes da linha oficial (que realmente existem no partido), é acusadoramente apresentada nas teses como se implicasse «transformar o Comité Central numa espécie de parlamento do partido (com representação de grupos e tendências, com os chefes respectivos como se fossem vários partidos disputando o poder no partido)». O mínimo que esta caricatura grosseira pode suscitar é a interrogação sobre se a direcção do PCP é efectivamente capaz de conceber uma organização democrática do partido, que se distinguia razoavelmente de uma organização religiosa ou militar.

O que está essencialmente em causa e que divide as opiniões, ao contrário do que interesseiramente se pretende fazer crer nas teses, não é a validade dos ideais socialistas nem sequer daquilo que se designa por «ideal comunista». É patente que *só tem sentido apostar na renovação de um partido comunista se se continua a entender que tem sentido e vale a pena lutar pela realização da utopia da libertação humana em relação a todas as formas de exploração, opressão e alienação*. O que se contesta é a ligação entre esse ideal e a dogmática leninista em que se fundamentou a criação do socialismo soviético e a generalidade dos partidos comunistas. O que a história deste século mostra é que a realização da utopia não passa pelo «marxismo-leninismo». Se aquela continua viva, este está irremissivelmente morto e não pode ser ressuscitado. Continuar agarrado a um corpo ideológico falido é que se traduz em hipotecar irremediavelmente a revivescência da utopia.

Um Partido Comunista que julga poder ignorar sobranceiramente o desafio da mudança que a História lhe coloca e reedita solipsisticamente um discurso ideológico do passado não está apenas a fechar os olhos à realidade.

Arrisca-se a descambar rapidamente para o plano inclinado do definhamento sem esperança de retorno. É esta a deprimente perspectiva que as teses para o Congresso do PCP auguram. Esperava-se um Congresso inovador e mobilizador na sua organização — e, afinal, o que vai haver é uma reposição do já visto em todos os anteriores. Requeria-se o reexame crítico dos nossos compromissos com o socialismo real — e, afinal, é-nos dito que nada temos a ver com isso. Reclamava-se uma reestruturação geral do partido — e, afinal, descobre-se que não precisamos de nenhuma *perestroika*. Reivindicava-se uma redefinição da nossa identidade ideológica — e, afinal, conclui-se que nada há a rever, antes tudo deve ser confirmado.

Salvo entre os adversários do partido, ninguém pode ver nisto nenhum motivo para regozijo. Não é sem inquietação que se vê ser acintosamente desperdiçada mais uma oportunidade para a renovação, sobretudo quando o tempo vai fechando cada vez mais as ocasiões e as condições de êxito. Nestas circunstâncias, optar pela conservação em vez da renovação pode bem ser um caminho sem regresso. A não ser que, entretanto, sobrevenha um prodígio, pode vir a verificar-se que o dia seguinte ao Congresso foi o primeiro dia do resto da vida do PCP como partido politicamente influente na definição do futuro de Portugal.

V.M.

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

REALISMOS, UTOPIAS E NOVA CULTURA POLÍTICA

Respeite-se a liberdade do escritor público. Texto assinado leva a assunção de uma responsabilidade autoral. Porque escrito público, e ao público destinado, qualquer texto está sujeito ao nosso julgamento. Nada impede que o julguemos no tribunal da nossa consciência e sem outra autoridade que a de leitores e de cidadãos. A liberdade de escrita implica a liberdade de crítica. E, em muitos casos, estamos dispensados de longas vigílias de leitura e de crítica. O que nos é pedido é bem mais simples: seguir o Conselho de Boileau. Como Boileau chamar a um gato, um gato.

Dar às coisas faladas, ou escritas, o nome que, na realidade, lhes quadra. António Sérgio, no prefácio que redigiu para o volume antológico «Prosa Doutrinal de Autores Portugueses», sobre o caso indiscriminado da qualificação de *ensaio* a qualquer textozinho em prosa atribuída, escreveu: «A tudo tenho visto etiquetar de *ensaio*: a colectâneas de reportagens mais ou menos rápidas; a narrativas de viagens mais ou menos de estudo; a exposições compendiosas de doutrinação dogmática; a dissertações de pesquisa retintamente erudita; a arabescos fantasistas de divagações artísticas...». Ocorre, em nossos dias, idêntica impropriedade qualificativa em relação a escritos que vemos chamados de «análises», escritos desprovidos de estruturação crítica, de objectividade, do mínimo rigor. Escritos que são comentários flutuantes, ligeiros, aéreos, no melhor dos casos. Que, com grande frequência se limitam a meros recados que ao «analista» alguém inspirou ou mandou dar. Recados de intoxicação e recados de recomendação. Recados. Quem envia recados a quem?

2

Há, também, a moda. Muitos escritos que levam o rótulo de «comentários» ou de «análises» são escravos da moda. Está na moda proclamar a falência do «socialismo» a partir dos ciclones que varreram os países ditos do «socialismo real», e da constatação de falhas, de erros e de crimes, da descrição das transformações em curso e das anunciadas, concluir que a prática pervertida comprometia, para sempre, a realização de velhos sonhos dos homens.

O sonho de justiça faz parte do legado profético. Nenhuma concreta experiência o pode desmentir. Os homens acreditam em amanhãs de exaltação e de cântico à felicidade na Terra. E estão preocupados com a Terra. Querem afastar os perigos da guerra e as agressões ecológicas. Querem ser livres.

António Sérgio, em 1947, num banquete que socialistas portugueses lhe ofereceram por ocasião do Primeiro de Maio, disse: «Quanto a mim, considero a democracia e o socialismo *puros* como metas de um movimento que se há-de realizar por etapas. Por etapas revolucionárias, de transformações profundas; mas, enfim, por etapas. Para que ao regime capitalista (o da caça aos lucros) se seguisse imediatamente o socialismo puro (quero eu dizer: uma sociedade livre, internacional e sem classes) seria necessário que o regime socialista, depois de saído naturalmente do próprio seio do capitalismo, se desenvolvesse aí de uma maneira completa, absorvendo o capitalismo de modo natural e espontâneo —íntimo, progressivo, orgânico— assim como o capitalismo se foi criando, há séculos, na própria matriz do regime feudal, segundo a observação de um publicista célebre, que todos vós conheceis.»

Texto a meditar. Com a falência do «socialismo real» ressurge a ligação íntima, orgânica, da democracia e do socialismo. Na catástrofe não desmoronou Marx. Num diferente tempo histórico é a Marx que importa regressar. A crítica do marxismo carece do rigor da análise marxista.

3

Utopista o Sérgio. Sem dúvida. Logo em 1913, numa das cartas que, do Rio de

«Nas notas apensas à edição do volume póstumo *Despedidos*, o leitor, com surpresa encontrará esta reflexão do poeta António Nobre: " Quando penso que tenho conforto, paz, pão e água, o que tantos não têm! Que injustiça! Quando virá a Revolução? (...)"»

Janeiro, envia ao seu amigo Raul Proença, escrevia: «Creio que sou socialista, ou que alguns socialistas me admitiriam entre os seus, e isto não de hoje nem de ontem, mas de há muitos anos. Das teorias socialistas só não aceito o que é demasiada restrição à liberdade. Desejo por isso o direito à propriedade, o direito de trabalhar a meu gosto, o direito de escolher a minha profissão. Admito a intervenção crescente do Estado no sentido de realizar a justiça.» Nas linhas do seu utopismo descortinam-se traços da crítica actual ao «modelo» que foi adoptado, ou imposto, nos países de Leste. «Das teorias socialistas só não aceito o que é demasiada

«"Das teorias socialistas só não aceito o que é demasiada restrição à liberdade" - escrevia António Sérgio a Raúl Proença, em 1943»

restrição à liberdade» - escrevia António Sérgio, a Raul Proença, em 1943. Vemos, hoje, essa preocupação no discurso crítico e esperançoso de Mikhail Gorbachev. A *Perestroika* visa «construir não só o socialismo humano, como também democrático».

A *Perestroika* não vem contestar o socialismo, nem como teoria, nem como *prática possível*. A denúncia, e virtual correcção, de desvios, erros e perversões, «constitui um grande valor social e espiritual, pois está virada para o homem, para o seu desenvolvimento multilateral - material, espiritual e moral - numa sociedade sem exploração, nem opressão». Palavras de Gorbachev que poderiam ter sido assinadas por António Sérgio.

Para um Sérgio, homem de inteligência crítica, exemplarmente aberta às ideias de progresso social, que, alvoraçadamente faz a Proença confidências: «Se possuísse uma grande fortuna, creio que o meu socialismo seria conhecido - mas nunca a minha pessoa seria popular.

Em compensação, como sabe, a popularidade adquirem-na facilmente os exploradores do povo, os que querem ser chefes. Como curiosidade dir-lhe-ei que a minha mulher, profundamente *religiosa (católica, seguindo a tradição cristã) é também socialista!!!*»

O socialismo como conclusão da inteligência e aspiração moral. Assim o entendeu, também, um António Nobre. Nas notas apensas à edição do volume póstumo «Despedidas», o leitor, com surpresa, encontrará esta reflexão do poeta:

«Quando penso que tenho conforto, paz, pão e água, o que tantos não têm! Que injustiça!

«Quando virá a Revolução?

Fernando Piteira Santos

Como é lenta a evolução! Daria de boa vontade as minhas terras do Douro, mas dai as vossas também! El-Rei que dê as suas de Bragança! Os burgueses! Que hipócritas! Tão tementes a Deus e agarrados ao oiro! Que idiotas! Que injustiça! Que injustiça!

«Quando virá o socialismo, a igualdade (para o que tende a Humanidade, a Civilização)?»

O poeta do «Só» interrogava, desafiava o futuro, e supunha - e quanto a isso no nosso século não esteve desacompanhado -, que para o socialismo tendia a Humanidade, a Civilização.

A viragem nos «países do socialismo real» não invalida o sonho, contesta a prática. Noutro lugar afirmámos: «Os acontecimentos no Leste mostraram como o *problema do poder*, e o *problema do poder nos partidos*, constituía uma pedra fundamental, e que, por aí, era posto em causa o próprio socialismo. A *Perestroika* revolucionária, como reestruturação da sociedade soviética, como política de paz e de cooperação internacional, como reconstituição e actualização do ideal socialista, impõe a reestruturação democrática dos partidos comunistas e operários, desafia os partidos socialistas e sociais-democratas, convoca as forças democráticas e os movimentos sociais progressistas para uma renovação da esquerda.»

4

Renovar a esquerda - eis a tarefa para que os democratas são solicitados nestes anos finais do século. Tarefa que se desdobra em três vertentes complementares: política, social, cultural. Reformular a prática política, reformar a sociedade, dar asas e ímpeto e liberdade criadora à renovação cultural. Uma política ao serviço do homem, uma sociedade reformada (revolucionariamente para uma melhor justiça e uma maior fraternidade), uma nova cultura. E se o conseguirmos - se atingirmos a nova cultura da democracia e do socialismo -, ficaremos libertos do asco dos recados, das intoxicações, das intrigas, dos equívocos (e das traições) de um polemismo azedo, raivoso e inferior. Nem o anticomunismo primário, nem a vaga anti-socialista, nem a intolerância vesga, nem os hegemonismos ideológicos, nem os rígidos dogmatismos - ao que cremos - terão lugar na nova cultura política.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

FORUM

CARTAS

PERSAS

SIMBOLISMO, TALVEZ

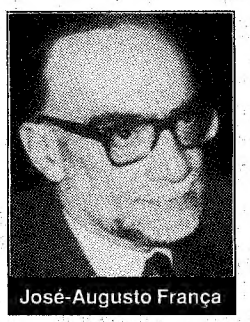
Sabem os persas de letras - assim esta carta ia começar, dizendo depois que de artes muito menos, quando a tempo me retive, porque, sobre persas embora, não é ela escrita de tal taís mas pelos ares a ele regressando, de outro donde, na verdade, as antigas foram escritas, fingindo que...

Chega de complicação, no fingimento que é regra de jogo em crónicas assim que contam coisas no seu tempo - e vamos à simplicidade dos factos. Que foi um colóquio organizado na Sorbonne pelo meu velho amigo José Terra - terra de Arcos de Val-de-Vez, onde mal chegam coisas persas, e antes em Paris se satisfaz trabalhando como ninguém ali, por mor do ensino português, sentido por dentro da alma minhota que em país francês muito aprendeu, guardando o que era de guardar, autêntico, sem cosmopolitismos que muito nos matam quando não temos defesas de ser o que somos.

A própria carreira para José terra é profissional e não de vedeta e nela chegou ao mais alto posto que jamais português em França teve. Sinceramente, por trabalho e dedicação, sem dizer mal de ninguém. O gosto que tive de o re-encontrar, profissionalmente, não há muito, em Paris e de com ele trabalhar, faz-me falar assim, desde tempos de «Árvores» e «Cassiopeias», ou seja de terras e de estrelas da juventude comum, diferentemente amadurecida - ele nas letras, eu nas artes, maioria e minoria da nossa expansão cultural...

E foi o caso que José Terra reuniu três dúzias de especialistas do simbolismo (ou do modernismo) para falarem do modernismo (ou do simbolismo) nacional, desde o Nobre ao Almada, do Césário ao Pessoa, do Brandão ao Sá-Carneiro, do Pascoais ao Patrício, do Teixeira-Gomes ao Pessanha e à Florbela, com outros nomes mais, citados ou referenciados. Empates de 4 a 4, do Pessoa e do Sá-Carneiro, de 2 a 2 de Patrício, Nobre, Pessanha e Almada; algumas faltas também, maiores ou menores. Dos autores das comunicações, dois terços eram portugueses e os restantes franceses, brasileiros, um romeno e um italiano: sempre a Luciana Stegagno-Picchio - à glória merecida do Patrício de D. João e das suas (ou nossas) máscaras. De futurismo e de surrealismo pode falar-se também, como do saudosismo e do decadentismo, de Narciso e de Salomé «ícone do simbolismo» (Eduardo Lourenço), da «solidão» do simbolismo (S. Youkevich) ou do «silêncio» do modernismo (Yvette Centeno) - sabendo-se bem que contra silêncios não há argumentos no título anunciados, ou ameaçados...

Que do simbolismo se tenha andado para o modernismo, e às vezes vice-versa (como é o caso exemplar do Almada), foi a questão fundamental do colóquio, exemplo a exemplo, literários todos - menos um, nesta minoria em que (i)nocentemente eu me meti. «Simbolismo e Modernismo na pintura portuguesa - proposições de uma nova perspectiva», se chamou o texto que levei, acrescentando, jovem, no título um «possíveis» às «proposições», por via da prud>ência científica e também do estado actual dos nossos conhecimentos visuais ainda não postos em acção.


José-Augusto França

Quer isto dizer que, para nos darmos conta do andamento do discurso estético-visual do princípio do século muito prolongado do anterior, há que expor quadros e desenhos «persas» de Amadeo e do Almada, até ao Eloy, ao Pedro e ao Dacosta (que lá estava a assistir ao colóquio - autor de um «Amor Jacente» de 1940, prova real da passagem em questão...) Isso depois em continuação do Carneiro, do Battistini-Eugénio de Castro, dos Loureiros ficados na Austrália, e de outros mais, já descobertos e nunca assim (ou mesmo jamais) mostrados. Sem esquecer os «dedos petiolados» do Santa-Rita Futurista, e o que o Raul leal queria do ultrafuturismo.

Que tal exposição esteja em projecto adiantado, que ela tenha sido estudada para o IPPC e (ou) para a Fundação Gulbenkian, que tudo isso ande em faz-não-faz - que de mais simbolista, incerto e vago, tardo e decadente pode imaginar-se?...

Uma coisa é certa: que a exposição que haja, deve abrir com o «Desterrado» do Soares dos Reis para que em outros desterros e exílios possa acabar, de fora e de dentro da pátria assim mesmo narcisa mais que futurista (como o Almada, nos seus dois ditos por não-ditos) - e persa, sim, como (única!) sua certeza...

CARTAS

NA MESA

Contra a PGA

Não nos consultaram, não nos ouviram. Pedimos que nos seja dado o direito de participar na construção do nosso futuro.

Somos contra toda uma mudança demasiado brusca do sistema de acesso ao ensino superior para a qual faltam as bases necessárias ao seu funcionamento.

Mais concretamente no que diz respeito à PGA: esta apresenta-se-nos revestida de um carácter extremamente elitista, não sendo respeitadas as diferenças existentes entre jovens, quer de diferentes regiões quer de diferentes níveis económico-sociais, factores determinantes do nível de maturidade e cultura de cada um de nós. Por outro lado, a sua correção tende a ser bastante subjectiva face aos diferentes critérios dos professores que a examinam.

Querem jovens maduros e cultos, com bom domínio da língua portuguesa? Não pensem que um número de provas os elevará a essa condição.

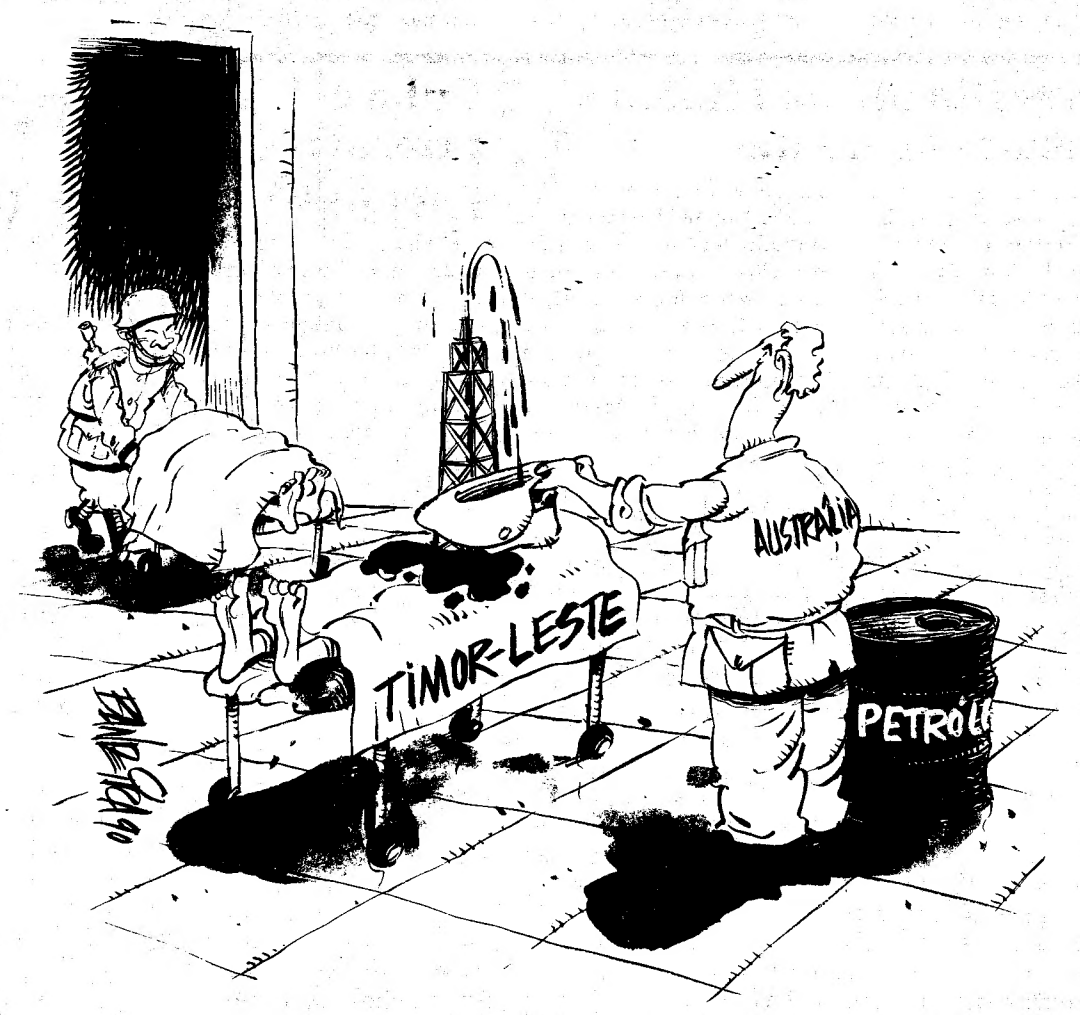
(...) Depois de terem sido dadas as mesmas oportunidades a todos os jovens, seleccionem-nos, então, por meio das vossas provas. Até lá, talvez a melhor (e mais justa) forma de o fazer seja através das médias do 10.º, 11.º e 12.º anos que traduzem o trabalho e conhecimento do aluno ao longo de 3 anos.

Queremos saber que podemos confiar no futuro, que encontraremos um lugar na faculdade para tirar o curso que desejamos e que para isso seremos seleccionados de uma forma justa.

Será pedir muito?

Catarina Oliveira Alcafache,
leitora de Lisboa

Cartoon de José Bandeira



INTERNACIONAL

Segundo o «Washington Times», Bagdade está a estacionar no seu território mísseis «Scud», que podem atingir o Estado de Israel. Implicados no contrabando foram entretanto ouvidos em tribunal

Contrabando nuclear para Iraque preocupa os Estados Unidos

O Departamento norte-americano de Estado convocou o embaixador iraquiano, Mohamed A-Mashat, para lhe expressar a sua preocupação pela possibilidade de que este país esteja a desenvolver armas nucleares.

Segundo fontes oficiais norte-americanas, o Iraque realizou em Dezembro um teste com um míssil «Scud», de fabrico soviético, capaz de ser melhorado por forma a atingir alvos em Israel.

Por outro lado, o "Washington Times", citando fontes dos serviços secretos, revela que o Iraque começara a estacionar mísseis «Scud» melhorados, por forma a atingir alvos a 900 quilómetros, equipados com ogivas nucleares ou químicas.

Ontem, as autoridades judiciais norte-americanas acusaram em San Diego, Estado da Califórnia, seis pessoas e duas empresas de alegado envolvimento na venda ilegal ao Iraque de armamento nuclear secreto dos Estados Unidos. São acusados de envolvimento no caso, cinco cidadãos iraquianos, uma mulher francesa e duas empresas britânicas.

Detidos já foram ouvidos

O processo agora revelado pormenoriza a operação de investigação sobre o caso, que se prolongou por 18 meses e que culminou na quarta-feira com várias detenções em Londres.

Os detidos, Toufic Fouad Amyuni, engenheiro libanês, Ali Ashour Daghib, director de uma empresa com dupla nacionalidade, britânica e iraquiana, e Jeanine Celestine Speckman, funcionária francesa de uma firma de exportações, compareceram ontem no tribunal de Uxbridge, para inquirição.

Os seis implicados são alvo de cinco acusações de conspiração e poderão ser condenados a cinco anos de prisão e uma multa de 250 mil dólares por cada crime de que forem considerados culpados.

As duas empresas britânicas acusadas de envolvimento no caso são a «Euromac, Ltd» e a «Atlas Equipment, Ltd».

O processo da acusação refere que, em Setembro de 1988, os serviços alfandegários dos Estados Unidos tiveram conhecimento de um suspeito pedido de informações sobre componentes eléctricos que fora enviado pela «Euromac» a uma empresa fabril de San Diego.

As autoridades descobriram que esses componentes eléctricos eram aparelhos de deflagração de bombas nucleares.

A empresa de San Diego cooperou com as autoridades norte-americanas durante a investigação que se prolongou por cerca de ano e meio - revela o processo.

Um agente à paisana dos serviços alfandegários dos Estados Unidos, actuando como suposto executivo da empresa de San Diego, conseguiu infiltrar-se numa rede de munições controlada pela «Euromac».

O agente descobriu que as empresas britânicas «Euromac» e «Atlas Equipment» eram administradas por Ali Ashour Daghir, um cidadão iraquiano radicado em Inglaterra, com a ajuda de Jeanine Speckman, uma mulher francesa também residente na Grã-Bretanha.

Investigações prosseguem

Os jornais britânicos noticiaram que um dos iraquianos deportados por suspeita de envolvimento no contrabando dos detonadores tentara igualmente obter equipamento acústico utilizado nas minas subaquáticas.

Uma fonte governamental britânica, citada pela Lusa, informou que «estão em curso no Noroeste da Inglaterra e na Escócia, investigações relacionadas com a exportação ilegal de equipamento naval para o Iraque».

Na quarta-feira, as autoridades britânicas apreenderam os 40 detonadores, de fabrico norte-americano, no aerporto de Heathrow, culminando 18 meses de investigações conduzidas pelos Estados Unidos.

Reacção iraquiana

Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros iraquiano, citado pela agência noticial oficial, anunciou entretanto que Bagdade tem o direito de tomar "medidas", com base no princípio de reciprocidade.

O porta-voz, que não foi identificado, disse que a Grã-Bretanha terá de assumir a responsabilidade das medidas que adopta.

De referir que o encarregado de negócios britânico na capital iraquiana, Robert Kealy, foi chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e informado de que o Iraque se reserva o direito de trazer tecnologia de qualquer parte do mundo.

Redacção DL/ Lusa/AFP

O embaixador do Iraque na Grã-Bretanha, Azmi Shafiq, quando saía do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Londres

Tranquilidade na Lituânia é apenas «aparente»

«É enganosa a situação de aclamia que se vive na Lituânia», declarou, ontem, o secretário do Comité Central provisório do PC daquela república báltica, Vladislav Chved, à agência Tass. Chved, que também é presidente do comité de cidadãos não lituanos, acusou o movimento nacionalista Sajudis, de pretender «que toda a população cumpra as leis que emite».

Confirmando este clima de confronto, têm surgidos informações contraditórias sobre as movimentações de tropas soviéticas em Vilna e noutra cidades importantes da República. Enquanto o porta-voz exército soviético desmentia a ocupação de Vilna por tropas paraquedistas garantindo que o único objectivo da sua presença era «evitar eventuais desordens e garantir a segurança dos habitantes», surgem acusações de arbitrariedades cometidas pelas forças de Moscovo contra a população local.

Ao mesmo tempo, o parlamento lituano exortava os desertores, que haviam abandonado as suas unidades do exército soviético, a manterem-se em locais de difícil acesso. Já foram oficialmente registados cerca de 250 soldados lituanos que fugiram dos seus postos de serviço. As autoridades judiciais lituanas, segundo o porta-voz, não só não colaboram com as medidas tomadas pelo comando do exército soviético contra estes desertores, como por vezes impede o seu cumprimento.

Segundo responsáveis do Sajudis, 80 desertores lituanos registraram-se até ao momento nas «tropas territoriais», contrariando um decreto de Gorbachev, e mais cinco mil civis mostraram-se dispostos a entrar ao seu serviço. Na cidade lituana de Kedajnia estão a vender-se clandestinamente armas de toda a espécie. Uma pistola, por exemplo, vale 500 rublos, e uma metralhadora atinge os 1500.

Redacção DL/Novosti

Cuba é prioridade para Bush

«Existe, de facto, uma política que visa o isolamento cada vez maior de Cuba, reconheceu ontem o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, segundo o qual o presidente dos EUA, George Bush, vai dedicar agora os seus esforços ao derrube do regime de Fidel Castro, encorajado comaderrota eleitoral dos sandinistas e o estabelecimento de um Governo pró-americano no Panamá.

Para já, a adminsitração norte-americana pretende impedir todos os contactos comerciais ou pessoais dos seus cidadãos com Havana, apostando no enfraquecimento de Fidel Castro, que agora já não conta com o apoio incondicional de Moscovo.

A fidelidade à ortodoxia por parte de Cuba já levou ao arrefecimento das relações com a URSS de Gorbachev, traduzido numa redução do auxílio económico soviético.

UNITA reivindica o abate de um avião em Angola

Três cooperantes portugueses entre as 25 vítimas mortais

Três cooperantes portugueses morreram na passada terça-feira em Angola, na sequência da queda de um avião que acabava de levantar do Bié com destino a Huambo.

De momento as informações são contraditórias quanto à origem do acidente de que resultou a morte de todos os 25 ocupantes de nacionalidade angolana, à excepção dos três portugueses.

Os portugueses eram Carlos Fernando Gamboa Reis, de 33 anos, António Luís Sousa Pinto, 40 anos, e Alberto Ferreira Marcial da Silva, 30 anos, todos naturais de Lisboa e eram funcionários da «Tecnocarro», uma empresa portuguesa que actua em Angola na área da manutenção automóvel.

A TAAG limitiu-se a referir que estava à espera dos resultados da investigação sobre as «causas do acidente», recusando-se, á partida, a atribuir a queda do avião a uma acção da UNITA.

Entretanto, segundo o DL conseguiu apurar junto de fontes próximas dos rebeldes, a UNITA, num comunicado chegado a Lisboa quarta-feira à noite e destribuído à gência Lusa quinta-feira de manhã, reivindicava o abate de um avião, com a morte de todos os passageiros, afirmando que transportava tropas e material de guerra.

Segundo as mesmas fontes, não se justifica que fosse de outro modo uma vez que aquela região é uma «zona onde existem fortes confrontos entre o MPLA e a UNITA. E o facto de se tratar de uma avião comprado pela TAAG não quer dizer que este estivesse em serviço civil, uma vez que a Força Aérea angolana utiliza a TAAG para comprar aviões pelo sistema leasing» - acrescentou.

Segundo Francisco Simons, adido de Imprensa da embaixada de Angola em Lisboa, o avião fazia parte da frota interna da companhia aéreaangolana e estava «ao serviço do comissariado do Huambo para serviço inter-regional de passageiros e carga».

O avião trata-se de um Aviocar fabricado em Espanha nas fábricas da «CAZA», não havendo no entanto ainda pormenores quanto ao modelo em questão.

Segundo o DL pôde apurar os Aviocar são geralmente utilizados para transporte de tropas, podendo também ser adaptados para transporte de vips.

Violência na África do Sul

Mandela e líder zulu marcam encontro

Na África do Sul as guerras tribais continuam. Uma vez mais, na província do Natal, os zulus, que são a etnia dominante na região, provaram que não estão dispostos a tolerar a coexistência tribal. O cenário, já conhecido, repetiu-se. Quanto à questão de fundo, ou seja, em terra de zulus mandam os zulus, também não houve alterações. A explosão de violência que deflagrou ontem em Edendale, subúrbio de Pietermaritzburgo, causou, segundo fontes hospitalares, mais 25 mortos. Enquanto bandos de zulus e militantes da União da Frente Democrática (UDF) disputavam o controlo das aldeias, armados de espingardas, catanas e varapaus, centenas de pessoas, sobretudo mulheres, crianças e velhos, fugiram das suas casas. Para trás ficaram mais de 200 casas queimadas e centenas de desalojados que se viram obrigados a procurar refúgio em igrejas e em escolas.

Encontro Mandela-Buthelezi

Perante o agravamento da situação no Natal, o vice-presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, e o líder do movimento zulu Inkatha, M. Buthelezi, concordaram em encontar-se segunda-feira e serem oradores num comício conjunto para apelarem «à paz entre os seus simpatizantes». Esta reunião anunciada por Buthelezi, foi confirmada, segundo a agência Lusa, por uma fonte próxima de Mandela. Note-se que esta «guerra tribal» já causou mais de 3 mil mortos nos últimos três anos e depois da abertura de Pretória, a cruel realidade do desentendimento entre negros foi exposta ao mundo numa nova perspectiva. Este encontro sem precedentes, que foi sucessivas vezes anunciado e cancelado, colocará os dois líderes negros perante o desafio de pôr à prova a capacidade de cada um de controlar as suas fileiras. Um aparente entendimento entre Mandela e Buthelezi, não concretizado no terreno, só agravará a situação e provocaá o descrédito político dos dois líderes.

Negociações à vista

Na Cidade do Cabo, o ministro sul-africano do Desenvolvimento Constitucional, Gerrit Viljoen, afirmou que o seu Governo vai apresentar aos representantes da maioria negra, um plano constitucional que protege os direitos políticos da minoria branca. «O Governo apresentar-se-a à mesa das negociações com propostas definitivas» disse Viljoen, frisando que a protecção dos direitos políticos, a par dos direitos culturais, é um aspecto importante para o Executivo, que procurará garantir uma participação significativa das minorias na tomada de decisão.

Redacção DL/Lusa

Enquanto Fraga Iribarne abandona chefia em definitivo

Aznar «coroado» em Sevilha líder da direita espanhola

O Partido Popular (PP) realiza neste fim-de-semana, em Sevilha, um Congresso Extarordinário, em que José Maria Aznar, candidato único à presidência, substitui definitivamente o líder histórico da direita espanhola, Manuel Fraga Iribarne. Aznar, de 37 anos, assume assim formalmente, a chefia da oposição ao Governo socialista, num momento em que o ministro da Economia, Carlos Solchaga, propõe um pacto na área económica com o acordo do novo líder do PP.

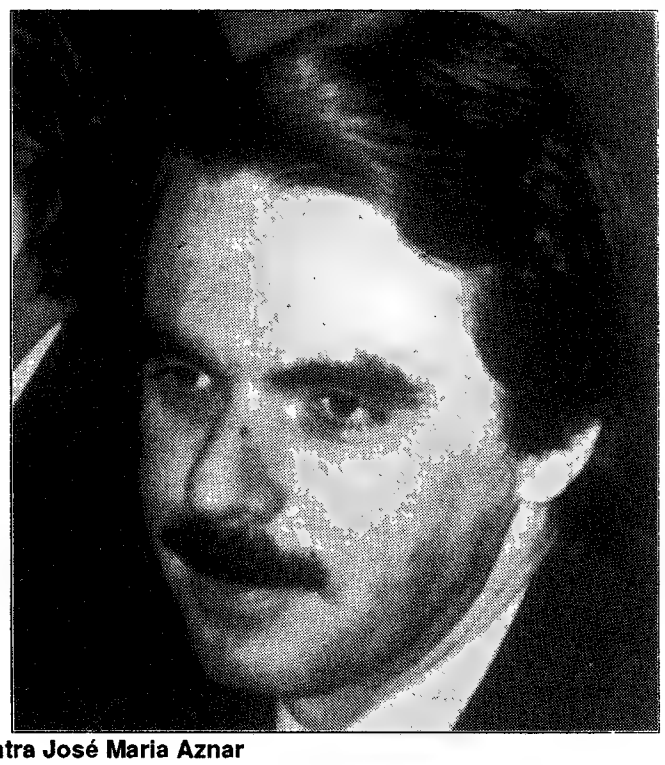
Acredita-se que desta vez Fraga Iribarne, que já anunciou o seu apoio a Aznar, cumpra a sua promessa de só se preocupar com a presidência do Governo Regional da Galiza. Em 1986, após os maus resultados nas eleições Iribarne, que há 13 anos fundou o actual PP, anunciou a sua retirada, deixando Antonio Hernandez Mancha à frente do partido. Com o fracasso deste, Iribarne voltou a intervir, impondo Aznar, (que vinha de uma experiência positiva na presidência de Castela e Leão) como cabeça de lista nas eleições de 29 de Outubro do ano passado.

Aznar conseguiu melhorar os resultados do PP, elegendo mais dois deputados do que em 1986, e esvaziou consideravelmente a votação do seu outro rival da direita, o Centro Democrático e Social, do ex-primeiro-ministro Adolfo Suarez. Neste Congresso, aliás, uma das estratégias a adoptar será a de ocupar o espaço do centro-direita e atrair personalidade que estavam à margem da vida partidária.

O PP tenta assim , a três anos e meio das eleições legislativas, apresentar-se renovado e com uma nova dinâmica de oposição, que lhe permita firmar-se como alternativa credível aos sucessivos mandatos de Felipe Gonzalez. Mesmo assim Aznar foi, juntamente com o ministro da Economia, Carlos Solchaga, um dos proponentes de um pacto de competitividade para a economia espanhola, dirigida na terça-feira a todas as forças sociais e políticas.

O pacto, cuja fórmula, segundo analistas, lembra o de Moncloa, pretende preparar a Espanha para o Acto Único europeu, determinando os salários por um novo sistema, contendo a inflação e fazendo uma reforma fiscal.

Redacção «DL»/Lusa



Sai Fraga Iribarne... entra José Maria Aznar

Viaturas Usadas

GARANTIA TOTAL DE 6 MESES

CRÉDITO RENAULT GEST

Renault 4 GTL	1984/86/88
Renault 5 GTL 3p e 5p	1985/86
Renault 5 TD (Diesel 5L)	1987
Renault 5 GTR	1987/88
Renault 9 GTL	1983/85
Renault 11 GTD	1986
Renault 5 TD Societé 2LD	1987
Renault 5 GTR	1987/88
Renault Express Gasolina 1.1	1986
Renault Express Gasolina 1.4 (Vidrada)	1987
Renault 21 RS	1986
Renault 21 GTS	1989
Renault Trafic TB 13 (3L)	1985
Reanult Trafic TB (7L) Tecto Alto	1986
Renault Express Diesel	1987/88/89
Seat Ibiza Júnior	1985

PORTAS ABERTAS

DIAS ÚTEIS: DAS 9 ÀS 20 HORAS. SÁBADOS: DAS 10 ÀS 18 HORAS

— A GARANTIA QUE VOCÊ QUER —

SACAVENAUTO

E. N. 10 — N.º 69 — SACAVÉM • ☎ 942 50 40 - 942 52 40

RENAULT

Le Pen «à conquista do poder»

Extrema-direita francesa inicia Congresso

Para assinalar o início de uma nova era para o movimento liderado por Jean-Marie Le Pen, o oitavo Congresso do partido da extrema direita francesa, Frente Nacional (FN) está hoje reunido em Nice, no sul de França.

Depois de um período de «emergência» e de «implantação», a FN pretende agora iniciar a fase da «conquista do poder», uma ambição que resume num slogan: «A França no poder».

Durante três dias, cerca de 1.600 delegados discutirão sobre ecologia e problemas sociais, os dois grandes temas retidos para os trabalhos de um Congresso, que terá como objectivo preparar os dois próximos actos eleitorais em França: as legislativas, em 1993, e as presidenciais, em 1995.

«Será um congresso de trabalho e não um congresso de querelas», declarou Bruno Megret, um dos responsáveis da FN, aludindo claramente às divisões dos socialistas, que marcaram o seu recente congresso de Rennes.

Quatro anos e meio passaram desde a realização do último congresso do partido da extrema direita francesa, que se realizou em 1985.

Um longo intervalo, para o qual a FN adianta duas razões: a frequência dos actos eleitorais eleitorais nestes últimos anos em França e a ausência de problemas de legitimidade, quer no respeito ao seu presidente, Jean-Marie Le Pen, quer quanto à sua própria estratégia de actuação.

O objectivo prioritário da FN é o de procurar uma implantação nos meios rurais, um sector onde ainda não conseguiu penetrar. "Em Nice, sublinharemos a importância do aspecto agrícola e rural", declarou o número dois da FN.

Rapidamente reconvertida à ecologia, a Frente Nacional não aceita que esta oportuna reconversão seja considerada como uma «recuperação».

«A defesa da identidade francesa passa também pela defesa da sua ecologia», disse Megret, em declarações à agência Lusa, acrescentando: «A ecologia é a defesa dos meios necessários para o desenvolvimento e a sobrevivência de espécies ameaçadas, como é o caso do próprio povo francês».

O programa político da FN (com um deputado na Assembleia Nacional) define-se contra o estatismo, contra a imigração, pela prioridade aos franceses em todos os sectores da vida do país e pelo restabelecimentoda pena de morte em França.

Redacção DL/Lusa

PCE abandona centralismo democrático

Setenta anos após a sua fundação, o Partido Comunista Espanhol (PCE), prepara uma grande renovação ideológica e estratégica para o próximo Congresso, segundo um documento interno, ontem vindo a público. Essa renovação inclui o abandono do centralismo democrático a aproximação as teses do socialismo democrático e a busca de uma «confluencia de esquerda», já assumida aliás, nas últimas eleições, pela coligação Esquerda Unida.

«Queremos ultrapassar a estrutura vertical, a separação entre base e cúpula, com uma organização de base que só pode ser federal», diz o texto, onde se fala mais de socialismo democrático do que em marxismo e não há referências ao «marxismo revolucionário» ideologia básica do partido nos estatutos em vigor. O texto em debate prevê ainda uma aproximação aos socialistas, tal como noutras épocas , da sua história, embora negue a necessidade de integração na Internacional Socialista.

Redacção «DL»/Lusa

Num depoimento perante a Comissão do Senado para as Forças Armadas, Frank Carlucci advoga que o perigo de caos na Europa de Leste assim como a defesa dos interesses americanos implicam que uma força militar americana permaneça no Velho Continente

Carlucci defende manutenção das tropas americanas na Europa

Frank Carlucci

É hoje uma certeza que as mudanças no Leste europeu e na URSS foram rápidas, fundamentais e dramáticas. Pessoalmente, não conheço nenhum observador informado que pense podermos hoje voltar ao *status quo ante*, mesmo tendo em conta que as mudanças são mais reversíveis na URSS que na Europa Oriental. Embora a ameaça militar na Europa Central tenha diminuído espectacularmente, permanecem muitas questões por responder: qual será o efeito da crise económica no mundo comunista; como conter as tensões étnicas; se a estrutura actual do estado nacional sobreviverá, se sim, qual será o tipo de liderança; se a orientação actual da politica externa soviética vai manter-se, e será aplicada nas suas actividades regionais. Recentemente, recebi uma carta de um oficial superior americano na RFA observando que os EUA tinham substituído uma zona de grande ameaça e grande estabilidade por uma zona de fraca ameaça e fraca estabilidade. A esperança abunda, mas a incerteza também.

Tumultos, anarquia e caos económico têm-se substituído, na região da Fulda, ao tráfego de carros blindados, anteriormente considerado como principal ameaça. Como é evidente, para tratar este tipo de problema é necessário dar maior ênfase aos instrumentos económicos e políticos do que ao poderio militar. Mas quem pode prever com toda a certeza que um contencioso militar não possa surgir no futuro? No passado, as nossas previsões deixaram muito a desejar. Historicamente, tem-se considerado necessário manter uma certa força militar , em zonas de interesse critico, para ajudar a resolver eventuais surtos de instabilidade.

A questão é de saber qual a envergadura desta força, de que tipo e onde a localizar.

É a esperança dos oficiais superiores do Pentágono, assim como a minha, que os responsáveis militares dos Estados Unidos sejam bem aconselhados, tenham tempo suficente, assim como autoridade para efectuar o desarmamento de uma maneira sensata. Todos se lembram das experiências infelizes dos anos setenta; não querem ser forçados a diminuir a qualidade das forças norte-americanas. Os Estados Unidos têm as melhores Forças Armadas que a história jamais conheceu. Com certeza que temos que as reduzir, e o mais depressa possível, mas não lhes deitemos fogo. Em especial, devemos tratar bem as pessoas. Elas representam qualidade e merecem a nossa gratidão pela contribuição substancial na actual mudança favorável dos acontecimentos. Quando lhes fizermos cortes orçamentais, teremos também de lhes dizer quais as missões de defesa que já não terão mais de cumprir.

Pacto de Varsóvia «passou à história»

É claro que qualquer redução sensata deve ser feita num quadro conceptual e estratégico. Eu gostaria de ver a Administração actual desenvolver um tal quadro, embora reconheça também que a evolução dos acontecimentos é tão rápida que é em si um desafio manter a passada, quanto mais desenvolver uma estratégia a longo prazo. Não obstante, precisamos no mínimo de redefinir mundialmente os nossos interesses-chave, assim como fazer um cálculo da envergadura militar necessária para defender esses interesses; de outra forma estaremos a utilizar critérios errados.

No entanto, mesmo agora, os acontecimentos não revelam grande clareza. O Pacto de Varsóvia já passou à história, e a ameaça tentacular de uma invasão soviética no teatro europeu desapareceu. Estamos a passar de um mundo bipolar para um multipolar. Isso tem as suas vantagens, mas também implica uma vaga de incertezas. Embora a ameaça para a nossa segurança global, resultante de conflitos regionais, tenha dimínuido por causa da desintegração do bloco comunista, esta ameaça aumentará à medida que as nações tenham a possibilidade de adquirir mísseis, armas químicas e outras armas sofisticadas de destruição maciça. O Próximo Oriente, do qual estamos cada vez mais dependentes, é uma área a ter muito em atenção. Os Estados Unidos podem ter necessidade de intervir militarmente, uma vez mais, como no golfo Pérsico, se os interesses americanos estiverem em perigo.

Eu não gostaria de sugerir um novo número para o contingente americano estacionado na Europa. Como é evidente não precisamos do mesmo tipo de envolvimento militar que até agora foi necessario. Uma força flexível, de uma envergadura menor à actual, será necessária para as nossas necessidades, mas levará algum tempo a encontrar um equilíbrio sensato. Levará também algum tempo para equacionar a nossa nova força com as capacidades europeias. É tambem verdade que esta nova força não será capaz de enfrentar um grande conflito, no entanto os grandes conflitos nascem dos pequenos. A história ensina-nos que devemos estar presentes no teatro europeu para evitar os piores cenários. Mais ainda, e tal como o presidente Bush, penso que devemos manter as nossas forças para responder aos desejos dos europeus. A Europa é economicamente dinâmica e brevemente terá o maior mercado único do mundo. Se militarmente lhes voltarmos as costas, automaticamente os europeus vão excluir-nos do crescimento económico potencial. De facto, alguns europeus já o estão a fazer, depois de terem prestado atenção ao nosso debate actual. Se isto acontecer, a nosa influência política e económica, assim como os nossos mercados comerciais vão diminuir, o que nos é muito desvantajoso. Nós somos uma força de estabilidade na Europa. Precisamos deles e eles precisam de nós. Devemos trabalhar com os europeus para definir o melhor número de tropas a manter estacionadas, não devemos fazer cortes unilaterais e fugir para casa.

«Não queremos ser os polícias do mundo»

Num mundo onde o poder económico, político e militar está cada vez mais disperso, é importante redefinir as nossas Forças Armadas para proteger os nossos interesses nos conflitos regionais. É claro que não queremos ser os polícias do mundo, no entanto,somos uma nação-ilha que depende dos outros para adquirir bens estratégicos. É preciso ter ainda em conta que precisamos de projecção de poder a fim de isolar os nossos interesses no âmbito de conflitos regionais, tal como no golfo Pérsico. Com o apoio do Congresso, o Pentágono tem estado a melhorar esta capacidade. À medida que o orçamento do Ministério da Defesa diminui, é importante proteger os factores que nos permitem resolver os conflitos regionais. Por exemplo, tenho ouvido falar de projectos para cortar a nossa capacidade aérea, mas os meios aéreos é que nos permitem precisamente ter a mobilidade necessária para responder com rapidez.«Quanto reduzir» é a questão fundamental.

Os *media* têm dado a entender que os soviéticos têm feito cortes enormes e nós não. No entanto o nosso orçamento militar tem diminuído em termos reais ao longo dos ultimos cinco anos - muito antes de os soviéticos terem começado a fazer cortes. É de salientar que os números apresentados pelos soviéticos levantam alguma suspeita. Durante um encontro que tive recentemente com o general Yazov, disseram-nos que não sabiam ao certo qual era o orçamento militar da União Soviética pois as despesas estavam divididas por vários departamentos. Mesmo se esta situação mudasse, o preço do equipamento militar, numa economia que não é de mercado, depende de uma decisão administrativa e pode ser o que eles muito bem entenderem. O próprio Gorbachev já disse que os cortes orçamentais nas ForçasArmadas deveriam proporcionar uma melhor qualidade, sem afectar a defesa do Estado soviético.

Gorbachev está a reestruturar, não a desmobilizar.

A não ser que queiramos arriscar o futuro dos nossos filhos, ao apostar numa evolução favorável das actuais mudanças na URSS, temos de manter uma capacidade de resposta considerável.

É muito fácil destruir uma força militar; demora muito mais tempo - e custa muito mais- reconstruí-la.

Jim Fisher-Thompson-USIA/Trad. e Adapt. N.A.

SINDICATO NACIONAL DO PESSOAL DE VOO DA AVIAÇÃO CIVIL

A TAP
NACIONAL OU ESTRANGEIRA?

Como qualquer outra companhia, a TAP só «compra» aviões quando as necessidades operacionais ou a expansão programada lho impõem.

Ao contrário, «vende-os» quando estão a mais, ou, quando tecnologicamente ultrapassados, a exploração comercial lhe aconselha a substituição.

Filosofia idêntica é a que preside à admissão e à formação dos seus Tripulantes, na obediência directa a regras e «racios» avião/tripulações internacionalmente praticados.

Porém, recentemente, a TAP «descobriu» que tem mais aviões do que precisa para a sua operação normal.

Apertada pela difícil situação económica e financeira em que se encontra e pela necessidade urgente de mostrar «sinais» de recuperação, face à política de privatização rápida, iniciou uma prática nova de aluguer dos seus aviões a companhias estrangeiras.

Não somos nós, Tripulantes de Cabine, contrários e esta ou a qualquer outra iniciativa de rentabilização da frota da TAP.

Bem ao contrário, saudamos e saudaremos sempre todas as medidas que forem encetadas no sentido da defesa dos interesses da Companhia, na defesa dos interesses dos seus trabalhadores e na defesa dos interesses do próprio País.

Em nome desses interesses seria melhor ver a TAP a expandir-se e os seus aviões e Tripulantes ao serviço dessa expansão. Porém, se se provar que por erros anteriores a Empresa tem realmente aviões a mais, e se se mostrar que de momento o seu aluguer para serviço de companhias estrangeiras é o único ou o melhor meio disponível para os «rentabilizar», aceitamos de bom grado participar nessa operação, ainda que ela imponha alterações penosas às relações e às condições de trabalho existentes e consagradas convencionalmente.

Só que a TAP está a alugar os seus aviões sem tripulantes de cabine! Quer dizer, está a colocar ao serviço da economia de Países estrangeiros, património que é seu, que é português, que é dos seus trabalhadores, deixando estes sem instrumentos de trabalho e promovendo lá fora o emprego que falta no País.

Atitude espantosa é esta, sem nenhuma margem de dúvidas! Espantosa, insensata e inexplicável, sobretudo quando sabemos que são as próprias companhias estrangeiras a quem a TAP aluga os aviões, quem pede que esta inclua tripulações de Cabine.

Neste momento está um Lockeed ao serviço da companhia angolana TAAG, e outro se seguirá em breve;

Um AIR-BUS tem estado ao serviço da companhia cabo-verdiana TACV com tripulações de cabine mistas TAP/TACV.

Porém, a TAP, apesar dos apelos em contrário da companhia de Cabo Verde e contra qualquer lógica, impôs a retirada dos seus Tripulantes. É provável que vá aumentar para 2 aviões AIR-BUS a participação da TAP nessa operação, mas sem Tripulantes de Cabine.

Rumores correm sobre o afastamento dos Tripulantes da TAP dos voos que esta irá iniciar na nova linha Lisboa-Moscovo-Tóquio, assim como dos voos entre Lisboa, Los Angeles e S. Francisco.

AFINAL O QUE É QUE PRETENDE A TAP?

Toda esta operação configura um verdadeiro **«Lock-out»** da Companhia, mais grave ainda por desviar para outros países potencialidades e instrumentos económicos nacionais, promovendo o desemprego dos seus trabalhadores e prejudicando a quem muito deve e que sempre, em todas as circunstâncias, se mostrou disponível para servir a Empresa e o País.

O País e as Entidades oficiais não podem ignorar esta anormal situação e desta forma o SNPVAC renova o apelo oportunamente feito ao Governo, à Assembleia da República e ao Sr. Presidente da República para, pelos seus meios, intervirem e inverterem a acção antinatural e antipatriótica da TAP.

QUOTIDIANO

Desertor condenado confessa-se orgulhoso

O luso-holandês julgado pelo Tribunal Militar de Elvas afirma estar triste pelo seu país

"É uma vergonha para toda a gente", assim reagiu ao DL o psicólogo Fernando Cunha, contactado na Holanda, onde reside e ontem condenado a uma pena perdoada de 8 meses de presídio militar, por deserção de cariz político, cometida em 1970. "Dá uma ideia do estado de sanidade perfeitamente decadente das instituições. Não se justifica que estas continuem a perseguir pessoas que cometeram delitos políticos no anterior regime, e muito mais quem se recusou a participar em actos de guerra perfeitamente condenáveis."

A motivação política invocada pelo réu para a deserção efectivada em 1970, antes dum embarque para a Guiné, foi apenas em parte aceite pelo Tribunal Militar de Elvas, que ontem proferiu o acórdão respectivo, conforme noticiámos. O acórdão deu como provadas as convicções políticas do réu contra o regime então em vigor no país e contra a guerra colonial, mas afirma que elas contribuíram "decisiva mas não exclusivamente" para a deserção.

O ex-desertor acrescentou ser lamentável que as instituições militares e civis e particularmente o parlamento continuem a manter uma legislação "perfeitamente débil" que, além de não ter acompanhado a evolução do país, constitui "um peso morto de dinossauro e um desencorajamento para o cidadão".

Instado a referir se iria ou não aceitar a sentença que contra ele foi proferida, o psicólogo luso-holandês comentou: "Uma condenação pelo facto de ter desertado dum exército colonial não pode ser para mim senão um louvor. Acharia grave ser condenado por ter morto pessoas que nem conheço, na terra deles, que lutavam pela liberdade do seu país. Mas, como princípio, o meu relacionamento com o meu país é agora de uma tristeza infinita, por ver instituições politicas e militares de direito a sofrer de multi-esclerose de último grau. É isso que é dramático, para mim e para o país e que me revolta, não o aspecto moral do delito. Quanto a recorrer, terei primeiro de falar com o advogado, pois recorrer implica mais tempo e mais dinheiro".

A interpretação do colectivo de Elvas foi de que o regime de deserção e a natureza do crime são os mesmos, antes e depois de 1977, data da entrada em vigor do novo Código de Justiça Militar.

"Até 1978, as opiniões estavam divididas e a partir daí modificou-se a jurisprudência e a doutrina em relação ao assunto, mas o crime sempre foi considerado de execução permanente, durante a vigência dos dois códigos", explicou ao DL o juiz Emanuel Dias, um dos elementos do colectivo que terça-feira passada julgou o desertor.

O advogado do réu tinha invocado a aplicação do Código de Justiça Militar de 1925, mais benéfica para o réu e aplicável à data da deserção, mas tal invocação não foi aceite pelo tribunal. A aplicação do Código de 1925, permitiria absolver o réu, com o argumento de que o crime tinha prescrito 10 anos após ter sido cometido, ou seja em 1980.

O advogado do réu tinha também invocado a primeira amnistia de 2 de Maio de 1974, que não estabelecia condições para a sua aplicação. "O tribunal não podia aceitar tal invocação, pois um decreto de finais de 1978, vem dizer que todas as amnistias de deserções já decretadas ou futuras, só se aplicam se o desertor se apresentar dentro de determinado prazo, largamente excedido quando o processo deu entrada neste tribunal", refere a mesma fonte.

O tribunal considerou atenuantes a confissão do crime e o bom comportamento militar anterior à deserção que, considerados os condicionalismos especiais (motivação política) e a idade actual do réu, superior a 38 anos, possibilitou a redução da pena para 8 meses, que perdoou à luz da lei de 1 de Junho de 1986, que amnistia tais crimes.

Margarida Silva Dias

Anabela Loureiro

O julgamento do desertor, efectuado nesta sala do Tribunal Militar de Elvas, revela, segundo o condenado, a manutenção de uma legislação "débil" e constitui "um desencorajamento para o cidadão"

Violento incêndio no Marão

Um incêndio de grandes proporções, activado por fortes rajadas de vento, deflagou esta madrugada, na serra do Marão, zona de Minas de Sobrido. Canadelo, a 18 quilómetros de Amarante. O sinistro estava esta manhã a ser combatido pelos bombeiros daquela cidade, bem como por guardas florestais. A acção dos bombeiros foi conduzida de forma a tentar evitar que as chamas, rondando a Pousada do Marão, alastrassem na direcção das povoações.

O vento muito forte afectou toda a zona, prejudicando designadamente a circulação automóvel. Na IP-4 o fluxo rodoviário foi interrompido entre os quilómetros 72 e 75. A força das rajadas virou dois camiões, não havendo porém vítimas a lamentar. Os danos materiais são avultados.

O trânsito processou-se durante a manhã com bastante dificuldade. No local, a GNR recomendava aos automobilistas que evitassem circular naquela via e tomassem, em alternativa, a Estrada Nacional 15, entre Vila Real e Amarante..

A zona florestal agora pasto das chamas foi das poucas áreas poupadas pelo fogo no último Verão. A característica imprevisibilidade dos ventos do Marão, com mudanças bruscas de direcção, dificultou o combate às chamas, levando os bombeiros, segundo uma fonte da corporação de Amarante, a encararem, a todo o momento, a hipótese de pedir auxílio a outras corporações.

Sapadores Bombeiros criticam Vasco Franco

O Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa (STML) considerou que «há submissão dos políticos da Câmara lisboeta aos militares» que chefiam o batalhão de Sapadores Bombeiros.

Pina Gonçalves, dirigente do STML acusou o vereador Vasco Franco de «não cumprir uma deliberação» da CML sobre direito dos bombeiros.

O anterior executivo camarário, com o apoio do vereador Vasco Franco (na altura na oposição), aprovou a sindicalização dos bombeiros, a quotização dos sindicalizados através dos serviços e a integração de Rafael Luís, o bombeiro que há cerca de um ano foi alvo de aposentadoria compulsiva, por actividades sindicais.

O que o STML contesta agora é o facto de Vasco Franco, responsável do pelouro da segurança e dos bombeiros, ter «espantosamente proposto ao sindicato uma situação idêntica à da PSP», Associação dos Bombeiros, disse Pina Gonçalves.

Por seu turno, o vereador explicou que essa sua mudança de posição se devia ao facto de os militares que chefiam os bombeiros «terem dito que abandonariam os cargos se houvesse sindicalização».

Para Pina Gonçalves «é uma situação de pura chantagem dos militares que a CML não deveria aceitar». No seu entender, os militares «continuam a dar-se ao luxo de não cumprir as deliberações da Câmara e ninguém lhes pede contas».

Moeda de troca

A integração do bombeiro Rafael Luís, foi apresentada como moeda de troca pelo vereador Vasco Franco, referiu Pina Gonçalves. Segundo aquele dirigente, o caso «seria apreciado quando o STML desse uma resposta positiva» sobre a fórmula de associação dos bombeiros, alternativa à sindicalização.

Caso Vasco Franco não de cumprimento às deliberações camarárias relativas à situação dos sapadores bombeiros de Lisboa, o STML tomará medidas consentâneas com o facto, disse Pina Gonçalves.

Uma delas será a elaboração de um processo - crime ao vereador socialista, a exemplo do que ocorreu com o anterior responsável dos bombeiros da Câmara, Lívio Borges.

Euromarché abre hoje

O hipermercado Euromarché abre hoje as suas portas ao público, três dias depois da data inicialmente prevista, já que ocorreram alguns atrasos relacionados com a apresentação de um projecto de alterações numa altura próxima à abertura.

Hoje, segundo o presidente da empresa que explora o empreendimento Correia da Silva, tudo está resolvido e abertura pode ser feita dentro da legalidade.

Correia da Silva destacou que tal só foi possível devido à boa vontade dos serviços camarários e do presidente da edilidade. «Os últimos dias foram de trabalho intenso, tendo sido possível apreciar-se o processo num prazo extremamente curto» - frisou.

Este hipermercado de Telheiras, um projecto da cadeia francesa Euromarché, associada ao grupo Espírito Santo, arranca assim a cem por cento esta tarde, estando ainda em fase de acabamento a zona de acessos.

Deficientes motores têm benefícios fiscais

A cilindrada dos veículos automóveis objecto de isenção do imposto automóvel IA, exposto no regime de benefícios fiscais para deficientes motores, no que diz respeito à aquisição de cadeiras de rodas, triciclos e veículos automóveis, hoje publicado em «Diário da República», não poderá ultrapassar os 1500 ou os 1750 cm cúbicos.

Os deficientes motores, civis ou das Forças Armadas, maiores de 18 anos, poderão, assim, beneficiar da isenção de emolumentos gerais e IA na importação de veículos ligeiros, destinados ao seu próprio uso.

O âmbito deste novo diploma alarga-se aos deficientes cuja incapacidade se situa ao nível dos membros superiores, criando-se, para efeitos fiscais a figura do multideficiente profundo e, em certas condições, permite-se a condução dos veículos pelos cônjuges e mesmo por terceiros.

Lisboa, Porto, Covilhã e Almeida vão receber financiamentos da CEE no âmbito dum projecto anunciado pela comissária Vasso Papandreou

Programa contra a pobreza contempla Portugal

Quatro projectos portugueses integram o terceiro programa europeu contra a pobreza, ontem lançado em Bruxelas, envolvendo 39 projectos. As iniciativas portuguesas seleccionadas dizem respeito a três acções-modelo (no concelho de Almeida, na zona da Covilhã e nas freguesias da Sé e do Barredo, Porto) e a um programa inovador de combate à marginalização dos jovens na cidade de Lisboa.

O programa europeu dispõe de um orçamento de 55 milhões de ECU (10 milhões de contos) para um período de cinco anos — revelou a comissária Vasso Papandreou, responsável pelos Assuntos Sociais. Os quatro projectos portugueses, avaliados em 600 mil contos cada, vão dispor de subsídios de 55 por cento da Comissão Europeia.

Levado a cabo pelo Instituto de Apoio à Criança (IAC), o programa lisboeta consiste num trabalho de rua com crianças em risco ou em situação de marginalidade. A iniciativa conta com a colaboração de cerca de uma vintena de técnicos e dispõe, além do apoio comunitário, de subsídios de várias entidades governamentais.

A acção modelo que abrange o concelho de Almeida abarca cerca de 12 mil habitantes e visa a integração pluridimensional de vários aspectos de pobreza. «Trata-se de um pequeno plano de desenvolvimento regional», afirmou, à Lusa, em Bruxelas, Alfredo Bruto da Costa, responsável do Centro de Investigação sobre a Economia Portuguesa, entidade que acompanha a evolução dos projectos portugueses.

Na zona da Serra da Estrela, a acção tem por objectivo desenvolver infra-estruturas económicas e sociais de uma população (algumas centenas de pessoas) carecida e, tal como em Almeida, fundamentalmente rural. A área abrange quatro concelhos da região da Covilhã.

O projecto relativo à zona histórica da Sé e Barredo, no Porto, destina-se a toda a populaçãode um bairro que está a transformar-se num *gheto* com múltiplos problemas, o maior dos quais a habitação.

De acordo com os autores do programa, as duas freguesias têm cerca de 20 mil habitantes, 60 por cento dos quais abaixo dos limiares mínimos de existência.

Luta contra a discriminação

O terceiro programa europeu contra a pobreza tem por objectivo promover uma estratégia eficaz de luta contra a discriminação social. De acordo com estatísticas da CEE, o número de pobres na Europa aumentou de 38,6 milhões para 44 milhões entre meados dos anos 70 e meados dos anos 80, considerando-se pobre toda a pessoa que dispõe de menos de metade do rendimento médio em cada país da Comunidade.

Em 1988, calculava-se em um milhão o número de europeus sem habitação. Além dos desabrigados, a pobreza atinge uma diversidade enorme de situações, com desempregados de longa duração, idosos, deficientes e refugiados.

Dados da CEE referem ainda que a proporção de idosos entre os probres, embora constitua o grupo mais importante, tende a diminuir, enquanto os desempregados, em particular os de longa duração, formam, proporcionalmente, o conjunto mais saliente.

Governo alude a fuga de pagamento de direitos

Análises não confirmam uso indevido de leite vegetal

As investigações a análises laboratoriais efectuadas não confirmam que o «leite vegetal» ou «leite para vitelo» tenha sido utilizado na fabricação de leite e laticínios, refere um comunicado do Governo.

De acordo com o texto, o produto alimentar que esteve na origem das notícias relativas a uma hipotética utilização de leite para vitelos na alimentação humana é constituído por leite em pó, adicionado de lactossoro ou gordura vegetal comestível. São ingredientes de utilização generalizada na alimentação humana.

«Este produto é legalmente fabricado, comercializado e utilizado em diversas indústrias alimentares, em todos os estados membros da CEE, incluindo Portugal, não sendo susceptível de causar qualquer prejuízo à saúde pública», refere também o comunicado.

O documento alude, no entanto, a uma fuga ao pagamento dos direitos niveladores que incidem sobre a importação deste produto, tendo sido importadas cerca de 360 toneladas, entre Julho e Novembro de 1989, cujos correspondentes documentos aduaneiros afirmavam ser um produto para alimentação animal.

Tratou-se, segundo o Governo, de uma fraude de natureza fiscal, com o objectivo de, por forma ilícita, não serem pagos os devidos direitos niveladores.

Nesse sentido estão a ser efectuadas investigações tendentes à recolha de todos os elementos que permitam, o mais rapidamente, apurar a completa responsabilidade dos infractores, a quem serão aplicadas as penalidades previstas na lei.

O comunicado acrescenta que, no âmbito do controlo de qualidade efectuado em 1989 e até agora, nunca foi detectada a presença deste produto no leite para consumo humano em natureza, sublinhando que notícias veiculadas por ógãos de Comunicação Social carecem de qualquer fundamento.

Sindicato dos Jornalistas homenageou ex-presidente da Caixa de Previdência

O Sindicato dos Jornalistas distinguiu, ontem, com o seu emblema de prata, o eng. Manuel Malaquias que acaba de ser substituído na presidência da Comissão Administrativa da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Jornalistas por incompatibilidade de funções com o cargo de administrador-delegado que já há algum tempo exercia no Hospital de Faro.

A homenagem, a que se associou a Casa da Imprensa, contou com a presença de quatro dos últimos líderes da Direcção do Sindicato e com os presidentes do CNID e do Clube dos Jornalistas e sublinhou o papel decisivo exercido pelo responsável-mor da Caixa de Previdência, nos últimos seis anos, nomeadamente na defesa da Segurança Social dos jornalistas quando o Governo a tentou nivelar por baixo com a integração da Caixa no sistema geral da previdência.

A Comissão Administrativa da Caixa de Previdência passou a ser constituída, exclusivamente, por jornalistas com a recente nomeação do seu novo presidente, Luís Ochoa (da RDP/Antena 1), pelo secretário de Estado da Segurança Social. Os outros dois cargos são de indigitação pelo Sindicato e passam a ser exercidos por Eduardo Miragaia (Semanário), que continua, e Mário Branco, actualmente secretário-geral da Casa da Imprensa e indicado, em simultâneo com a entrada em funções de Luís Ochoa, para a vaga aberta com a demissão de Fernando Cruz dos Santos (A Bola).

Conselho de Veteranos forma nova comissão da queima das fitas

O Conselho de Veteranos concluiu já a formação da Comissão Central da Queima das Fitas que substituirá a exonerada - anunciou ontem o «Dux Veteranorum», Pedro Cabral. Contudo, os membros da comissão exonerada declararam, em conferência de Imprensa, que pretendem prosseguir com as funções para que foram eleitos pelos quartanistas das sete faculdades, não acatando a decisão do Conselho de Veteranos.

Pedro Cabral disse, por sua vez, que a posição da comissão da queima inviabilizou qualquer solução de compromisso e demonstrou que «não dá garantias de desempenhar a tarefa». Salientou ainda que esta decisão do Conselho de Veteranos, visou «salvaguardar a queima e dar dignidade» à festa, que se vai realizar em Maio.

Na sua opinião, a decisão da anterior comissão de não acatar a exoneração traduz uma «ofensa à praxe académica e ao Conselho de Veteranos. Quando a praxe é ofendida é necessário actuar para não cair em descrédito».

O Conselho de Veteranos vai reunir brevemente para decidir as sanções a aplicar. No entanto, a proibição temporária ou definitiva do uso do traje académico, bem como a aplicação de colheradas nas unhas surgem, segundo o «Dux Veteranorum», como sanções possíveis ao abrigo do código da praxe académica.

INTERMECÂNICA — INDÚSTRIA METALOMECÂNICA UNIVERSAL E ESPECIAL, SA
RUA JOÃO DE DEUS — VENDA NOVA
2700 AMADORA
Capital Social: 20 000 000$00
Cons. Reg. Com. Amadora
N.º 5915, fls, 70 v.º, liv. C-16
CONTRIBUINTE N.º 500 140 537

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos e da Lei, convoco a Assembleia Geral Anual da INTERMECÂNICA—INDÚSTRIA METALOMECÂNICA UNIVERSAL E ESPECIAL, SA, para reunir na Sede social, Venda Nova, Amadora, no dia 27 de Abril de 1990, pelas 10 horas, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. Deliberar sobre o relatório de gestão, Balanço e contas do exercício de 1989;
2. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
3. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade.

Venda Nova, 15 de Março de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Almiro Gaspar Marques

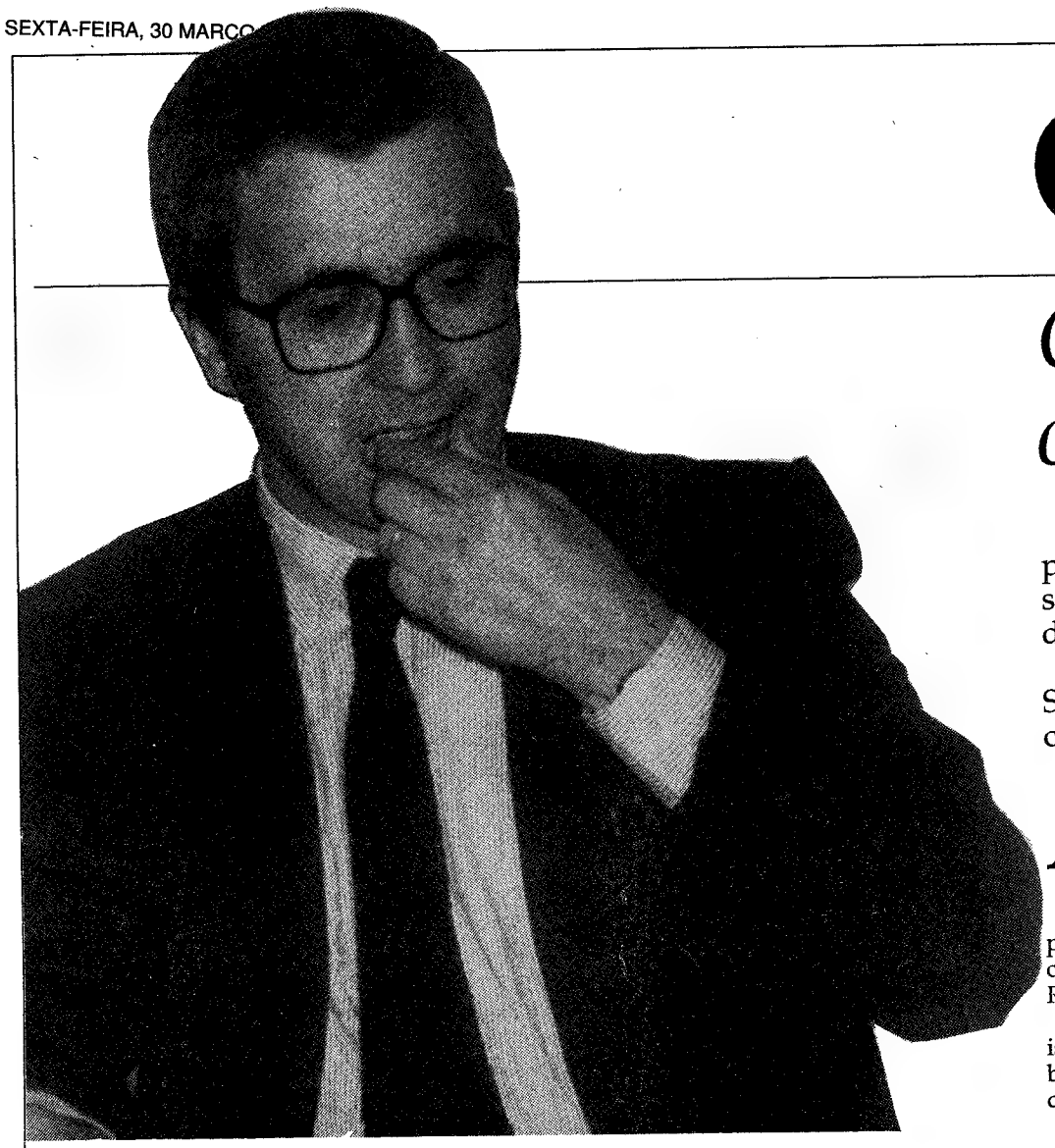
BENFICA EM MARSELHA

2 Voos especiais
Partidas — dias 3 e 4/4
Regresso a Lisboa
após o jogo
Preços desde
52 000$00

☆
Novo
Comboio expresso a Marselha
de 3 a 5/4
Partida de Lisboa
dia 3, às 13 horas
Regresso a Lisboa
dia 5, às 23 horas
Preço: 29 500$00
Supl. p/ cama: 4000$00

☆
Garantia de bilhete
p/ o jogo
Informações e reservas
na sua agência de viagens

Munditur
OPERADORES TURISTICOS



Cadilhe con

O ex-ministro passa à ofen os acusados, nem parece di

Durante quatro anos disciplinou o Orçamento, reduziu a dívida pública e o desemprego, aumentou os salários reais mas, para grande surpresa do próprio e gáudio de muita gente, acabou por ser despedido.

Pelo meio, várias atitudes controversas. Dizem que favoreceu a Sonae, que não domou a inflação e que se serviu do seu cargo e conhecimentos para negociar, com notório êxito, a compra, permuta e

As Amoreiras

Em 25 de Julho de 1989, Miguel Cadilhe foi entrevistado pela RTP, no programa «Primeira Página», a propósito da compra da casa das Amoreiras, por permuta com o andar da Rua Stromp.

Segundo o ex-ministro, foi uma ocasião em que dois jornalistas quiseram proporcionar ao público, e a ele próprio, «uma boa oportunidade de demonstrar de que lado estava a verdade».

Cadilhe não se amedrontou, apesar de os jornalistas terem sido «duros e agressivos», mas esclarece que a entrevista não o deixou propriamente satisfeito, ainda que aqueles profissionais lhe tenham garantido que ele tinha feito passar na TV uma «imagem de serenidade e segurança».

A história conta-se em poucas palavras.

Os jornalistas tentaram, segundo Cadilhe, tirar partido do «efeito surpresa», avançando com preços recolhidos por uma empresa imobiliária, que avaliou o andar das Amoreiras, comprado em 1987, pela tabela dos preços de 1989 «mediante um cálculo aritmético altamente impróprio de deflacionamento».

A birra foi apenas esta.

Os jornalistas afirmavam que Cadilhe tinha obtido um preço de favor - comprou a 100 contos o metro quadrado, quando o andar já valia 350 contos pelo mesmo metro quadrado -, enquanto o então ministro das Finanças garantia ter adquirido o apartamento a preços de mercado, acrescentando que as contas dos jornalistas apenas serviam para dar uma ideia geral e tendencial da evolução dos preços do mercado como um todo, mas nunca para calcular o preço de uma casa concreta.

O diálogo foi vivo, mas nenhuma das partes abriu de mão.

Seis dias depois, Miguel Cadilhe enviava uma carta à RTP, desafiando-a a desenvolver um trabalho de investigação jornalístico sobre os preços efectivamente praticados em 1987, e colocando-se desde logo à disposição para um novo debate televisivo sobre este tema.

Curiosamente, Cadilhe diz que a Televisão não aceitou o desafio porque entendia que «o entrevistado tinha esclarecido o assunto».

Bastardos e boatos

Não há fumo sem fogo, ou as tramas que levaram Cadilhe a reconhecer que a violência moral pode ser muito mais incisiva do que a violência física

O ano de 1989, diz Miguel Cadilhe, foi particularmente fecundo em «tramas habilidosamente bem urdidas» contra os membros do Governo e vários titulares de outros cargos públicos.

O ex-ministro lembra os boatos que foram postos a correr, atingindo os ministros e os seus familiares, «uma escalada dos meios bastardos» que provavelmente teria prosseguido se o primeiro-ministro não tivesse ido à RTP fazer uma comunicação sobre o tema genérico da calúnia como «arma de ataque às instituições democráticas e aos titulares de cargos do Estado».

Cadilhe afirma que a intervenção de Cavaco, que colheu o País de surpresa, foi uma atitude de «elevada categoria». Mas o problema, confessa, é que a Imprensa não gostou. E explica: «Raramente os jornalistas apreciam que se lhes diga que circulam 'notícias inventadas' e 'campanhas preparadas' (...) porque isso atinge o âmago das suas responsabilidades».

E depois de citar trechos da intervenção televisiva do primeiro-ministro, tais como «há indícios de que se trata de uma campanha preparada e dirigida», o ex-ministro das Finanças discorre sobre as campanhas de calúnia visando figuras públicas, antes e depois do 25 de Abril, para se interrogar sobre a «impotência e vulnerabilidade das estruturas do Estado democrático» face a situações desse tipo.

Neste contexto, Cadilhe salienta que a forma de lançar calúnias é elementar mas é eficaz: «Por vezes é tão grosseira que só não vê quem não quer».

Este caso, diz o ex-ministro, revestiu-se de um miserável oportunismo e de uma ignominiosa falsidade: «Foi tão longe na baixeza, que não teria qualquer registo neste livro, se não fosse a tortuosa interpretação que alguns poderiam retirar do silêncio sobre esta trama de violência moral (...)».

Lamentando que a Comunicação Social não tivesse feito uma espectacular viragem, «por desengano e plena compreensão dos interesses e motivações que, verdadeiramente, estavam em jogo», Cadilhe não se coibe de afirmar: «A trama, em si mesmo, foi um excremento. Rastejante e desprezível».

Pouco antes da escandalosa reportagem da revista espanhola «Interviu», sobre os «protagonistas da vida política e económica» ligados ao caso do arquitecto Taveira, Miguel Cadilhe confessa no seu livro o que sentiu: «Fomos apanhados completamente de surpresa - terrível momento esse - quando, um dia, depois do jantar, veio a nossa casa um colega do Governo falar-nos de assunto extremamente delicado. Corriam rumores e calúnias contra três ou quatro ministros e seus familiares, a propósito de um escândalo...».

Para Cadilhe, tal reportagem era uma objectiva afronta que atingia, «em cheio», as estruturas do Estado português.

Por isso, não admite que o Governo tenha ficado calado e, numa implícita crítica a Cavaco Silva, Cadilhe interroga-se: «Ao menos, como gesto de repulsa, não se haveria de recorrer aos tribunais do país de origem da revista alegando ofensa ao Estado português ou à Administração pública portuguesa?

Ainda hoje sentimos esta mesma perplexidade...»

Independentemente da

Minimizando as suas relações com Taveira, Cadilhe não desculpa

Miguel Cadilhe revela, neste seu livro, que durante os quatro anos que esteve no Governo, se encontrou apenas meia dúzia de vezes com o arquitecto Tomás Taveira.

Por isso, ficou furioso quando, em Agosto de 1988, durante a única vez que lhe telefonou, a pedir conselho para uma loja de arte que a sua mulher andava a projectar, os jornalistas de o «Independente» - que estavam a entrevistar Taveira - gravaram e reproduziram essa conversa.

«Ferindo as mais elementares regras de comportamento, o insólito aconteceu: o telefonema foi recebido na presença de dois jornalistas, estes gravaram aquele lado da conversação havida e publicaram-no num semanário! Davam, assim, azo às mais desencontradas leituras de um diálogo em que o leitor conhece o que diz uma das partes e é convidado a imaginar o que terá dito a outra parte...»

A 5 de Setembro, o ex-ministro envia uma carta a o «Independente», ao abrigo da Lei de Imprensa, explicando o que se passara.

A cart
tivéssen
decorrid
cont
naquela
vament
ma.»

O mí
Miguel
uso do
num al
de vist
geral, «
tassem»

TODO O ATENDIMENTO!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194

TODAS AS OFERTAS!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194

TODOS OS CRÉDITOS!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194

ntra-ataca

fensiva, mas não nomeia dizer tudo o que sabe

vida revenda de andares que lhe pertenciam - sem pagar imposto de sisa.
nde Agora, órfão de pai no Partido laranja, Cadilhe tenta recuperar, junto
spe- da opinião pública, o bom nome e a reputação.
Como armas, exibe um livro com o qual pretende colocar todos os
u a pontos nos is e que ameaça tornar-se num *best-seller*. Para eventual
o e irritação de Cavaco Silva, esperançado em que a moda não pegue em
ta e personalidades tão ímpias como Eurico de Melo ou Leonor Beleza.

Exposto às mais pequenas, diversas e colunáveis maledicências, o ex-ministro queixa-se amargamente

As secções confidenciais

A frase é lapidar: «São as pequenas coisas, em molhe, que propiciam o ambiente à rejeição ou aceitação das ideias e das pessoas».

E Miguel Cadilhe não aceitou ser rejeitado: «Na política, pequenas coisas, todas juntas, podem resultar muito mais do que uma só, por grande que seja. É assim, muito especialmente, na imagem de um governante. Mesmo que sejam pequenas coisas de aparência feitas».

Assim, queixa-se amargamente, no seu livro, contra as mini-notícias, as brevíssimas notas em página que todo o mundo lê, «as alfinetadas, as poses bem ou mal encaradas e, sobretudo, o modo como a televisão nos trata».

Nestas pequenas coisas, diz Cadilhe, «mandam, antes de mais, os jornalistas».

Daí, um pequeno passo para as «espontâneas urdiduras» que a política tece a quem governa muito tempo. Pequenas coisas que nem merecem um desmentido...

Um erro, considera o ex-ministro, porque «é praticamente impossível desdizer tudo o que é publicado».

E Cadilhe exemplifica: com a mentira de se ter apresentado, com a sua mulher, na mesa de voto das eleições para o Parlamento Europeu em fato de treino, sem nenhum documento de identificação. Ou com a RTP a seleccionar dois «jocosos» minutos da sua intervenção de 40 minutos ao anunciar ao País o conjunto de medidas de austeridade em 1989...

No primeiro caso, o ex-ministro é peremptório: «Era totalmente falso. Mas quem leu, acreditou e ficou a fazer, naturalmente, péssima ideia dos visados. Nada daquilo aconteceu, nem o fato de treino, nem a irritação, nem a má criação, nem a ordem de ir ao carro».

Sobre a manipulação televisiva, Cadilhe adianta que não se discute o critério de selecção da RTP, que é subjectivo, mas que já lhe parece mais grave a responsabilidade de induzir o País em erro de generalização, porque «dois minutos em 40 têm que ser uma amostra representativa do que efectivamente se passou. De outro modo, são gorados os objectivos mais primários da comunicação, está-se a ludibriar o público e a prejudicar o objecto da reportagem».

Outras pequenas maledicências apontadas por Cadilhe prendem-se com as suas supostas férias em Andorra na companhia de uma figura política, então muito na berra, e com a sua presença na inauguração de uma discoteca no Estoril, acompanhado pela sua «espampanante sobrinha».

Cadilhe reage: «A procissão ia no adro. Se nada se fizesse para evitar a maledicência, prosseguiria pelas ruas do diz-se, diz-se, sabe Deus aonde iria parar».

Por detrás desta pequena trama, escreve Miguel Cadilhe, «poderão ter estado algumas das pessoas que, mais tarde, movimentaram os bastidores de uma trama maior. Não admira que assim tivesse sido. Mas certezas ninguém as tem».

SIC

«Uma imagem que procuraram criar ao ministro das Finanças e família foi a de deslumbrados frequentadores da vida de Lisboa»

«Na verdade, saíamos muito pouco. Menos do que era nosso hábito no Porto»

«Nestas coisas, vistas à distância, o que conta é a regra, não a excepção»

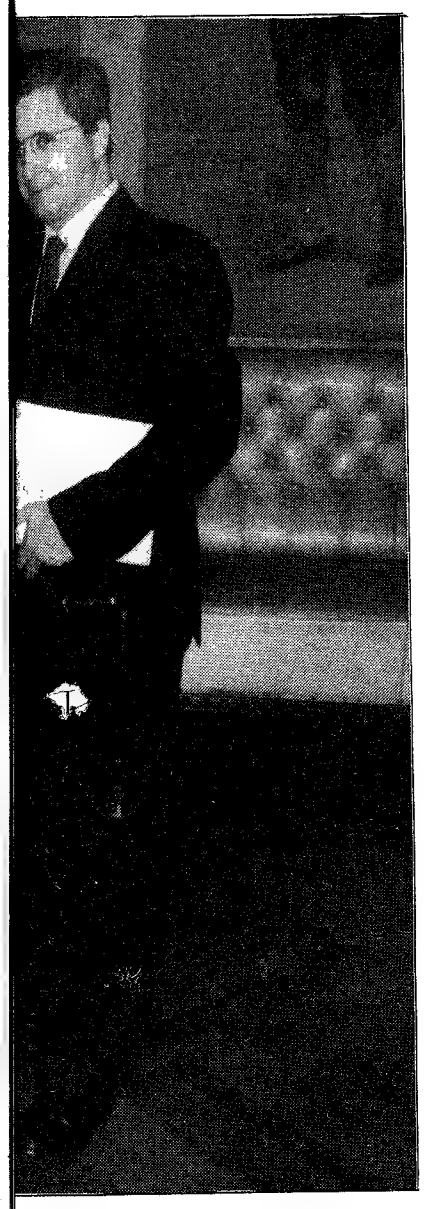
«O relatório da Comissão de Inquérito é um importante testemunho. Dir-se-á, porém, que é um documento mais político do que jurídico, por ser parlamentar»

«Ao longo de 89 houve, entre outras, três atitudes demonstrativas do estado de espírito de quem não deve, não teme»

«A política e os partidos não são tudo. E os fins, mesmo na política, não justificam os meios»

«Virar as costas à vilania, nunca o farei. Seria sinal de fraqueza, que não sinto»

«Às vezes, leva tempo a fazer-se justiça e a trazer-se a verdade ao de cima. Ademais, qualquer comentário seria supérfluo»



da culpa

ulpa o «Independente»

A carta foi publicada: «Se assim não tivéssemos procedido, a trama que, decorrido um ano, surgiu, teria encontrado um excelente caldo de cultura naquela transcrição parcial, objectivamente tendenciosa, do telefonema.»

O mínimo que se exigiria, escreve Miguel Cadilhe, de modo a que o uso do registo não degenerasse num abuso inqualificável do ponto de vista deontológico e ético, em geral, «é que os jornalistas me contactassem».

Uma coisa é quebrar, outra é torcer. Mas, nunca, favorecer quem quer que seja, muito menos grupos económicos como a Sonae

Os invértices do triângulo

A primeira grande cabala contra Miguel Cadilhe, diz o ex-ministro, durou meses entre 87 e 88. Tudo a propósito das sete polémicas OPV de empresas do grupo Sonae, estabelecendo um «triângulo de interesses» entre Belmiro de Azevedo, o Banco Português do Atlântico e ele próprio.

Cadilhe diz que a «congeminação» foi fácil. Ele era um ministro proveniente do Norte, vinha dos quadros daquele banco donde tinha trazido várias pessoas que consigo trabalhavam e o grupo empresarial em causa também era do Norte.

Um caso chamado ao Parlamento, que acabou por ser «dilucidado», segundo Cadilhe, deixando a sensação de «trama abortada».

O ex-ministro cita-se a si próprio, recorrendo ao discurso de 29 de Janeiro de 1989:

«Quem vise os fins inconfessáveis de torcer este vosso ministro das Finanças, estará totalmente enganado.

Não há pressão ilegítima que se atravesse nas minhas decisões.

Não há grupo, ou confederação, ou empresa, que entorce os meus juízos.

Desiludam-se.

Posso ser de quebrar, não sou de torcer».

Bom e mau jornalismo

«Admito não ser fácil fazer bom jornalismo.

Aceito mesmo que, para o conseguir, seja indispensável correr alguns riscos de mau jornalismo.

Mas tem de haver limites absolutos ao risco.

Saberá cada jornalista, em sua consciência, até onde pode ir. Por mim, salvo melhor opinião, não duvidaria em dizer que ultrapassa limites de ordem essencial quem, sobre o assunto sério e grave, reúna uma peças soltas, descaia perante a tentação de sensacionalismo, transcreva trechos de jornais de valia duvidosa, acrescente uns elementos de apressada investigação, e faça uma página de jornal.

É o antijornalismo - gravíssimo quando toca na dignidade das pessoas, naquilo que mais vale na vida de cada um.

Digo-o sem dramatismos. Digo-o, todavia, com uma imensa e tranquila revolta.

É paradoxal, mas é assim.

A tranquilidade vem da certeza de estar a ser alvo de uma infâmia como nunca imaginei fosse possível. E tantas tentativas, em crescendo, foram feitas ao longo destes quatro anos...

A revolta vem daquilo que mais prezo, que é a família».

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

As perplexidades de Cadilhe

SIC

«A política cambial foi conduzida de modo a repor e defender a competitividade externa, e não a forçar a competitividade externa, que o mesmo é dizer, criar proteccionismos entorpecedores da economia nacional.»

«Uma estratégia não é uma configuração exacta, de pressupostos precisos e resultados seguros. É, antes de mais, uma preconfiguração aproximativa, contingencial, adaptativa.»

«Parece que em 1985 não seria de esperar poder, um dia, vir a fazer-se um balanço global tão confortável da estratégia de progresso controlado.»

«O investimento privado constitui a principal variável macroeconómica da estratégia de progresso controlado. Entre 1985 e 1989 o investimento privado quase duplicou, em termos reais.»

«Nos primeiros anos do PCEDED os ganhos obtidos em Portugal em termos de redução de desemprego foram largamente superiores aos da CEE. Em 1989 o desemprego em Portugal está próximo do nível da taxa de desemprego natural.»

«Em nenhum período desde 1974, como nos anos 86-89, a economia portuguesa apresentou um conjunto de resultados tão favoráveis ao nível da inflação e do desemprego, quer em termos absolutos quer em termos comparativos com os nossos parceiros da CEE.»

«Há duas coisas que, por coerência, não devem ser pedidas ao Governo: uma, é que faça mais despesas; outra, é que faça menos receitas.»

Miguel Cadilhe faz o «relatório» do seu mandato na pasta das Finanças, mas ao não aprofundar a análise dos seus actos e das repercuções que eles têm no futuro fica e deixa-nos sem explicação para o pessimismo dos portugueses

Menos espontâneo, menos ousado, é Miguel Cadilhe no que deverá ser o segundo volume «A Estratégia e as Reformas Estruturais». Repositório sintético e revisto do que muito disse e escreveu ao longo do seu mandato como ministro das Finanças, falta-lhe coragem (tirando algumas tímidas tentativas de análise) de questionar um futuro que, não há qualquer dúvida, ele marcou pela sua acção passada.

É evidente que desconhecemos qual o texto final que virá a público, mas pela amostra que nos foi facultada, podemos dizer que não estamos perante uma obra (auto)-crítica. De facto, não debatendo, ao de leve que seja, as posições assumidas pelas muitas vozes autorizadas que se opuseram à(s) sua(s) política(s), Cadilhe perde a oportunidade de ser salutarmente polémico e portanto mais esclarecedor.

A segunda parte do texto disponível do seu livro pouco mais é (numa leitura minimalista, reconhecemos) do que um relatório da sua acção como ministro das Finanças. Portanto, não é um paradoxo aconselharmos vivamente a sua leitura, mesmo que não beneficie de uma maior carga crítica, pois que traça um quadro bastante claro, sistematizado e esclarecedor da política económica e financeira portuguesa de 1986 a 1989, baseada naquilo que Cadilhe classifica de «estratégia de progresso controlado».

E o ex-ministro lamenta-se que só não colheu melhores resultados porque «considerações atendíveis e respeitáveis», essencialmente de índole política, impostas pelo Governo, impediram que melhores soluções fossem aplicadas ou concretizadas na altura devida.

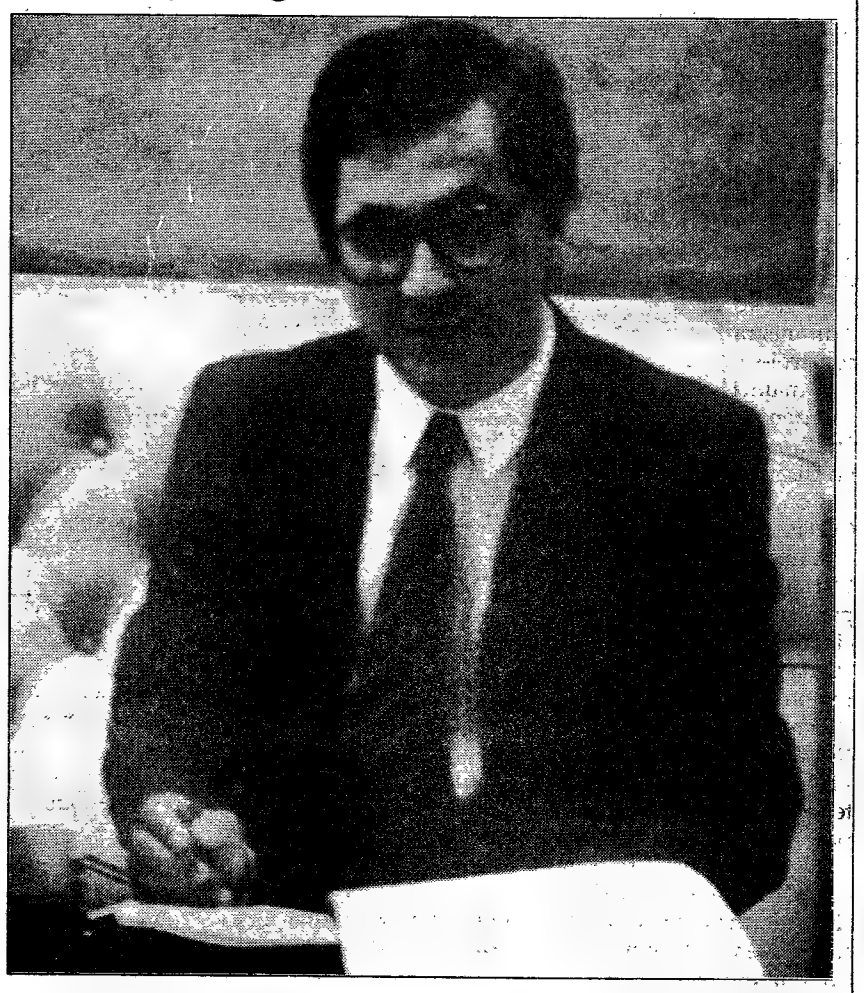
De qualquer forma fica-nos a impressão «estranha» de que o ex-ministro Miguel Cadilhe teve uma relevante acção estruturante nas áreas económica e financeira do País, não se limitando, como era convicção de muitos observadores, a actuar essencialmente aos níveis conjunturais. E daí que não possamos deixar de sentir uma certa inquietação: se assim é, na realidade e tal como nos quer provar o ex-ministro, então o que impede a modernização empresarial (em especial a indústria), o que leva a inflação a voltar a disparar, o que oprime a economia e as finanças de Portugal e dos portugueses?

Será que os empresários, os cidadãos comuns, não conseguem discernir a verdade de Cadilhe? Ele diz: «Ao longo das duas décadas terminadas em 1990, não se encontra uma série de anos como 1986-89 em matéria de resultados macroeconómicos. (...) Também não se encontra uma outra série de anos em que o País tenha assistido a um conjunto tão vasto de reformas.»

Tudo isto é verdade. Mas uma verdade frustrante, como Cadilhe reconhece ao afirmar: «Todavia, não raro assistíamos a lamentações sobre a evolução da economia portuguesa. Invocava-se, com espantosa falta de rigor, a palavra *crise* a propósito de tudo e de nada, quando se vivia numa das fases mais longas de sólido progresso em Portugal. (...) Agitava-se o fantasma da depressão, quando se estava claramente em expansão.»

Mais uma vez isto é verdade. Mas o facto é que não era apenas o cidadão ignorante das grandes questões macroeconómicas que manifestava tão negativo pensamento. Especialistas de vários quadrantes faziam-se eco das inquietações que Cadilhe agora critica (e por isso as critica). E nelas eram acompanhados por empresários e organizações sindicais.

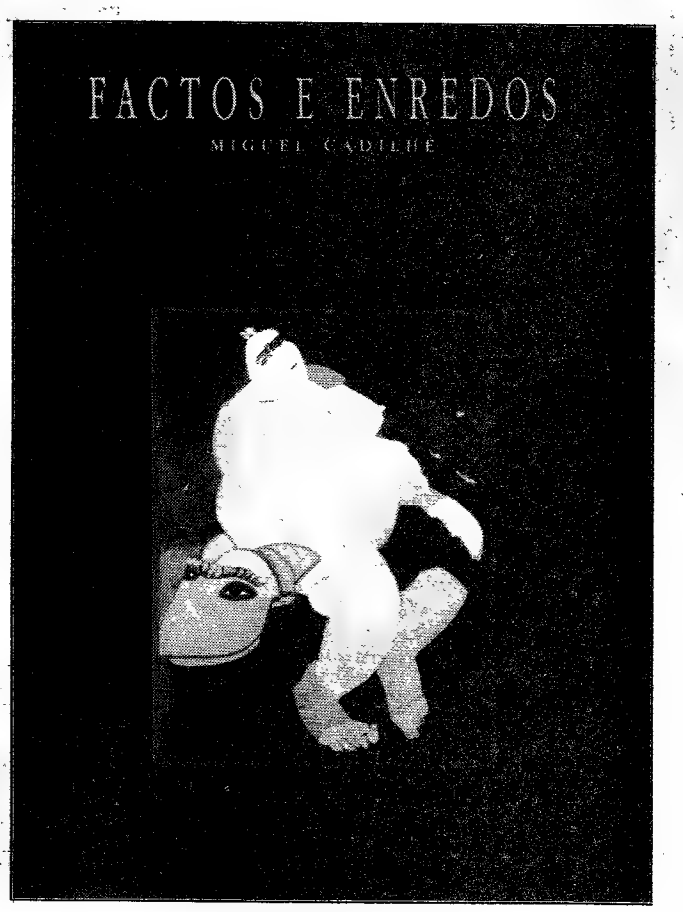
Numa coisa o ex-ministro tem razão: este clima de pessimismo influenciava negativamente as expectativas e não deixava que as medidas estruturantes manifestassem na prática todas as suas potencialidades. Daí que o ténue optimismo que, por exemplo, levou a acordos de rendimentos e preços tivesse resultado num efémero controlo da inflação. Mas desaparecida esta «fezada», logo os preços voltaram a subir. E nem os estímulos à poupança, nem as limitações ao crédito, nem a férrea mão do Governo sobre os salários que



pode, directa ou indirectamente, controlar, resultaram.

Cadilhe (tanto ele fez) não pode deixar de manifestar o seu espanto, o mesmo devendo acontecer a todos quantos venham a poder ler o futuro livro do ex-ministro das Finanças. Os salários reais aumentaram pela primeira vez em muitos anos, a inflação chegou a ter apenas um dígito, o desemprego (não falemos em qualidade) diminuiu como nunca, o investimento alcançou taxas elevadíssimas, a poupança das empresas aumentou, tal como a produção, os mercados financeiros animaram-se (esqueçamos 1987), iniciou-se o controlo do défice público, a dívida externa é nula face às disponibilidades de ouro e divisas.

Então, que raio de pessimismo é este o dos portugueses que não os deixa aproveitar este maná que Miguel Cadilhe nos oferece no seu livro? O ex-ministro, talvez perplexo, não nos dá a resposta. Será que ele se preocupou demais com a quantidade e se esqueceu da qualidade? Será que o Governo governou demasiado virado para si próprio? Será que faltaram estratégias credíveis e mobilizadoras da vontade colectiva? Será que os portugueses, destinatários, usufrutuários e beneficiários de todas as medidas, foram esquecidos? Voltando ao princípio deste apontamento: talvez com um pouco mais de determinação na análise do passado recente, do presente e do futuro Miguel Cadilhe respondesse a si próprio e aos seus futuros leitores.



Cadilhe diz que a inflação é fonte de preocupações para os políticos, por causa das... eleições. Culpa ainda a Imprensa por dela dar notícias periodicamente

Os malefícios da inflação

A inflação preocupa os portugueses. Desde sempre. E, como diz Miguel Cadilhe, «ao objectivo de controlar a inflação foi, desde sempre, atribuída uma carga política maior do que a outros objectivos igualmente importantes da acção governativa». Ela está a subir em Portugal. E isto já havia acontecido em 1989.

Esta situação preocupa o ex-ministro das Finanças, tanto mais que é, diz, «uma fonte de preocupações para os políticos. Desde logo, há eleições... E é o custo de vida que está em causa».

E, claro, para Cadilhe a ignorância das pessoas penaliza a força política que está no Governo porque elas não percebem muito bem a distinção entre reduzir a taxa de inflação e reduzir o próprio nível dos preços e, depois, não reconhecem inteiro mérito ao afrouxamento dos ritmos de elevação dos preços.

É evidente que as pessoas são «ignorantes». Elas só sabem, como é hábito dizer-se, que cada vez sobra mais mês ao ordenado. Por isso, ao contrário do que Cadilhe pretenderia, não será por se silenciar a Comunicação Social que as pessoas vão deixar de pensar (e agir) como se não houvesse inflação.

Para clarificar estas palavras demos a palavra ao ex-ministro das Finanças: «O facto de o índice de preços ser publicado todos os meses e noticiado pela imprensa, também traz à liça o sucesso ou insucesso do objectivo e das políticas anti-inflacionistas, muito mais vezes, ao longo do ano, do que acontece com outros objectivos.»

Há aqui um certo afastamento do país real. Na verdade, o que em grande parte das vezes acontece é que as pessoas, que têm de comer, de se vestir, de andar nos transportes públicos, de pagar a renda da casa, a água e luz, de arcar com a educação dos filhos e fazer face a outras despesas como as da saúde, quando lêem as notícias sobre a inflação nos jornais, exclamam: «Só? Não pode ser...»

Mas Miguel Cadilhe, no seu livro, vai-nos explicar a sua versão da história dos altos e baixos da inflação, porque é que ela, podendo estar mais baixa, está tão alta.

QUOTIDIANO

União de Sindicatos combate desfiliação

Reunida em congresso, a estrutura lisboeta da CGTP aposta na regionalização e esboça o alargamento da representatividade das correntes não comunistas na sua direcção

«O futuro aponta claramente à regionalização. O desenvolvimento, a modernização e o progresso exigem que se avance. As uniões serão, assim e inevitavelmente, quem representará os interesses de quem trabalha junto dos órgãos das futuras Regiões Administrativas, e o futuro constrói-se hoje», afirmou, esta manhã, Florival Lança, coordenador da União de Sindicatos de Lisboa (USL), no discurso de abertura do IV Congresso da estrutura da CGTP.

A intervenção do líder da USL aponta essencialmente para um dos objectivos principais do Congresso — a reclamação da urgência da regionalização do país e, concretamente, a criação da Região Administrativa de Lisboa, onde a União pretende estar representada como parceiro social.

Dignificar o factor trabalho e reforçar a actividade sindical de forma a inverter a actual tendência da diminuição do número de filados são outros dos objectivos principais do Congresso, a decorrer hoje e amanhã na Voz do Operário.

No que se refere à exigência da rápida criação da Região Adminsitrativa de Lisboa, a USL considera que um órgão dessa natureza, participado, «permite definir políticas de emprego, habitação e transportes para Lisboa e concelhos limítrofes», acabando com alguns dos actuais flagelos.

Nas restantes matérias, a União de Lisboa pretende a melhoria das condições de trabalho e combater a tendência dos últimos seis anos em matéria sindical, que se traduz pela diminuição em cerca de meio milhar de filiados nos 40 sindicatos que constituem a União. Esta quebra, segundo os seus dirigentes, deve-se sobretudo ao «encerramento de um conjunto significativo de empresas de metalurgia, escritórios, comércio e serviços no distrito de Lisboa».

Federações/Uniões: «guerra» continua

No seu discurso, Florival Lança põe o dedo na ferida, ao referir-se às «guerras» internas na CGTP entre as Uniões e as Federações, assunto que já no último Congresso da central gerou grande polémica.

«Do ponto de vista da USL, não há a mínima confusão sobre a importância do papel e lugar que as federações ocupam na estrutura da CGTP», afirma o dirigente. Recorda que reforçaram com quadros seus três federações, concluindo: «O mesmo não se passa no sentido inverso», quando «invocando o papel secundário e sem importância que atribuem à USL, quadros altamente responsáveis de algumas federações, manifestando um espírito fortemente corporativista, obstaculizam soluções que seriam excelentes contributos para um reforço do movimento sindical unitário no seu todo».

«Quero aqui salientar que o preconceito existe, ganha formas que urge denunciar, no sentido de provocar a discussão que conduza ao esclarecimento e resolução dum problema de que não são certamente os trabalhadores os seus beneficiários».

Florival Lança

Críticas à acção do Governo e o apoio claro à coligação que preside à Câmara Municipal de Lisboa marcaram ainda a intervenção do líder da União de Lisboa.

Num discurso aberto, Florival Lança fáz o balanço de três anos de acção sindical, marcada por acontecimentos com «incidência directa na vida e na actividade sindical no nosso distrito»: as eleições de Julho de 1987 que deram a maioria absoluta ao PSD, a entrada da CGTP no Conselho de Concertação Social, a greve geral de 1988, que marcou a convergência de acção entre as duas centrais e o VI Congresso da CGTP.

A alteração do quadro político teve amplo reflexo na estrutra da União, o que provocou intensa discussão, e demosntrou que «a acção sindical não seria mais a mesma que até então», afirmou esta manhã Florival Lança, acrescentando: «o dia a dia dum quadro sindical passou desde então a ser diferente, mesmo que ainda hoje alguns o não tenham entendido».

E especificou: «Mais estudo, maior atenção ao movimento sindical como um todo que se articula e complementa, a consciência de que não estamos sozinhos no mundo sindical, uma nova postura mais proponente, mais ofensiva se quisermos, mais qualificada, foi o que passou a ser exigível a todos os quadros sindicais».

Através do seu discurso, o coordenador dá a entender os conflitos internos que existem na USL e a tentativa de abertura que a União pretende, no sentido de modernizar a sua acção perante as mutações que se estão a operar.

Isso mesmo se pode verificar na lista única que concorre à direcção da União onde, apesar de se manterem todos os dirigentes mais representativos, há uma renovação de quadros através da substituição de 25 elementos. E as correntes minoritárias aumentam a sua representatividade (de 17 para 21 elementos), em detrimento da corrente comunista: mais dois socialistas (Augusto Pascoal e outro dirigente ainda não defenido), um representante da UDP (Timóteo) e outro do PSR (Rocha Moreira).

«Entendemos que devemos alargar progressivamente a mais correntes e aquelas que são mais representativas, de forma a que o Conselho espelhe a realidade do distrito», afirmou ao DL Florival Lança.

E.A.

MALHAS DA JUSTIÇA

Antes o peso das baterias

Jorge Manuel levantou-se, tal como mandam as regras e dispôs-se a responder ao juiz, com verdade. Por isso, ignorou o apelo (ou seria conselho ?) do pai, um guarda prisional sentado logo atrás, no banco corrido do Tribunal.

«Diz que estás desempregado», sussurrou-lhe, antes que o juiz começasse o interrogatório.

— Nome ?

Num fio de voz, quase inaudível, a resposta: «Jorge Manuel».

— Idade ?

A medo, Jorge balbucia: «19 anos».

— Profissão ?

Sem hesitações, o réu confessa: «mecânico».

O pai encolhe os ombros, resignado e o julgamento prossegue.

Apanhado a conduzir sem carta, explica-se. «Ia experimentar o carro quando me mandaram parar...». O juiz interrompe-o.

— E o cliente sabe ?

— O carro é meu.. — Nova interrupção.

— Você não pode guiar sem carta. Para que quer o carro ? A não ser que tenha motorista...

— Tinha duas baterias para levar para casa e pesavam muito...

O guarda que o interceptou é chamado a testemunhar. Garante que Jorge andava às voltas pelo bairro, aos ziguezagues, com passageiros — de baterias não sabia nada — que desataram a fugir mal lhes cheirou a encrenca.

Jorge está envergonhado. Meteu os pés pelas mãos, no Tribunal como ao volante, ziguezagueou.

— Quer dizer mais alguma coisa ?

Jorge não responde, limita-se a acenar e o juiz insiste: «Não é bom ser julgado, pois não ? Imagine o seu pai a guardar e você a ser guardado».

Silêncio. O magistrado dá-se finalmente por satisfeito e Jorge abandona a sala de audiências, cabisbaixo, carregando com ele o peso do seu «baptismo» no Tribunal da Polícia.

Emília Trindade

Nova central digital conclui plano dos TLP

A entrada em funcionamento da nova central digital do Campo Pequeno, cuja inauguração se realiza hoje, representa a conclusão do plano inicial dos TLP relativo à digitalização das centrais de trânsito na área da Grande Lisboa.

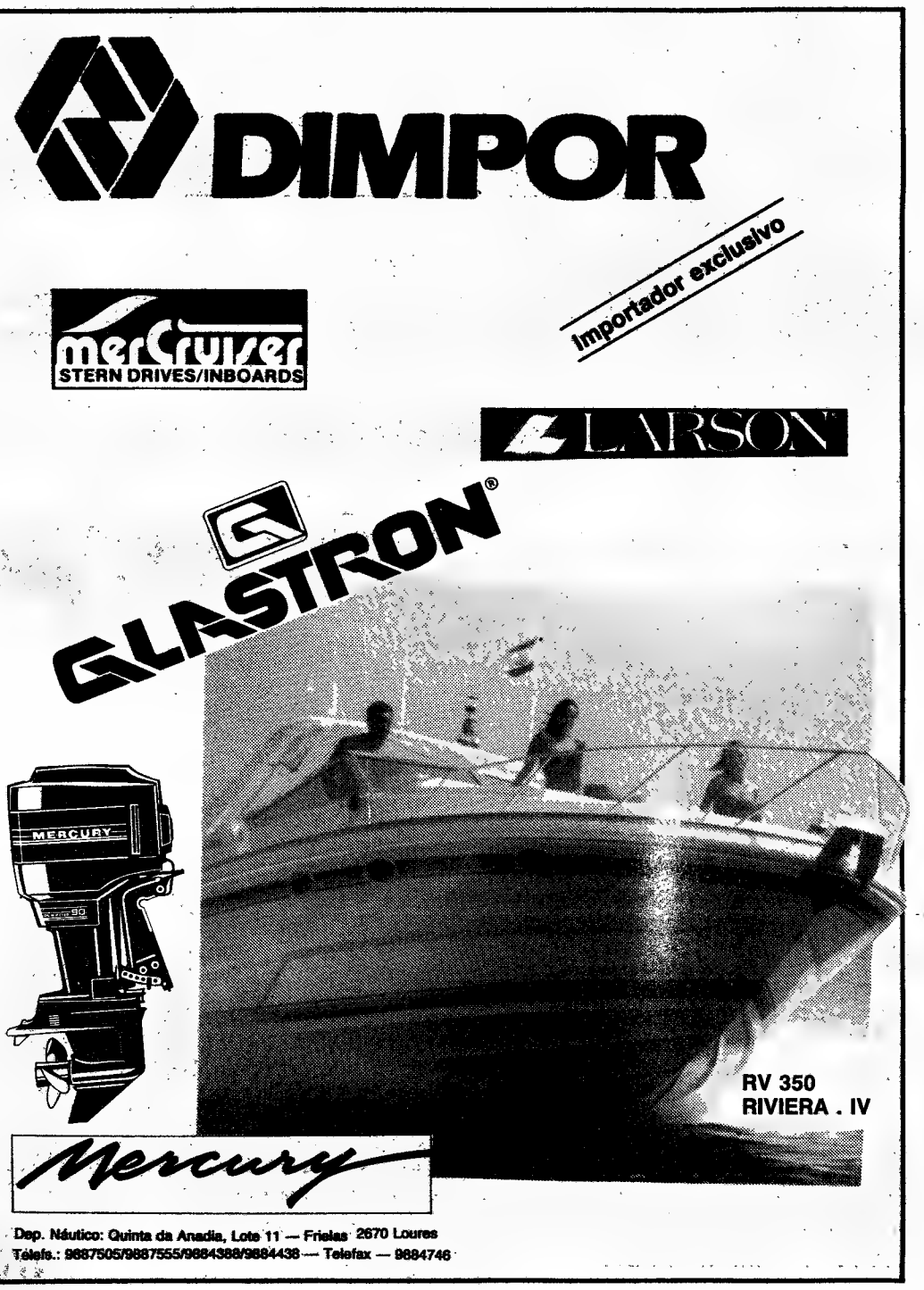
A nova unidade, com capacidade para 12544 linhas de rede, permite a ligação de cerca de três mil novos assinantes. Garante, ainda, a função de distribuição de trânsito de entrada do tráfego da linha de Loures para Lisboa.

Diversas centrais dos arredores de Lisboa, nomeadamente de Odivelas, Póvoa de Santo Adrião, Loures, Santo António dos Cavaleiros, Tojal e Bucelas e ainda várias instituições bancárias e empresas localizadas no Campo Pequeno beneficiarão desta central.

Joaquim de Almeida Mendes

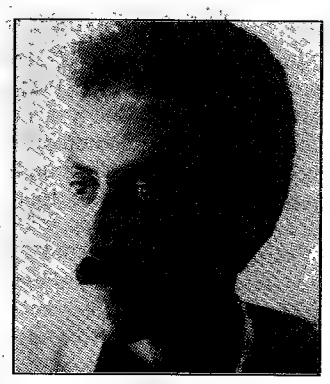
Uma missa de sétimo dia foi celebrada, ontem, na igreja de S.Paulo, em Lisboa, por alma de Joaquim de Almeida Mendes, um velho homem de 82 anos, que, embora natural de Arcozelo da Serra, era uma figura muito popular do Bairro Alto. Deixa viúva a sra. D. Alzura Ventura Trindade Mendes e era pai das sras. D. Maria do Carmo Mendes Oliveira, D. Emília Mendes Rodrigues, D. Maria Rita Pereira, D. Rosalina Mendes Serrado e D. Lurdes Mendes Abreu; e sogro dos srs. António Oliveira, Vasco Rodrigues, Agostinho Serrado (residente em Nova Iorque), Armando Abreu e João Pereira.

A toda a família enlutada, especialmente a João Pereira (Simão), profissional de tipografia de vários jornais lisboetas, o «DL» endereça os seus sentimentos.



Todas as semanas

Goucha na cozinha para todos



«Bicho de cozinha», Manuel Luís Goucha deixou-se de actividades teatrais e jornalísticas. Agora, a sua escrita e a sua comédia são ao forno, à sertã, até mesmo à deslavada panela de pressão. Crítico de culinária, *gourmet*, Goucha decidiu-se a expor, agora, as suas sugestões de «chefe» indesmentido através de uma publicação semanal, intitulada «O Prazer de Cozinhar», lançada no final da última semana pela «Difusão Cultural»

O autor começa por nos oferecer um ficheiro onde arquivar as fichas a publicar semanalmente, nas quais se podem encontrar todas as hipóteses de pratos imagináveis, acompanhados, para os novatos na arte, de um ABC de segredos básicos, de um vocabulário dos termos especializados, dos temperos, das ervas aromáticas e das especiarias. Os vinhos mais aconselháveis também são indicados, ficando-se a saber «dicas» e truques ciosamente guardados e alguma coisa sobre a história dos pratos e dos produtos consumidos.

A proposta de Goucha é a de uma boa receita para um livro de cozinha diferente e, pela primeira experiência, o sabor é aconselhável.

Marisco acorda Sesimbra para época balnear

Amêijoa e mexilhão são reis , mas por que não provar uma feijoada de camarão?

Mexilhão, tamboril, santola, sargo e a amêijoa vão ser vedetas em Sesimbra,de 31 de Março a 8 de Abril, durante a Festa do Peixe e do Marisco, que os promotores esperam vá animar consideravelmente aquela vila piscatória. Será, na opinião da vereadora Odete Graça, «uma simbiose entre o turismo e a pesca», os dois temas fundamentais de Sesimbra.

É a quarta vez que se promove este festival, iniciado em 1986, e que tem sido acompanhado pelas «caldeiradas», integradas nas festas dos Santos populares, e por uma «Semana do Espadarte», no final da época balnear.

Este ano, o patrocínio cabe, a par da Câmara Municipal daquela vila, à Associação de Promoção Turística e Gastronómica do Concelho. Esta entidade já existia há anos, apenas com a designação de comissão, mas acaba, há escassos dias, de ganhar a sua personalidade jurídica. É uma associação inédita no país. Existem semelhantes, mas cujos associados são gastrónomos e interessados no temas culinários; mas esta é a primeira a surgir, constituida por restauradores e hoteleiros. «Essas outras associações surgiram para exercer uma certa vigilância sobre o que se produz nos restaurantes; nós entendemos que essa vigilância cabe, em primeiro lugar, aos próprios restaurantes», afirma um dos responsáveis.

E a Festa do Peixe e do Marisco visa, precisamente, a preservação e recuperação de receitas tradicionais. Aqui se apontam alguns dos pratos em que os visitantes poderão exercitar a sua gula durante a próxima semana : salada de búzios e canivetes, salada de ovas de pescada, salada de mexilhão, carapau em vinha de alhos,salada de polvo, pastelinhos de abrótea (que passam bem por pasteis de bacalhau), filetes de peixe-espada preto, lagostins da pedra, almofadinhas de lulas, sopa de peixe, com massa ou com pão (ao gosto do interior do concelho ou da zona da costa). Tudo isto servido em 37 restaurantes (um recorde para a iniciativa) e também — aos preços do custo — numa tasquinha especialmente montada no largo da Marinha. Paralelamente, decorrerá uma mostra de queijos e vinhos da região, no último dia da Festa, no Clube Sesimbrense. Haverá ainda dois concertos, um espectáculo de música popular portuguesa, a exibição de um grupo de dança, cujo repertório inclui números ligados ao mar. Ainda provas desportivas, um concurso de pesca, a «corrida da bandeja», novidade local, e a exibição do filme «Vertigem Azul», também alusivo ao mar.

Amêijoas e mexilhão são os principais intérpretes deste Festival, mas Sessimbra é o mar e tudo o que de lá vem. E tudo isso aguarda os visitantes, que se prevêem numerosos.

R.A.

Lotaria Nacional

NUMEROS PREMIADOS

08 633 - 70 000 contos
41 475 - 12 000 contos
52 279 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

08 632 - 750 000$00
08 634 - 750 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

41 474 - 350 000$00
41 476 - 350 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

52 278 - 157 250$00
52 280 - 157 250$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

04 881, 15 369, 21 193, 24 331, 24 574, 25 020, 27 135, 43 375, 58 418 e 61 447.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1 000 000$00 - 1 213 Fracção nº 9
300 000$00 - 633
60 000$00 - 475
30 000$00 - 279
15 000$00 - 140, 164, 178, 576 e 643.
7 000$00 - 3 e 5.

PREMIOS DE CENTENAS

20 000$00 - 08 601 a 08 700
12 500$00 - 41 401 a 41 500
10 000$00 - 52 201 a 52 300

CENTRO MÉDICO E DENTÁRIO

COSMÉTICA E ESTÉTICA DENTÁRIA

DENTES FIXOS E MÓVEIS (Prótese fixa adesiva)

•ORTODÔNCIA• RX• ULTRA-SONS
•OBTURAÇÕES A ULTRA-VIOLETAS
•DOMICÍLIOS A PESSOAS INCAPACITADAS
CLÍNICA GERAL
HORÁRIO: 9 às 13 e 15 às 20h.
(Atende sem marcações casos urgentes)

cmsg

Av. Guerra Junqueiro 5 – r/c
Tel.: 84 88 158
(Metro Alameda)

DN/José Maurício

Na sala da cisterna do Castelo de S. Jorge, de copo na mão, os irmãos fundadores preparam-se para fazer a sua «promessa»

Como levar o vinho ao seu copo ?

A Colegiada dos Enófilos de S. Vicente tem todas as respostas

Teve honras de Castelo de S. Jorge e da igreja de São Vicente de Fora a investidura dos primeiros irmãos da Colegiada dos Enófilos de S. Vicente, agora com estatutos registados em cartório notarial, depois de um longo e cansativo processo de consultas, encontros e debates por parte de um grupo de individualidades intimamente ligadas aos problemas da vinha e do vinho.

E as honras eram merecidas, porque, se existem já algumas confrarias dispersas pelo país, estas estão apenas vocacionadas para a defesa e promoção de vinhos de um determinada região. A Colegiada dos Enófilos de S. Vicente alarga os horizontes e tem como objectivo «a defesa, o prestígio, a valorização, a promoção dos vinhos portugueses de qualidade de todas as Regiões Vitícolas do País».

Um grupo animador, na prática a comissão organizadora, desenvolveu os trabalhos preparatórios. Dele faziam parte Carvalho Ghira, presidente do Instituto da Vinha e do Vinho, Jorge Martins, Nelson Heitor, director da revista «O Escanção», Manuel Esquível, Justino Ramos, Ponte Fernandes, presidente da Câmara de Provadores do I.V.V. e o jornalista José Estêvão.

Trazer a Lisboa as regiões vitícolas portuguesas e levar a Colegiada a essas mesmas regiões vai ser a motivação essencial desta nova organização, por meio da realização de encontros enófilos e gastronómicos anuais, pela promoção de jantares de vinhos em Lisboa e em todo o País, pela realização regular de visitas de estudo, de palestras, de provas de vinhos, e ainda por uma colaboração estreita com organizações técnicas, científicas e empresariais ligadas ao vinho e pela edição de documentos relativos à especialidade.

Uma certa solenidade foi emprestada à organização, que herda terminologias de agremiações semelhantes de tempos idos: o directório dos notáveis, capítulo geral, colégio dos inquiridores e conselho dos anciãos. E a investidura dos associados exigiu cerimonial não menos solene, em que os candidatos, antes de receberem os seus diplomas, deveriam responder pela afirmativa a três promessas: honrar o vinho de Portugal, apreciando e divulgando as suas qualidades, dignificá-lo consumindo-o com moderação e privilegiar o vinho entre todas as bebidas, sobretudo a água.

Provisoriamente, enquanto a Colegiada não puder dispor de instalações próprias, A Associação dos Escanções de Portugal disponibilizou o espaço da sua nova sede para o seu funcionamento.

R.A.

Cozinheiro português é segundo na Europa

Luís Alves, o chefe de cozinha do Clube Mimosa Hotel, no Monte Estoril, acaba de conquistar um excelente segundo lugar na concurso *Tocco Bianco* , que reuniu no célebre restaurante La Rotonda, de Turim, mais de 150 grandes especialistas europeus, representando a Alemanha, Bélgica, França, Grã-Bretanha, Itália, Luxemburgo, Mónaco e Suíça. O chefe Luís Alves obteve um segundo posto em todas as cinco categorias de provas (entradas, peixe, carne, prato típico e sobremesa) e ainda o primeiro lugar entre os pratos típicos.

A competição, uma das mais importantes ao nível europeu, é organizada pela União Piemontesa de Chefes de Cozinha, com a colaboração da Ordem Mundial dos Provadores e tem o apoio da Associação Nacional dos Jornalistas de Gastronomia de Itália.

Luís Alves, o único representante português, apresentou a concurso uma selecção de terrinas Europa, como entrada; uma combinação de truta salmonada com lagosta, para os peixes; codornizes recheadas com bacalhau, nos pratos de carne; uma cataplana de carne de porco com ameijoas, entre os pratos típicos; e, como sobremesa, lampreia de ovos.

Este mesmo chefe cozinheiro preside à Quinzena da Truta, que está a decorrer naquele complexo turístico até 11 de Abril.

ECONOMIA

«Reforma Sapateiro» será transitória

Mercado de capitais irá ter legislação consentânea com a CEE, segundo o «patrono» da nova legislação

Transitória, foi como José Luis Sapateiro classificou a reforma do mercado de capitais, que presidiu à comissão que a preparou. Esperada há muito por correctores e outros agentes económicos, deverá entrar em funcionamento a partir de meados deste ano, com aplicabilidade até 1992, altura em que, segundo o jurista, todo o espaço comunitário deverá ter um único mercado que ligue as bolsas dos países da CEE.

A «Reforma Sapateiro», como é conhecida desde há longos meses, irá regulamentar o mercado de capitais de forma mais consentânea com a situação portuguesa, conforme afirmou recentemente ao «DL » o corrector Pedro Caldeira. Ela permitirá que o mercado português, por enquanto regido pelo decreto-lei 8/74, se prepare, adquirindo conpetitividade para se afirmar como alternativa real no mercado comunitário. O referido decreto foi classificado por Luís Sapateiro como inadequado à realidade nacional.

Presentemente a esperada «Reforma Sapateiro» está pronta e a aguardar a aprovação em Conselho de Ministros, para promulgação pela Assembleia da República. Segundo o seu «promotor», terá um papel relevante na nova legislação quanto à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM).

Conforme disse José Luís Sapateiro, durante um encontro promovido em Espinho pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Economia do Porto e pela Associação Portuguesa de Analistas Financeiros, a CMVM será independente e autónoma em relação ao Governo e dela farão parte, para além de representantes dos vários intervenientes no mercado, cinco membros inamovíveis, nomeados por cinco anos pelo Governo.

Bolsa de Valores: todos esperam a reforma

No que se refere ao funcionamento do mercado, Luis Sapateiro referiu como as maiores exigências, o facto da reforma prescrever a quantidade e qualidade da informação que as empresas emitentes dão ao mercado e visar que seja possível que haja maior número e mais fortes intermediários financeiros que preencham o papel de «market makers», isto é, sociedades correctoras e financeiras de corretagem que assegurem a liquidez do mercado.

A nova reforma contempla, para além das operações a contado - as únicas permitias pela decreto-lei 8/74 - igualmente as operações a prazo e sobre fundos e opções, enquanto que o «short selling» será objecto de regulamentação, tal como o mercado fora da bolsa, que efectua cerca de 60 por cento do total de negócios mobiliários.

Sobre este tema disse Luís Sapateiro que as instituições financeiras só poderão efectuar operações internas, estando obrigadas a comunicá-las imediatamente ao mercado, através de uma rede informática integrada em tempo real.

Garantias

O jurista referiu-se igualmente ao papel do Banco de Portugal, a quem competirá, conforme disse, garantir a solvabilidade e liquidez dos intermediários financeiros. Adiantou que, no que se refere à legislação sobre as OPA's, haverá um fundo de garantia destinado a proteger os interesses dos investidores e a regulamentação das sociedades de «rating».

Também a criação do segundo mercado, para pequenas e médias empresas, preconizado e desejado de há muito, foi um assunto abordado, tal como a repressão do «abuso de informação», o denominado «inside trading», que terá sanções que podem ir até dois anos de prisão.

BREVES

Modernização da EPSI com capitais da Neste

A Empresa de Polímeros de Sines (EPSI) vai receber um investimento, nos próximos dois anos, de oito milhões de contos, a ser feito pela companhia finlandesa Neste Chemicals, que comprou a empresa portuguesa em Julho do ano passado.

A informação foi tornada pública por Erkki Limatainen, administrador delegado da Neste, que igualmente se pronunciou sobre o plano de acções que vão ser postas em prática na EPSI. Conforme disse, os oitos milhões de contos destinam-se a aumentar a capacidade de produção de fábrica de polietileno de alta densidade, estando prevista a sua modernização, com vista ao aumento e melhoria da qualidade do produto. Uma novidade, será a instalação da uma sauna finlandesa na empresa.

Empresários portugueses vão à Austrália

Portugal vai ter o estatuto de convidado de honra no próximo Sidney Royal Easter Show, que decorrerá na Austrália, no próximo ano. A missão empresarial portuguesa será chefiada por Rocha de Matos, presidente da AIP, que se reuniu com o embaixador australiano, num encontro preparatório da visita.

O certame é organizado pela Royal Agriculture Society e é tido como o mais importante acontecimento do hemisfério sul, sendo a deslocação da missão portuguesa resultado de contactos da AIP com a Confederação Australiana da Indústria e com grupos de empresários portugueses radicados naquele país.

Modificações na direcção do Chase Manhattan

O Chase Manhattan Bank, um dos primeiros bancos a abrir uma sucursal em Lisboa, tem novo director geral. Trata-se de Fernando Pereira Coutinho, anterior membro do conselho de gestão do Totta e Açores, director do Barclays e da Finantia e que substitui Dias Sequeira, deslocado para outro país.

Este banco, que opera com as grandes empresas portuguesas e multinacionais instaladas em Portugal, está a manter uma linha de especialização por sectores industriais e vai apostar no «investiment bank», capitalizando sobre a experiência obtidas noutros países com sistemas financeiros mais avançados.

TAP diversifica carreiras

A transportadora aérea nacional diversifica as suas carreiras. São Francisco, Barcelona, Dublin e Paris são destinos dos voos da TAP, no que é considerado como o aumento da oferta de serviços e da capacidade de resposta.

No que se refere a São Francisco, a TAP vai efectuar, de 15 de Abril e até final de Setembro, voos regulares, via Terceira, aos domingos, com o objectivo de responder ao aumento da procura durante o Verão, o que irá complementar a linha Lisboa-Los Angeles.

Também em Abril a TAP passará a efectuar voos diários entre a capital e Barcelona, com o objectivo de aumentar, de cinco para sete, a frequência das ligações entre as duas cidades, que no ano passado teve um volume de 40 mil passageiros.

Por outro lado, desde o passado dia 26 que a companhia está a efectuar voos directos entre Lisboa e Dublin, duas vezes por semana, a fim de dar maior capacidade de resposta ao mercado irlandês, que tem boas perspectivas de crescimento, com destaque para o turismo religioso.

Uma nova carreira foi aberta também a 26 de Março. Trata-se da ligação Faro-Paris, em voos directos, às segundas-feiras e sábados. Com esta linha a capital algarvia passa a dispor de voos directos para as principais cidades europeias originárias de tráfego, sendo dada resposta ao crescente volume de passageiros franceses para Portugal, visando principalmente o mercado turístico.

Região Oeste avança na formação turística

Sensibilizar os empresários da Região Oeste para a formação na área turística é o objectivo do seminário a realizar pelo Núcleo Empresarial da Região de Lisboa (NERLIS), na próxima segunda-feira, no Vimeiro.

Para este núcleo empresarial, o seminário tem «particular importância, já que está em curso uma campanha de desenvolvimento desta indústria, especialmente na vertente "turismo de qualidade"».

João Lourenço Vieira, secretário do NERLIS, disse ao «DL» que esta acção deverá ser seguida por uma outra especialmente dedicada aos apoios e incentivos ao investimento na indústria turística, facto de particular relevância, já que o Oeste é deficitário em termos de oferta nesta área.

No seminário, além da formação, será também analisado o turismo sob uma perspectiva regional.

A organização deste seminário, segundo os promotores, insere-se na política de «atento apoio» aos problemas que, nas diversas áreas de intervenção económica, afectam o tecido empresarial do distrito de Lisboa, em particular naquela região.

Segundo João Vieira, o Oeste é uma das zonas mais desguarnecidas do distrito e uma das que mais preocupa o NERLIS, o que, de resto, já motivou a ocorrência de diversas acções destinadas aos agentes económicos locais.

Esta iniciativa conta com o apoio da Região de Turismo do Oeste, das Câmaras municipais da Lourinhã e de Torres Vedras e da Caixa Geral de Depósitos.

Entre os intervenientes, contam-se técnicos oriundos da Direcção-Geral de Turismo, do Instituto de Formação Turística, do Instituto de Emprego e Formação Profissional e daquela Região de Turismo.

Redacção "DL"

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$15	54$15
ALEMANHA FED. (marco)	87$35	88$55
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$033	4$283
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$35	128$85
(notas de 5 a 1000)	126$85	129$35
DINAMARCA (coroa)	22$90	23$30
ESPANHA (peseta)	1$329	1$449
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$60	152$10
(notas de 5 a 1000)	149$10	152$60
FINLÂNDIA (marka)	36$95	37$55
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$60	78$70
IRLANDA (libra)	235$05	239$05
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$903	$958
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	243$25	247$75
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	98$60	100$10
VENEZUELA (bolívar)	2$705	3$505

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA

olhar de mocho

O lado chato

Quem frequenta os comboios da linha de Sintra e durante a viagem para Lisboa, tem uma «televisão» de borla e sem pequeno ecrã, a janela da carruagem que proporciona degradantes imagens dos bairros de lata onde vivem os terceiromundistas residentes nas nossas zonas, ou quem aterra na Portela, e na aproximação à pista, tem de passar também por essas filas de miséria - as mesmas paisagens de sub-humanismo social, cultural e económico, quando chega a casa, gostaria de se divertir com um bom policial ou uma discussão de alto nível. Mas a Televisão também tem o seu lado chato: informar sobre a miséria, fazer reportagem da pobreza, nossa parceira social. É uma chatice termos de conviver com a miséria, é uma chatice a confrontação com a pobreza degradante, mas a verdade é que a realidade social, sobretudo a que é nossa vizinha do dia-a-dia, pertence ao miolo da Televisão. O contrário seria a Mitra para onde o Salazar enviava para morrerem numa espécie de Auschwitz lusitano de brandos costumes e sem gás, todos os pedintes que a Polícia topasse a servirem-se das ruas de Lisboa. A reportagem do 2 de ontem, sobre as criancinhas cabo-verdianas e ciganas, os problemas dos ghettos, o racismo de brandos costumes, teve o grande mérito do paradoxo: foi uma boa reportagem, o filme da Margarida Metello é adulto e profissional, e confrontou-nos com a realidade que faz parte da obrigação do bom jornalista. Em democracia a televisão não pode ser só Dallas.

Mas a discussão que se seguiu é que não tem ponta para pegar: foi só chatice sem o aliciante do paradoxo. Em primeiro lugar, o problema ficou esgotado com a passagem do filme da reportagem. No filme ficou tudo dito e esclarecido - ninguém precisa de mais pontos e vírgulas para se dar conta do problema. Em segundo lugar, a moderadora veio com a ingenuidade própria das estrelas da nossa RTP, pretender discutir a pobreza, a miséria, o racismo. Em terceiro lugar, pretendeu convencer-nos que no Portugal que temos, problemas desta dimensão se poderão resolver sem alterar o resto, e um dos restos desse resto, seria, por exemplo, varrer à porta da sua casa, para que a televisão fosse mais parecida com a dos outros países onde o problema em causa está mais mitigado. E finalmente, deixem-se de messianismos estéreis. O problema da pobreza, da miséria, dos cabo-verdianos emigrantes é chato, humilha-nos e é incómodo. Mas por amor de Deus, não nos venham impingir moralejas fáceis, oferecendo aspirinas para curar cancros.

Teremos de aceitar que a Televisão tem um lado chato quando assume a tarefa de informar e o objecto dessa informação é a miséria reinante. Mas não está escrito em nenhum compêndio que a TV tenha necessariamente de ser duplamente chata. O açoriano Antero já disse o principal sobre as causas das nossas misérias sem transformar a chatice numa dupla chatice.

José Sousa Monteiro

Ciclo de conferências sobre o século XVIII terminou, ontem, no Centro Nacional de Cultura

Maria, a louca

Por trás de uma rainha louca há pelo menos meio milhar de diligentes cortesãos. Foi assim na corte de Joana, primogénita dos Reis Católicos e tê-lo-á sido no Paço de Queluz na época da nossa desequilibrada privativa: D. Maria I, rainha de Portugal por obra e graça de um acaso que a tornou filha do senhor D. José. Ontem, ao fim da tarde, no Centro Nacional de Cultura, o ciclo de conferências «Portugal no olhar dos outros» foi encerrado com uma comunicação de Zília Osório de Castro acerca do ideário político produzido por estes cortesãos e por esta rainha nos anos que fecharam , com uma nota de conservadorismo, a centúria que, noutras paragens, fora uma época de afirmação racional.

Para a autora da comunicação, o governo de D. Maria I, aclamada em 1777, não trouxe quaisquer rupturas de vulto relativamente ao reinado paterno. É uma tese polémica. Mas Zília Osório de Castro avança na análise dos factos políticos e sustenta que só o Marquês de Pombal foi posto em causa. Os seus auxiliares e entre eles o seu próprio filho, seriam mantidos nos cargos públicos ocupados até ao afastamento do ministro de D. José. No entanto, a autora não se fica por aqui; investe na defesa da actuação de uma figura histórica denegrida como D. Maria e louva a tolerância da rainha piedosa para com as vítimas de Pombal; enaltece as obras da Basílica da Estrela e sublinha a moderação que teria inspirado ao governo. Sabe-se que não é isto que o português medianamente conhecedor da História pensa da filha de D. José. Para este, ela é sobretudo Maria, a Louca; boneca de porcelana, movida a contento do clero num cenário de opereta.

Francisco Paraíso

Zília Osório de Castro: o ideário político de D. Maria I passava pela humanização

Tal não é, de resto, uma perspectiva que a distância imposta pelos dois séculos entretanto decorridos, haja condicionado. Ao assistir à cerimónia de aclamação da rainha, o inglês Walpole notava que ela lhe parecia tímida, de fraca vontade e dominada pelo clero. Um observador francês que poucos meses depois passava por Lisboa, foi ainda mais cáustico ao escrever: «O confessor fá-la empregar em actos de piedade e de penitência, um tempo que ela poderia administrar de forma mais útil para felicidade do povo». A evidente simpatia de Zília Osório de Castro por D. Maria I, cuja memória histórica a docente da Universidade Nova parece empenhada em reabilitar, fê-la descuidar estes aspectos obrigatoriamente constantes de uma análise, ideológica ou não, dos cerca de quinze anos de governo pessoal da rainha. A tese da continuidade aplica-se ainda, segundo a comunicação ontem apresentada no Centro Nacional de Cultura, ao ideário político do reinado.

Como D. José, D.Maria é herdeira de um conceito de soberania que encara o rei como algo de absolutamente vital ao funcionamento do aparelho político. Ele é o combustível que abastece a máquina e a comida que alimenta o corpo. Sem rei, como dizia Pessoa, não há lei, não há Estado, nem possibilidade de protecção. Para os súbditos dos vários reinos europeus dos séculos XVII e XVIII, o soberano é também o grande pai comum, cuja missão, concedida por Deus, reside na felicidade comum.

Com o advento de D. Maria I todas as possíveis mudanças do ideário político vão ser limitadas a uma (discutível) humanização das relações mantidas entre a soberana e os seus súbditos. O poder do rei continua a cobiçar as prerrogativas divinas e a transmitir-se hereditariamente, mesmo que um viajante britânico em Portugal não se canse de louvar as virtudes da monarquia electiva.

Para Zília Osório de Castro, a origem do poder regio durante o período de governo de D. Maria I situa-se já a meio caminho entre a inspiração divina e a importância da comunidade, cujos direitos eram teoricamente aceites pela monarquia. De outro modo, como explicar a representação iconográfica da soberana, com as actas das Cortes de Lamego entre as mãos?

Num século em que esta assembleia fora convocada para confirmação dos herdeiros da Coroa, não deixa de ser curioso que monarcas, cortesãos, teóricos do poder lhes atribuam tamanha importância. Ribeiro dos Santos, por exemplo, reconhece aos povos aprimidos o direito de convocar Cortes e de decidir do seu destino.

É possível que também os ventos do pensamento iluminista começassem a soprar em Portugal. Jose de Castro, ao proferir um discurso na cerimónia de aclamação de D. Maria I, parece crer nas capacidades dos homens do seu tempo e exorta os povos a responsabilizarem-se um pouco mais pela conquista da felicidade que até então se esperara da dinastia.

Não obstante, a aclamação da filha de D. José continuava a ser um espectáculo barroco, oferecido a Lisboa a partir de uma varanda do Paço, como o faria qualquer rei absoluto do século XVII.

Maria João Martins

Teatro S.João, no Porto, defendido pela SEC

A comissão nacional para as comemorações do centenário de Camilo Castelo Branco será presidida pelo escritor Mário Cláudio, segundo anunciou ontem no Porto o secretário de Estado da Cultura. Pedro Santana Lopes revelou também a disposição do Estado em defender o Teatro S.João e a transferência das obras do Museu Nacional de Arte Contemporânea de Lisboa para a Casa de Serralves.

Relativamente ao Teatro S.João(actualmente utilizado como cinema), Santana Lopes disse que a SEC dispõe de"um quinhão considerável para a aquisição", esperando, contudo, que a Câmara e os agentes económicos nisso se associem e que os actuais proprietários adoptem uma atitude colaborante.

O teatro S.João, um das mais belas salas de espectáculos do país, poderia destinar-se a espectáculos oriundos de fora da cidade.

O secretário de Estado da Cultura, sobre subsídios ao teatro, disse que "acabou o princípio de privilegiar as companhias de Lisboa",declarando que ia prestar apoio a actores e grupos que pretendam apresentar-se no Porto. De futuro -disse ainda- deverá haver pelo menos uma companhia de teatro subsidiada na cidade.

Em relação aos equipamentos e espaços, Santana Lopes reafirmou a utilização do Auditório Nacional Carlos Alberto pelos grupos de teatro, enquanto o centro polivalente das instalações da SEC no Porto (cuja inauguração deve decorrer ainda em 1990)está reservado para a programação de cineclubes, a extensão da Cinemateca Nacional ; exposições e uma videoteca.

Eden vai ser aparthotel

O Eden que encerrou as suas portas como cinema no último dia de 1989, vai ser transformado num aparthotel de luxo, revela «O Independente» na sua edição de hoje.

O projecto de reconstrução foi confiado aos arquitectos Valssassina e Pancreac'h, autor do Forum des Halles de Paris.

Segundo noticia aquele semanário, pretende-se recuperar a fachada original do antigo cinema, restituindo-se-lhe as torres e os frontões e desenvolvendo a parte traseira em semi-círculo.

O «Estado das Coisas», ontem, na Assírio & Alvim, foi mais uma aula sobre o passado. Faltaram-lhe a vida e o risco do futuro

A esperança é uma mentira?

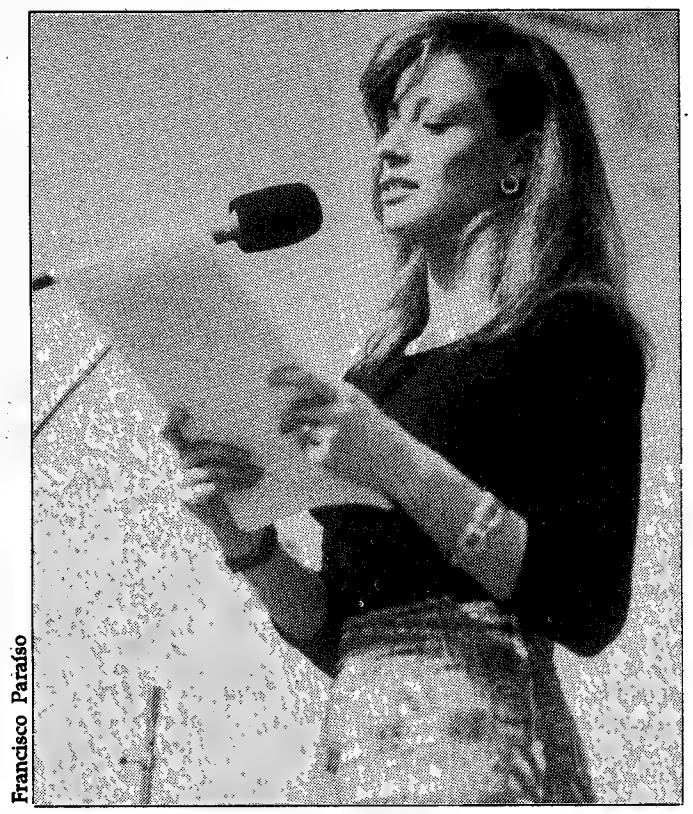
A poesia de depois de 1974 não poderia mais corresponder apenas aos anseios das gavetas fechadas. A libertação das amarras soltou-se, quedou-se herança. É voo, é esperança e cepticismo... iguais e diferentes aos dos mestres. Apenas mais consciente de si, ansiosa na preocupação da significação das coisas, perversamente inocente, mais triste, a poesia de hoje, dos que têm 20, 30, 40 anos como nós, supostamente despiu-se de preconceitos mas não consegue falar de si própria. Nada do que é realmente é, parece ser. «O Estado das Coisas», ontem, em tentativa de debate, na última sessão de *Marcía*, na Assírio & Alvim, trouxe essa angústia, da universitária nova sabedoria do mundo, sem saídas, sem riscos, afinal tão antiga, tão fingidora.

António Cabrita, António Guerreiro e Fernando Pinto do Amaral, os poetas de serviço, falaram, individualmente, dessa poesia que é a deles. João Barrento, o professor, esteve ausente mas não fez falta. Os poetas, universitários, semióticos, substituiram-no, pecaram por excesso cultista, fizeram-se críticos e foram incapazes de se dizerem poeticamente. No final, os outros, os poetas na assembleia, que não faltaram à chamada para ouvir o que era seu, reagiram. Al Berto perguntava pelos riscos. «Então, qual é o estado das coisas?» A resposta ficava-se pelas distinções da originalidade e da originariedade, ou pelo silêncio. Individuais, a sua poesia é também individualista. Intertextuais, os poetas de 80 não têm, no entanto, nem grupos nem manifestos. Enredados pelo próprio discurso, os «mas», as «aspas», as reticências... não disseram quase nada da poesia, do sonho das felicidades longínquas com que tecem os seus poemas, com que sonham a consciência de serem lúcidos.

Para António Cabrita, a poesia actual é o confronto. Com os 60, com a «voz oracular», com a «semântica da fé», com os «mistérios iniciais», que fizeram do poeta «um astronauta a fazer renda», «um extraterrestre que engata a costureira». A poesia de hoje será então como a bruxa do *Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente, invocando o diabo, incapaz de comunicar com as forças anteriores, porque lhe aparecem a falar estrangeiro.

E estabelece os contrários de um tal confronto: «Os adereços dos anos 60 fazem-se endereços nos anos 80, o mistério torna-se plenitude, a confiança na invisibilidade é agora uma conjugação visível, a paródia resinstalou-se e regressaram à narração e ao discurso».

Fernando Pinto do Amaral opõe-se. Não há rupturas. O regresso é sempre uma herança, «vampírica». Hoje a vanguarda está integrada, já não se pode querer ser novo, quando a novidade se instalou no início do século. Citando Octavio Paz, Fernando Pinto do Amaral falou da «tradição da ruptura», da «tradição da vanguarda». E fica-se pelo regresso aos «neos», ao «sensível, ao significado, ao quotidiano e ao real, ao realismo com aspas, a uma certa subjectividade, ao sujeito que se procura». Mas nada disto se pode ler assim, a paisagem



Francisco Paraíso

Alexandra Lencastre: a voz que deu voz à nova poesia dos anos 80

nunca é paisagem e a janela está aberta sobre uma fotografia campestre. Fernando Pinto do Amaral voltou a colocar aspas e a reexplicar tudo de novo. É que «o regresso é perverso», nunca volta ao início «em círculo». O regresso é «espiral», impossível de se rever. Vem então a ironia, a falsidade de se saber que não há «mimesis», que não há inocência. A ironia já nem está presente, adivinha-se, desconfia-se. Hesita-se em dizer que a vida e a esperança são uma mentira.

E António Guerreiro fez o resumo. «O romance dos anos 60 tinha como modelo a poesia, esta tem hoje como modelo o romance». Supostamente é tudo mais legível, mais verdadeiro e o retorno ao sujeito, eu lírico que fala, é um facto. (Mas ninguém diz a palavra autor.) O verso libertou-se dos preconceitos, «intrinsecamente poéticos». Mas, em tudo isto, para António Guerreiro, o sinete é o da «melancolia». Os tempos de 60 viravam-se, mal ou bem, para o futuro. Os tempos de 80 procuram a paternidade no «passado».

E agora? Em que explicações se revê a poesia? Se ela é hipócrita, no sentido que os surrealistas davam ao artifício da escrita que mente, ela continua, não obstante, a falar de ilusões, de despedidas, de paixões... hoje mais aparentes.

Os poetas lidos por Alexandra Lencastre, Nuno Artur Silva e Anabela Duarte, com música e efeitos sonoros de Anabela Duarte (Nuno Júdice, Joaquim Manuel Magalhães, Hélder Moura Pereira, António Franco Alexandre, Manuel António Pina, Paulo da Costa Domingues, Al Berto, José Agostinho Baptista, Paulo Teixeira, Eduardo Pitta, Luís Miguel Nava, Fernando Luís, Luís Filipe Parrado, Rui André Delídia, Gil de Carvalho, Jorge de Sousa Braga, Adília Lopes) demonstram apenas que as vozes existem, que querem romper, da maturidade aos bancos da escola.

«...Um dia houve que nunca mais avistei cidades crepusculares e os barcos deixaram de fazer escala à minha porta... recomeço a bordar ou a dormir tanto faz, sempre tive dúvidas de que alguma vez me visite a felicidade» (Al Berto); «A tua morte é para mim a morte. A vida é hoje alguém que conhece a tua ausência, rosa abandonada sobre a pedra» (João Miguel Fernandes Jorge); «Ó noite ...faz durar essa frágil aparência de felicidade que o canto omite, ficção subterrânea e destruída - para que surja, nalgum canto de futura idade, esse rosto que amei e esse olhar inquieto, sem saída» (Nuno Júdice). Não têm nada a ver com explicações. É urgente que se lhes dê saída.

Manuela Baptista

Compositor de Amália

Alain Oulman: morreu ontem em Paris

Alain Oulman, autor de muitos dos fados cantados por Amália Rodrigues, morreu ontem em Paris, com 61 anos. Nascido em Portugal mas descendente de franceses, foi ele o responsável pela introdução da poesia no fado de Amália, incluindo Camões, Alexandre O'Neil, Manuel Alegre, Ary dos Santos e David Mourão-Ferreira no seu repertório. «Ele trouxe-me os poetas para casa», disse, emocionada, a estrela da canção de Lisboa, ao tomar conhecimento do facto.

Nascido no Dafundo, arredores de Lisboa, a 15 de Junho de 1928, Alain Oulman dirigia a editora livreira Carlmann-Levy, mas continuava a compor. Gaivota com os versos de Alexandre O'Neil, é uma das suas músicas mais conhecidas.

Da sua colaboração com Amália surgiram êxitos como «Havemos de ir a Viana», «Maria Lisboa» e «Madrugada de Alfama». O disco «Com que voz», editado no início da década de 80 e um dos mais aplaudidos da fadista, foi integralmente composto por Alain Oulman, assim como «Abandono», este de 1962. Em 1965, o compositor causou escândalo ao musicar Camões, sendo preso no mesmo ano pela Pide, acusado de dar guarida a opositores do regime enquanto foi director artístico da Companhia Portuguesa de Comediantes.

O Presidente da República enviou uma mensagem de condolências ao filho de Oulman, na qual salienta que o músico «soube captar os ritmos mais secretos da alma portuguesa». Amigo pessoal do compositor, que editou o seu «Portugal Amordaçado» em Paris, Mário Soares classificou Alain Oulman como um «homem de grandes qualidades humanas, artísticas e intelectuais». «Alain Oulman dedicou a Portugal uma amizade sem mácula», referiu ainda na sua mensagem.

No encerramento do ciclo sobre «A Ciência e a Tecnologia para o Progresso», promovido pela Comissão Nacional da Unesco, intervieram, no Auditório 2 da Gulbenkian, os professores Gérard Fourez (belga) e J. Resina Rodrigues (português)

Política, ética, legitimidade

A legitimidade ética e moral de algumas conquistas científicas, como são os casos de manipulações genéticas, transplantações e fertilizações «in vitro», foi debatida na Fundação Gulbenkian, na última conferência do ciclo «A Ciência e a Tecnologia para o Progresso», promovido pela Comissão Nacional da Unesco. Participaram neste encontro, o prof. Gérard Fourez (do departamento de Ciências, Filosofias e Sociedades da Universidade belga Notre Dame de la Paix, em Namur), o prof. de Química do Instituto Superior Técnico de Lisboa, J. Resina Rodrigues e ainda, como moderadora, a profª Maria Eduarda Gonçalves, cuja actividade se tem centrado, para além do ensino na área do Direito Económico de Institutições Internacionais, na investigação sobre as relações entre a Ciência, a Ética e o Direito.

Segundo Helena Vaz da Silva, que com Mário Ruivo repartiu a presidência do encontro, este ciclo dedicado às várias áreas da Ciência «correspondeu aos grandes programas da Unesco, constituindo esta última sessão como que o fecho e a abóbada da construção que temos vindo a fazer ao longo destes últimos meses. Helena Vaz da Silva anunciou ainda a extensão desta prática da Unesco a outro sectores do conhecimento, nomeadamente ao da Educação, garantindo que, muito brevemente, se realizará no nosso país um ciclo dedicado a esta área.

A seguir, os professores Gérard Fourez e Resina Rodrigues apresentaram as respectivas comunicações:

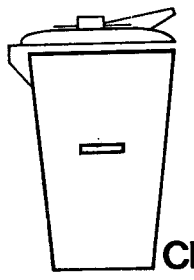
«Distinguir as questões éticas ligadas às ciências e às tecnologias e determinar até que ponto os cientistas têm uma responsabilidade social e do ponto de vista normativo ou descritivo», foram questões abordadas por Gérard Fourez, que durante os vinte cinco minutos que a organização do ciclo concedeu aos convidados estrangeiros (contra os vinte minutos cedidos aos conferencistas portugueses), teria ainda ocasião de se debruçar sobre temas tão importantes e actuais como à responsabilidade dos cientistas, numa primeira abordagem fenomenológica a comunidade científica como sistema profissional, o paradigma(ambíguo) do sistema: a bomba atómica, do sábio esclarecido e generoso ao desenvolvimento científico e técnico); à responsabilidade dos indivíduos ou de uma comunidade, ou ainda à responsabilidade numa sociedade individualista, designadamente no que toca, por exemplo, à posição dos cientistas nas estratificações sociais e sua influência na ética espontânea.

O prof. J. Resina Rodrigues, por seu turno, dividiu a sua intervenção pelos seguintes temas: significado actual da ciência e tecnologia, os grandes desafios e as grandes responsabilidades e projecção destas questões sobre Portugal.

Para Resina Rodrigues, «apesar de ser verdade que o homem de Ciência está mais bem equipado que o não especialista para emitir juizos de natureza ética sobre aquilo que faz, não pode pretender o exclusivo». Sobre o atraso da Ciência em Portugal, o prof. Resina Rodrigues defendeu «um acréscimo de meios materiais e a necessidade de uma população de investigadores mais numerosa e bem formada».

R. B.

Lisboa
cidade limpa



CML

B R E V E S

Novo inédito de Hemingway será publicado em Abril

Um inédito descoberto entre os papéis de Hemingway será publicado no próximo mês de Abril, anunciaram em Massachusetts fontes universitárias.

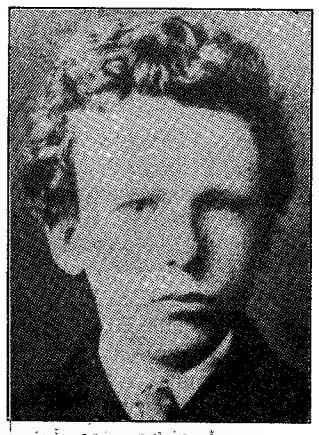
Donald Junkins, o professor que decifrou o texto do escritor, declarou que esta foi a derradeira novela escrita por Hemingway. Junkins chegou a esta conclusão depois de ter passado dois anos a estudar os manuscritos que figuravam entre os papéis do escritor doados em 1980 àBiblioteca John Kennedy de Boston. Um era o princípio de um romance , o segundo era uma novela, baseada na mesma intriga.

Exposição do centenário de Van Gogh em Amsterdão

As comemorações do centenário da morte do pintor Van Gogh culminarão com uma grande exposição que se iniciará amanhã na Holanda, prolongando-se até 29 de Julho.

«Os campos de trigo», as várias versões de «Madame Ginoux» e de «Chambre d' Arles», entre outras obras, encontrar-se-ão expostos no Museu Van Gogh de Amsterdão

. Noutro museu, o Kroeller-Mueller de Otterló, estarão as aguarelas, os guaches e sobretudo os desenhos do artista.



Van Gogh aos treze anos

SPA: protocolo com a Universidade Aberta

A Sociedade Portuguesa de Autores e a Universidade Aberta acabam de celebrar um protocolo de características inéditas, cujas cláusulas asseguram o integral respeito dos direitos autorais ao nível do ensino à distância.

A Universidade Aberta compromete-se, designadamente, a formalizar o processo de encomenda de trabalhos destinados a publicação própria, para fins educacionais, a autores, sejam eles membros ou não da SPA, sob forma de contrato escrito, cuja minuta submeterá, no tocante aos primeiros, à aprovação daquela Sociedade.

Aquela instituição de ensino à distância irá pagar à SPA uma quantia anual pela duração do presente protocolo, a título de compensação pela dispensa, que expressamente é concedidda pela Sociedade, do pagamento da comissão estatuária por parte dos representados, em relação à remuneração que lhes for atribuída pela autoria das obras encomendadas pela Universidade Aberta ou por esta reproduzidas ou transcritas em publicações da sua iniciativa e responsabilidade.

O protocolo, válido por três anos, estabelece ainda a intervenção da Sociedade Portuguesa de Autores, como intermediária, entre a Universidade Aberta e demais associações e organizações nacionais ou estrangeiras constituídas para gestão de direito de autor.

Cinema português na URSS

Sete filmes portugueses vão ser exibidos em Moscovo e em Kiev, a partir de 15 de Abril. A mostra integra os seguintes filmes: "O Desejado", de Paulo Rocha; "Uma Pedra no Bolso", de Joaquim Pinto; "A Mulher do Próximo", de Fonseca e Costa; "Francisca", de Manoel de Oliveira; "Sangue", de Pedro Costa; e ainda "A Vida É Bela", de Luís Galvão Teles; e "Os Emissários de Khalom", de António Macedo.

A escolha desta representação do cinema português é da responsabilidade conjunta do IPC e do Soventerfest e a selecção que inclui do melhor e do pior teve decerto como objectivo mostrar o todo que por cá se faz. Diga-se, no entanto, que não é esta a primeira ida do cinema português à URSS. Outras já houve, sem, todavia, nenhum filme português ter conseguido penetrar no circuito comercial soviético.

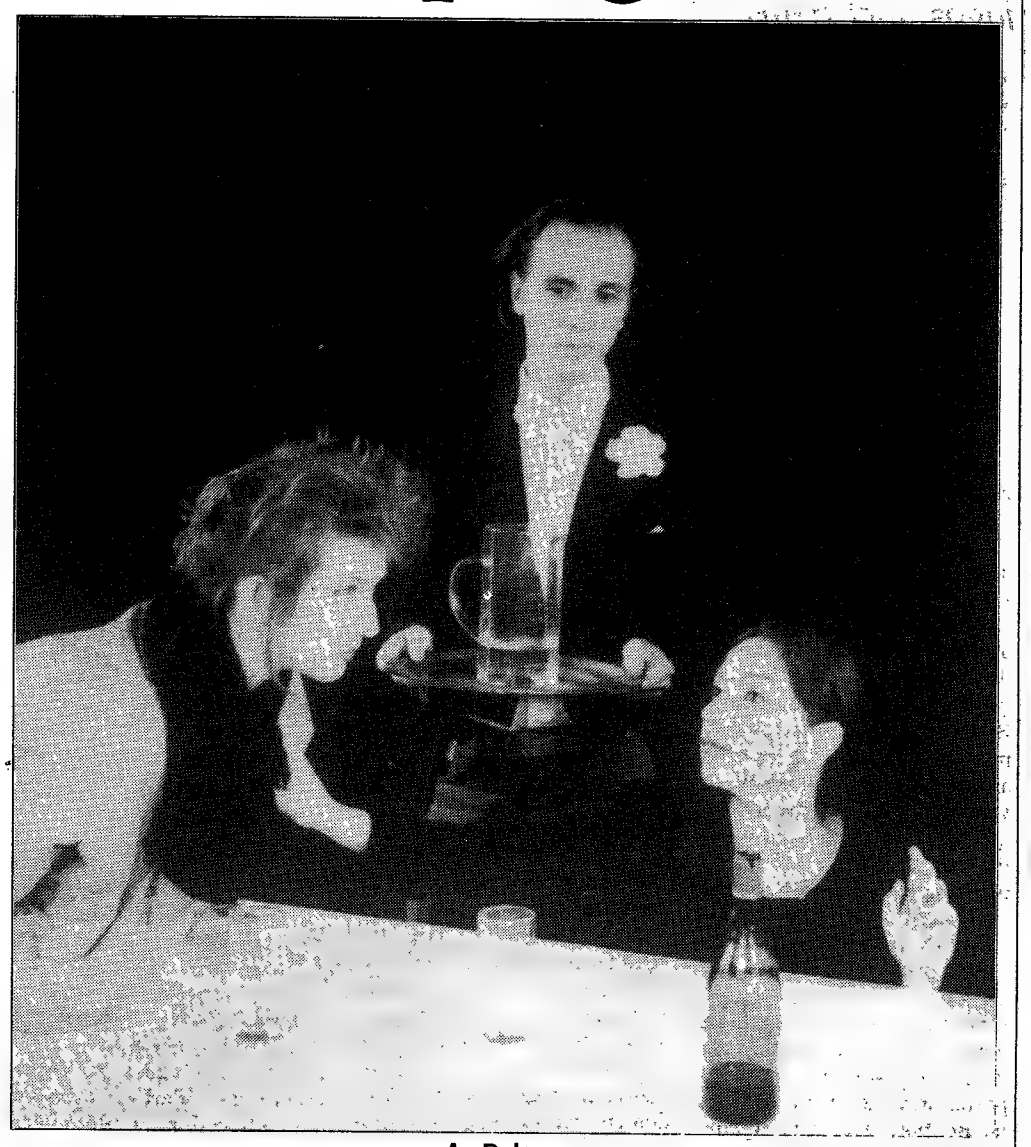
Desta vez, juntamente com os filmes, vão três realizadores: Paulo Rocha, Fonseca e Costa e Joaquim Pinto.

Em Julho, será a vez de João César Monteiro ir a Moscovo apresentar "Recordações da Casa Amarela". O filme passará em algo bem mais importante: uma mostra dos filmes premiados em festivais. Como se sabe, "Recordações da Casa Amarela" obteve, no ano passado, o Leão de Prata *exaequo* do Festival de Veneza, o maior galardão que um filme português desde sempre recebeu internacionalmente.

Crítica de Teatro

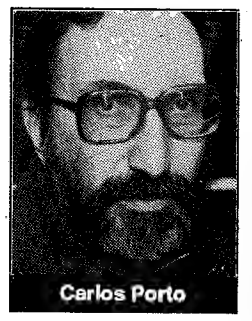
Dialéctica das pulgas

AS PULGAS, de Cunha de Leiradella. **Encenação:** Miguel Meneses. **Cenografia:** Rui Marcelino. **Figurinos:** Guilherme Filipe. **Música:** Paula Rocha. **Interpretação**: Custódia Gallego, Paula Sá Nogueira, Carlos Borges, Jorge Alonso e Paulo Lages. Grupo Persona. **Estreia:** 1.º Acto - Algés/23-03-1990.



«As Pulgas»

Perfil surpreendente o deste desconhecido dramaturgo português, a viver no Brasil desde 1958, de quem o pai foi combatente voluntário na Guerra Civil de Espanha, do lado dos republicanos. Depois de ter frequentado Direito em Coimbra, licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Salamanca; foi colaborador de António Pedro no início do TEP, para o qual escreveu alguns textos que, aliás, não constam do historial do grupo; participou em Paris, no Théâtre de l'Équipe, fundado por Albert Camus. No Brasil, foi vendedor de livros, porta a porta, jornalista e crítico de teatro, fundador do Teatro Universitário Carioca, dramaturgo, romancista, contista. Com algumas peças encenadas no Brasil, entre elas, esta que ora o grupo Persona estreou, mas também «Laio ou o Poder». Com esta peça concorreu ao Prémio Garrett, da SEC, e obteve uma menção honrosa. Trata-se de um texto com sugestões míticas, uma escrita bem comportada, por vezes de grande beleza. Peça que não tem nada a ver com «As Pulgas», teatro do absurdo assaz ortodoxo mas revelando um verdadeiro autor, uma fábrica teatral de quem domina o ofício -- as personagens, as situações, os diálogos, os tempos, o texto funciona como um todo credível no que tem de insólito. Bem ajudado, aliás, por um bom trabalho do encenador, Miguel Meneses, e dos actores, um trabalho homogéneo que soube enfrentar as dificuldades, sublinhar as principais razões de ser do texto, em especial a sua vertente cómica que surge clarificada pela própria seriedade dos comportamentos.



Carlos Porto

Embora o tema da peça seja óbvio: trata-se de questionar a linguagem de um microcosmos da pequena burguesia enriquecida, com uma acentuação forte do seu carácter social, ao contrário de Ionesco com o qual este texto tem a ver. Cunha de Leiradella criou esquemas de situações e de diálogos originais, com um rigor dramatúrgico que deve ser assinalado. É o caso dos jogos linguísticos, como o da sistematização de alguns diálogos. Caso da personagem que diz *Eu*, logo retomado por outra: *Eu, também, Eu Também...*; caso da saída de cena do mordomo que não poderá executar essa marcação sem que Madame lhe diga: *Pode ir, James.*

«As Pulgas» decorre na casa de uma família composta por um casal (ele dono de um banco) e respectiva filha, além do mordomo e do noivo da jovem. Não há propriamente conflito mas o confronto das situações acaba por assumir um carácter dialéctico que tem a ver com o título. Se a família, quando o espectáculo se inicia, revela a existência de pulgas, coçando-se com a elegância possível, com o noivo, membro da família *hippy* ou *rock*, entram em cena as pulgas da classe baixa, para não dizer proletária. É claro que não é possível o casamento entre pulgas aristocráticas e pulgas proletárias: por isso o noivo é sujeito a uma lavagem total, incluindo do cérebro, o que lhe permite aceitar os valores da família e agir em conformidade com eles, o que se torna evidente até no seu novo visual.

Pai, mãe e, em parte, a filha, assumem um comportamento baseado em falsos valores sociais: a qualidade da loiça, as encardenações, o relógio a imitar o Big-Ben, as mansões na praia, o peso dos apelidos, Monsieur Silvá, e sobretudo a qualidade do sotaque (exprimem-se por vezes em francês, embora o inglês seja o referente, como acontece com James, o mordomo). O mordomo, precisamente escapa a esse esquema, o seu comportamento impõe cruzamentos irónicos que não só enriquecem o texto como permitem outros jogos de absurdo. A filha que mantém com ele um clima de cumplicidade (também isso faz parte da ficção do lugar-comum em que a peça assenta: a menina rica amante do criado, como em «A Menina Júlia», de Strindberg), não tem a coragem da revolta, acabando por aceitar a banalização e a mentira das suas vindas, ao contrário de James que dá o salto.

«As Pulgas» (detesto o título mas é isso o que o autor pretende) concilia de forma extremamente viva, embora sem transgredir as regras do género, o seu carácter cómico (há muito tempo que não me ria tanto) e a crítica às razões que subjazem a esse cómico. Sob esse aspecto é uma novidade na dramaturgia portuguesa.

Infelizmente não tenho acompanhado a carreira do Persona, em especial desde que se deslocou para Algés. Prejuízo meu. Em especial porque este grupo tem um projecto e está a cumpri-lo, o que não é tão vulgar como isso. O projecto consiste em apresentar teatro de comédia de autores de língua portuguesa, e por isso é único. É certo que podia ser interessante e falhar na sua passagem ao concreto. Não foi o que aconteceu, pelo menos com este espectáculo. Se a montagem foi atraiçoada pela limitação dos recursos (no que se refere ao cenário e em especial ao guarda-roupa, como se pode ver pela pobreza do segundo fato de Alberto, o que prejudica o seu carácter sígnico), o trabalho do encenador e dos intérpretes é excelente. Uma marcação de tempos, sem medo dos silêncios, muito eficaz, uma marcação rigorosa, uma boa direcção de actores definem o acerto do trabalho de Miguel Meneses. Como já se disse, a interpretação surge de uma grande homogeneidade, com o desenho certo das figuras, uma boa definição de vozes, o respeito produtivo pela margem seriedade/gozo que as personagens comportam. São actores que, na sua maior parte, já tenho visto trabalhar mas que me pareceram aqui com uma outra energia criativa. É o caso de Custódia Gallega e Paulo Lages, os dois jovens, mas Paula Sá Nogueira, Carlos Borges e Jorge Alonso surpreenderam-me na criação de personagens que não são nada fáceis e surgem verdadeiramente verosímeis na sua inverosimilhança.

Espectáculo a recomendar sem reservas.

DESPORTO

A direcção da Federação Portuguesa de Futebol determinou que, enquanto o Regulamento de Provas não for alterado pelas associações, não autorizará mais jogos nocturnos

Para evitar casos escuros futebol vai jogar-se às claras

A direcção da Federação Portuguesa de Futebol não perdeu tempo perante mais um caso de extrema gravidade surgido nos bastidores do belo jogo da bola, decidindo não autorizar a marcação de mais encontros oficiais nocturnos, Benfica-Chaves (amanhã) e Feirense-Portimonense (dia 8) são excepções por serem os únicos cuja antecipação já estava decidida. Na sequência desta drástica e importante medida, tomada pelo executivo federativo esteve o corte de energia verificado no Estádio do Bonfim quando restavam 15 minutos para o derradeiro silvo arbitral e o clube do Restelo vencia por 2-0. Recorde-se que, oportunamente,o Conselho de Justiça da FPF havia determinado a repetição do encontro Maia-Gil Vicente que, pelo mesmo motivo fora interrompido a escassos 16 minutos do termo e com os gilistas a vencer por 2-0. O precedente fora então «decretado» e qualquer interrupção verificada posteriormente, como ocorreu no Bonfim, levantaria alguma suspeição. Fez bem a direcção federativa em «cortar o mal pela raiz» já que o futebol como qualquer outra actividade desportiva, terá de se fincar em preceitos moralizadores.

Portanto, até que as associações não procedam à alteração do Regulamento de Provas Oficiais, o qual não prevê a repetição parcial dos jogos interrrompidos por motivos estranhos ao próprio jogo, o futebol vai jogar-se às claras para evitar mais casos escuros.

Quanto à decisão a tomar pelo Conselho de Disciplina sobre o encontro do Bonfim, Chumbita Nunes (porta-voz daquele órgão federativo) informou de que o assunto só começaria a ser analisado depois de recebido o relatório do árbitro Bento Marques.

Instado a comentar qual poderá ser o teor da decisão do órgão sobre este caso, aludiu a recente decisão do órgão federativo relativo ao encontro Maia-Gil VIcente.

Chumbita Nunes, lembrou que o Conselho de Disciplina decidiu sobre este caso mandar repetir os 16 minutos de jogo que ainda faltavam cumprir, tendo posteriormente o Maia recorrido da decisão para o Conselho de Justiça que decidiu repetir a totalidade dos 90 minutos de jogo.

O conselheiro salientou, porém, que não existem processos iguais, revelando que o CD vai nomear um instrutor para que o caso seja apreciado com maior celeridade posssível, dado estarem, já marcadas as datas para a realização das restantes eliminatórias da Taça de Portugal.

Branco: dois jogos na bancada é o custo (baixo) de uma agressão

Portimonense: dois jogos de interdição

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol interditou por dois encontros o Estádio do Portimonense, na sequência dos incidentets ocorridos após o jogo com o FC Porto, na 21.ª jornada do Nacional.

Os algarvios que há duas semanas receberam em Setúbal o Benfica, voltarão assim a jogar domingo fora de casa, no Estádio Manuel de Mello, no Barreiro, frente ao Braga.

O Conselho de Disciplina da FPF decidiu ainda multar o Portimonense em 430 contos, segundo informou o conselheiro Chumbita Nunes.

Entretanto, relativamente ao processo instaurado ao Infesta, no seguimento de distúrbios ocorridos no jogo com o Fafe, Chumbita Nunes informou que o relatório policial refere que a autoridade não presenciou os incidentes, pelo que não foi tomada qualquer decisão sobre o caso.

Chumbita Nunes disse ainda que foi ordenado ao Fafe enviar para os autos do processo elementos que permitam provar a denúncia feita por aquele clube.

Outros castigos

O brasileiro Branco, do FC Porto, foi punido com dois jogos de suspensão e Meireles do Penafiel, com quatro jogos, pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol.

Branco, foi expulso durante o encontro da jornada transacta com o Braga, juntamente com o bracarense Santos, suspenso também por duas partidas.

O órgão disciplinar da FPF aplicou ainda dois encontros de suspensão aos jogadores Slavkov (Chaves), João Luís (Feirense), Secretário (Penafiel), Carlos Jorge (Marítimo) e Paulinho Cascavel (Sporting.

Três outros jogadores foram suspensos por um jogo: Rui Gregório (Belenenses), Renato (União da Madeira) e Venâncio (Sporting.

O Benfica foi ainda multado em 36 mil escudos, no seguimento do «derby» lisboeta, com o Sporting, no último domingo.

Incidentes

Quatro agressões a árbitros e três arremessos de objectos para o campo constituem os tipos de incidentes mais referenciados pelos agentes da Guarda Nacional Republicana de serviço em estádios de futebol no passado fim-de-semana.

Segundo um registo do Departamento de Relaçãoes Públicas da GNR foram ainda objecto da intervenção de agentes da guarda dois casos de agressões a juízes de linha, um de alteração da ordem entre jogadores e outro de alteração da ordem entre espectadores.

A maioria dos incidentes (cinco) tiveram lugar no distrito do Porto, seguindo-se-lhe por ordem quantitativa Aveiro (dois) e Braga (dois), além da Guarda, Viseu e Setúbal (um cada).

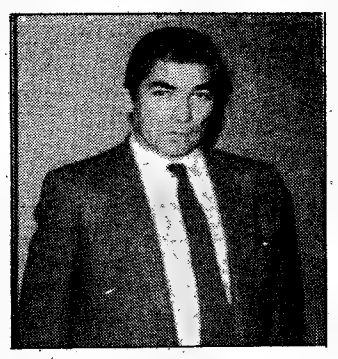
Treinadores: mudanças

José Costa (antigo futebolista do FC Porto e da Académica e ex-membro do Gabinete Técnico da FPF) foi o eleito para suceder a Henrique Calisto na liderança do futebol da «Briosa». Por seu turno, Calisto, não passou pelo desemprego ao rubricar, contrato com o Varzim.

Para ocupar a vaga deixada pelo despedimento de Leopoldo Amorim os dirigentes do Vianense procuram acordo com Joaquim Meirim.

Exemplo de nobreza

O corte de energia eléctrica ocorrido no Estádio do Bonfim e que impediu a concretização do jogo entre o Vitória de Setúbal e o Belenenses, levantou alguma suspeição nos meandros do futebol, essencialmente pelo precedente aberto pelo Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol, ao ter decidido a repetição do encontro Maia Gil-Vicente suspenso, pelas mesmas razões, no mesmo minuto e com o mesmo resultado (derrota do clube da casa por 0-2). As razões determinantes da ocorrência no Bonfim só serão conhecidas depois de concluído o inquérito que, naturalmente, irá ser mandado instaurar pelo órgão disciplinar da FPF e, perante a matéria apurada, será ditada a sentença. Uns pensam que o caso da Maia deverá constituir jurisprudência, uma vez que o Regulamento de Provas Oficiais não contempla a repetição parcial de jogos, pelo que preconizam a realização de novo jogo. Trata-se de juízo apressado, uma vez que não existem dois processos idênticos e as circunstâncias da ocorrência processaram-se em condições diferentes, tendo o incidente da Maia acontecido em dia de forte temporal, propício a avarias nas instalações eléctricas, enquanto no Bonfim o jogo decorreu em dia com excelentes condições climatéricas. Preconizam outros que ou se jogam os minutos que restavam para o termo do encontro ou simplesmente se considera o jogo encerrado no minuto 74, atribuindo o triunfo ao Belenenses. Esta é, obviamente, a decisão ajustada aos preceitos morais e o futebol deverá fincar-se nos parágrafos da verdade, da legalidade e da moral.



Fernando Oliveira, presidente do Vitória de Setúbal, já veio a terreiro afirmar que não deseja que o jogfo seja repetido, afirmando que *«o Belenenses ganhou e ganhou bem»* pelo que lhe deverá ser atribuída a vitória.

Fernando Oliveira dá exemplo de nobreza em tempo de paz podre no lamacento reino do futebol.

Alves Henriques

ÚLTIMA HORA

Rosa Mota-Federação: acordo firmado

No final da manhã de hoje chegou à nossa Redacção um «fax» emitido pela direcção da Federação Portuguesa de Atletismo, com o seguinte teor: «Hoje, dia 30 de Março de 1990, às 16 horas, no Centro de Medicina Desportiva do Estádio Universitário de Lisboa, irá ser feita a divulgação do acordo estabelecido entre a FPA e a atleta Rosa Mota.»

Será que vai correr o pano sobre o palco da longa comédia?

EM AGENDA

Belenenses regressa ao Bonfim

Aparentemente, Porto, Benfica e Sporting têm uma jornada calma. Os «dragões» recebem a visita do clube de Santa Maria da Feira, o Benfica vai «medir forças» (esta noite) com o Chaves, enquanto o Sporting quererá ajustar contas recentes quando o Marítimo que cometeu a proeza de o afastar da Taça de Portugal. Jogos interessantes poderão ser os que terão como palco o Estádio do Bonfim (reencontro do Vitória de Setúbal com o Belenenses) e o de Guimarães onde estará presente o Estrela da Amadora. Curiosamente, dois encontros em que estarão presentes quatro «resistentes» na Taça de Portugal. Muita emoção nesses recintos e, certamente, muito mais em Aveiro (Beira Mar - União), no Funchal (Nacional - Boavista), em Penafiel (Penafiel - Tirsense) e no Barreiro (Portimonense - Braga) onde se discutem pontos importantes com vista à escapadela da zona de intranquilidade.

Mas, o sortilégio do futebol não estará somente nos nove palcos onde se apresentam os confrontos da divisão principal, já que por todo o País, quer a nível da 2.ª quer da 3.ª Divisões, o entusiasmo, a emoção, o fascínio estarão igualmente presentes. Vejamos o calendário completo:

2.ª Divisão

Zona Norte: Joane - Freamunde (1-1, na primeira volta); Infesta - Rio Ave (1-2); Gil Vicente - Maia (2-0); Aves - Vianense (0-1); Marco - Vizela (0-0); Trofense - Fafe (0-0); Leixões - Felgueiras (1-0); Varzim - Famalicão (1-2); e Paços de Ferreira - Bragança (1-4).

Zona Centro: Académica - Mirense (2-1, na primeira volta); Guarda - Caldas (0-1); Académico de Viseu - Salgueiros (2-3); União de Lamas - Covilhã (0-2); Oliveira do Bairro - Espinho (1-4); Benfica e Castelo Branco - Mangualde (1-3); Oliveirense - Marialvas (0-0); Peniche - Lousanense (0-3); e União de Leiria - Águeda (2-2).

Zona Sul: Olivais e Moscavide - Estoril (0-1, na primeira volta); Sintrense - Silves (0-1); Portalegrense - Olhanense (0-4); Juventude - Louletano (1-2); Torreense - Lusitano (1-3); Lusitano de Vila Real de Santo António - Samora Correia (1-0); Farense - Barreirense (0-1); e Seixal - «O Elvas» (1-4).

3.ª Divisão

Série A: Maria da Fonte - Ribeirão; Amares - Ponte da Barca; Vieira - Mirandela; Valpaços - Caminha; Macedo de Cavaleiros - Santa Maria; Vila Pouca - Moreirense; Valdevez - Esposende; Delães - Celoricense.

Série B: Lixa - Amarante; Rio Tinto - Cinfães; Sanjoanense - Sandinense; Vila Real - Leça; Santa Marta de Penaguião - Paredes; Ermesinde - Pedrouços; Valadares - Valonguense; Paivense - Lusitânia; e Lousada - Régua.

Série C: Torres Novas - Mirandense; Castelo de Vide - Marrazes; Alcobaça - Ferrel; Naval 1.º de Maio - Marinhense; Sertanense - Alcains; Bombarralense - Nazarenos; Alfeizerense - Estrela de Portalegre; Fátima - União de Tomar; e Alcanenense - União de Santarém.

Série D: Tabuense - Anadia; Santacombadense - Mealhada; Argus - Gouveia; Valonguense - Valecambrense; Oliveira do Hospital - Alba; Ovarense - Oliveirinha; Seia - Mortágua; Luso - Sabugal; e União de Coimbra - Estarreja.

Série E: Cartaxo - Odivelas; Lusitânia - Futebol Benfica; Oriental - Vilafranquense; Borbense - Sacavenense; Almeirim - Fanhões; Camponaiorense - Portosantense; Fronteirense - Praiense; Santa Clara - Cacém; e Câmara de Lobos - Loures.

Série F: Quimigal - Estrela de Vendas Novas; Beja - Amora; Vasco da Gama - Imortal; Trafaria - Esperança de Lagos; Almancilense - Leões; Quarteirense - Santiago do Cacém; Sesimbra - Moura; Montijo - Palmelense; e União de Montemor - Pescadores.

Benfica na Taça dos Campeões de Estrada

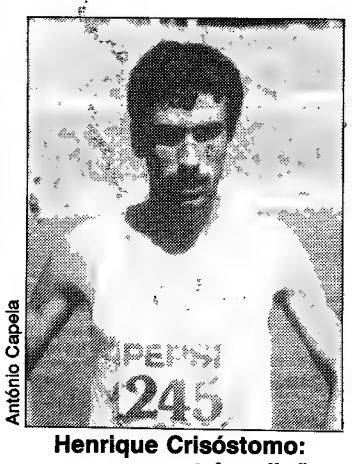
Meta para o «tri» será no Rossio

O Benfica, que, colectivamente, venceu as duas anteriores edições da prova, vai organizar, no próximo dia 7 de Abril, a Taça dos Campeões Europeus de Estrada, que contará com a presença de mais 11 equipas de Itália (Forestalle dello Stato e PAF Alitrans), Bélgica (KBAB/LRBA), Suécia (Hasselby Sportclub), Holanda (TC Den Haag), França (Cesame), Suíça (Stadtturnverein), Noruega (SK Vidar), Dinamarca (Kobenhauns Idraats Forening), Inglaterra (Swansea Harriers) e ainda uma equipa de San Marino.

Em conferência de Imprensa realizada nas instalações do Estádio da Luz, os dirigentes Marcel de Almeida e José Capristano (acompanhados de Susete Abreu e Mena Antunes) eo professor António Campos (membro da comissão executiva da prova) prestaram os esclarecimentos julgados convenientes, relacionados com a realização de tão importante competição internacional, tendo realçado a colaboração da Direcção-Geral dos Desportos, Câmara Municipal de Lisboa e da TAP Air Portugal, tendo António Campos referido que esta iniciativa do clube da Luz **«está directamente ligada com a viragem histórica do atletismo benfiquista».**

A prova decorrerá no coração da cidade, com partida e chegada ao Rossio, co sete voltas por um percurso de passagem pela Rua do Ouro, Praça do Comércio e Rua da Prata e importará em 12 mil contos.

Naturalmente que a ausência do Sporting na prova suscitou a curiosidade dos jornalistas em conhecerem quais os fundamentos que determinaram a sua exclusão. Respondeu António Campos dizendo que efectivamente o Sporting havia manifestado interesse em participar, **«mas segundo o Comité Permanente da Associação Europeia, cada país só poderá estar representado apenas por um clube, que será o campeão nacional de Portugal, porque ainda não existe campeonato interno, estará representado pelo Benfica na qualidade de campeão europeu».** António Campos, questionado pelo «DL», informou de que o caso italiano, que estará representado por dois clubes (Forestalle, de Roma e Alitrans, de Verona) é excepcional, uma vez que se encontra determinado que o Alitrans terá presença



António Capela

Henrique Crisóstomo: presença nas três edições da prova

vitalícia por ter sido o seu presidente (Sergio Pennaccioni) o idealizador da prova.

Um pouco de história

A primeira edição decorreu no dia 28 de Maio de 1988 em Verona e, um tanto surpreendentemente, o Benfica arrebatou o título com nove pontos de avanço sobre os italianos do PAF Alitrans e 11 sobre os soviéticos do Profsporz que se classificaram nos lugares destinados à prata e ao bronze. Participaram 14 clubes que representaram de igual número de países.

Individualmente, venceu o italiano Gelindo Bordin com 47,37 segundos e quanto aos portugueses, Henrique Crisóstomo foi 2.º com 47,44, Manuel Matias (3.º com 48 minutos), Cidálio Caetano (9.º com 49,05) e Delfim Moreira (20.º com 50,10). Finalizaram a prova, 63 concorrentes.

A segunda edição decorreu novamente em Verona e teve a presença de 17 equipas com o Benfica e o PAF Alitrans tidos como favoritos cabendo aos portugueses renovaram o título com António Pinto a bater por quatro segundos o italiano Bordin.

Triunfo que cedo se começou a desenhar, já que ao fim da segunda das sete voltas havia um grupo (apenas) cinco elementos na frente, com três benfiquistas (António Pinto, Paulo Catarino e Manuel Matias) e um só italiano (o já então campeão olímpico da maratona Gelindo Bordin), para além do alemão Melzer, Henrique Crisóstomo, que havia corrido pouco tempo antes a Maratona de Paris, já havia descolado, enquanto Luís Horta se ressentiria de uma lesão e acabaria por desistir. Manuel Matias cederia na parte final, caindo na sexta posição mas com confortável vantagem sobre o segundo italiano, enquanto Paulo Catarino só na última volta perdeu o contacto com Pinto e Bordin, acabando na terceira posição, com bem mais que um segundo de vantagem sobre o quarto que os tempos finais lhe atribuem. Quanto a António Pinto, foi a surpresa da prova, com o seu arranque a 300 metros da meta, deixando Bordin derrotado contra as expectativas gerais, nomeadamente dos italianos, para quem o português era pouco mais que um desconhecido. Bordin, muito popular em Verona (a sua casa de artigos desportivos era até um dos principais patrocinadores da prova), havia estado lesionado após os Jogos Olímpicos, a contas com o tendão de Aquiles, mas era unanimemente considerado o favorito.

António Pinto foi 1.º com 47,51 seguindo-se Gelindo Bordin (47,55), Paulo Catarino (3.º com 48,17), Manuel Matias (6.º com 48,25), Henrique Crisóstomo (20.º com 50,17) enquanto Luís Horta desistiu.

Por equipas, o Benfica somou 10 pontos, o PAF Alitrans (18) e na terceiraa posição classificou-se o Hungary (da Hungria) com 33 pontos.

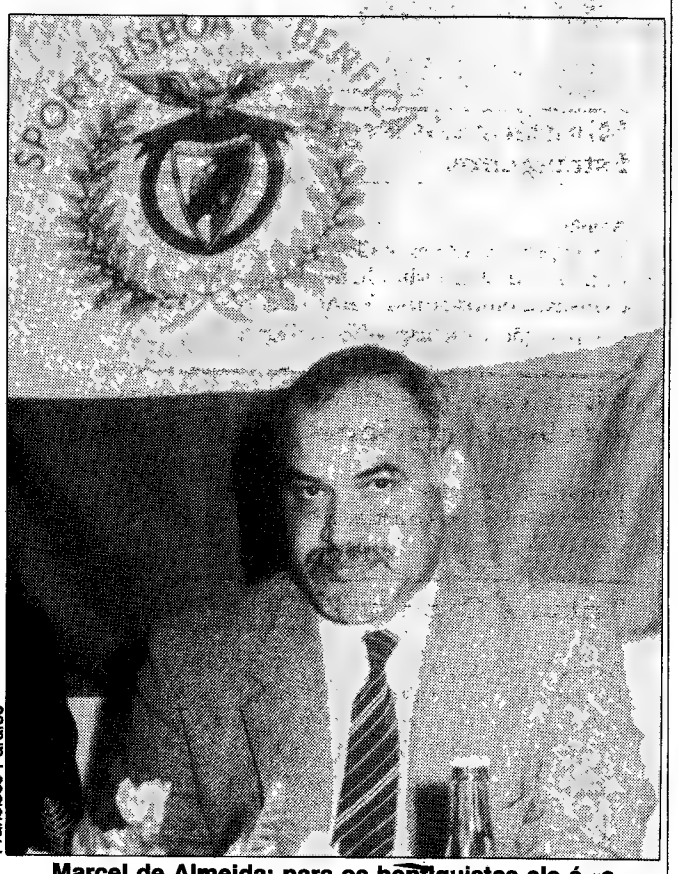
Perfil dos benfiquistas

ANTÓNIO PINTO: vencedor da II edição da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Estrada superando o campeão olímpico da maratona, Gelindo Bordin. Antigo ciclista de Amarante começou a sua carreira no atletismo no clube da sua terra de onde transitou para o FC Porto antes de se transferir para o FC Porto antes de se transferir para o Benfica. Em 1987, foi 3.º no campeonato de corta-mato e nas provas de pista registou 13.41,38 nos 5000 metros e 28.28,73 nos 10 000 metros, prova em que chegou ás finais nos Jogos Olímpicos de Seul. Na presente temporada, obteve o 4.º lugar no Nacional de Corta-Mato.

CARLOS MONTEIRO: começou a sua carreira no Avintes tendo representado o Sporting antes de no final de 1989 se ter transferido para o Benfica. Nos 10 000 metros obteve o tempo de 28.26,49 e no Nacional de Corta-Mato registou o terceiro lugar logo seguido dos gémeos.

JOAQUIM SILVA: nasceu em Vila Nova de Gaia em 13 de Janeiro de 1961. Começou a revelar-se nos 3000 metros obstáculos, mas 10 anos depois, viria a tornar-se um dos melhores maratonistas nacionais. Em pista conseguiu os tempos de 13.04,2 nos 5000 metros e 28.23,8 nos 10 000 metros. Em Seul, correu a maratona sendo 27.º com 2.18,05, foi 5.º em Paris com 2.14,08 e na maratona de Lisboa fez 2.16,56.

JUVENAL RIBEIRO: nasceu em Massarelos em 9 de Março de 1964 e durante os primeiros anos da sua careira representou diversas equipas filiadas no Inatel. O seu recorde de pessoal pessoal nos 10 000 metros é de 28.39,2 obtido em 1988 e no último campeonato nacional de corta-mato averbou o 8.º lugar que lhe valeu a integração na selecção nacional.



Francisco Paraíso

Marcel de Almeida: para os benfiquistas ele é «o senhor atletismo»

HENRIQUE CRISÓSTOMO: é natural de Mogadouro onde nasceu em 1962, sendo o único atleta luso que participou nas anteriores edições da Taça dos Campeões Europeus de Estrada e logo com um segundo lugar em 1988, a escassos sete segundos do italiano Bordin, já campeão da Europa e que meses depois se sagraria campeão olímpico da maratona. Esteve menos feliz na época passada (20.º), três semanas depois da sua estreia na Maratona, em Paris (22.21,42). Henrique Crisóstomo foi um bem promissor júnior (13.º no Mundial de Corta-Mato e finalista nos 2000m obstáculos do Europeu, em 1981) e chegou a ser sexto no Campeonato de Portugal de Corta-Mato no ano seguinte, sendo seleccionado para o Mundial. Depois, foi uma longa «travessia no deserto», terminada em 1987, quando de uma só vez melhorou o seu recorde pessoal de 10 000 metros de 29.56,5 para 28.36,1 (marca real mas não homologada em Espanha). Melhoraria no ano passado para 28.31,23, o seu recorde pessoal.

Delta nas camisolas

Antes da conferência de Imprensa, Marcel de Almeida (em representação do Benfica) e Fernando Camacho (da empresa Nova Delta) assinaram um protocolo em que a empresa liderada por Manuel Rui Nabeiro passa a patrocinar o atletismo benfiquista.

Entretanto, um associado benfiquista (João Paulo Lopes), acabara de oferecer à secção de Atletismo do SLB uma carrinha Ford Transit.

Atletismo benfiquista na crista da vaga.

A.H.

Selecção lusa já está na Finlândia

Mundial de Andebol começa amanhã

Portugal vai participar pela sétima vez no Campeonato do Mundo de Andebol Masculino (grupo «C»), que venceu em 1976, quando a prova se iniciou, em solo lusitano, e de que esteve ausente em 1984.

Na oitava edição da prova, a realizar a partir de amanhã e até 8 de Abril, na Finlândia, Portugal vai tentar de movo a subida ao grupo «B» mundial, pelo qual passou em 1977, graças à vitória obtida no ano anterior no terceiro escalão. Porém, no Mundial «B» realizado na Áustria, Portugal perdeu os dois encontros da primeira fase, perante a República Democrática da Alemã (18-36) e a Islândia (14-29), sendo remetido novamente para o grupo «C».

Na sexta e sétima edições do Mundial «C», ambas realizadas em Portugal, em 1986 e 1988, a selecção verde-rubra obteve o quinto posto, tal como em 1978 e 1980, quando a prova decorreu na Suíça e nas Ilhas Faroe, respectivamente.

A pior classificação de Portugal foi um sexto lugar obtido na Bélgica, em 1982, e dois anos depois, o andebol masculino português estaria ausente da prova, realizada na Itália.

Além de Portugal, triunfaram já no Mundial «C» a Bulgária, por duas vezes, em (1982, e 1984), a Suíça (1978), Noruega (1980), França (1986) e Áustria (1988).

Quem são os árbitros?

A Finlândia, (país anfitrião) Noruega e Israel, são os três únicos dos 12 países participantes no mundial que terão árbitros na competição, os finlandeses com uma equipa efectiva e outra suplente e a Noruega com um duo fixo.

Os anfitriões estarão representados por Bjorklund/Sundell, ficando outra dupla finlandesa — Rein/Czarnecki —, de prevenção ao longo do mundial, a Noruega apresenta o par Sjong/Walstad e Israel a dupla Herman/Fux.

Os restantes pares designados pela Comissão de Arbitragem e Regras da Federação Internacional de Andebol são as seguintes: Burziwal/Drabersh (Aut), Lovquist/Lorentzen (DIN), Amigo/Gonzalez (ESP), Illert/Zier (RDA), Berndtsson/Hansson (Suécia), Klar/Valenta (CHE) e Churilov/Makarov (URSS).

O custo dos bilhetes

O bilhete mais barato no mundial da Finlândia, para um jogo da primeira em que não participe o país anfitrião, custa 30 markas (cerca de 1200$00) quatro vezes mais do que uma entrada para dois jogos da última edição da prova, em Portugal, em 1988.

O preço dos bilhetes para encontros da fase preliminar com a Finlândia custam 50 markas (2000 escudos), e para dois jogos 40 ou 60 markas (2400 escudos), com ou sem interferência da equipa local.

As entradas para a primeira jornada da fase final, na qual ficarão definidos os lugares do sétimo ao décimo segundo, custarão 50 markas e o preço dos bilhetes para os jogos de atribuição do primeiro ao sexto lugares ascende a 100 markas (4000 escudos).

Os recintos

Um total de nove pavilhões serão utilizados sendo seis para os encontros oficiais e três para treinos.

A fase final do campeonato, a 7 e 8 de Abril, decorrerá no «Tapiolan Urheiluhall» de Espoo, a cerca de 15 km de Helsínquia, e onde Portugal efectuará os seus três primeiros jogos (Bulgária, no sábado, Holanda, no domingo, e Luxemburgo, na terça-feira).

Os cinco outros pavilhões «oficiais» situam-se em Hanko, palco do confronto Finlândia-Portugal, a 135 km de Helsínquia, em Tammisaari, onde Portugal defronta a Itália, e em Karjaa, Turku e Parainen.

I Série N.º 75
Dia 30 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público terem os Governos da República Portuguesa e da República Federativa do Brasil trocado os instrumentos de ratificação relativos ao Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica.

Ministério da Saúde e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 234/90:
Dá nova redacção ao artigo 2.º da Portaria n.º 367/72, de 3 de Julho.

Tribunal Constitucional

Acórdão n.º 52/90:
Declara a inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, da norma constante do n.º 2 do artigo 30.º do Código das Expropriações (Decreto-Lei n.º 845/76, de 11 de Dezembro), por violação do n.º 2 do artigo 62.º e do n.º 1 do artigo 13.º da Constituição da República Portuguesa.

SUPLEMENTO N.º 68

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 103-A/90:
Reformula o regime de benefícios fiscais aplicável na aquisição de veículos automóveis e cadeiras de todas por deficientes. Revoga o Decreto-Lei n.º 235-D/83, de 1 de Junho.

SUPLEMENTO N.º 72

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 11/90:
Regulamenta a alienação de participações sociais da Empresa do Jornal de Notícias, S.A.

PESSOAS & FACTOS

Nova empresa: «Dodapesca-Portos e Lotas, S.A.

Acaba de ser publicado no Diário da República o diploma legal que cria uma nova empresa: Docapesca-Portos e Lotas, S. A. Tal empresa, que resulta também da integração do Serviço de Lotas e Vendagem na Docapesca - Sociedade Concessionária da Doca de Pesca, S.A., surge como corolário da política de gestão empresarial aplicada a estas estruturas, dotando-as do necessário equilíbrio económico-financeiro e de um satisfatório índice de rentabilidade.

DOCAPESCA
PORTOS E LOTAS, S. A.

Constituindo as Lotas as suas principais unidades produtivas, é de salientar que, nelas, o volume de negócios atingiu em 1989 cerca de 35 milhões de contos, correspondente a 180.000 toneladas de pescado transaccionado, nas 17 delegações, com as suas 65 lotas.

Estão, assim, criadas as bases para que a nova empresa se afirme como importante unidade empresarial nacional, bem dimensionada e estruturada, de forma a inserir-se num espaço económico avançado, como o da CEE.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu pouco nublado ou limpo e vento moderado, podendo soprar por vezes forte de Leste.

Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste de 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sueste. Aguaceiros especialmente nas regiões do Centro e Sul. Descida da temperatura máxima e pequena subida das temperaturas mínimas na região do Norte.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sul. Aguaceiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sul. Mar de pequena vaga com ondulação Norte de 2 a 3 metros.

Grupos Central e Oriental: - Céu pouco nublado. Vento moderado de Nordeste, por vezes com rajadas. Mar cavado com ondulação Nordeste de 2 a 3 metros.

Amanhã:

Céu geralmente pouco nublado no Grupo Oriental e muito nublado nos restantes grupos. Vento fraco ou moderado de Norte. Aguaceiros fracos no Grupo Ocidental.

Depois de amanhã:

Céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Períodos de chuva nos grupos Central e Ocidental.

MADEIRA

Céu Gertalmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste. Aguaceiros fracos.

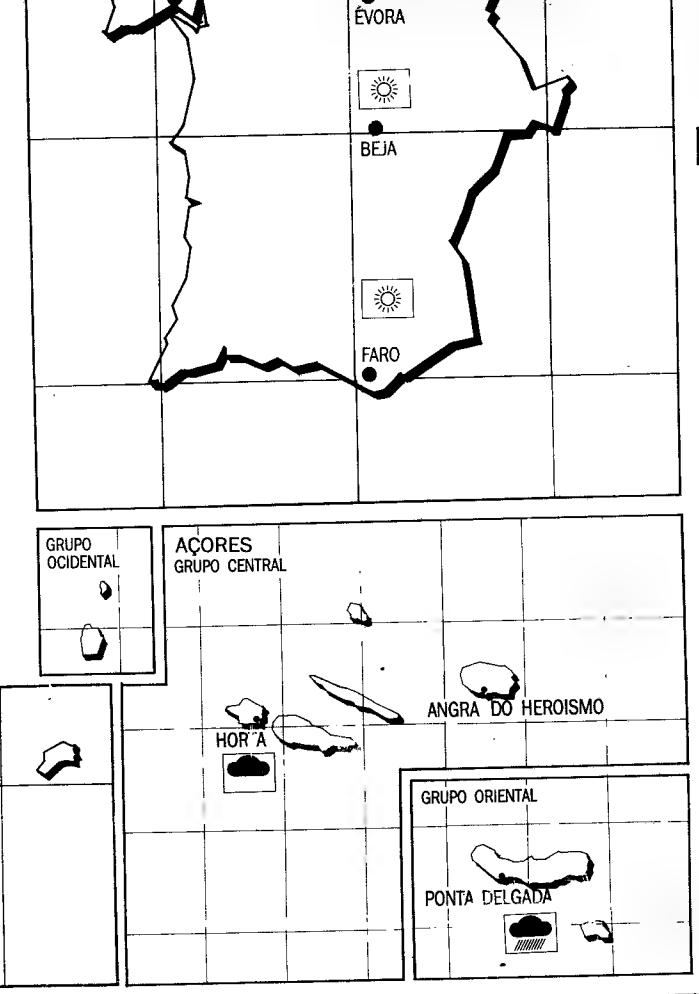
Mar de pequena vaga com ondulação Nordeste de 3 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

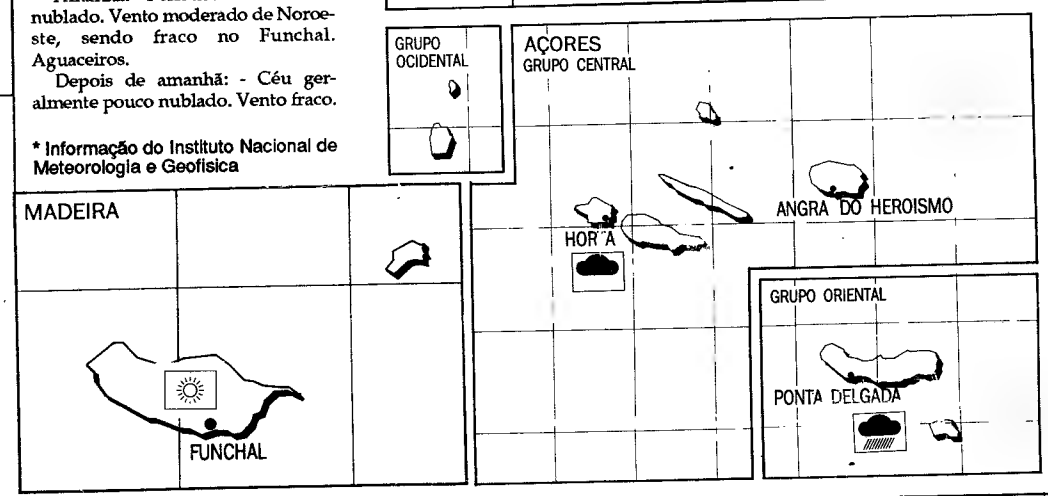
No Funchal: - Céu geralmente muito nublado e vento em geral fraco. Aguaceiros.

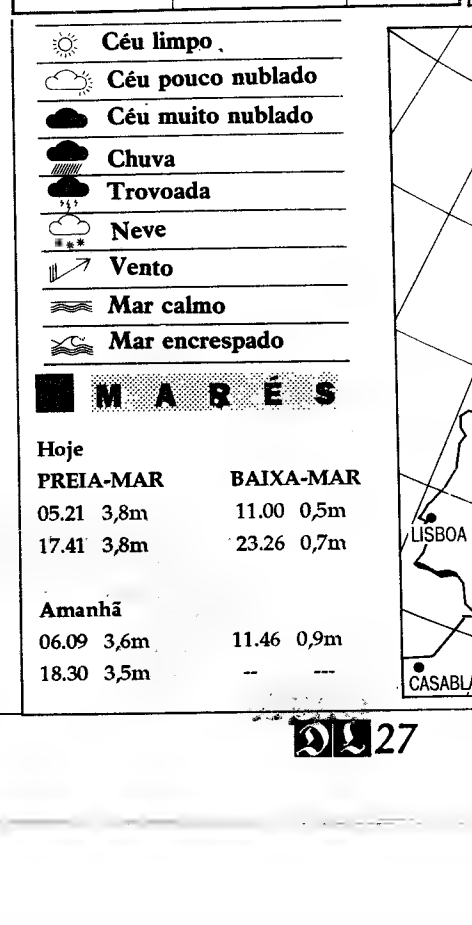
Amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste, sendo fraco no Funchal. Aguaceiros.

Depois de amanhã: - Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.21	3,8m	11.00	0,5m
17.41	3,8m	23.26	0,7m

Amanhã

06.09	3,6m	11.46	0,9m
18.30	3,5m	--	---

PORTUGAL

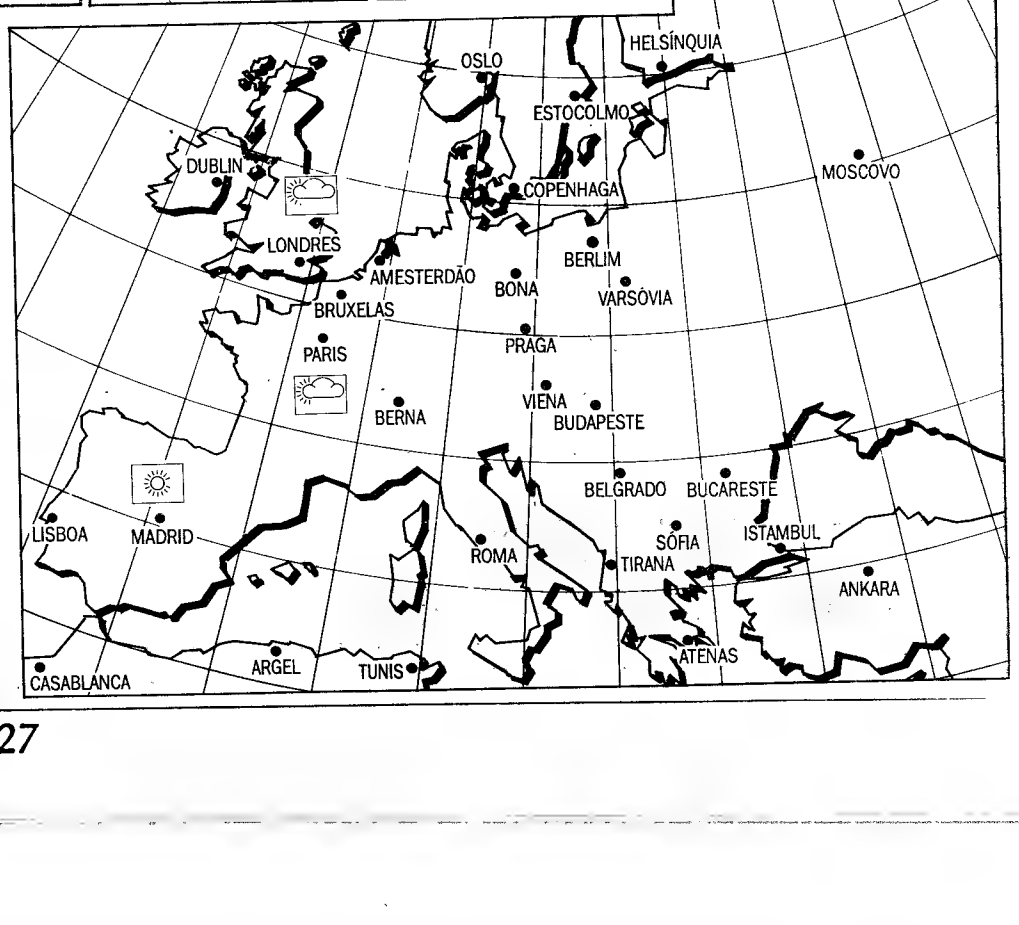
	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	3	4	P. nub.
V. Castelo	7	8	P. nub.
Vila Real	5	5	P. nub.
Porto	9	9	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	8	8	Limpo
C. Carvoeiro	11	11	Limpo
C. Branco	4	5	P. nub.
Portalegre	6	6	Limpo
Lisboa	9	10	Limpo
Évora	8	8	P. nub.
Beja	7	7	P. nub.
Sines	-	-	-
Faro	12	12	M. nub.
Sagres	10	14	Limpo

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	2	2	P. nub.
Londres	7	8	Bruma
Paris	3	3	Neblina
Bruxelas	1	2	M. nub.
Amesterdão	3	4	M. nub.
Genebra	5	5	Bruma
Roma	5	5	Neblina
Oslo	2	5	P. nub.
Copenhaga	3	5	Neblina
Estocolmo	3	4	P. nub.
Berlim	4	4	M. nub.
Viena	7	9	Neblina
Varsóvia	-1	2	Nevoeiro
Atenas	-	-	-
Moscovo	0	3	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	3	10	Chuva
Houston	15	26	Trovoada
Los Angeles	11	19	Limpo
Montreal	-8	2	Limpo
Nova Iorque	6	13	Chuva
S. Francisco	10	18	Limpo
Toronto	-2	5	Limpo
Vancover	4	15	Limpo
Washington	6	13	Chuva
Hong Kong	14	20	Neblina
Melbourne	8	24	Limpo
Pequim	3	9	Limpo
Perth	18	30	Limpo
Singapura	26	32	Aguaceiros
Sydney	20	29	Aguaceiros
Tóquio	10	17	Limpo
Wellington	10	20	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Amoreiras - Campolide: Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; **Areeiro - Apeadeiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Infante Santo - Pampulha:** Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; **Lumiar - Quinta das Mouras:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; **Rossio:** Estácio, Rossio, 60-63, Tel. 327067; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543938; **Santa Bárbara:** Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10, Tel. 570593; **Sete Rios:** Canto, Estrada Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Teles, Rua João Barros, 2-Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada A - Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663340; **Campo Pequeno - Apolo 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10 - Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Liceu Pedro Nunes:** Janeiro, Av. Álvares Cabral, 96-100, Tel. 661453; **Olivais Sul:** Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Tel. 880703; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Permanente; Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE, Tel. 4377619. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9314103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente: **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 Ig. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44, Tel. 2072141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16-C, Tel. 2243729. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. Até às 22 h; **Montijo:** Diogo, R. Almirante Reis, 50, Tel. 2310032. Até às 22 h; **Moita:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025.

MÉDICO DE URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — Capital

1969: MENOS CARNE IMPORTADA

TENTATIVA PARA RAPTAR UM DIPLOMATA SOVIÉTICO

O COMETA «1970-A» VISÍVEL EM PORTUGAL

Menos carne importada

A expansão verificada na criação de gado para abate, durante o ano passado, teve resultados imediatos nas importações de carne, que atingiram apenas 103 mil contos de Janeiro a Agosto, contra 175 mil contos em igual período de 1968. Esta quebra nas importações merece ser posta em relevo, tanto mais que, como escreve o relatório do Banco de Portugal referente a 1969, o consumo interno, sobretudo de gado bovino, está em franco desenvolvimento, por efeito de dois factores importantes: o afluxo de turistas e o aumento do poder de compra de numerosos estratos populacionais cujas capitações médias eram até há pouco bastante modestas.

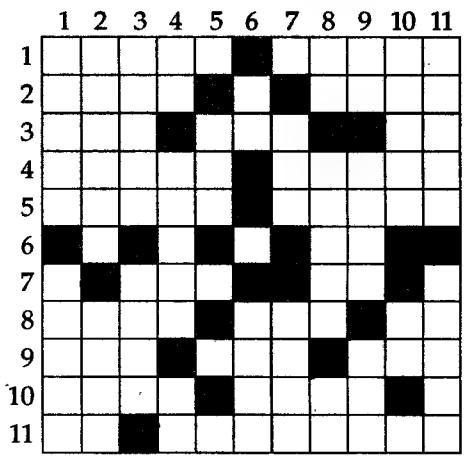
O cometa «1970-A»

O objecto luminoso que se tem mostrado no céu e causa alvoroço a muita gente em todo o País, é, nada mais nada menos «1970-A - Daido Fujikava». O cometa pode ser visto a olho nu, a Nascente e de madrugada, antes do crepúsculo da manhã.

Venda de armas dos EUA à Formosa

Os Estados Unidos forneceram em 1969 secretamente armas à China Nacionalista (Formosa) no valor de 167 milhões de dólares (5700 milhares de contos), noticia o "New York Times", num artigo do seu correspondente em Washington.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17889

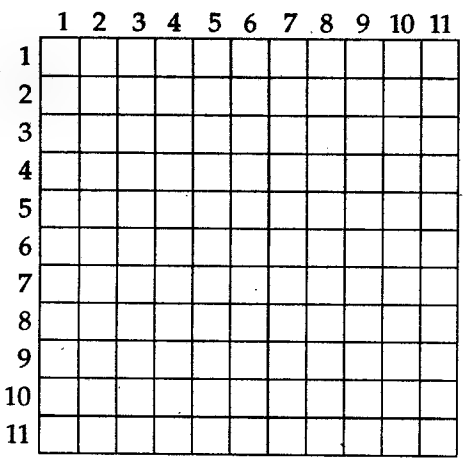
HORIZONTAIS:

1 - Querida. Percebem.
2 - Bola revestida de pele. Lábios.
3 - Fileira. Transpira. Artigo indefinido.
4 - Vela imediatamente superior à grande. Garganta.
5 - Gemera. Encolerizar.
6 - Rádio (s.q.). Cabelos brancos. Grande ribeira da Ásia Russa.
8 - Vila e concelho do distrito de Aveiro. Em as. Pronome reflexo.
9 - Rael. Cidade da Ucrânia. Vai para fora.
10 - Esteiros. Filho da filha em relação aos pais.
11 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Caísse à cama.

VERTICAIS:

1 - Aplaca. Expira.
2 - Adoçais com mel. Vaso sanguíneo.
3 - Içava. Rosto.
4 - Quinto filho de Jacob. Vaguear. Apelido.
5 - Pequeno símio do Brasil.
6 - Despido. Artigo definido. Romance de Emílio Zola.
7 - Nome de letra. Lavrem.
8 - Prefixo que designa afastamento. Naipe das cartas de jogar. Basta.
9 - Boro (s.q.). Estavam. Solitários.
10 - Peixe do mar Vermelho. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
11 - Sugar o leite materno. Animal vertebrado, aquático com o corpo coberto de escamas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16699

HORIZONTAIS:

1 - Maroteira.
2 - Túnica branca com a qual os negros malês vestiam os cadáveres. Reúne em maço.
3 - Grupos de três. Árvore da serra Leoa. Arsénio (s.q.).
4 - Aqui está. Gorjear.
5 - Tungsténio (s.q.). Pessoa que toca bem piano.
6 - Seguias. Antigo cabo de guerra.
7 - Educa. Exclamação que figura no estribilho das coplas com que se festejam os santos populares portugueses.
8 - O mesmo que oh! (Bras.). Rio de França. Antes do meio-dia.
9 - Três mil e quatro em romano. Unidade de trabalho.
10 - Pegaria. Unidade monetária do Japão.
11 - Agarrei. Lago da Escócia. Mulo.

VERTICAIS:

1 - Tocante. Centiare.
2 - Acolheremos.
3 - Espécie de bigorna de cuteleiro. Nota musical. Mil e cinquenta e um em romano.
4 - Passado. Cânhamo de Manila.
5 - Falta de apetite. Circule.
6 - Batráquio. Porquinho da Índia.
7 - Cidade do Canadá. Clima.
8 - Isenção.
9 - Autores. Guarnecei de asas. Zomba.
10 - Peça anatómica formada por tecido cartilagíneo.
11 - Cabelos brancos. Vamos! (ant.). Despido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 888

HORIZONTAIS: 1 - DEUS. SABE. 2 - Espie. Marte. 3 - SC. São. 4 - Ta! Ata. Iman. 5 - Ivã. Anel. Ro. 6 - Nero. Ária. 7 - Osa. Aotos. 8 - Mãos. O. 9 - Qs. Trigo. VS. 10 Uivo. Ar. Bi. 11 - Emalaras.
VERTICAIS: 1 - Destino. QUE. 2 - És. Aves. Sim. 3 - Upa. Aram. VA. 4 - Si. Atol. 5 - ESTÁ. POR. 6 - Cana. Siar. 7 - Am. Era. Grã. 8 - Basílio. 9 - Eram. Ata. 10 - Toar. VIR. 11 - Oó! Nossos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 698

HORIZONTAIS: 1 - Suão. Zagala. 2 - Agen. Osilam. 3 - Ladinos. Apa. 4 - Oro. Andar. 5 - Ma. Ia, Noira. 6 - Op. Chinós. 7 - Nero. Rato. 8 - Dão. Cede. Pê. 9 - Édipo. Assem. 10 - Oxios. Id. 11 - Usou. Chacim.
VERTICAIS: 1 - Salamonde. 2 - Uga. Apeados. 3 - Aedo. Roixo. 4 - Onírico. Piu. 5 - Noa. Coo. 6 - Zio. Crê. SC. 7 - Assanhada. 8 - Go. Noites. 9 - Aladino. Sic. 10 - Láparo. Pedi. 11 - Amarassem.

PROVÉRBIO: DEUS SABE O QUE ESTÁ POR VIR.

EFEMÉRIDES

1746

• Nasce Francisco de Goya, pintor espanhol.

1853

• Nasce Vincent van Gogh, pintor holandês.

1867

• A Rússia concorda em vender o Alasca aos EUA por 7,2 milhões de dólares.

1922

• Gago Coutinho e Sacadura Cabral partem de Lisboa no pequeno hidroavião «Lusitânia», utilizando equipamento concebido pelo primeiro, para a primeira travessia aérea do Atlântico Sul.

1981

• O presidente norte-americano Ronald Reagan, é ferido a tiro por John Hincley, num atentado à saída de um hotel em Washington.

1985

• Realiza-se, nos estúdios da RTP, em Lisboa, o primeiro sorteio do totoloto, sendo o primeiro prémio de 25 mil contos.

1987

• 38 pessoas começam a ser julgadas em Madrid sob a acusação de terem causado o maior envenenamento alimentar maciço da História, com óleo adulterado.

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.35 horas.

ALFA 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
A GUERRA DAS ROSAS
Filme de Danny DeVito
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA CLUBE
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
O CAMINHO DO DEBOCHE
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 horas.

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
COMBATE NOCTURNO
Filme de Fritz Matthews
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ACADEMIA DE POLÍCIA VI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
INFERNO DE HERÓIS
Maiores de 18 anos
às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
Telefone 9434762
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ESTÚDIO SHEZA
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Filme de Nick Nolte
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO NA PRAIA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
O CASAL ORLOV
Filme de Mark Donskoi, às 18.30 horas
A MATTER OF TIME
Filme de Vicent Minnelli, às 21.30, seguido de
SATAN NEVER SLEEPS
De Leo McCarey.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ALVOS HUMANOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

CARTAZ

O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1 — Qualidade — PUB — Maiores 12 anos

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE
Filme de Peter Greenaway
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 3525133
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
TEMPOS DE GLÓRIA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

GAMOSA
TAPEÇARIAS REVESTIMENTOS
CORTINAS DE BANDAS VERTICAIS ESTORES DE PALITOS
AV. JÚLIO DINIS, 2-C
1000 LISBOA
TEL. 76 90 12

I.A.T.A.
FUNDADO EM 1966
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Alvará do Ministério da Educação e credenciado pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

DE 4 A 20 MESES

• ÁREA DE INFORMÁTICA
ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES NAS LINGUAGENS – C – COBOL – BASIC – RPGII – PASCAL – LOTUS 123 – dBASE III – IV
MICROPROCESSADORES – ANÁLISE DE SISTEMAS – TELEPROCESSAMENTO

• ÁREA DE GESTÃO
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
CONTABILIDADE GERAL ou ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL – INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE – IRS/IRC – FISCALIDADE – ANÁLISE DE PROJECTOS E INVESTIMENTOS – CÁLCULO FINANCEIRO – GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS – GESTÃO DE STOCKS – GESTÃO FINANCEIRA – GESTÃO COMERCIAL MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS – GESTÃO DE PRODUÇÃO – GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

DIVERSOS
COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, JORNALISMO E PUBLICIDADE
HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS – ASSISTENTES DE RECEPÇÃO – SECRETARIADO DE DIRECÇÃO – DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – CAD (Desenho Assistido por Computador) – DESENHADOR DE MÁQUINAS – TOPOGRAFIA – MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES

PROFISSÃO – ACTUALIZAÇÃO – VALORIZAÇÃO – ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS AINDA EXISTENTES

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO – INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO
Palácio dos Duques de Bragança – Rua Vítor Cordon, 45 – 1200 LISBOA – Telefs. 371032 – 3285
Telex 43331 – Telefax 371032 – Informações das 9.30 às 19.30 h. ininterruptamente.

CARTAZ

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
FOGO INFERNAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
ORGASMO DE MISS JONES
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
A NOIVA QUE VEIO DO INFERNO
Filme de Daniel M. Peterson
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos

«Os Fabulosos Irmãos Baker», em exibição em várias salas de cinema

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.16 horas.

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 10.00 e 21.45 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.45 horas.

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 horas
DESAPARECIDO EM COMBATE III
Amanhã às 23.45 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.
FIVEL-UM CONTO AMERICANO
Domingo às 11.00 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SEM PRESSA PARA VIVER
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
A TURMA DOS REPETENTES
Hoje e amanhã às 23.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas
REGRESSO AO RIO KWAI
Sábado e Domingo às 24.00 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.45 Horas.

ALTO DA BARRA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
TESTEMUNHA A ABATER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Mairoes de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
RIO DA MORTE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - Telef. 878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes.

COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia.
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45. Dom. às 15.00 e 18.00 horas
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - Telef. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 23.00 horas
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30. Sáb. e Dom. às 17.00 horas
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela Comp. Persona.

TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45, Dom. às 16.00 horas
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados também às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

OUTRAS LOCALIDADES

FIGUEIRA DA FOZ BUARCOS
Sexta e Sábado às 21.30, Domingo também às 16.00 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas.

PORTO
TEATRO SÁ DA BANDEIRA
De 4ª a 6ª às 21.30, Sáb. às 20.00 e 23.00, Domingo às 16.oo e às 21.30 horas.
ORA BATE...
BATMAN'SO

INFANTIL

SOCIEDADE FILARMÓNICA R. A. AMADORA
R. Elias Garcia, 142 - telef. 4934561
De 2ª a 6ª às 11.00 e 15.00 horas
A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro.

TIL
R. Leão de Oliveira, nº 1 - Telef. 3639974
Aos Sáb. Dom. e Fer. às 16.00 horas
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes.

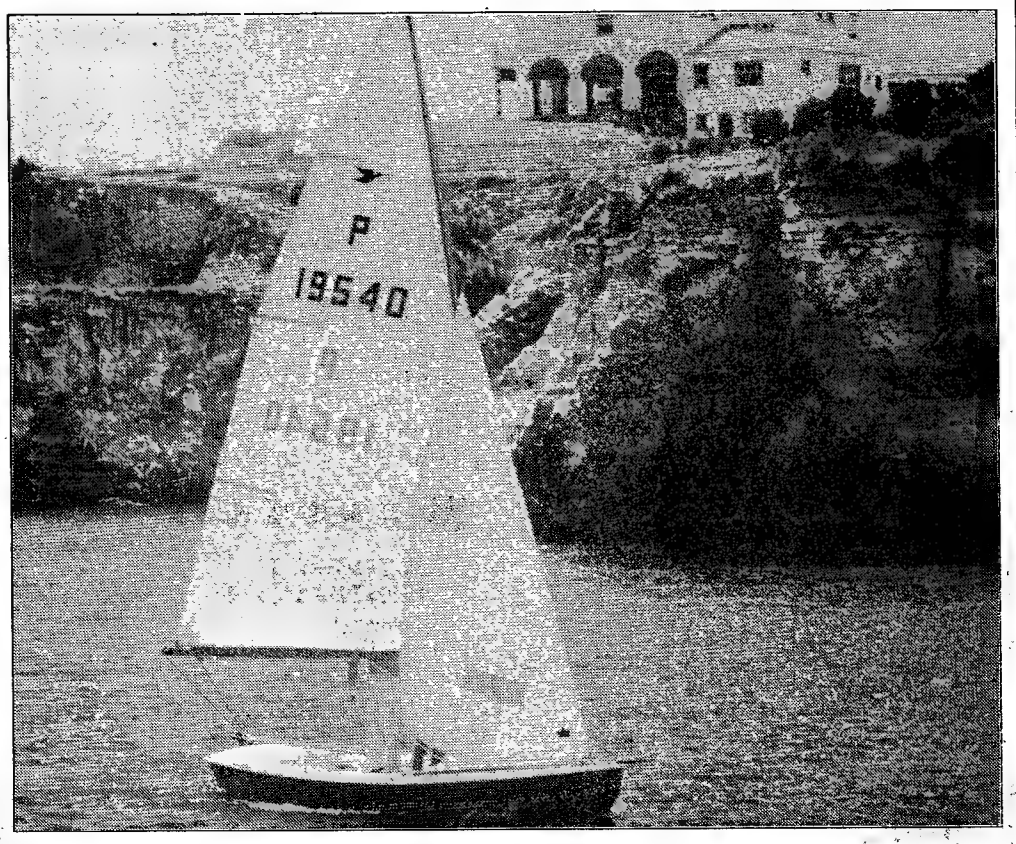
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
137º episódio
17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
105º episódio
18.55 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
81º episódio
21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
13º e último programa: «Algarve Desconhecido». Francisco Manso, Miguel Faria e a restante equipa continuam a descobrir a região algarvia: desta feita, para encerrar a série de treze programas, o itinerário inicia-se em Alvor, os pescadores preparando as suas «artes»; a matriz, momento erudito que nos transporta a Lagos. Nesta cidade, destaque para a Igreja de Santo António e a sua talha dourada e para o património natural: a Ponta da Piedade e o espectáculo da costa recortada pelo mar. Depois, a caminho da Raposeira, uma paragem na Igreja de Nª Sª de Guadalupe. As praias do Zavial e da Ingrina, o malhar do grão, até atingirmos Vila do Bispo. Detaque para a matriz... e um salto até à beira-mar, à praia do Castelejo. Finalmente Sagres (o promontório, o núcleo histórico) e S. Vicente - onde a terra acaba e o mar começa.
21.30 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.20 - TELEMUNDO
22.25 - CHEFE, MAS POUCO...
23.20 - 24 HORAS
23.50 - UM DIA...
Sam Levy
23.55 - REMATE
00.05 - CARTAS DE HUMOR
00.15 - PELA NOITE DENTRO
«A Execução do Soldado Slovik»: um filme de Lamont Johnson (EUA - 1974), com Martin Sheen, Ned Beaty, Gary Busey, Jon Cedar, Matt Clark, Mariclare Costello, Joseph George, Kathryn Grody, Laurence Haddon, Charles Haid, etc. Produzido para a televisão e baseado num caso verídico, «A Execução do Soldado Slovik» foi, devido á sua grande qualidade, distribuído comercialmente em Portugal, muito embora tivesse passado quase despercebido num cinema de Lisboa. Dirigido com rara sensibilidade e grande eficácia por Lamont Johnson, este dramático e intenso relato sobre a tragédia pessoal de um homem que teve a infelicidade de sofrer até às últimas consequências o rigor da justiça de guerra porque era um caso ideal para ser exibido como exemplo, assenta quase essencialmente no trabalho de um actor admirável como é Martin Sheen.



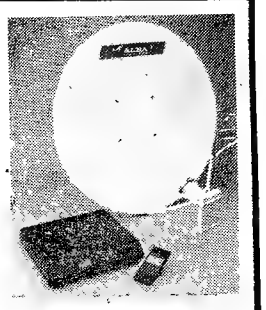
O 13º e último programa da série «Mobil nos Caminhos de Portugal», às 21.10 no 1º Canal

A partir das 00.15, na rubrica «Pela Noite Dentro», o filme «A Execução do Soldado Slovik»

RTP-2

16.55 - 3, 2, 1, CONTACTO
17.25 - A HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
18.00 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.30 - HAJA MÚSICA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 31º episódio
20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
28º episódio
21.55 - HORA DA VERDADE
23.00 - ROTAÇÕES

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS À TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

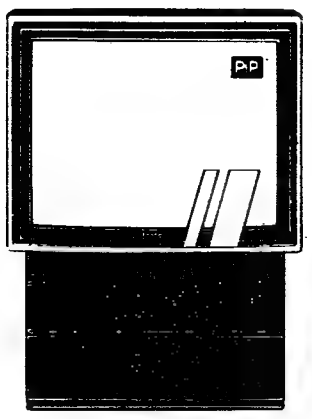
RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
12.00 - NO REINO DO URSO POLAR
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.15 - SESSÃO DA TARDE
16.50 - OS ESPECTACULARES RECORDES DO GUINESS
17.15 - VIVAMÚSICA
18.00 - RICARDINA E MARTA
19.10 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.25 - CONTOS DE HOLLYWOOD
22.30 - OSCARES 1990
00.10 - CINEMA DA MEIA-NOITE
«The Yakuza»

RTP-2

09.01 - UNIVERSIDADE ABERTA
10.15 - JOGO DOS DISPARATES
10.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
13.15 - NOVOS HORIZONTES
13.40 - ILHA DAS CRIANÇAS
14.00 - ARTE NEGRA
15.00 - ESTÁDIO
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
19.55 - ENCONTRO EM TRIESTE
21.15 - ESTÁDIO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 TELEMUNDO
RTP 2 DONA BEIJA
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença



Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

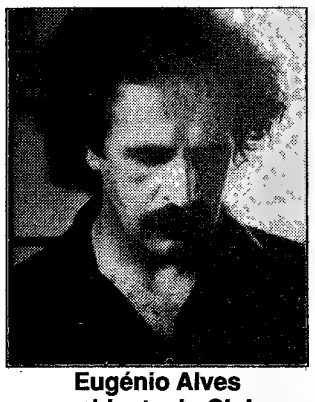
Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«É o próprio Governo que promove (ou favorece) sucessivos atentados ecológicos, descurando os estudos de impacte ambiental nas obras a realizar»

Jorge Lemos, «Tempo», 29,03.90

A PERGUNTA DO DIA



Eugénio Alves presidente do Clube dos Jornalistas

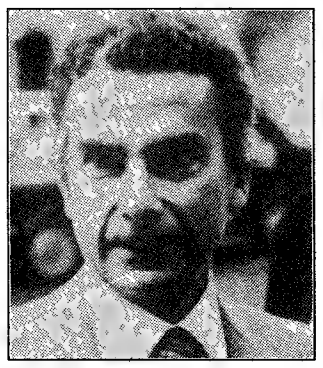
Quais os projectos que a nova direcção do Clube dos Jornalistas, eleita ontem, tem para o clube?

«A perspectiva fundamental desta nova direcção é a do aproveitamento de todas as potencialidades da sede, no sentido de criar um amplo espaço cultural polivalente ao serviço dos sócios, dos restantes jornalistas e da própria população de Lisboa. Esperamos que a nova vereação da Câmara Municipal de Lisboa possa rapidamente concretizar as obras de beneficiação do espaço-jardim de que dispomos, de resto já previstas pela anterior vereação.

Noutra perspectiva, tencionamos desenvolver, em articulação com o sindicato da classe, um maior número de iniciativas socioculturais que determinem uma cada vez maior unidade entre os jornalistas, respeitando e estimulando a diversidade de opiniões. Queremos um Clube dos Jornalistas como associação cultural da classe e da cidade de Lisboa.»

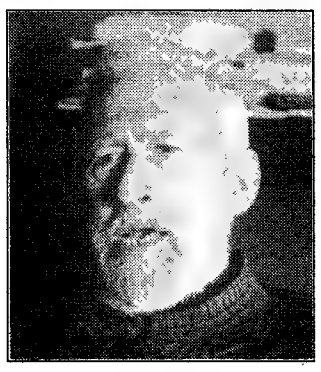
O DL SUGERE

a Cavaco Silva



Vá à vila da PAREDE, na linha do Estoril e assista ao leilão do recheio da magnífica vivenda que terá pertencido a Snu Abecasis, mulher de Sá Carneiro. Além de mobiliário de grande valor, pinturas a óleo e a aguarela e porcelanas de várias origens, vai ser também leiloado um dos fatos do malogrado primeiro-ministro. Uma recordação do líder histórico dos sociais-democratas que o partido decerto não deixará em mãos alheias...

aos candidatos ao ensino superior



Vejam o programa CONVERSAS VADIAS, de Agostinho da Silva. Todas as quintas-feiras, cerca das 22.30 horas, este velho filósofo, agora descoberto pela Comunicação Social, dá, durante meia hora, verdadeiras lições de como falar sobre tudo e sobre nada, de como discorrer sobre os assuntos mais díspares com grande à-vontade e fluidez de discurso. Nada mais útil para quem tem de se preparar para a segunda chamada do difícil teste de «cultura geral» que é a famigerada Prova Geral de Acesso.

aos Verdes

Visitem a SERRA DA ESTRELA. Já que têm que se deslocar este fim de semana à Covilhã para assistirem à Convenção Nacional do seu partido, aproveitem para dar uma volta por aquele parque natural que, apesar de tudo, lá tem resistido à vaga de fogos que todos os anos no Verão invade este país de eucaliptos. Um local bem verde, que vai com certeza agradar aos ecologistas, e que poderá servir-lhes de consolo face aos atentados contra a Natureza a que assistem todos os dias.

a Tomás Taveira

Veja o filme QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?, de Pedro Almodóvar. Agora que passou a sua época áurea de fama e sucesso e se tornou, de repente, no assunto favorito da má-língua. Agora que se vê obrigado a fugir de fotógrafos e jornalistas - de quem outrora tanto gostava, como o Diabo da cruz, vá ver esta película. Pode ser que ela o ajude a descobrir o que fez para merecer isto.

Grupo de Trabalho DL sobre Economia

As relações luso-espanholas

Manuela Morgado
António de Sousa
João Salgueiro

MODERADOR LUÍS RIBEIRO

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA

Segunda-feira no Diário de Lisboa

Evocação de Bruno Bettelheim

Fim-de-semana desportivo e o Benfica em Marselha

Artigos de Artur Portela e Alfredo Margarido

O concerto de John Zorn no Forum Picoas

meteorologia

Diminutivos

As pessoas não têm dúvidas, mas duvidazinhas. Não pagam a conta, mas o criado traz a continha. Uma amiga não está inquieta com a possível unificação da Alemanha, mas inquietinha. E nunca esqueço como nos meus primeiros tempos portugueses (portuenses), uma senhora do círculo de amigos, ainda na época de fato de banho «decente», declarava que o director da PIDE da Rua do Heroísmo era mauzinho.

A língua portuguesa cultiva os diminutivos como poucas. Talvez só o russo se lhe iguale. Cultiva e manipula com mestria essas palavras mais longas de coisas mais curtas, aliás traduzindo a confiança de que é a linguagem que actua, e não a acção.

Todos esses *–inhos*, *–itos*, *–icos*, etecetera, de facto diminuem, reduzem o conteúdo, mas nem sempre obrigatoriamente encerram carinho (mais um *–inho*, mas este semanticamente fixo), digo carinho, o lado afectivo, a expressão de ternura, o desejo de envolver a noção, mas ainda pode ser uma fuga eufemística, indicar displicência, medo até, não se privando, por vezes, de ironia.

O diminutivo sintético do português oscila entre o afectivo e o depreciativo, entre o amoroso e o pejorativo; a sua inflação até certo ponto influencia a estrutura da língua, caracteriza-a. A sua eventual ambiguidade funciona às mil maravilhas. Vejamos apenas como num teatro de revista o nome do primeiro-ministro passou a *cavaquinho*, o que, à partida, podia significar ternura, depreciação, uma leve ironia, ou afinal um instrumento de música de quatro cordas, rural, da tradiçãozita.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
8 633
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
41 475
12 000 CONTOS

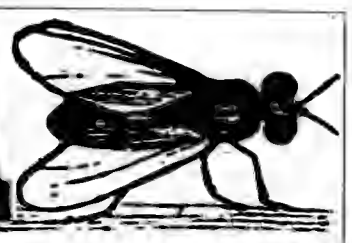
3.º PRÉMIO
52 279
3 000 CONTOS

Outro
Prémio Grande
Terceiro vendido hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

LOTARIA DA PÁSCOA
TALUDA 137 000 CONTOS
Bilhetes a 13 000$00 fracção 1300$00
Habilite-se jogando na
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
30 DE MARÇO DE 1990,
FAZ PARTE ÍNTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



DL

a Semana

A M O S C A

O ESTADO DAS COISAS

SEXTA, DIA 23

Os bispos em Fátima, os ministros em Belém, é um dia todo cosmopolita com a Europa católica e laica com arraiais entre nós. Infelizmente, do arraial à barraca é um passo que a RTP dá sem engulhos: a Fátima desloca reporter, a Belém não liga peva, fica Soares na pior sem imagens do jantar-oficial que ofereceu no Palácio da Ajuda.

Antes isto que um terramoto, que o próximo se acontecer em Lisboa, (cálculos dos militares) fará 12 mil mortos, 20 mil feridos e 50 desalojados; fará não, faria, porque não há-de haver terramoto, como se sabe, estamos na graça de Deus.

O resto são bacatelas: a Caixa Geral dos Depósitos tem lucros de não sei quantos milhões, um quarteirão do Rossio é vendido, por inteiro, aos franceses, canta Elba no Coliseu e mesmo sem adicional os bilhetes de cinema (querias...) é óbvio que não descem de preço.

SÁBADO, DIA 24

Outro dia cosmopolita, desta vez com bailado e música. Estreia em S. Carlos o «D. Quixote» com o Bolshoi na «première», cantam Lloyde Cole em Cascais e Higelin em Lisboa, o primeiro dividiu as gentes, ao segundo renderam-se todos.

Rendidos, a pouco e pouco, estão os portugueses às parabólicas: mesmo ao preço que são, compramos para aí mil por ano, o que o pessoal não sabia é que a maioria dos canais vão passar a ser codificados e qualquer dia quem não pagar o descodificador fica com um prato no telhado a ver a RTP.

A ver o tempo passar estão os que há 28 anos fizeram o Dia do Estudante. Hoje não se faz, comemora-se, por isso o de antanho deu no que deu e o de agora dura um dia e acabou e viva a democracia.

Vivo continua Pessoa, apesar de ter morrido há mais de 50 anos. O «Le Monde» hoje dedica-lhe artigos vários e num deles escreve que a tradução para francês da sua poesia toda foi, literariamente, o fenómeno que dominou a década.

DOMINGO, DIA 25

Um filme lituano ganha o Festival do Estoril, a Villa Souza, na Graça, vai ser de interesse público, e Agustina no «DN» diz que o maior consolo dos pobres é nos costumes parecerem-se com os abastados.

É pouco, pelo menos não se compara com as ambições da Igreja, nada menos que um lugar no céu, neste caso, um satélite europeu de TV, assim o decidiram os bispos hoje reunidos em Fátima.

Cavaco, esse reuniu em Paris, com o seu homólogo francês para, entre outras coisas, descobrir que dos 800 mil portugueses que por lá vivem apenas para aí 2% ainda estudam a nossa língua.

SEGUNDA, DIA 26

Para melhor, está bem, está bem que para pior já basta assim, é a maioria a dizer (numa sondagem DL) que está de acordo que se abra a TV portuguesa à iniciativa privada, abaixo o monopólio da RTP, dividido estão os sondados sobre a legitimidade da Igreja católica ter acesso a um canal sem o disputar em concurso.

E por falar em concurso, hoje começou a PGA: eu pageio, tu pageias, ele pageia, 95 mil pagearam, mas 50 mil, por muito que pageiem, não entram na Universidade, que não há vagas para todos e, assim, de pequenino é que se começa a saber como é a lei da selva, deve ter sido por sadismo que na PGA se deu para interpretar este versos de Pessoa: *«Ai que prazer/Não cumprir um dever,/Ter um livro para ler/E não o fazer!/Ler é maçada/ maçada,/Estudar é nada./O Sol doira/Sem literatura»*.

Não vem para o caso, mas começa-se a perceber que o património a salvar, no novo conceito da SEC, tem uma amplitude geográfica tal que para já, para já, se vai tratar do Palácio de Queluz e do Instituto de Santo António... em Roma, que Santo António nos acuda por cá.

TERÇA, DIA 27

«Óscares» ma madrugada, Polícia de Intervenção da manhã, teatro da parte da tarde, foi um dia em cheio. Dos «oscares» já se disse tudo o que havia a fizer, da Polícia (sosseguem) foi só mais um aniversário, o 14.º, quer dizer que não retomou logo no 25 de Abril o passado que já tinha, houve ali um hiato, mas foi só um ar que lhe deu. Do teatro foi o Dia Internacional do dito, Cavaco e mais Santana Lopes comemoraram com promoções e medalhas (queriam o Cintra mas ele negou-se) e uns vagos ameaços de corte nos subsídios, mesmo sem saber deste pormenor já havia contestação, o DL titulou sobre o Dia do Teatro... «política teatricida».

Mas se hoje foi um dia em cheio é porque ainda não acabou. Assim, no exacto momento em que os deputados começavam o debate sobre os direitos de autor, em Telheiras esteve quase a abrir um euromercado chamado... Euromarché, o que nos valeu foi o presidente da RFA para nos lembrar que somos portugueses, citando no Parlamento três vezes Fernando Pessoa.

E há mais, que este país tem de tudo, até um desertor da guerra colonial julgado vinte anos depois e — imaginem — minas de ouro! Em 1989, extraíram-se delas 267 quilos do chamado vil metal.

QUARTA, DIA 28

Com tanto ouro que extraímos, bem nos podemos dar luxo de empandeirar uma barras lá pelas bancas americanas, o assunto vem de trás mas só hoje o governador do Banco Portugal foi à Assembleia da República. Com perguntas ou sem perguntas, o mais certo é que este ouro... viste-o.

E ver vê-se o país, assim em três penadas ligeiras: a maior das causas de morte materna ainda é o aborto (não era legal?), os cãezinhos de Lisboa vão ter balneários público e, por hábito ou sujeira, somos na CEE dos que gastamos menos detergente em pó.

QUINTA, DIA 29

Há concertos e debates, cinema, teatro e TV, mas para remate vai assim, com uma sessão de poesia e é a última este mês, na Assíro & Alvim. Título: O Estado das Coisas. Fosse o do país o dos poetas e já não era mau de todo.

Rodrigues da Silva

PRESO POR TER CÃO...

Perestroika é, para nós, uma palavra simpática, uma lufada de ar puro, inspiradora de solidariedades.Para alguns, é uma arma aterradora (no balanço das suas vítimas, figuram Kadar, Husac, Honecker, Zivkhov, Ceausescu). Por vezes, assume-se como um fantasma temível (que o diga Castro!). Foi, pois, esse substantivo multívoco, ou antes o seu espírito, que incendiou todo um sistema, fez ruir muros e ameaça agora a integridade desse imenso mosaico étnico que é a União Soviética.

Esconjurados os gulags, enterrados os medos nos cemitérios da paz estalinista, ressurgem velhos sonhos, longamente contidos pelo férreo braço da repressão. É neste contexto que o Báltico, com à Lituânia à cabeça, salta para o primeiro plano na cena internacional. Mas a ameaça não se fica por aí: já outros povos, como os georgianos, os moldavos, os azerbaijanis, manifestaram com vigor os seus propósitos independentistas. O Kremlin, o mesmo é dizer Gorbachev, com uma fúria e mágoa contidas, hesita entre dois fogos, e tal como o ferro nas brasas, flexibiliza as suas posições: «uma no cravo, outra na ferradura» ou, «enquanto o pau vai e vem» folgam as costas do Presidente.

A sua posição dilatória é motivada pelo empenho em conduzir a bom porto as reformas a que se propôs e que, internamente são o alvo principal dos conservadores e de toda a corte brejneviana, que suspira pelos velhos tempos.

Com efeito, as alternativas são quase nenhumas e colocam um dilema de difícil solução: se Gorbachev cede aos anseios independentistas, logo cairá sobre si o Carmo e a Trindade dos outros nacionalismos e, inevitavelmente, o bloco conservador, da velha «nomenklatura" que, apesar das sucessivas limpezas, ainda tem o seu peso no actual aparelho de Estado. Por outro lado, há uma imagem exterior, composta e retocada ao longo de cinco agitados anos, e que se torna crucial preservar. Não interessa absolutamente nada a Gorbachev, para a sobrevivência e desenvolvimento da sua política, um abrandamento da confiança que lhe foi tributada pelo Ocidente. A economia soviética precisa, como do pão para a boca, dos investimentos e da tecnologia deste lado de cá e não faria sentido regredir em direcção aos anos da guerra fria, de tão má memória.

Sintomático é o facto de Moscovo, depois de um ensaio de força em Vilna, ter acabado ontem por flexibilizar a sua posição, chegando ao ponto de anunciar uma amnistia aos soldados lituanos desertores. No início da semana eles eram perseguidos pelos paraquedistas soviéticos, que para isso invadiram vários edifícios públicos, onde alguns se refugiavam.

O jornal francês «Le Monde» revelava, na sua edição de ontem, que Gorbachev estaria a preparar medidas no sentido de possibilitar à Lituânia um acesso «legal» à independência. Mas, ao mesmo tempo, acrescentava que isso poderia acarretar-lhe uma forte oposição no seio do Exército soviétivo. Não é, de facto, fácil agradar «a gregos e troianos»...

Seja como for, o problema dos nacionalismos na URSS, um cravo espetado no lombo da perestroika, constitui um dos maiores desafios à liderança de Mikhail Gorbachev.

Soluções não terá certamente na manga, senão já as teria lançado a terreiro. Mas com perseverança, ampla capacidade de diálogo e criatividade, pode conseguir uma saída, que não a da força, pelos seus efeitos nefastos, a todos os títulos.

Na esteira dos vendavais perestroikianos, aí temos, com todo o seu peso, a velha aspiração da unificação alemã. Os conservadores, com Helmut Kohl na primeira linha, multiplicam-se em «demarches» para uma rápida concretização desse sonho. O chanceler da RFA já admite a possibilidade de um Governo único para 1991, enquanto os sociais-democratas, mais cautelosos, torcem no sentido uma maior delonga. Sabem que «filhos feitos à pressa...». Um dos vários obstáculos à unificação rápida, para além da questão da moeda, é amplitude de ligações à detestada Stasi, que afecta figuras cimeiras da RDA. Para Kohl, a solução é fácil: uma amnistiazinha, e pronto. Mas há ainda a questão das fronteiras, sobre a qual ele, até hoje, sempre se ficou «nas meias tintas».

Mas se todas estas questões são o resultado directo da liberalização que varre meio mundo, há quem, contrariando a corrente, tenta inverter a marcha. Referimo-nos concretamente ao Zimbabwe, onde ontem houve eleições para ... o regresso ao partido único. Mugabe, justiça lhe seja feita, não se comove com os ventos da história. Ainda tem fé nas virtualidades do marxismo-leninismo e acredita que para o seu país é o sistema mais adequado.

Jorge Ferreira

SE ME CHAMASSE ROSA MOTA

Se eu em vez de me chamar Maria Margarida Costa da Silva me chamasse Rosa Mota punha-me a correr a correr até chegar a America e quando lá chegasse arranjava um «part time» (só corria de manha ou so corria à tarde) e mandava de lá um postal ao senhor presidente da Confederaçao do Atletismo português a desejar-lhe muito boa sorte um futuro muito próspero e muitas felicidades na papelada de que ele trata e nas burocracias de que ele é presidente para maior glória das corridas que eu fosse ganhando sim porque quem ganhava as corridas era eu e a verdade é que o nome dele nao figura nas listas dos ganhadores de corridas nem nas listas dos heróis da Patria nem para dizer a verdade em listas nenhumas e pronto acabava-se esta questao toda que ocupa tanto espaço nos jornais que leva tantas horas à televisao e que até obriga o nosso ministro da Educaçao a depor com sorrisos amarelos claros na televisao sim porque tudo isto é a nossa velha mania das complicaçoes a vir ao de cimo ora o que a gente tinha de saber era só isto

se queremos ganhar corridas ou se queremos
os papeis dos atletas devidamente carimbados
arquivados e esquecidos
Se queremos ver o nome de Portugal de vez
em quando à frente dos nomes dos outros ou
se queremos continuar como até agora a ver
papeis e a falar de teorias
Se queremos atletas ou se queremos burocratas

se a resposta fosse que queremos atletas fechavamos as portas da Federaçao e eu ganhava mais corridas se a resposta fosse que queriamos burocratas eu ir correr para a América e davamos uma taça de ouro ao presidente da Federaçao isto era tudo claro como a àgua por exemplo (é preciso dar sempre um exemplo histórico senao as pessoas nao acreditam) se a Federaçao dos Pais da Patria tivesse chatiado o D. Afonso Henriques e ele tivesse ido arrear nos mouros para Espanha nao tinhamos

Portugal mas tinhamos os papeis da Federação dos Pais da Patria todos muito ordenados e arquivados se a Federaçao dos Descobridores nao tivesse deixado o Vasco da Gama partir para a India nao tinhamos descoberto o tal caminho marítimo mas tinhamos os arquivos todos em ordem se a Federaçao dos Revolucionários nao tivesse deixado os revolucionários de 25 de Abril sair para a rua por eles nao terem feito um requerimento qualquer ainda andavamos todos a marchar às ordens da PIDE é o que eu digo e se eu fosse para America ficamos com Federaçao mas nunca mais temos primeiros prémios nem taças nem os nomes nos jornais nem vitórias gloriosas nem nada que valha a pena a nao ser que o senhor Presidente da Federaçao se pusesse em cuecas e fosse correr a maratona atrás (repito: atrás) de mim aposto que era lindo! ele a correr desalmadamente e eu a ganhar ele a deitar os bofes pela boca fora e eu a ganhar! ele deitado no chao e eu em pé no podio! ele todo contente e a bandeira americana a subir ao mastro! era uma glória uma verdadeira glória só é pena tudo isto ser fantasia por eu nao me chamar Rosa Mota já que me chamo Margarida Costa da Silva mas de qualquer forma aqui fica o meu recado para ela «trata de ti e manda o resto à fava porque enquanto tratares de ti está a tratar de nós e se começares a tratar de nós nunca mais tratas de nada nem de nós nem de ti «e pronto acabou-se o assunto e passo a dar notícias da família infelizmente essas notícias nao sao grandes a minha Avó continua presa no sótao para aprender a nao fazer «jogging» no largo da Graça o meu Pai continua na Camara a pensar no que é que há-de fazer para ser ministro (mas ainda lá vai) a minha Mai continua a ir às compras a queixar-se do preço das couves a estragar a máquina de lavar a roupa e a pensar em ir ao cabeleireiro para o meu Pai nao se por à janela a olhar para a D. Genoveva do escritório que agora alugou um quarto em frente da nossa casa e eu cá estou a aprender a ser filha de um futuro ministro

Canal DA Crítica

A MOSCA

MÁRIO CASTRIM

A RTP tem vários espaços dedicados à discussão dos problemas do nosso país e do mundo. A RTP gosta muito de discutir, de reflectir, de se imiscuir. A RTP é formidável. Nos seus vários espaços de paleio, mata que se farta. **Primeira Página, A Hora da Verdade, Telemundo, Sinais do Tempo.** Ainda há mais. Mas não tenho a lista telefónica à mão. Nem o rol da mercearia.

O diabo é que caçam todos na mesma coutada. Discutem a droga. Depois a prostituição. O Ensino. A violência sobre as crianças. A adopção. O insucesso escolar. O trabalho infantil. As privatizações. A SIDA. O problema da habitação. O problema da saúde. A TV privada. O fenómeno dos problemas. O problema dos fenómenos. O problema dos problemas. Depois voltamos ao Ensino, à Habitação, à adopção, ao trabalho infantil, à droga, etc., etc. Isto quando não falam todos da mesma coisa e ao mesmo tempo..

Não nos basta ter problemas, ainda temos de os gramar na RTP a todo o momento, como se fôssemos surdos. Ou tolos. Ou como se os não sofrêssemos na nossa própria pele.

MAIS DROGA

Agora, outra vez, ainda outra vez a droga. As mesmas queixas, os mesmos rumores, as mesmas informações, os mesmos processos. A câmara finória a espreitar os movimentos do passador diligente, sabem como é?

De original, no mundo infindável do crime, a denúncia da relação entre a droga e a lei. Ouçamos:

— Eles lavam o dinheiro transferindo-o para operações financeiras legais. Fazem-no criando sociedades anónimas, o que permite que fique secreta a identidade do investidor. Até lhe permite que venda a si próprio, através da sua própria firma. Os banqueiros, esses, dirão: «Não sabíamos de nada, era tudo negócio. Que diabo, eu não sou polícia, não esperam com certeza que eu faça investigações. Droga? Não fazia a mínima ideia...»

«Não fazia ideia» é uma expressão que se vai ouvir muito durante os próximos anos. Sempre que alguém for preso, hão-de aparecer pessoas a dizer: «Céus, não fazia ideia!» Não custa nada a dizer e soa bem.

E pronto. Lá acabou mais um programa sobre a droga. A propósito: quando é que na RTP apresentam um programa sobre esse grande problema do nosso tempo que é a droga?

O PAPEL DA IGREJA

Padres da Europa toda estiveram reunidos em Fátima para, iluminados por Deus e pela EDP, discutirem os problemas do foro temporal. Como não podia deixar de ser, vieram à balha as questões dos países do Leste — ou a Leste, não sei.

Bom. Aquele bom padre iugoslavo mostrava-se muito preocupado com a provável perda da influência da Igreja, nesses países. Explica: «Desde a Segunda Guerra Mundial, a igreja era o único local possível para a oposição, pois tinha uma relativa liberdade de expressão contra o sistema totalitário. Depois da introdução nesses países do pluripartidarismo de várias ideologias, a Igreja não terá a mesma influência.»

Perdão, bom padre. A influência da Igreja, creio eu, vai ser agora determinante ainda mais. O desemprego, a criminalidade, as carências (seio-o por via RTP) já crescem na Hungria, na Polónia, na RDA. A Igreja agora deve intervir, aconselhando às pessoas calma e resignação, tudo por amor de Deus e glória de João Paulo.

Cerejeiras podem morrer. As cerejas ficam. Em compota... democrática. Mas ficam.

UM DIA... AQUILO VAI MELHORAR

Nos últimos tempos, a RTP lançou duas novas rubricas. Fê-lo pela calada, sem ninguém dar por isso. Envergonhadamente? Por favor, minha senhora, aprenda a ter vergonha quando for mesmo caso disso. O que não sucede agora.

Ambas são cousas pequenas. Quase não se dá por elas. E não só por serem pequenas (a qualidade não se avalia ao metro quadrado), mas porque não têm hora certa e acontecem a uma hora em que a grande maioria da assistência dorme. Heróis serão, dignos do 10 de Junho, os portugueses que bebam o cálice de veneno até ao fim, na mira de um instante de boa disposição. Se é que há boa disposição no mundo depois de tanto veneno.

São dois os programinhos: **«Um Dia... e Cartas de Humor.**

Um Dia... vai depois do **24 Horas**, também conhecido no meio por **A hora trágica do crime**. Dura à volta de três minutos. **Cartas de Humor** vem mesmo no fim do programa. Acaba ele, acaba a televisão. Enfim, qualquer preço será bom para que ela acabe.

Quer para um, quer para outro, tem a RTP recrutado nomes conhecidos e prestigiados. Não darei o rol completo dos já apresentados mas, dos colaboradores de **Um Dia...** recordo (isto é: tenho uma lembrança gostosa de Joaquim Letria e Lauro António.

Joaquim Letria contou-nos a história daquele escrivão popular ao serviço dos analfabetos ou confusos que se atrapalham ou são incapazes de preencher um impresso. Eu, por exemplo. Cobra **xis** por trabalho. A propósito: haverá disto na comunidade registada na siglaria como CEE?

Pois o escrivão mercenário não levou nada ao analfa que tinha de mandar uma carta de amor. Foi bonito. Fomo-nos deitar mais repousados, mais em paz com o mundo. Aquilo, sem o **24 Horas** que o precedera, estava perfeito.

Lauro António falou da dificuldade em escolher um dia da sua vida, tanto ela rica em dias — o nascimento do filho (olá, Frederico, estão aqui a dizer-me que és o maior!) o 25 de Abril, etc., etc. Mas com significado não apenas pessoal, mas social, contou o que lhe acontecera em Nova Iorque, aquando da nomeação da sua **Manhã Submersa** para o **oscar**.

Durante a apresentação pública perguntaram quanto custava o filme. Lauro António deixou à sua colaboradora o encargo de explicar o câmbio. Foi um espanto, diante daqueles 35 000 dólares. Por aquele preço não se fazia lá nem um metro de película.

No dia seguinte, de manhã, recebe o telefonema da colaboradora. Aflita. Errara no câmbio. Que era, de facto, 3500 dólares...

Quanto às **Cartas de Humor** permito-me recordar aqui a cena de Vítor Norte.

A personagem lança para a mesa, rodeada de malta, nota sobre nota, 497 mil, 498 mil, 499 mil, quinhentos mil contos!

— Como foi que ganhaste tanto dinheiro?

— A trabalhar.

Gargalhada geral. A cena durou 58 segundos. Notável de concisão e de eficácia.

A ideia da RTP é de continuar e de melhorar. Mas cada qual tem de se integrar num plano — e para isso é necessário que o plano exista.

Um Dia... surge uma história, um acontecimento, à boa maneira popular: «Um dia, ao sair do castelo, a princesa encontrou um velho que...» A intervenção do antropólogo prof. Rui Rodrigues estava absolutamente deslocada, e não certamente por culpa sua, mas de quem o convidara.

Sendo a ideia boa, pode ser mais uma ideia assassinada. Primeiro, não tem lugar certo no tempo; depois, apanho já um público reduzido à expressão mais simples. Quem é que saboreia depois de tanta seborreia? A RTP irá certamente reunir aquelas coisinhas em compacto, arrancá-las da noite, do sono, do anonimato. Algumas merecem.

Meus amigos, como os tempos mudam, como os tempos mandam. Antigamente, lembram-se?, era «a meditação», agora é o histrião. A palavra divina deu lugar à expressão laica. O humor dos homens sucedeu ao amor de Deus. Depois não querem que a Igreja deseje um canal seu...

Antes que me esqueça: por que é que a RTP não identifica os actores intervenientes? É moda? Inovação? Azelhice?

UMA KINOTERAPIA: URGENTE

João Soares Tavares, sobre cujos ombros assenta o Festival de Cinema da Costa do Sol, falou da importância deste festival, nos domínios da cultura, para as crianças e para os jovens.

Mostrou-se preocupado com o afastamento do cinema por parte dos níveis etários mais baixos.

Com absoluta razão. Os filmes dos vídeos e da TV não são cinema, nem pela dimensão artística, nem pelo envolvimento social, nem pelo significado educativo.

O cinema educa as pessoas para a concentração espiritual, para a disciplina mental. Em casa a dispersão é total. O telefone, as conversas, as inúmeras solicitações. Sem cinema, sem teatro, sem leitura, as crianças correm o perigo da instabilidade emocional e intelectual. João Soares Tavares tem razão. Pena que a conversa fosse tão pequena para assunto tão grande.

— Não devo continuar.

— Porquê?

— Não sou burro, vejo aquilo que me rodeia.

(Raul Águas, treinador do Sporting)

«Makukula chega atrasado, o bastante para não chegar a tempo.

(Gabriel Alves, relator desportivo)

Muitos votam no PSD sem serem sociais-democratas normais.

(Ângelo Correia, no Frente a Frente com Luís Beiroco)

Fazer antevisões não é o meu forte.

(João Alves, treinador do Amadora)

A longo prazo pretendemos ser o maior partido português.

(Luís Beiroco, do CDS, no Frente a Frente com Ângelo Correia)

Na Hungria aumenta o desemprego, a inflação sobe aos 30 por cento, três milhões de pessoas vivem abaixo do nível de sobrevivência. A solução é a economia de mercado.

(Carlos Fino, enviado a Budapeste)

Os americanos estão preocupados com as nossas relações com os países da Europa.

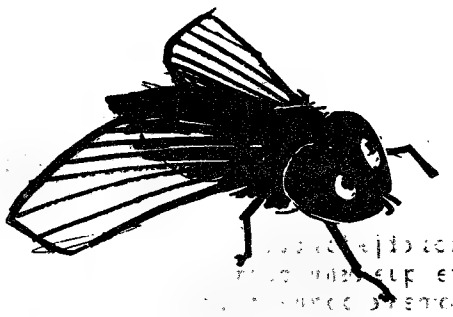
(Jornal de Sábado)

A saída do comunismo foi fácil. Difícil é o que vai acontecer.

(Padre Cardoso Duarte)

(As relações com as igrejas de Leste à semelhança com o que sucede na economia) podem trazer problemas às igrejas mais pobres do Ocidente?

(Pergunta de J. Soares Ferreira ao padre Cardoso Duarte)



Puros-sangues não há muitos a trotar bem, vamos com Deus.

(Major Jorge Matias, relator de hipismo)

A mulher deve actuar no campo da cultura e não da política.

(Natália Correia, no Parlamento)

Camarote da presidência do Vitória de Setúbal? Uns bancos corridos...»

)João Santos, presidente do Benfica)

Leonor Beleza é bonita. Eu tenho preocupações estéticas e não gosto de ministros feios.

(Natália Correia)

Ele continua a fugir, porque a sua inocência é na verdade quimérica.

(Último episódio do Fugitivo, últimas palavras)

Conheço pessoas que hoje são traficantes e eram, há 10 anos, assaltantes à mão armada. Por que hão-de três homens assaltar um banco, com os riscos inerentes, para conseguir 50 mil libras, que têm de dividir entre si, se podem comprar dois quilos de cacaína e obter um lucro de 200 mil libras?

(Chefe de Polícia inglês, Sinais dos Tempos, emissão dedicada à droga)

Os países democráticos estão ameaçados na sua própria estrutura.

(Idem)

A pior coisa que pode acontecer a uma pessoa é estar possuída de si própria.

(Agostinho da Silva, Conversas Vadias)

Todo o profeta deu um mau político.

(Idem)

Não aceitarei negociar com a navalha na garganta.

(Jonas Savimbi)

— Quando os homens vêm comprar um livro de culinária, como é que pedem?

(Programa da Manhã, inquérito numa livraria)

Se uma receita sai mal, a culpa é do leitor ou do fogão.

(Luís Manuel Goucha, Programa da Manhã)

Na URSS os alemães não fizeram qualquer discriminação entre militares e civis. Houve povoações em que nem um homem escapou.

(Século XX)

A História caminha aos ziguezagues e por caminhos ínvios.

(Frase de Lenine, citada no Século XX)

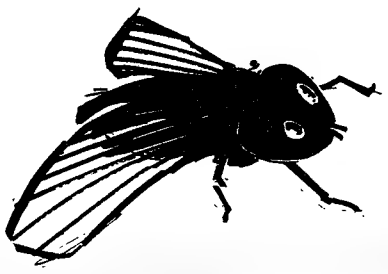
Na Assembleia da República, o caso Drexel esteve hoje em foco. O nosso país arrisca-se a perder 18 milhões de contos devido à falência daquela empresa a quem o Banco de Portugal confiara ouro naquele valor.

(No Jornal das 9. Este é o modelo de como não se deve escrever para televisão. Como é possível que eu fale, fale e eles não queiram aprender? Talvez aprendessem se eu lhes levasse dinheiro. Vou pensar nisso)

A proposta dos Verdes para a criação do Provedor do Ambiente, será **apenas** aprovada pelos Verdes, pelo PCP e pelo PS.

(Jornal das 9)

Texto de Chakê Matossian

A  DOS FILÓSOFOS

O OLHO DA MOSCA

Assim, o espectáculo da mosca e da aranha desperta em Delacroix impressões idênticas às que ressente diante das obras de Rubens. Longe de ser indignado pela violência sanguinária da mosca, Delacroix-Júpiter vê nela a representação da justiça autêntica, da pintura justa, porque feroz e violenta como a natureza. A natureza sanguinária impõe-se portanto para ele enquanto modelo privilegiado da pintura, o que aliás Baudelaire tinha percebido ao registar as palavras de um amigo seu descrevendo a obra de Delacroix como «pintura de canibal» **(Salon de 1846).** No seu texto, **L'Oeuvre et la vie d'Eugéne Delacroix,** Baudelaire considera o lado «selvagem» do pintor como «a parte mais preciosa da sua alma» e releva na sua fisionomia uma «expressão cruel» que acentua o seu temperamento enérgico, o seu «furor» de pintar. No combate entre a mosca e a aranha, é asseguradamente à mosca que Delacroix se identifica e, na classe das moscas (que existe para um autor como Borges) pertencem todas as coisas combativas, fortes, vivas, como ele, como Rubens.

Porém, para além desta simplicidade e desta autenticidade, um outro elemento da arte de Rubens fascina Delacroix. Este elemento tem a ver, justamente, com a repetição do mesmo, a impressão de «já visto» e de estranheza. A luta cruel entre os insectos provocou em Delacroix o que provocam os trabalhos de Rubens: o prazer do temível, o sentimento do sublime face ao colossal. Diante da mosca e da aranha, é o próprio Delacroix que se torna colosso (Júpiter) e experimenta o sentimento do sublime ao olhar para um espectáculo horrível de um ponto de vista exterior, situando-se fora do perigo. Face às obras de Rubens, fica esmagado mas ressente, ao mesmo tempo, um tipo de prazer análogo, dado que as representações, ainda que **tangíveis,** não implicam riscos físicos. Outros quadros produzem um efeito similar em Delacroix, como as batalhas de Gros e a **Medusa** de Géricault, «sobretudo quando a vi feita a meio», acrescenta o pintor. Porquê as obras de Rubens e de Géricault inquietam? Ou, melhor, como é que fazem para inquietar? Delacroix tenta encontrar primeiro razões técnicas como e proporção e a dimensão, mas acaba por admitir que «é um mistério curioso o das impressões produzidas pelas artes nas organizações sensíveis». No entanto, entrevê a explicação do mistério na relação da obra com o inconsciente do espectador, suspeitando deste modo a inquietude estranha e familiar que Freud designará pelo termo de «Unheimliche». Estas impressões não provêm apenas do quadro que não faz senão despertar o que já se encontra em nós: «Creio fortemente que misturamos sempre algo de nós nos sentimentos que parecem provir dos objectos que nos atraiem. É provável que estas obras tanto me agradem somente porque respondem a sentimentos que são os meus; e uma vez que, apesar de serem diferentes, me proporcionam o mesmo grau de prazer, é que o género de efeito que produzem tem a sua fonte em mim».

A inquietante estranheza à qual se mistura o prazer, relaciona-se com a tendência à repetição, tendência muito arcaica que se revela pela emergência do mecânico como duplo da vida, como a sua imitação mortífera (e Baudelaire fala das obras de Delacroix enquanto «grandes machines», mas Delacroix, por seu turno, afirma detestar as máquinas). De resto, Delacroix, conhece este sentimento de inquietante estranheza no momento em que vê o seu reflexo no espelho, um duplo que não domina, um reflexo que é e não é ele: «tive quase medo da maldade dos meus traços». O combate da mosca contra a aranha esclarece a relação de Delacroix com a pintura enquanto relação de domínio. Delacroix-mosca deixa correr o sangue das cores na tela, sujeita-a e recusa tudo o que poderia distraí-lo desta ocupação despótica. Por isso, escolhe a pintura contra a mulher. Considera aliás esta, no dizer de Baudelaire, «como um objecto de arte desobediente e perturbante,... que devora gulosamente o tempo e as forças». A fiandeira, as Parcas associam-se à mulher que, por conseguinte, a aranha não podia deixar de sugerir.

Do seu ponto de vista de espectador, Delacroix-Júpiter, diante da batalha dos dois insectos, confronta-se com um quadro oferecido pela natureza, um quadro que representa o seu olho de pintor. A mosca que incarna Delacroix, como também Homero ou Rubens, desempenha o papel do bom pintor, revela-se na natureza como a mosca de Giotto pintada na tela de Cimabue, confirma a grandeza do pintor. Simultaneamente, ela se impõe enquanto o olho terrível do pintor, olho incisivo, que Delacroix olha como um duplo distanciado; ela é a imagem de si que gera o medo, uma ultrapassagem de si que, no entanto, provém de si. A mosca metamorfoseia-se numa aranha que surge enquanto imagem da própria pintura, devoradora, meduseante, como o quadro de Géricault — e não é, com certeza, por acaso que Delacroix se refere à Medusa —. Sabemos que o mito de Medusa remete para a relação entre o olho e o sexo feminino e esta relação esclarece talvez a atitude de Delacroix diante das obras. Ao identificar-se com a mosca, Delacroix marca o seu desejo de perfurar o olho meduseante para o transpor na obra, o dominar mas também o reproduzir, hipnotizar e atrair finalmente, na tela (teia), os outros olhares de mosca, ou seja os espectadores autênticos que saberão (e saborearão) reconhecer neste «trompe l'oeil» de uma teia de aranha imitando uma mosca, o génio do pintor.

Este elo entre a mosca e o olho meduseante, necessariamente ligado à sexualidade surgirá, desta vez no máximo do seu teor mortífero, na **Histoire de l'oeil** de Georges Bataille.

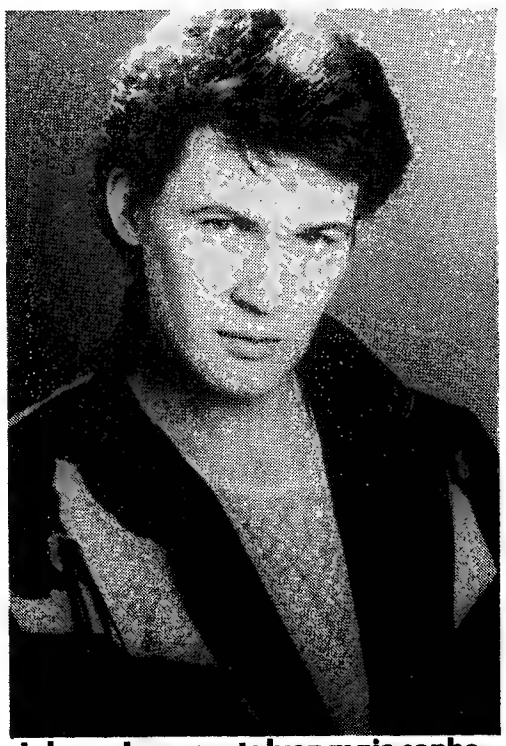
ENCONTROS, DESENCONTROS, CONVERSAS, DIÁLOGOS E OUTROS QUE TAIS (III)

(Notas de um espectador e uma história de amor pelo meio)

Até o Tarzan, não aquele, mas o outro...

Mas depreocupadamente estava o Obélix, o inseparável companheiro do Astérix mas que neste momento permanecia sozinho, a comer com um apetite hérculeo o seu décimo nono javali recheado, pensava e parecia preocupadíssimo com a saúde dos seus menhires, porque como dizia ele «os doidos dos romanos tinham-nos guardados», de vez em quando soltava um suspiro de preocupação — deve-se salientar que esses suspiros se situavam no final de cada javali tragado até aos ossos e o início de um outro — estava ele nos suspiros e nos javalis quando uma virginal menina lhe toca no ombro esquerdo e lhe pergunta numa voz suave mas melada «não viu por aí um chimpanzé com um loiro».

Imaginem portanto a situação: o Obélix sentado perante uma mesa enorme, guarnecida de javalis e de ossos de javalis, usando um guardanapo ao pescoço com uma perna de javali na mão direita e a olhar para aquela figura de branco vestida (isto do branco acho que é por ter qualquer coisa a ver com a virgindade) com o seu belo seio esquerdo à mostra (talvez para que as fotos a publicar — não neste livro, é pena — tenham aquela tonalidade carnal a sobressair do branco) e com uma banana meio descascada na mão esquerda, pois bem, o valente galês só soluçava e ficava com as faces cada vez mais rubras, até que conseguiu dizer «macacos não vi, cara romana...só seios...desculpe, só javalis...não, nunca experimentei» e avançou com uma gargalhada melada e disse em seguida «se com o coitadinho do chimpazé foi aquele barulho, imagino o que seria com um javali» e olhando para o valente galês de tranças e juntando o gesto ao olhar, levou a mão direita à cabeça do Obélix, e começou-lhe a fazer festas meladas «mas sabia que você também é bem curioso», pois bem o Obélix ao ouvir tal já não estava rubro



Johnny Logan, «talvez mais conhecido por guitarra...»

só nas faces, todo ele era timidez, os soluços tinham terminado como que por milagre e ele mantinha a mesma posição que nem uma pedra a boa da Derek passava os seus dedos pelas tranças do pacato solteirão e levando a banana á boca, disse-lhe meladamente «sabe ...(três pontos)...eu ainda sou virgem:, pois bem, imaginem, o que é que o Obélix fez?

NADA. (O desgraçado parecia um menhir — bocas do escriba). Continuava este jogo de festas, por parte da boa Derek, e de fixidez por parte do inseparável companheiro do Astérix, quando se começou a ouvir os sons característicos e um chimpanzé a arrastar o tal loiro de nome tarzan (este tarzan não tem nada a ver com o outro que surgiu algumas páginas atrás, o tal que era campeão de natação, pois esse ainda era sujeito para algumas coisas, agora este, pff...nem para gritar «me Tarzan, you Jane», vejam lá que até os herdeiros o renegaram (outra boca do escriba). Pois o encontro foi emocionante. A boa deixou de fazer festas ao galês e abraçou-se ao chimpazé que se beijaram com ternura (há macacos cá com uma sorte. Já agora, uma pergunta: nunca tiveram pena de não serem macacos? Não? Então pensem neste e depois digam alguma coisa. Não agora. Depois, tá bem). Depois deste encontro a BD levantou-se, deu um beijinho melado na testa do galês e foi-se, abraçada ao chimpazé com o degenerado tarzan atrás. Enquanto os nossos olhares perseguem aquele trio, até sairem para trás de uma qualquer árvore, ouve-se um enorme choro. Fazemos uma rápida panoramica em sentido contrário à que estávamos a fazer a seguir a Bo, e começamos a ver os ainda dezoito esqueletos de javalis, um décimo nono meio devorado e mais uma dezena de javalis tostados, mas ainda intactos, curioso, um momento, os javalis estão já um pouco frios, pronto o Obélix adoeceu, é a única justificação. Este está com o peito em cima da mesa a chorar, parece que diz qualquer coisa (aproximemo-nos lentamente para o ouvir): «estas romanas são doidas...são doidas..(e ainda mais baixinho..mas são tão curiosas:.

Conclusão: se algum dia convidarem o Obélix para jantar em vossa casa e se não tiverem javalis em número suficiente, convidem uma «romana» que se vista de branco e de seios ao léu e se sente ao lado dele (já agora, você também, se pode sentar ao lado dela) e que esta lhe faça festinhas; já sabe ou então fica a saber, até os javalis esfriam:

Depois de reler o que escrevi atrás considero a intervenção da garota uma óptima táctica, assim sempre que a minha mãe — um enorme beijo — fazer filetes de chaputa — o que é que querem, não fui eu que baptizei este saboroso peixe — e alguns dos seus magníficos e deliciosos bolos para sobremesa (delícias da Madeira, bolo de amêndoa e cenoura, bolo de anis, e muitos, muitos outros) para uma qualquer refeição com convidados, convido uma «romana»...sempre é preferível do que durante as refeições ser obrigado a falar de ratazanas, montes de esterco e outros assuntos do mesmo género, tendo em vista a perca de apetite por parte desses mesmos convidados. O problema é que, por vezes, algumas dessas pessoas acompanham-me nesses interessantes temas, o que tem como efeito ser eu o desgraçado a não comer, assim resolvo tudo de uma só vez, vou comendo e apreciando a vista, enquanto — conto com isso — os outros só vêem, chamem-me egoísta, mas o que é que querem, não sou parvo e quando toca a apreciar aqueles petiscos, faço como o outro (novamente o outro), não há nada para ninguém.

Nisto, o Johnny Logan, talvez mais conhecido por guitarra, acerca-se da Vienna, puxa-a para um canto e diz-lhe

«agora que não está aqui o Ray, diz-me a verdade, diz-me que me amas» a Vienna com aqueles olhos enormes a fitá-lo «não te amo», aqui o Johnny berrou «RAY...que gaita», ficou um momento silencioso até chegar a nicholas ray, talvez um verdadeiro amigo americano, que lhe pergunta: «Guitar, o que é que queres?», vê a Vienna e dá-lhe um beijo, então o Johnny Guitar diz-lhe: «Ray, diz para ela repetir o diálogo, ela agora engana-se sempre», «ouve lá ó Johnny...» quem diz isto é o director Ray que acrescenta, colocando o braço direito por cima dos ombros do actor»...isso dela repetir esse diálogo era só no filme e como já te tenho dito, cinema é ficção, não é a vida, portanto o diálogo é fictício, era só para aquele momento», o Johnny parecia cismar naquilo quando de repente se vira para a Vienna e sai-se com esta «mentirosa» e afasta-se para aquilo que ele próprio disse que necessitava: um cigarro e uma boa chávena de ca fé. O Ray vira-se para a Crawford/Vienna exclamando «vocês matam-me» a que esta lhe responde com um daqueles olhares que só vistos.

Bem, prossigamos com outros.

Foi porreira aquela do Pedro Ruivo, todo vestido de preto e com uns auscultadores de ponta laranja sobressaindo no pescoço, dizer naquele sotaque português além-Atlântico e ainda por cima num tom baixo, para Amilcar «não foques tanto» mas o zoom deste já estava em escala de grandessíssimo grande plano, focando aquela jovem actriz de cabelo claro (o nome dela fica somente entre aqueles dois e o narrador).

Durrell, escritor por alguns bem apreciado, de pé, leva o copo à boca e parecendo observar através da transparência do mesmo a sua companheira Justine, um dos vértices do seu quarteto, que segundo ele (o escritor) dizia, se sentia atraído por ele, seu amante, mas que não negava um ou outro «salto» a contentar um outro senhor (presume-se, que este outro, tenha dado início a todo um movimento sádico que ainda hoje bule), que alguns consideram que foi ele o criador de tão charmosa criatura, mas voltando ao Durrell, este baixou o copo, possuindo ainda o líquido no interior da boca, aproximou-se de um espelho e expeliu o líquido de encontro a este, contentando-se a observar a sua imagem a liquidefazer-se (provavelmente este episódio daria ensejo para um qualquer ensaio crítico ou psicanalítico).

Já agora, peço que não levem a mal o gesto deste indivíduo (grande porco!) porque o apresentador disse logo no início para que os convidados fizessem o que bem entendessem (e alguns seguem essa indicação á letra, o melhor será que numa futura reunião, o apresentador enumere o que não se deve fazer).

Observemos agora o dr. João Bénard da Costa que contemplava embevecido o sucesso de mais um ciclo de cinema organizado em sua casa, na mão direita tinha um cigarro que instantes depois serviria para acender um outro e que depois iria jazer ao lado dos muitos já fumados neste curto espaço de tempo em que o observamos, como habitualmente, na mão esquerda segurava um conjunto de revistas, textos vários, livros, jornais, que ao contrário de muito boa gente nesta terrinha, possuiam todo um aspecto de terem sido manuseados, usufruídos, no bolso esquerdo do seu casaco restavam ainda vários bilhetes do tal último ciclo, como notámos acima, o seu olhar seguia embevecido algumas das pessoas e figuras também convidadas que passavam na área do seu campo visual.

Lembro-me agora que alguém me sussurrou que o doutor estaria a escrever um livro sobre o seu amigo, igualmente convidado) Joseph von Sternberg e sei que muita gente anseia por o ler.

Aqui têm que me desculpar, mas o promotor deste encontro e portanto dos convites, que por acaso sou eu, o narrador (não é uma questão de monopólio mas sim de economia) vai prestar toda a atenção a esta maravilhosa mulher que acaba de entrar, cada um tem a sua pancada, pois bem, eu tenho várias, o que é que querem, mas uma delas (das pancadas) é esta mulher, como tal deixem-me curtir também o meu olhar.

Pronto, voltemos então ao papel de narrador e adianto-vos algumas indicações, pois sei que nasceu no Canadá, em que ano isso aconteceu é coisa que eu e muito boa gente ignora, mas voltemos a este sublime momento. A canadiana, actriz e cantora, Carole Laure entra, fascinante, vestida de negro, que digase desde já condiz com os seus longos cabelos e os excepcionais e lindos olhos igualmente negros, ligeiramente decotada, ladeiam-na os dois outros sujeitos dum enredo amoroso de que há muito não existe memória, são eles: o realizador Gilles Carle e o compositor e cantor Lewis Furey. Breve esclarecimento: o primeiro descobriu-a para o cinema, fez filmes onde a imagem dela era obsessão, o segundo, cantou-a, mas ambos a amaram, a amam e com certeza amarão, em resumo e segundo o meu ponto de vista, estes três devem ser das pessoas mais felizes deste planeta. Aqui páro... Tão fascinante história de amor dá comigo em doido e o narrador vai deixar de, pura e simplesmente, narrar. Esta mulher fascina-me e ou se narra algo de redundante ou não se escreve; e aqui optei, como não tenho arte para a «narrar», prefiro que o Gilles Carle e o Lewis Furey a «narrem' para os nossos sentidos pois, mulher assim, merece.

Já agora, vão ter de me desculpar de novo, mas quero ver uma pessoa.

Tá tudo certo...

Não se impacientem porque eu já vos canto, é assim: Existe uma mulher a quem convidei para este encontro por quem o narrador nutre um enorme carinho (o nome, o nome... isso só o narrador, os deuses e eventualmente ELA é que saberão essa identidade, os outros que respeitem a privacidade, tá certo) e para próprio descanso quis observar, primeiro, se ainda continuava na reunião, segundo, se continuava sozinha ou se algum outro convidado estava com ela e a resposta que o narrador teve a essas duas questões sossegou-o, ou seja, continuava na reunião e sozinha.

E foi então que o Fernão Mendes estendeu a mão e cumprimentou o Cristóvão Colombo, que tinha chegado das américas: «como vai alto comandante de mares e descobertas, que me tendes vós a narrar desta vossa travessia».

O Cristóvão de pé, erecto, olhou de frente para o Fernão: «água, só água», Fernão Mentes, desculpem Mendes ficou como que atónito «desculpe altíssimo comandante, mas água, nada mais?», «Nada mais, que desejais que vos diga, se parti de uma terra e cheguei a uma outra após semanas de mar», Fernão Minto, desculpem Pinto, tornou »... mas nada de aventuras?», «quais aventuras, quais quê, isso queríamos nós, mas à terra onde aportámos só havia milhões de índios vivendo em casas maiores que o mastro maior do meu navio-almirante... não nos ligaram nenhuma e durante toda a viagem só água e digo-lhe mais uma coisa, detesto, esta vida, enjoo, sempre que estou no alto mar e nesta viagem estive semanas enjoado... nunca mais, e digo-lhe ainda mais, ai pois digo, nunca mais, nunca mais», Fernão Mendes tentava falar quando surgiram dois sujeitos: um com um chapéu de corsário e um megafone na mão que o levava à boca quando falava, para ampliar o som do que ia dizer (bem, um megafone serve para isso, não é?) «Prazer meus caros amigos...» e estendendo a outra mão, apresentou-se »... Curtiz», o Fernão Mendes ao ouvir mal o nome, escondeu-se atrás do Colombo, «credo, o Cortês», «não, Curtiz... e este aqui...» apontando para o segundo sujeito vestido de corsário e arrastando atrás de si um caixote com laranjas injectadas com vodka, o Curtiz vendo que o outro estava sentado ao longo a bebericar (ou chupar, como quiserem) tal coisa, gritou para o megafone »... Errol Flyn», o bebericador de vodka (com laranja) ao ouvir gritar pelo seu nome, pôs-se de pé num pulo, desembainhou de um florete (é uma espécie de espada — nota do escriba) «qual é a sequência?», perguntou, «ó meu tarado sexual, não é nenhuma filmagem, vem cá conhecer estes senhores», o actor aproximou-se, olhou para eles e falou para o do megafone: «ouve lá, qual é o interesse, querem ser figurantes ou quê, ouve, eu não dispenso nenhuma das minhas laranjas, o médico recomendou-mas. São para combater o escorbuto», este, «são para combater o escorbuto», tinha sido dito aos dois homens de séculos passados «qual escorbuto, meu grande bêbado», disse o Curtiz megafónico, o Flynn virou-se para este e disse-lhe: «já que estás a gritar, vê lá mas é se chamas a olivia que eu estou a precisar de...», «CORTA» gritou o megafone do Curtiz e depois em voz normal, para os outros dois «desculpem, mas este só pensa nisto», «nisto, o quê?...» perguntou o Colombo, parecendo ficar minimamente interessado »... ao menos ainda pensa, agora a mim

cont. na pág. 8

Bénard da Costa «contemplava embevecido o sucesso de mais um ciclo de cinema organizado em sua casa...»

ENCONTROS & DESENCONTROS

cont. da pág. 7

só me trazem é ovos», «ovos com quê?...» perguntou o actor surpreendido »... com que líquido, desculpe, com que remédio?», ao ouvir isto o Colombo olhou para o ar e berrou «FERNÃO, LEVA-ME DAQUI ESTES DOIS PATETAS» e dito e feito, o Fernão Mendes Pinto (não me enganei agora o nome dele, não senhor — nota do narrador) deu o braço aos dois, obedecendo à ordem «olha-me este, olha» disse o vodkista a olhar para o braço do Fernão, com um toque de suspeita na voz »... tou a ver que temos mais um», como que não ouvindo, o Fernão começou a andar com eles e perguntou ao do megafone «ouça, você por acaso não sabe de nenhuma receita culinária assim que a modos de esquisita, não leve a mal, mas é que tou a preparar um livro sobre gastronomia», «receita... eu já lhe dou a receita», «Ó FLYNN, CORTA» disse o megafones já arrependido de trazer o Errol e de andar nestas aventuras, fica só na vírgula, porque se estes três sujeitos disseram mais alguma coisa foi já em espaço off e portanto o da acta desta reunião já não conseguiu actar mais, ou seja saíram do enquadramento como diria o outro (qual outro? há-de perguntar alguém, pois que perguntem ora essa, têm liberdade para perguntar à vontade, não é assim? Só o que eu não digo quem é o outro, essa é boa).

Fora de vista estava também o ovo do Colombo.

Mas não estava o Roland Barthes que levou nervosamente o charuto à boca, encostou-se à porta, levou a mão direita ao bolso do casaco feito com o melhor tecido escocês, tirou deste uma fotocópia amarrotada e rasgada, leu-a «21.30h — transmissão directa do jogo de futebol entre o Sport Lisboa e Benfica e o ...» e aqui terminava o texto porque o resto estava rasgado, o Barthes olhou para o relógio e exclamou um semiótico «merde» pelo canto da boca e tudo o que fez em seguida foi muito rápido, colocou de novo o papel no bolso, com a mão esquerda tirou o charuto da boca, com a direita abriu a porta, entrou na sala, fechou-a à chave, sussurrando «aqui, o eduardinho não me apanha», dirigiu-se a um aparelho de televisão, ligou este, e sentou-se com um brilho reluzente de signos, significantes, significados e alguns outros que ainda se tão por descobrir, descalçou os sapatos, calçou umas pantufas e encostou-se nervosamente no sofá e como que por magia, daquela caixa com uma janela, reluziu uma imagem e uma voz que a pouco e pouco se focaram, mostrando essa imagem formada, um conjunto de elementos de encarnado e branco vestidos a trocarem a bola entre si com uns outros de outra cor a assistirem às tais trocas de bola, dizia a tal voz «não há dúvida que o Benfica tem explanado por todo este conjunto de ervas cortadas rentes, plantados nestes cinco mil metros quadrados, uma planificação futebolística de elevada craveira espectacular, deixando tudo e todos maravilhados perante o exibicionismo técnico, pois às esfuziantes trocas, entre si, daquela esfera de couro de quatrocentas gramas com ar insuflado e decorada a hexágonos pretos e brancos», aqui o Barthes exclamou «merda, diz mas é o resultado, o resultado», puxando por um novo charuto e acendendo este no velho, mordido e moribundo charuto, continuava a tal voz «como podemos ver e você caro receptor também, ... esta legenda que passa no écran neste preciso momento é a marca de um dos nossos patrocinadores que nos e a vocês também, proporciona esta visão, mas agora que a legenda se foi, podemos dizer que o esférico se encontra encostado às botas da conhecida marca alemã de ténis desportivos que são calçados pelo jogador Humberto, não este que agora tem a bola que o nome é, desculpem, é só consultar a lista da equipa, já não vale a pena, pois o desconhecido passou graciosamente o esférico a um outro de barbas que como podem ver, está perto daquele risco branco, pois bem, sempre que a bola transpuser essa linha, o árbitro terá que assinalar um fora contra a equipa que toque em tal esférico pela última vez, o fora terá que ser marcado com as mãos por um jogador da equipa contrária» o Roland neste momento quase que chorava, tinha as mãos a envolver a cabeça e dizia em tom suplicante «o resultado, eu quero saber o resultado, estúpido... o resultado» ao que a tal voz continuava «aquele com o número sete nas costas chama-se, ou pelo menos é como é tratado, Valdo, e endossou o esférico para o jogador que possui luvas pretas, Alves de seu nome, aqui uma explicação, as luvas, excepto no caso do guarda-redes, não fazem parte do equipamento, nem é por causa do frio, acho que é por uma questão de tradição, o resultado neste momento, outra legenda de um outro patrocinador, peço-vos uma salva de palmas... muito bem» neste momento houve um corte na emissão, surgindo uma bela moça que depois de despir muito lentamente as suas longas luvas (tão a calcular, pois claro, é a Rita Hayworth) disse o seguinte «queridos amigos telespectadores, por sugestões várias vamos substituir o comentador pelo senhore Jackie Stewart, obrigado pelas vossas sugestões», o Barthes que fumava muito e nervosamente, exclamou: «bendita locutora e bendita opinião pública», uma outra voz «agora-Chalana- meteu-a-quarta, entra-em-derrapagem, consegue-um-slalom, cruza-para-Alves, a-suspensão deste-é-boa, consegue-uma-dupla, tenta engrenar-a-quarta, passou ao Eusébio, que perante o risco contínuo, estoura-e-gooooooolo», «é golo» grita igualmente o francês »... agora o resultado, diz o resultado», Stewart como que respondendo ao tom de angústia do Barthes «o Benfica neste momento, quando o juiz de prova dá a bandeirada para o fim da primeria etapa, vence por» surge uma outra imagem, esta agora de estúdio, com o sr. McClugghan em grande plano a dizer «como podem ver, estamos todos nesta enorme aldeia» aqui o Barthes levantou-se, caminhou para o televisor e gritou: «VOCÊS SÃO UNS CHATOS TEÓRICOS (e depois mais baixinho), diz o resultado por favor» e pelo que sei de televisão e de comentadores o melhor para o Barthes seria comprar um qualquer jornal desportivo do dia seguinte ou então aguentar os restantes quarenta e cinco minutos a ver se por descuido o realizador deixava passar alguma imagem do placard, coitado do Barthes, pois naquele instante começou-se a ouvir o som de alguém a bater levemente na porta, ouvindo-se de seguida: «Barthes, sou eu, o eduardinho, deixe-me entrar... sei que está aí».

O que eu posso afirmar é que o francês olhou como que um animal acossado para todas as paredes da sala, reparou numa janela (verdadeira) e correu vertiginosamente para ela, abriu-a, olhou para baixo e exclamou «já nada me importa».

Com esta frase proferida em tom desesperado deixo de narrar o acontecimento, pois aquela janela dava para um fosso incrivelmente fundo, e como ainda se ouviam as delicadas pancadas na porta receei o pior, e decidi, assim, arrancar, pois não queria ser testemunha de um assassínio.

Arranquei.

(E no fim, ele atirou-se ou não? Como é? perguntam alguns curiosos. Não sei, respondo eu, o certo é que nunca mais vi nenhum deles, pois passadas umas horas e depois de saber o resultado do jogo de futebol, procurei o francês para lho comunicar e não o encontrei, nem no fosso, embora a janela estivesse aberta, não sei mais nada — nota do escriba).

Boris Karloff com um aspecto esbranquiçado, algo cadavérico, todo de preto vestido, segurando na mão esquerda um copo cujo conteúdo era composto por um líquido de cor avermelhada do tipo RH positivo, aproximou-se de um sujeito vestido de padre e que vinha a cantarolar (o padre chama-se Bing Crosby — nota do apresentador) e dirigiu-lhe a palavra (com um som além tumular): «cante doze badaladas, se faz favor»
o padre: «desculpe, não percebi»
o cadavérico: «cante doze badaladas, homem»
o padre: «doze badaladas, mas para quê?»
o cadavérico, levantando o copo: «para que me saiba bem esta bebida»
o padre: «bom proveito... se me permite, que bebida é?»
o cadavérico: «uma mistura de um décimo de sangue virgem, mais nove décimos de sangue não virgem RH positivo, com três cubos de gelo»
o padre, benzendo-se: «sangue virgem e não virgem»
o cadavérico: «quer provar? mas só um bocadinho, ãh»
o padre, benzendo-se outra vez: «vade retro satanás»
o cadavérico, rindo (também com ressonância além tumular): «esse, esse se me vê também quer um gole... quer ou não uma pinga, desculpe a mistura estar fraca, mas é que o sangue virgem está esgotado neste momento no mercado... só se pretender sangue virgem com menos de nove anos de idade»
o padre Crosby, escorregando pela parede a que anteriormente se tinha encostado e fazendo o sinal da cruz, sussurra para o cadavérico: «o sinal é só para fazer vista aos outros, já agora, não me pode indicar onde é o seu depósito de sangue não virgem... não leve a mal, mas é só para lhes dar a minha bençãozinha»
o Karloff, piscando o olho cadavérico: «tou-te a topar ó padre, com que então bençãozinhas, âh... bem, venha lá comigo»
Abrindo parêntesis, vocês já imaginaram o que eram 6 idênticos a este cadavérico, de perninha cadavérica a abanar, estilo menina do cancan e de repente em grande plano um deles dizer com os dentes incisivos todos esticados e com uma voz cadavérica sensual: «entre cada duas dentadinhas a pescoços, lavo sempre os meus dentes com a pasta dentífrica XYZ, a pasta que tira as nódoas de sangue, uauuu», já imaginaram, não, pronto já bem eu também não, assim não vale e fecho o parêntesis.

miguel esteves cardoso: «dançável, bobo, dançável»
bobo: «ó meco, dançável» e o bobo da corte ou do corte como o autor (o autor do bobo) pretende, deu o braço ao MEC e iam-se fundindo dançavelmente com os walkman postos e ao som de...
(bem só sei, pelo menos foi o que eles afirmaram, é que era dançável).

«Tu... grande actriz... mito, tu... és doida, mito só comigo» e a marlene chorava copiosamente a ouvir isto, mas o Joseph von (todo embrenhado num jogo de luz e sombras) não saía desta.
e esta continua mais à frente.

«Ó Camilo, venha ao senhor Manuel, desculpe, ao senhor Manoel de Oliveira, se faz favor» — isto dizia a jovem agustina bessa luís, dirigindo-se a um e apontando para o outro.

O Cocas para os dois velhotes que costumam assistir ao espectáculo do grupo do dito, mas estava eu a dizer que o Cocas, referindo-se a essa abominável figura, travestida de porca, dizia: «tou farto, sei que sou um sapo, mas tou farto daquela porca» a que os velhotes aplaudiam desenfreadamente. (Pudera não é nada com eles — boca do narrador).

Desculpem estas situações serem curtas, mas o escriba nada pode fazer, limita-se a transcrever o que o narrador lhe narra.

Para que conste na acta. O escriba.

Apresentador, narrador, escriba e autor: António José Martins

África AQUI

A MOSCA

VASCO MARTINS: UNIVERSAL E CRISTALINO

Maria José Belo Marques

Vasco Martins tem trinta e poucos anos. É músico. Estudou com Lopes Graça. Andou pela Europa e, hoje, é o único nome da música cabo-verdiana contemporânea que atravessou fronteiras. Tem o aval da Fundação Gulbenkian que regularmente lhe abre as portas, e lhe dá as condições necessárias para apresentar em concerto as suas obras. Até aqui nada do outro mundo. O que faz confusão a muitos musicólogos e críticos de música é o facto de Vasco Martins viver na sua terra - Cabo Verde. Para quem não conhece as ilhas, mas sabe das dificuldades do terceiro mundo e do quão difícil é, aí, ter acesso a tudo o que se faz de novo nas grandes capitais, estranha que ele, na ilha de São Vicente, produza uma obra comparável ao que de mais inovador vai aparecendo, a nível internacional.

Nalgumas conversas que com Vasco Martins tivémos, em sua casa, pacientemente explica:

- « **Porque não aqui. É evidente que foi uma opção para a qual pesaram vários factores: primeiro eu gosto deste país, das suas gentes, música e paisagem; por outro lado, este é o melhor sítio do mundo para as crianças crescerem e se desenvolverem, têm espaço e vivem em contacto com a natureza.**»

A família, para o músico, tem uma grande importância. A sua casa revela equilíbrio e tranquilidade. É uma pessoa calma. É humilde quando fala do seu trabalho:

- « **A música não se explica, sente-se.**»

Referências musicais diz que tem todas e nenhuma em particular, ficando muitas vezes admirado com os nomes dos músicos, utilizados pela Comunicação Socia, para definir a sua obra:

- « **Alguns dos nomes, conheço-os vagamente. Depois de os ver citados, a propósito da minha música, vou ouvir o seu trabalho com atenção. E, na maior parte dos casos, não encontro qualquer tipo de identificação. Mas se acham...**»

Contudo, quando lhe digo que ao ouvir a sua música me lembro de Gismonti, e da forma como o brasileiro tem influências musicais do mundo inteiro, tal como ele, sorri:

- «**Há, de facto, uma identificação. Ela existe na forma como também eu, me fascino e, a meu modo, utilizo a música tradicional do mundo.**»

No seu estúdio de trabalho estamos cercados por teclas, gravadores e computadores. As prateleiras onde se encontram discos e cassetes chamam a minha atenção.

- Que música ouves em casa?

- «**Se quiseres podes dar uma olhada. Vais encontrar de tudo. Ouço jazz, música tradicional de várias regiões do mundo, rock, reggae, música tradicional cabo-verdiana, música erudita, ligeira, etc. Tenho é que considerá-la de qualidade.**»

- E a música cabo-verdiana? Qual a tua opinião sobre o que se vai fazendo aqui, em Cabo Verde, e lá fora?

- «**Penso que a maior parte dos músicos cabo-verdianos tem medo de experimentar novos caminhos, ficando preso à música tradicional, apesar de modernizar o seu som não a desenvolve, o que a faria, consequentemente, evoluir. Mas uma outra maneira de pensar está a aparecer. Nomeadamente aqui, em Cabo Verde, onde alguns músicos vão ousando, com bons resultados, ir por outros caminhos.**»

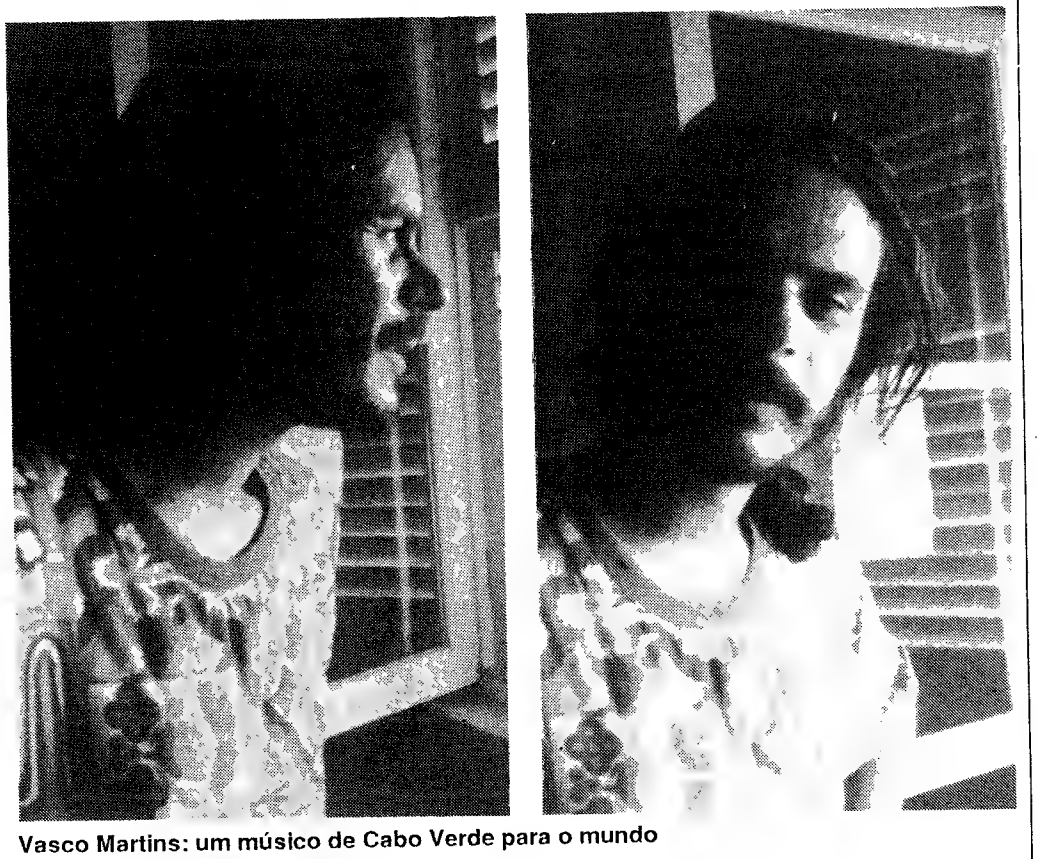
- Tens amigos e mantêns contacto com músicos portugueses?

- « **Com alguns, sim. Sempre com Lopes Graça, e, entre outros, o Zé Mário Branco.**»

O Vasco Martins é um homem dividido por múltiplos trabalhos. Em duas das visitas que lhe fiz deu-me a possibilidade de ouvir um deles, ainda por limar. Baseia-se em ritmos e cerimónias pouco usadas e aproveitadas pela maioria dos músicos cabo-verdianos. É um trabalho muito belo, no qual se sente a imponência e adversidade da natureza com o que tira e dá ao arquipélago. E as ilhas, fustigadas pelo mar, estão aí inteiras.

As outras faces do cristal

As edições discográficas de Vasco Martins dão-lhe grandes "dores de cabeça", é que o músico já começa a estar cansado de correr das empresas privadas para as estatais à procura de quem as patrocine. Mesmo assim, há já dois discos editados, uma demo-cassete à procura de editor e distribuidor e muitos outros trabalhos que vai fazendo. Porque a sua criatividade não tem limites. Não considera que viva mal, pois tem apoios para um trabalho de recolha, pesquisa e estudo etnográfico da música cabo-verdiana. Desta tarefa está prestes a ser posto à venda um primeiro volume dedicado à morna. Outros se seguirão.



Vasco Martins: um músico de Cabo Verde para o mundo

A escrita é uma área que lhe é familiar, e da mesma forma que para a sua música, vai conseguindo apoios para edição dos seus livros. Neste momento, já tem publicados dois volumes de poesia e, possivelmente, no próximo mês será lançado em Portugal o seu primeiro romance.

Em África há mais tempo. Não há engarrafamentos, as distâncias nas cidades são curtas e há facilidade em ter um auxiliar para as actividades domésticas. Assim, consegue-se disponibilidade para fazer e criar várias coisas. Vasco Martins aproveita o tempo que tem. Respeitado pelos músicos seus compatriotas, a ele se deve a tentativa de criação de uma associação de músicos. Explica:

- «**Com ela pretende-se acabar com situações de abandono, esquecimento e falta de regalias de alguns músicos. Por outro lado, juntos poderemos trocar ideias e experiências.**»

Esteve ligado à "Galeria", um espaço cultural de portas abertas a todos os artistas, independentemente das suas diferentes formas de estar na vida e no mundo. Um projecto que neste momento está suspenso. Ainda há muitos para quem o direito à diferença é uma abstracção, ou algo incompreensível, por isso o seu espaço foi sujeito a pressões de vária ordem.

Concertos de Vasco Martins são raros. O grupo que até pouco liderou - Ozone - acabou, e hoje toca esporadicamente com alguns músicos. Outras vezes, pode-se ouvi-lo tocar no Piano Bar, o único local em São Vicente, sem ser para dançar, com música ao vivo.

Um ser humano tranquilo, um músico cristalino, respeitado um pouco por todo o mundo. Como poeta as últimas palavras, que melhor que nada explicam a sua cabo-vernidade de janelas abertas para o Universo:

« A montanha cresce lentamente,
essa formidável música dentro de mim,
ou pelo menos a aparência de sons dispersos
na ilha.»

in "Navegam os Olhares Com o Voo do Pássaro", 1989

O «DL» agradece aos Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV) o apoio concedido a esta reportagem

casa do leão
S. VICENTE PRAIA
SÍMBOLO DA FORÇA
REPÚBLICA DE CABO VERDE

ADEGA
S.A.R.L.
S. VICENTE/PRAIA
REPÚBLICA DE CABO VERDE

DROGARIA DO LEÃO
Nunes Leão e Companhia Limitada
S. VICENTE
REPÙBLICA DE CABO VERDE

Texto de
António Calvet de Magalhães

O REI VAI NU

«GÔSCHTÂMÔS DÊ ÊSHTÂR CÔNSCHIGÔ»

Para cumprir a histórica missão de alienação e chateamento nacional que o poder nos encomenda hà mais de trinta anos, de segunda a domingo e de manhã à noite,"GÔSCHTÂMÔS DE ÊSCHTÂR CÔNSIGÔ". **Gôschtâmôs** de lhe dar os maus dias logo de manhãnzinha para lhe garantir a má disposição necessária a um qualquer mau dia. De entrada adoramos dar-lhe o xarope do "Às Dez",ginásio de treino exemplarmente pato-bravense e no espírito que caracteriza a consentânea mentalidade medieval da região. Para lhe estragarmos completamente o almoço,servimos como aperitivo uma salada de "Fera Radical" devidamente temperada com especiarias terceiro mundistas, a abrir o apetite para o prato forte : O "Jornal da Tarde"; um "cartucho" polimerisado , capaz de causar uma monumental indigestão aos melhores garfos.Para assegurar o atordoamento geral,fornecemos um "pacote" de enormidades enlatadas destinadas a anestesiar adequadamente os mais incrédulos e renitentes telespectadores; o "Dallas" e seus pataratas de serviço, a "Vila Faia" e suas desgraças e o "Hospital Central",conjunto de spaghettis televisivos realizados e interpretados em parte incerta com ou sem subsídios ensanduichando o inenarrável "Ponto por Ponto",constituindo o todo um fabuloso elogio à incultura. Depois e até à demonstração mais brilhante das últimas técnicas da desinformação nacional, ao"O Telejornal" com seus muchachos.segue-se o período de gozação aos mais novos, cientificamente tratados segundo as mais sofisticadas técnicas de fomento do atrasadismo mental pelo "Brinca Brincando"e seus mestres,"Rua Sésamo" e seus monstrozinhos e admiravelmente rematado com o "Jogo de Cartas" e seu Nicolau. Após o "Telejornal" entram em catadupa os "tratamentos" de cada dia começando a semana em grande com o "Clube dos Subscritores" ,especialmente concebido para os cidadãos pagantes da inconstitucionalíssima taxa da TV,habilitando-os à remota hipótese de ganharem uma tenda de campismo ou um ferro de engomar,pelas dextras mãos de Serindrinela e Tan-Tan Tancredo ,precedendo o **inimitável**"Royallíssimo Pudim",pudim dos pudins,corado artificialmente,servido em doses colectivas,elaborado com ingredientes de duvidosa origem de modo a obter um produto destinado a incapacitar eficientemente qualquer possível boa disposição do telespectador mais rebelde,além de,evidentemente,a mais importante das suas intenções: O substancial engrossamento das contas bancárias do Sr. Royal;que os tempos não estão para veleidades.À Terça,ofereçemos-lhe a proverbial baralhação da "Primeira Página" e o macarroni "Crónica do Crime". À Quarta,a lotaria fílmica do "Lotação Esgotada". À Quinta,as patetices do "Um Anjo na Terra" e alguns episódios a granel adquiridos nos saldos anuais de séries mais ou menos mal enjorcadas.À Sexta, a gelatinosa série "Gloss" exemplificando primorosamente como se faz bem, maus filmes,as altamente improváveis ficções da "Missão Impossível", o possidónio "Telemundo" e as eventualmente adormecedoras sessões de "Pela Noite Dentro".Finalmente, no fim de semana **gôstâmôs** de lhe dar uma dose reforçada : Pela fresquinha,fornecemos um cocktail no "Juventude e Família"numa sucessão alucinante de diversificados licôres, substituindo com vantagem os físicos exercícios matinais, com o mesmo efeito e com muito menos esforço,fazendo-os suar profusa e copiosamente,estimulando-lhe o apetite para as "Notícias" que lhe apaziguarão os ânimos e desmobilizarão as vontades . A "Sessão da Tarde", facilitando-lhe a àrdua tarefa da sesta com a vantagem de evitar a posição horizontal ,despertando-o violentamente ao som dos obnóxios "Espectaculares Recordes do Guiness". O "Viva a Música", pô-lo-á em dia com as últimas incapacidades musicais do momento e para o remeter de novo às asas de Morfeu, "Ricardina e Marta"; com tudo à molhada e fé em Deus ,pondo à batatada Matildes,Alexandres,Libânias,Abades,Freis e Reis sem Roque. Por volta das dezanove horas, o"Sete Folhas" elucidá-lo-à propedeuticamente sobre o "Menú" da semana confundindo-o a preceito e preparando-o para a tão desejada alienação hebdomadária.Mais desinformação especializada com o "Jornal de Sábado" , a que se segue o substituto ideal de uma noitada no exterior,propiciada pelas habituais sessões de "Cinema da Meia-noite". No dia do Senhor encurralando a indispensável "Eucaristia Matinal",oferecemos-lhe mais um "Juventude e Família" com histórias de avós, netos,sobrinhos e familiares quejandos,umas sériezitas para descoordenar os espíritos, colocando as mentes em "stand by" para a "Primeira Matinée". O barbadíssimo "Concurso 1,2,3" com um recheado leque de patarefices,lugares comuns e "Sketches" metidos a martelo, fazem as delícias dos portugaleses de Norte a Sul,alimentando e acalentando vãs esperanças de fama e fortuna, como é devido. Entremeados por mais uma dose de séries plástificadas, o "Jornal de Domingo" e o "Domingo Desportivo", constituem elementares ingredientes no cuidadoso processo de alienação das "massas" ;essência e razão de premeditados desígnios.

Tudo isto,com a melhor boa vontade e espírito de sacrifício ,abnegada ,dedicada e servilmente aprendidos ,com os nossos eleitos chefes que tão generosamente nos confiaram a difícil tarefa de desinformar,alienar e neutralizar ,as subsersivas telespectadoras mentalidades . Se apesar de tudo não se sentir devida e eficazmente alienado com esta elaborada programação, sugerimos-lhe o segundo canal, que não obstante uma menor eficiência,funciona às mil maravilhas, como complemento .
Não duvide de que "GÔSCHTAMÔS DÊ ÊSCHTÂR CÔNSCHIGÔ" durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano cumprindo esta elevada e patriótica tarefa a bem da nacionalidade, preparando-os para a triunfal confirmação europeia ,com ou sem REIS MASCARADOS OU DISFARÇADOS,fingindo que não vão NÚS.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- ☐ 1 ANO — 18 000$00
- ☐ 6 MESES — 9 000$00
- ☐ 3 MESES — 4 500$00
- ☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Textos de
Duda Guennes

APESAR DE TUDO, O HUMOR PERMANECE

«Chegamos a tamanho grau de corrupção que o brasileiro levará muito tempo para readquirir sua noção de cidadania» — Beatriz Segall, actriz que faz o papel de Odete Roitman em «Vale Tudo».

Da cidade maravilhosa e dos seus encantos mil, o Rio de Janeiro, que continua lindo, resta apenas os atributos que a natureza o dotou e que o homem ainda não conseguiu degradar. A geografia física mantém-se, já a humana, deixa prá lá.

Comparado com a violência que hoje assola o Rio, Beirute é uma aprazível e bucólica estância balnear. É a violência física representada pelos assaltos, roubos, assassinatos, raptos e sequestros. Violência contra o património natural e arquitectónico. É a poluição de todos os tipos, corrupção a todos os níveis. É a dúvida, a falta de perspectiva, o desalento, o desencanto.

Para lutar contra todas estas «tragédias», o carioca tem ainda uma arma poderosa: o humor. Humor que se manifesta nos seus cronistas, cartunistas e no «povão», que nunca deixa de rir das suas próprias desgraças.

Reuni aqui, em forma de antologia, alguma prosa que bem atesta o estado de alma carioca. A primeira é de autoria de Cláudio Vieira, titulada «Na Boca do Lobo».

É assim: «O lourão vestia uma camisa estampada, bermudas até o joelho, meias soquete, calçava ténis coloridos, usava óculos escuros e tinha uma máquina fotográfica pendurada no pescoço. Estendeu o braço e fez sinal para o táxi. O do volante fez «uau!» e em seus olhos cintilaram vários $$$: dólares à vista.

— Pra onde, Mister?

O gringo respondeu, língua enrolada:

— Borra de Taijuca.

— É pra já! — meteu o pé no acelerador e puxou conversa: — Turista?

— Yes.

— Futebol?

— Yes.

— Samba?

— Yes.

— Mulatas?

— Oh, yes! Very much!

— Certo, certo. Gostar de praias?

— Yes.

— Pão de Açúcar?

— Yes.

— Maracana?

— Yes.

— Copacabana?

— Yes.

O taxista levantou os vidros e ligou o ar:

— Muito calor?

— Yes.

— Certo, certo. Mas agora vai melhorar... ligou o rádio — Música?

— Yes.

Abriu o porta-luvas e tirou um drops:

— Uma bala?

— Yes. Trank you.

— Não há de quê... — começou a debochar: — Tá com grana?

— Yes.

O motorista riu:

— Vai ficar duro?

— Yes.

O taxista deu uma gargalhada:

— Você é bicha?

— Yes.

Mais gargalhadas:

— É otário?

— Yes.

Olhou pelo retrovisor e gelou quando viu um 38 (revólver) apontando para a sua nuca.

— Assaltante?

— Yes.

A TESTEMUNHA

A segunda crónica é de autoria de Léo Montenegro. Lá vai:

«O delegado estava no posto dele, chupando laranja e olhando para o relógio, doido para acabar o plantão, quando a sala foi invadida por um baixinho que clamava por justiça:

— O senhor tem que tomar uma providência enérgica, para evitar que factos como esse tornem a acontecer! Se o senhor se preocupasse mais com certos problemas, ao invés de sair danto tiro em bandido, isso jamais aconteceria e todos nós, cidadãos ordeiros e trabalhadores, esataríamos vivendo numa transparência jamais vista e, qualquer outro Estado deste País!

O delegado cuspiu um caroço:

— Acabou o discurso? Se acabou, fique sabendo que isto aqui não é a casa da sogra e eu não tenho a mínima vocação para maluco! O que foi que aconteceu, pombas?

O baixinho arregalou os olhos:

— Então não sabe?

O delegado parou de chupar laranja e perdeu a paciência:

— Claro que não, pensa que eu jogo cartas, búzios ou coisa assim, pra saber o que está acontecendo além destas paredes?

O baixinho fez aquela cara de desolado:

— Essa polícia não tem jeito! É sempre a última a saber! Cadê o Saboya, que não vê uma coisa dessa?

O doutor:

— Mas que coisa?

O baixinho:

— Eu que trabalho aqui em frente, naquela quitanda onde o senhor de vez em quando come umas bananas e chupa umas laranjas, sei de tudo!

Olhou para os lados:

— Incluvive, fui testemunha, fui testemunha!

O delegado trepou na mesa e começou a dar pulinhos:

— Mas testemunha de quê?

O baixinho estava assustado:

— Tem alguma lei que me obrigue a dizer? Se tiver, eu digo com o maior prazer porque tô aqui pra colaborar com a polícia do nosso Estado que, felizmente, ficou livre da violência, em seis meses, conforme o doutor tinha prometido!

O delegado:

— Eu não prometi nada!

O baixinho:

— Foi outro doutor!

O delegado:

— E o que aconteceu? Não vê que eu estou morrendo de curiosidade?

— O baixinho:

— Eu vi quando o senhor chegou e estacionou aquele carrão bonito pra dedéu na porta da delegacia!

O delegado:

— E daí?

O baixinho:

— E daí logo depois chegaram uns caras e roubaram o carro! Sou testemunha!

Enquanto o doutor procurava o carro o baixinho permanece preso: co-autoria.»

SEGURANÇA

Evidentemente que com essa onda toda de crimes e impunidades, o cidadão procure segurança. Desse assunto, trata o humorista Luís Fernando Veríssimo em crónica do mesmo título.

«O ponto-de-venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os 'playground', as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condomínos decidiram colocar torres com guardas, ao longo do muro alto. As inspecções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebés.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram electrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria electrocutado. Se não morresse, atraía para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiram entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controlo das entradas, passou a ser feito um rigoroso controlo das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por certos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu património. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condómino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condóminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

A guarda tem sido obrigada a agir com energia.»

OS SONS À NOSSA PROCURA

AI, FESTIVAL...

Quando nos propusemos escrever algo sobre os Festivais RTP da Canção — a sua génese, as normas e regulamentos segundo os quais estes se realizaram desde o início, os artistas que por lá passaram, as canções apresentadas, os critérios de eleição da canção vencedora, as estratégias do júri, e o público a que se destinavam, entre outros factores — mantínhamos ainda o «sangue-frio», e o «espírito científico» dominava a nossa «causa». Depois deparámos com os documentos que a RTP pôs à nossa disposição: praticamente apenas os poemas e a relação das biografias dos intervenientes no Festival deste ano (cantores, instrumentistas, compositores, «maestros», apresentadores). Dos outros Festivais — disseram-nos — já não havia memória. Seja como for, o material obtido, só por si, tem muito que se lhe diga. Daí a justificação desta crónica numa altura em que o Festival já não é notícia.

CRITÉRIOS

Como são actualmente escolhidas as canções e os intérpretes que vimos desfilar no palco do casino do Estoril no passado dia 10?

Tal como foi frisado pelos apresentadores, a busca inicial (que não se pode considerar obviamente uma selecção) é feita pelas editoras discográficas que respondem afirmativamente ao convite formulado pela RTP no sentido de se apresentarem com uma canção.

Fica assim ao critério da RTP a escolha de algumas das editoras em detrimento de outras. Este ano foram oito os convites, tendo acedido a participar sete delas (a Valentim de Carvalho respondeu negativamente à solicitação). Antes de estar em prática este processo, os intérpretes ou os autores das canções, quaisquer que fossem, podiam concorrer, submetendo-se a um juri de selecção — do qual tinham conhecimento prévio — em igualdade de circuntâncias.

Era este o objectivo dos Festivais, não só em Portugal como também ao nível da Eurovisão: «a descoberta de novos valores» (autores e intérpretes) que podiam ser abordados posteriormente por alguma editora que demonstrasse interesse pela obra apresentada. Agora, parece que o jogo se voltou «do avesso». Quando se dá às discográficas a oportunidade de fazer ouvir os seus intérpretes, não se estará a transformar o Festival num processo directo de venda de discos, numa campanha de promoção comercial, tendo em vista uma determinada camada da população?

AFINAL, DE ONDE VÊM ESTES SONS?

«Amar» foi essencialmente a palavra-chave de todas as canções deste Festival. Amar alguém ou amar a vida foi o lema. Reinou a quadratura das peças e a falta de imaginação musical, afigurando-se-nos todas como um contínuo monótono e indecifrável/indistinguível, não indo além das já costumadas harmonizações de tónica-subdominante-dominante-tónica com aquelas inesquecíveis modulações meio-tom acima, nas quais os instrumentistas não precisam de se esforçar, os compositores ainda menos, e os cantores exibem as suas potencialidades vocais mostrando que chegam a uma tessitura **mais e mais** aguda.

Ressalvamos, no entanto, os arranjos para metais de algumas das peças, que quebravam o ciclo viciado esporadicamente. Mas de onde vinham, afinal, tais sons? A partir daí só tivemos surpresas, ou... talvez não. «X e a boneca do século XXI que, através do milagre da fantasia se transformou em mulher» — é assim que começa a longa biografia de uma das concorrentes — «Cabelos loiros, olhos claros e uma imagem marcante, vai ao encontro da boneca encantada do mundo imaginário de cada criança». Haveria engano no Festival? Não: compreendemos tudo quando, mais à frente, lemos que andava apenas «em busca de um caminho desconhecido» — estamos mais perto — «do qual apenas sabia estar essencialmente vocacionada para aqueles a quem ela sempre chamou de seus **kikitos.** Além disso, apresenta-se «com uma turma alegre e divertida, da qual destacamos as **kiketes». Kik!** — Diríamos. Noutro grupo, a vocalista é «estilista por profissão, mas com a alma **inundada** de música», o guitarrista e o baterista já tinham experiência no assunto pois formaram uma banda em 1985.

Apelidaram-na de «Funckin Nuts» — às vezes os rótulos não estão de acordo com os conteúdos — que actuou «duas vezes ao vivo, a primeira em Sacavém e a última em Moscavide». Além disso um destes músicos faz questão de salientar que «a última vez que cortou o cabelo foi em 1986», o que deve ser extremamente significativo para a canção que nos apresentou. Outros dos intervenientes congratularam-se de serem baterista aprsentando-nos em curriculum «aos 16 anos teve aulas de bateria durante três meses» — até onde vai a sinceridade.

Mas as experiências musicais destes intérpretes são vastas e estimulantes, fazendo-nos pensar que nos estamos a perder, tendo tanta coisa para aprender e que, afinal, o esforço não é tão grande como imaginávamos: «aos 12 anos aprende a tocar viola e piano», e no ítem de composição do mesmo: «aos 18 anos começa a compor». Oh Mozart, que tão longe já estás, se viesses ao nosso Festival ficavas feliz! O relatório não fica por aqui, e ficámos mesmo a saber que **Y** «além de autor e compositor (pretendido por artistas de um leque muito variável de estilos), é também arranjador e músico de estúdio» e que **Z** tem como gostos musicais «clássico, country, pop, hard-rock, heavy/speed/trash-metal».

Estas e outras apresentações similares nos são feitas, suscitando-nos a interrogação sempre pertinente em casos de desespero: o que irão eles inventar a seguir?

Mas o auge é sem dúvida a letra. Os textos destas canções são para mascar, qual chewing-gum. «Sim sim a terra é bonita, sim sim toda a gente vai dizer, sim sim a kika acredita, sim sim a nossa vida é p'ra viver...» ou «Ele é tão lindo, ele é mesmo um loverboy, só é pena que seja um playboy, lindo, lindo baby, baby boy, só é pena que ele seja assim, play, play, playboy...» eis dois exemplos da intensidade expressiva e de actualidade dos temas. Inesquecível!

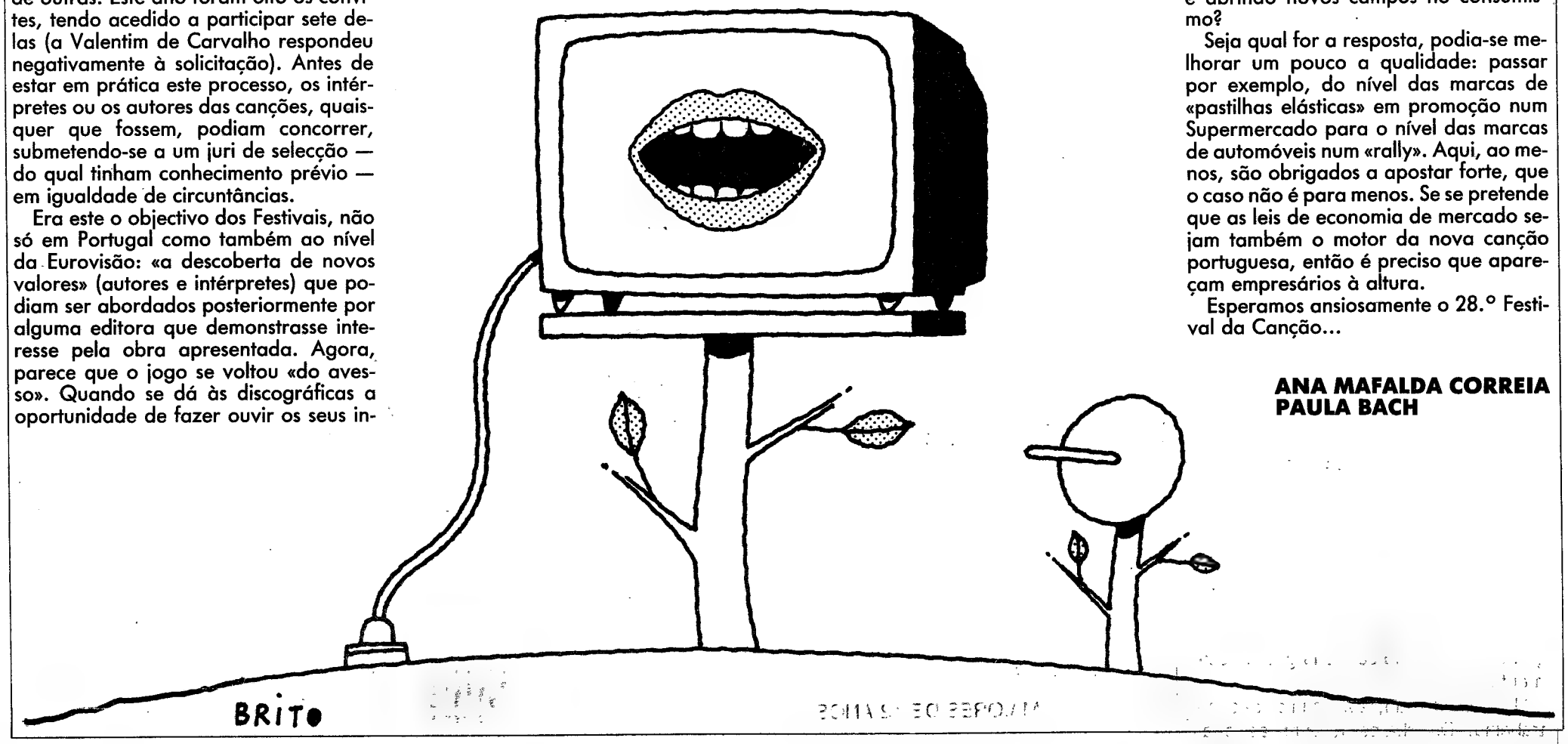
CONCLUSÕES

O que leva a RTP a organizar e realizar o Festival da Canção nestes moldes? Será que existe por parte da audiência uma necessidade de consumir este tipo de programa? O objectivo é encontrar uma canção que representa de facto o país no Festival Eurovisão, ou apenas «contentar» um público bem determinado, investindo na propaganda editorial e abrindo novos campos no consumismo?

Seja qual for a resposta, podia-se melhorar um pouco a qualidade: passar por exemplo, do nível das marcas de «pastilhas elásticas» em promoção num Supermercado para o nível das marcas de automóveis num «rally». Aqui, ao menos, são obrigados a apostar forte, que o caso não é para menos. Se se pretende que as leis de economia de mercado sejam também o motor da nova canção portuguesa, então é preciso que apareçam empresários à altura.

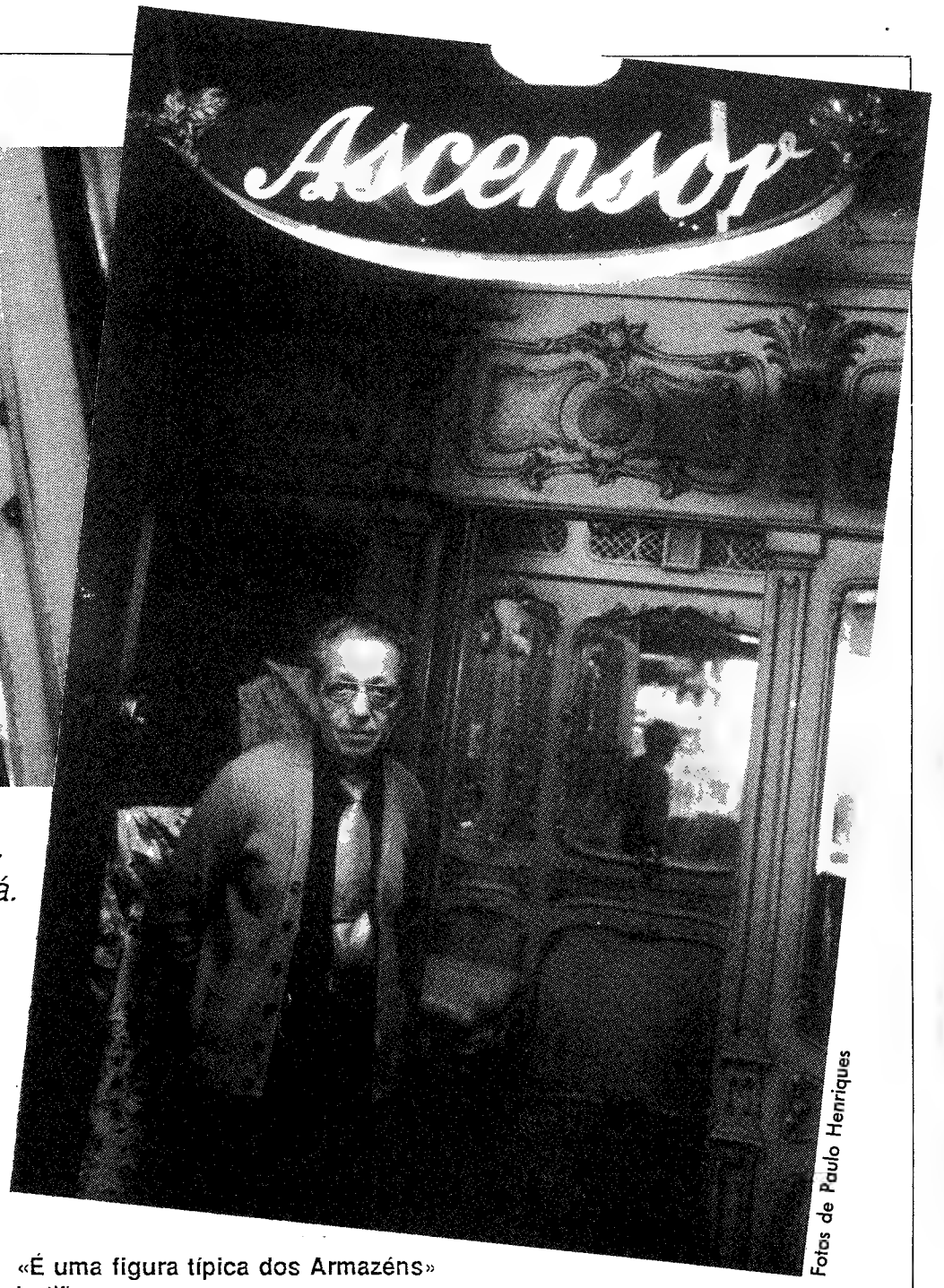
Esperamos ansiosamente o 28.° Festival da Canção...

ANA MAFALDA CORREIA
PAULA BACH



Texto de
Daniel Oliveira

A VIDA INTEIRA NUM ASCENSOR



Fotos de Paulo Henriques

Desde 1936 que é ascensorista dos Armazéns Ramiro Leão. Não tem quase nada para contar e é a quarta entrevista que dá. Sem ele o elevador não tinha graça.

Há 56 anos que anda entre quatro andares e o Rés-do-Chão. Nunca ninguém desmaiou no seu elevador e, tirando uma vez em que Vasco Santana lhe disse que ele se deveria vestir de pajem para condizer com os dourados e a madeira trabalhada do ascensor, nunca nada lhe aconteceu que lhe tenha ficado na memória. Vive há mais de meio século num elevador e não tem sonhos, ambições ou história para contar.

Desde os 14 anos que entra todos os dias para os Armazéns Ramiro Leão que, por alguma razão que o senhor Duarte desconhece, se passaram a chamar Centro Comercial Conde Barão.

Do tal Ramiro Leão lembra-se de que morreu um ano antes de ele se empregar ali e de que o seu sobrinho redecorou aquele ascensor com quase cem anos de existência.

«Habituei-me a esta vida, e já faço parte do elevador» diz, e não se lamenta por isso. Gosta das conversas que tem com os clientes e que nunca duram mais que 30 segundos. **«A encomenda ainda não chegou?»** pergunta a uma madame. **«Não se preocupe, às vezes atrasam-se, mas tudo se vai resolver»** sossega-a. E os diálogos não passam disto. **«Tenho o dever de ser simpático»** explica.

O dourado dos trabalhados e a madeira de cor de marfim desapareceram porque uma administração, já há muitos anos, mandou pintar tudo de branco e substituir o veludo dos bancos por napa. **«Fiquei triste e chocado, tiraram-me a beleza toda ao elevador»** diz, com tristeza, lembrando que, como aquele, só há um em Paris.

Conta também que ali nunca fez amigos mas que aquela é a sua segunda casa e, por isso, ganhou-lhe muito amor. Mas nem só o elevador mudou. Quando tinha 14 anos e para ali foi trabalhar, usava uma farda e um quico na cabeça. Depois foi crescendo, começou a sentir-se ridículo e largou a vestimenta.

No começo gostava muito daquele trabalho. Divertia-se a abrir as duas portas do elevador e a conversar com os clientes. Mas o tempo passou e foi-se vendo envelhecer através dos espelhos manchados do ascensor. Diz agora, no meio de uma grande gargalhada, que teve **«uma vida de altos e baixos»**.

Queixa-se de que hoje o elevador é triste e a clientela anónima e que o Chiado está a morrer. Apesar de toda esta vida sem grande sentido, Duarte Freire não se arrepende de nada e gosta do que faz. Nunca faltou, a não ser nos dias 25 e 26 de Abril de 1974, porque não conseguiu chegar aos Armazéns e três vezes em que esteve de baixa. De resto sempre foi assíduo .

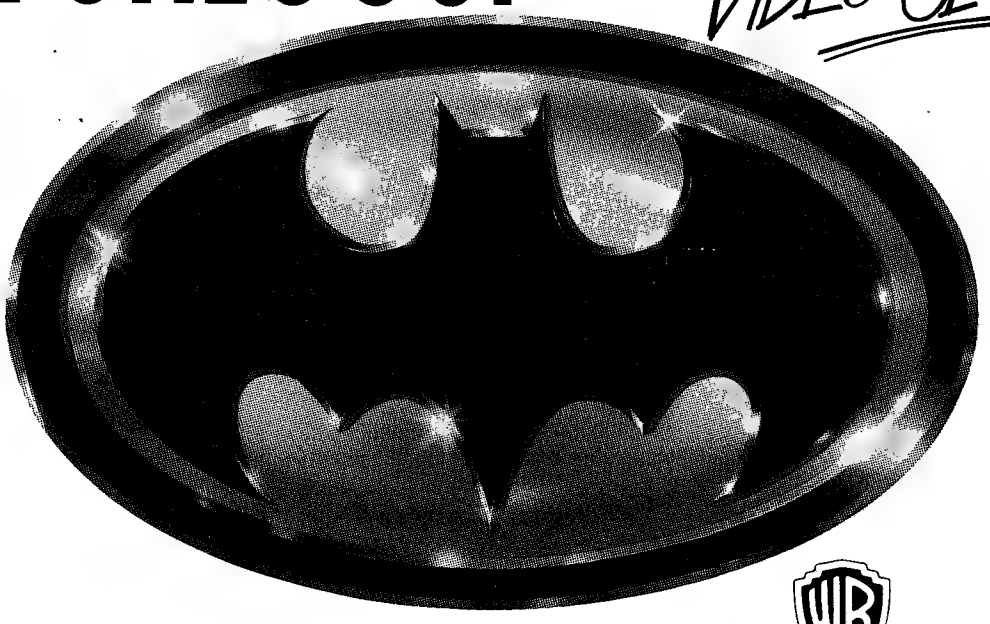
Uma grande alegria está para acontecer a este homem de 68 anos. O ascensor vai ser finalmente restaurado e a nova adiministração do Ramiro Leão garante que Duarte Freire vai lá ficar.

«É uma figura típica dos Armazéns» justificam-nos.

Por ali passaram algumas figuras importantes: as esposas de Américo Tomás e de Oscar Carmona. Vasco Santana, António Silva, Hermínia Silva e Amália Rodrigues também eram utentes habituais.

«Quando vai almoçar e as senhoras entram no elevador perguntam logo por ele» conta o responsável pelos Armazéns. Ali mesmo ao lado do Ramiro Leão está uma estátua de Fernando Pessoa. Mesmo que alguma vez tenha entrado naquele elevador é certo que nunca conheceu o senhor Duarte. Talvez pensasse o mesmo que escreveu sobre o senhor Alves, dono de uma tabacaria: *«Ao menos alguem o via, ele era fixo, eu o que vou, se morrer, não falto, e ninguém diria, desde ontem a cidade mudou»*.

JÁ CHEGOU! ...AO SEU VIDEO CLUBE



WARNER HOME VIDEO

MAIORES DE 12 ANOS

JOÃO BURRO ENTRE D. BRANCA E A DREXEL

É por solidariedade zoológica que peço a essa MOSCA uma parte da sua reserva em colunas, para me debruçar sobre as margens das nossas reservas em oiro. Sendo João Burro desde as águas do baptismo, nem sempre sacudi as moscas vossas colegas e espero que não me sacudam.

Sei que não sou muito dado às letras, mas foi por causa delas que principiou o processo que passo a relatar.

Eu tinha uma letra a caminho do protesto quando me disseram que a D. Branca me podia resolver o assunto, desde que conseguisse fazer um depósito. Foi há um bom par de anos, mas recordo-me como se fosse hoje. Era noite quando cheguei ao escritório dela e lá fora parecia a batalha de Covadonga. Disseram-me que tinha por lá passado uma Judite qualquer para levar a D. Branca.

À minha volta só via fulanos apagados e enxutos a dizerem que tinham ficado a arder, coisa que achei estranha porque nem fogo nem bombeiros estavam à vista.

Nunca liguei a bizarrias. Por isso, fui ao escritório e dirigi-me a uma senhora que tinha um tanto borrada a pintura dos olhos.

Disse-lhe assim:«Boa Noite !»

E ela repontou que não dava dinheiro a ninguém.

Aí, enchi-me de coragem e também respinguei.

Disse à fulana que não queria dinheiro fosse de quem fosse.

Mostrei-lhe, isso sim, as notas que levava na camisola interior, tentei explicar-lhe o problema das letras e, por cima da burra, disse-lhe que vinha fazer um depósito.

A senhora estava cheia de pressa. Ainda assim sorriu-me, aceitou o depósito, meteu o dinheiro num saco de plástico, disse que não tinha papéis de recibo à mão de semear, saiu para a rua, meteu-se num táxi e desapareceu.

Na rua já se sabia do meu depósito e verifiquei que todos me conheciam. Eu estava todo ufano porque tinha passado à frente da fila em que uns tantos fulanos admirados me apontavam e gritavam:«olhó Burro!».

Algum dia eu haveria de ter a consagração nacional. Foi naquele.

«Asnos fomos nós todos !», comentava um dos tipos da fila, muito irritado, que ainda assim mostrou conhecer-me pelo apelido de Burro e volta e meia dizia que nunca mais seria Burro. Constatei que em todas as famílias há renegados.

Com pena.

Um polícia que ali andava mandou calar todos e convenceu um motorista de táxi a transportar-me. Eu não tinha depositado toda a massa e lá fui. O homem, coitado, estava cheio de tremeliques e não aceitou nada. Disse-me para ir entregar o valor da bandeirada e o custo da corrida ao Largo do Caldas, onde está um quarto que foi do Padre Cruz, santo da veneração de D. Branca e de toda a minha família.

Lá fui.

Mas uns cónegos de má sina, pouco informados, andavam naquele terreno a discutirem avaliações e rendas devidas por cristãos e democratas a Sua Eminência. Na altura, curioso, sintonizei a Renascença. Nada constava sobre o caso.

Lá no bairro, quando contei a minha odisseia, fiquei famoso.

«Foi o último depositante da D. Branca !» - diziam uns.

«É Burro e basta !»- asseguravam outros, mais respeitadores de um apelido com tradições nacionais.

Passaram os anos.

A infeliz e curta memória deste povo privou-me de uma notoriedade que sacudiu dois quarteirões da Almirante Reis e fez de mim o tema central das conversas lá do bairro.

As letras lá foram para protesto.

O meu depósito na D. Branca, também.

Já estava quase esquecido dos momentos mais gloriosos da minha existência, quando meio-mundo clamava pelo meu apelido.

Mas um dia apareceu-me um senhor bem parecido, americano, saído de uma «limousine» das séries americanas do estilo «Vencer em Manhatan» (ainda há pouco dava aos domingos).

Perguntou-me assim: «O senhor não é o João Burro ?»

«Sou sim», respondi.

«Sabe inglês ?», quis ele saber.

«Eu cá não, infelizmente», confessei.

«Lê revistas financeiras estrangeiras ou jornais da especialidade ? », indagou o ianque.

Lá tive que retorquir que não.

Levou-me a jantar com vista para o Tejo. Na manhã seguinte, à socapa, depositei na empresa dele, a Drexel, as arrecadas, os cordões e uns anéis de oiro da minha mulher minhota.

Ela desconfiou do desaparecimento, depois das notícias dos jornais conteilhe tudo e agora ela quer correr comigo lá de casa porque, com aquelas fúrias celtas, grita que posso ser sempre João Burro, mas em casos de oiro está fora de causa ser distraído.

Está ela e estou eu com a mosca.

E é à MOSCA que peço auxílio antes de ir parar ao meio da rua.

Ass:
João Burro

OS FILMES DA SEMANA NA TV

NOVOS RUMOS, OUTRAS PARAGENS

O ciclo dedicado a Buñuel terminou no domingo passado, mas nem por isso a RTP negligenciou cinematografias pouco exibidas nos nossos écrans. Como a brasileira. Terça-feira à noite, no Canal 2, será transmitido um dos filmes mais marcantes do chamado Cinema Novo: «Eles não usam black-tie», realizado por Leon Hirzman em 1981. O destaque da Mosca para a semana televisiva que se inicia vai para este filme que pode (quem sabe?) iniciar a RTP e o espectador no gosto de trilhar cinematograficamente novos rumos, outras paragens.

Robert Wise: Um bom realizador não se devia meter em coisas destas...

A gravar
Terça-feira, dia 3, Canal 2, 21.50
«Eles não usam black-tie» de Leon Hirzman
Duração: 116 minutos. Fotografia: Cor

Do Brasil quis-se fazer o país do futuro adiado «ad eternum», onde a esperança era mantida em lume brando pelo Carnaval e pela Copa do Mundo. Até que o Cinema Novo lançou a inquietação nas gentes, semeou um princípio de consciência e foi, por isso, fortemente reprimido pelas autoridades. Sem resultado, esclareça-se. Nenhum sistema de censura do mundo podia coartar a criatividade de cineastas como Glauber Rocha, Carlos Diegues, Walter Lima Junior ou como o próprio Leon Hirzman.

Autor de um cinema de intervenção social particularmente cáustico, Hirzman subscreveu filmes que fizeram história como «São Bernardo», «A Falecida» ou «Garota do Ipanema», não descurando, todavia, o documentarismo, género, cujo gosto também seria partilhado por outros nomes do chamado cinema novo.

Eles não usam black-tie, realizado em 1981, ano em que também foi premiado no Festival de Veneza, debruça-se sobre as condições de existência do operariado brasileiro. Este tema com que Hirzman já tomara contacto em documentários como «ABC da Greve», confirma-o como um dos mais consequentes valores cinematográficos do «país do futuro».

No elenco, destaca-se naturalmente Fernanda Montenegro, não obstante as «pasteladas» televisivas em que se tem enredado.

A ver

Sábado, dia 31, meia-noite
«Yakuza» de Sidney Pollack
Duração: 107 minutos. Cor

Sidney Pollack não é decidamente um dos cineastas favoritos da Mosca. Antes pelo contrário. O seu conceito de cinema está patente em inúmeras películas que, refira-se, fizeram outros tantos sucessos de bilheteira. Só que o que «O Nosso Amor de Ontem», «Os Três Dias do Condor», «África Minha» e este «Yakuza» acabam por nos mostrar é um conceito de cinema que se aproxima do idealizado na secretaria: bonitinho, bem servido de actores e técnicos, emocionalmente eficaz e muito, muito comercial.

Robert Mitchum que interpreta o principal papel, encarna, assim, a figura de um militar que regressa ao Japão, trinta anos depois da sua primeira estada no Império do Sol Nascente. No entanto, há muito que o sol se pusera sobre a realidade que ele conhecera.

Domingo, dia 1, 15.35
«Uma Espada para Hollywood» de Frank Tashlin
Duração: 91 minutos. Cor.

Ninguém disputa a Laurel e Hardy (que a RTP irá homenagear na sexta-feira), aos Irmãos Marx, a Chaplin ou a Buster Keaton a liderança da galeria de cómicos produzida pelo cinema norte-americano. Mas não é por isso que Jerry Lewis deverá deixar de obter um lugar honroso.

Nesta tarde de domingo, a RTP irá oferecer-nos o último filme em que Lewis formou parelha com Dean Martin, sob as ordens de Frank Tashlin. A história de «Uma Espada Para Hollywood» é relativamente simples: dois amigos acreditam que há horas de sorte, jogam num sorteio e ganham, como há tantos anos diz C.C, um magnífico automóvel. Estes amigos não são os concorrentes do «1,2,3» e o que eles querem é dinheiro para saldar velhas dívidas, diz um, para conhecer Hollywood, diz o outro, que entretanto se consumia de amores por Anita Ekberg.

Domingo, dia 1, 20.55
«A Revolução Francesa» de Harold Young
Duração: 92 minutos. Preto e branco.

É o clássico da semana. Primeiro filme do ciclo consagrado à obra de produtor de Alexander Korda, esta versão da «Revolução Francesa» foi filmada em 1934 e tem como intérpretes dois nomes que são duas legendas: Merle Oberon e Leslie Howard. A primeira, recorde-se para os mais esquecidos, era a amada de Laurence Olivier em «O Monte dos Vendavais». O segundo foi nada mais, nada menos que o infeliz Ashley de «E Tudo o Vento Levou».

Ambos compõem o par romântico de «A Revolução Francesa», em que Leslie Howard desempenha o papel de um nobre inglês de dupla identidade que nas horas vagas se apresenta como Pimpinela Escarlate. São destas coisas que só aconteciam no cinema dos anos 30. Esperemos para ver o que ciclo Alexander Korda ainda nos irá mostrar.

Em último caso
Sábado, dia 31, 15.15
«Vidas em Perigo» de James Goldstone
Duração: 94 minutos . Cor.

E voltamos aos produtos de baixa qualidade. Muito ao gosto do pequeno écran que infelizmente vai sujeitando o cinema. «Vidas em Perigo» é um telefilme consagrado à história de um senador mais preocupado com a poluição do que com as tais razões da política que a razão da política que a razão usualmente desconhece. Onde é que ainda há senadores destes ?

Merle Oberon: Todo o «glamour» do cinema dos anos 30

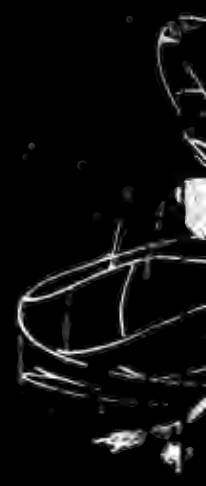
Quarta-feira, dia 4, 21.30
«O Caminho das Estrelas» de Robert Wise
Duração: 132 minutos. Cor.

É a pior «Lotação Esgotada» dos últimos meses e não se compreende como um filme destes aparece no meio da selecção cuidada que a RTP anuncia para Abril.

Decalque cinematográfico da série televisiva, «O Caminho das Estrelas» do grande écran herdou os piores defeitos dos episódios que também nós, portugueses, tivémos de aturar. Não lhe falta nada: desde a petulância barata de William Shatner, às «charmosas» orelhinhas de Mr. Spock. O argumento gira, como é hábito nestas ocasiões, em torno de uma virtual invasão ao planeta Terra e só não se compreende como Robert Wise joga a reputação ganha com «West Side Story» numa fitinha destas. Perante tal panorama, ainda há quem não goste de Spielberg...

Maria João Martins

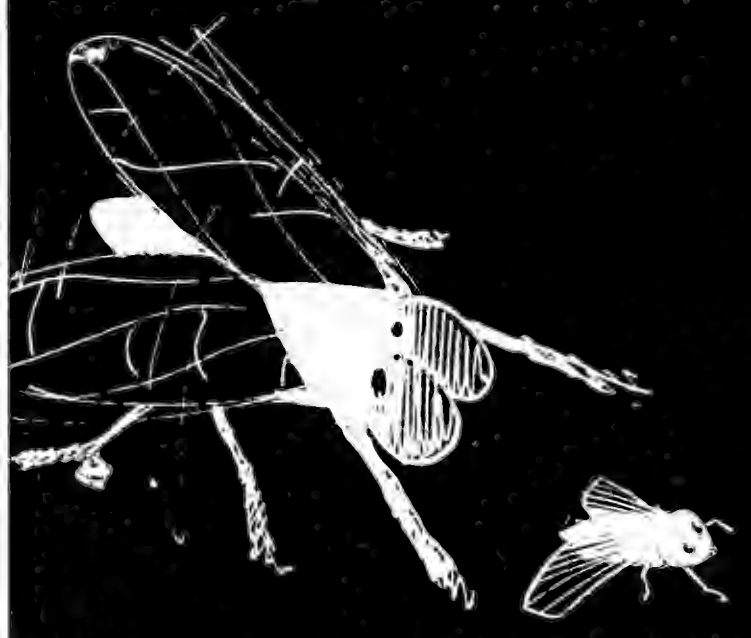
PERCURSOS



Fotos de José Maria Nolasco

Ultimamente ap-oio
põem-me uma capa
onde as
E é a sorrir no teu o

Já outros me disse
com



apoio-me muito na parede. Às vezes
capa de sombras pelos ombros, de
de assisto ao meu futuro.
eu olhar que te estendo um discurso
de tábuas.
isseram que não devemos sair à rua
com rostos alugados.

Jorge Fallorca

OS PASTORES DA CIDADE

Não vou falar (agora) no «pastor do ser» que (afinal) todo o poeta é (segundo Heidegger). Esses procuram a voz do homem, um canto claro e profundo, na mais efémera das existências. Esse pastor extingue a sua voz para dar lugar à voz do poema, afasta-se do centro e deixa de **ser** para que o poema **seja.**

Falo do outro pastor, o pastor da cidade, o que se levanta cedo (ou se deita tarde) para acompanhar o seu cão no passeio à volta do quarteirão ou da praceta.

Essa é uma forma de violência. Subtil, discreta, disfarçada nas atenções dispensadas aos cães mas sempre uma violência.

Vivi no campo; vivo na cidade. Conheço com saber de experiência feito o que são os cães nas quintas, nas casas, nas mais modestas aldeias, nos mais obscuros casais. Tive um cão (o «Fadista») que era o típico cão de guarda (embora nem sempre agressivo nessa missão) mas nunca o vi entrar a porta da cozinha. Vivia no quintal, dominava a serventia entre a vinha e o pomar, conhecia os limites da propriedade (o pequeno rio, os choupos, a vala) e ia por vezes até à entrada da maquedame. Vivia o seu círculo, no seu espaço, no seu horizonte que não se confundia nem atropelava o nosso — doméstico, abrigado, sujeito a outras condições de vida.

Hoje atravesso ruas e avenidas da cidade mas não vejo o cão que eu conheci — nem podia ver pois é outro o espaço, são outros os sinais.

Há o ácido da urina nos pneus, há a porcaria pelos passeios. Há os anúncios na televisão e nos jornais; todas uma cadeia de compras feita a partir dessa força de apelo: comida especial para o cão, xaropes contra as lombrigas, vitaminas, coleiras que irradiam produtos químicos antiparasitários, etc., etc.

Isto para não falar em casos de paranóia — o cão que dá uma «prenda» à dona no dia da mãe ou ao dono do dia do pai, o cão que tira fotografias ao colo da dona em lugares de turismo ou de devoção e memória.

Todos os sábados de manhã encontro esses pastores da cidade, ternos, pacientes, dedicados na condução daquele sem o qual teriam ficado a dormir a manhã na cama.

Todos os sábados de manhã encontro um grupo de crianças abandonadas (pelos pais) conduzidas pela atenta, terna, paciente e dedicada «monitora» para um passeio matinal.

Nada nem ninguém pode substituir as relações verdadeiras. Ternura em segunda mão, amor sucedâneo e sem horizonte humano, nada disso serve. As figuras de dois jogos diferentes que se misturam sem resultado, as personagens de dois romances que não se encaixam — natural e inevitavelmente.

Sombras em vez de luz, silêncio em vez de alegria, um túnel sem saída e sem soluções. Numa vida fechada em si mesma.

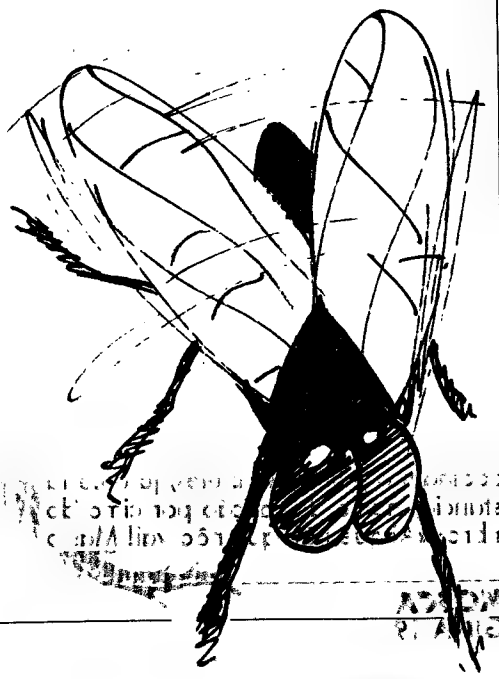
Não sou capaz de compreender (todos os sábados) como não foram coincidentes os caminhos desses pastores com os caminhos dessas crianças abandonadas.

Porque há muita criança a precisar de ternura e de um espaço de carinho num lugar sem sobressaltos nem angústias diárias.

Afinal, pensando melhor, os cães podem esperar.

As crianças já esperaram tempo demasiado e o seu olhar começa a estar cristalizado nas olheiras fundas dum tempo hostil.

José do Carmo Francisco



AMIGOS DO TINTEIRO

Dear Sir *March 16, 1990*

My name is Shizuko Ikehira. I'm an 18 year old Japanese girl. I've been looking for a friend from your wonderful country, Portugal, for a long time. Could you please put this advertiment in your paper?

Hello! I'm an 18 year old girl. I love music, movies, correspondence, traveling and much more.
Please write to me!

Shizuko Ikehira 345 Johen-cho
Minamiuwa-gun Ehme, 798-41
JAPAN

Thank you. ***Yours sincerely, Shizuko***

CARTA DE JOSÉ SEBAG A QUINZE DIAS ANTES DE PARTIR

(Esta carta que me atrevo a reproduzir, com autorização de sua viúva, D.ª Maria Antónia, quer por minha parte servir para honrar a memória do Poeta e do Amigo. Surpreendente como ele próprio, o modo nada piegas de quem sofre e está sabendo disso. A ironia, o sarcasmo nobre, a inteligência contra a opacidade do «establishment». Eis.)

«Reboleira, em casa portanto,
aos 22 de Agosto de 1989.

Isto, meu velho, é assim mesmo: ontem, tendo batido com a porta nas ventas venais dos médicos do IPO, desertei da casa dos semimortos e, já nos pulmões da cidade, de bica em bica, regressei, com um fanatismo de fundamentalista total, ao prazer dos cigarros. Não te direi, por enquanto, o que tanto me ofendeu e indignou no IPO, onde os médicos são bórgias uns dos outros e não esquecem nunca que as operações que lá fazem por tuta e meia podem fazê-las com chorudos lucros em clínicas particulares, para onde gostam de ver empurrados os pacientes que, como é o meu caso através da RDP, depois me morderia os vencimentos ao longo de incontáveis meses, poderiam pagar-lhes as piscinas, os carros de possante cilindrada, as amantes, as palminhas ao Iglésias no Casino Estoril, os fatos dispendiosos de ir aos congressos.

Para o meu caso, nem sei — ainda bem porquê, encontraram uma solução expedita. Começaram, como te contei, por dizer-me que deveria ir ao Polido Valente limpar os brônquios para depois regressar ao IPO para extracção do quisto que, na sua qualidade de quisto que se preza, nada mais pode fazer senão crescer aos poucos, discretamente, «como quem as apanha». Não me incomoda, o pobre. Está para ali coitado dele, fazendo pela vida. Não se lhe pode levar a mal, que diabo. Só que, espero que neste ponto me concedas o favor de ficares boquiaberto (compõe a cena, dá-lhe realismo, acutilância) ontem a versão era ligeiramente diferente, Ligeiramente? «Não era bem isso, meu caro sr. o que nós queríamos dizer», argumentam, para acrescentar, lampeiros e fluentes como se tivessem razão: «não se trata propriamente de uma limpeza aos brônquios; descobrimos há bocado, quando vínhamos da bica no bar, com as enfermeiras, que o sr. tem é um gânglio suspeito no pulmão direito. Por isso é que vai mesmo e já (tipo pontapé no cu, percebes?) para o Polido Valente, onde lhe tratam disso, até o operam e, estando então com a mão no bisturi, podem facilmente livrá-lo do quisto na cara, ok? (pancadinha no ombro e meia volta volver...). Tímido, inquiro: «mas o quisto não vai crescendo enquanto me trabalham o pulmão?» E eles, já a certa distância, numa distracção por cima do ombro: «Ai que não que não vai! Mas o sr. nunca ouviu falar em cobalto, em quimioterapia?» Eu, mentindo, para improvisar, para esta farsa indecente, um desfecho feliz: «Eu? nunca. Nem no jornal «O Crime». Palavra. Que me desculpem Vossas Excelências...»

Livre, um pouco mais adiante, um sopro nauseante destes cabrões, foi então que me entreguei, sem remorsos, ao prazer preguiçoso da bica e do cigarro. Prazer que, compreenderás não vai durar. Ontem à noite, numa clínica particular, (porque o do IPO está superlotado até ao fim do ano) fui fazer — e é como dizes, meia dose de «science-fiction» e outra meia de astronáutica basal (?) — o «scanner», o PAC, o metediço, o alcoviteiro. E, na 5.ª-feira, pelo nascer da alba, sigo lesto para o Polido Valente, onde (.....) Dizem-me haver árvores à volta. Chegará Setembro comigo sanatoriando. É bom para a escrita? Oxalá. Para a leitura? Veremos, e então nessa altura, cumprido que seja (como julgo que vai ser) o ritual operatório das costeletas escancaradas, para rebocar o pulmão, pedir-te-ei que me passes originais teus (quem sabe se algum volume entretanto publicado) ou mesmo dois ou três livros que julgues fundamentais para uma cabeça e um coração há meses sujeito a tortuosas surpresas e vilanias.

Ruivo! **(queria dizer Rijo, José Rijo)** o pobre foi-se. Que geração a nossa!

A propósito do «Cão» e apesar de me teres (pareceu-me pelo menos) recomendado para já um certo distanciamento do processo, dei continuidade ao que iniciara, e escrevi uma breve carta a Delídia (i.e. **Rui Martiniano**) pedindo-lhe que esquecesse a minha extravagante missiva (cuja excentricidade sucintamente justifiquei) e pedindo-lhe também notícias. Achas que é pedir muito, depois de ter-lhe entregue um original de que não guardo nem cópia nem lembrança?

De resto ele perguntou-me se eu estaria em Agosto em Lisboa. No fundo, limito-me a dizer que sim, que estou. É ofensivo? Ou os editores são seres incomunicáveis? Claro que não.

A propósito, tomo a iniciativa de acrescentar a tua colecção de textos meus. Penso mesmo, por vezes, que a minha produção se limitará para sempre ao envio alguns (2?) amigos de textos meus. Mandei-te com a última as 1.as versões de 4 poemas da novíssima colectânea: Acerca de Outra Coisa. Hoje envio-te mais alguns. Que te parecem?

Pressinto que a Jacqueline está em boa forma e isso dá-me alegria. E dizlhe que a tomo como modelo e exemplo da força de que preciso. O mesmo acontecendo contigo, a quem abraço violenta e ternamente, reivindicando à volta (um pouco de nostalgia, que mal faz?) a panóplia desgarrada de um coro de pavões...(*)

Abraços
José Sebag

(*) Alusão aos pavões do Campo Sant'Ana, velha Faculdade de Direito, que muito nos divertiam.

José Carlos Gonzaga

EM CRETA COM O MINOTAURO

I

Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil,
serei talvez norte-americano qaundo lá estiver.
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo
quando não acredito em outro, e só outro quereria que
este mesmo fosse. Mas, se um dia me esquecer de tudo,
espero envelhecer
tomando café em Creta
com o Minotauro,
sob o olhar de deuses sem vergonha.

II

O Minotauro compreender-me-à.
Tem cornos, como os sábios e os inimigos da vida.
É metade boi e metade homem, como todos os homens.
Violava e devorava virgens, como todas as bestas.
Filho de Pasifaë, foi irmão de um verso de Racine,
que Valéry, o cretino, achava um dos mais belos da langue.
Pai de Ariadne, embrulharam-no num novelo de que se lixou.
Teseu, o herói, e, como todos os gregos heroicos, um filho da p...,
riu-lhe no focinho respeitável.
O Minotauro compreender-me-à, tomará café comigo, enquanto
o sol serenamente desce sobre o mar, e as sombras,
cheias de ninfas e de efebos desempregados,
se cerrarão dulcíssimas nas chávenas,
como o açúcar que mexeremos com o dedo sujo
de investigar as origens da vida.

III

É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado
a vida pelo mundo em pedaços repartida, como dizia
aquele pobre diabo que o Minotauro não leu, porque,
como toda a gente, não sabe português.
Também eu não sei grego, segundo as mais seguras informações.
Conversaremos em volapuque, já
que nenhum de nós o sabe. O Minotauro
não falava grego, não era grego, viveu antes da Grécia,
de toda esta merda douta que nos cobre há séculos,
cagada pelos nossos escravos, ou por nós todos quando somos
os escravos de outros. Ao café,
diremos um ao outro as nossas mágoas.

IV

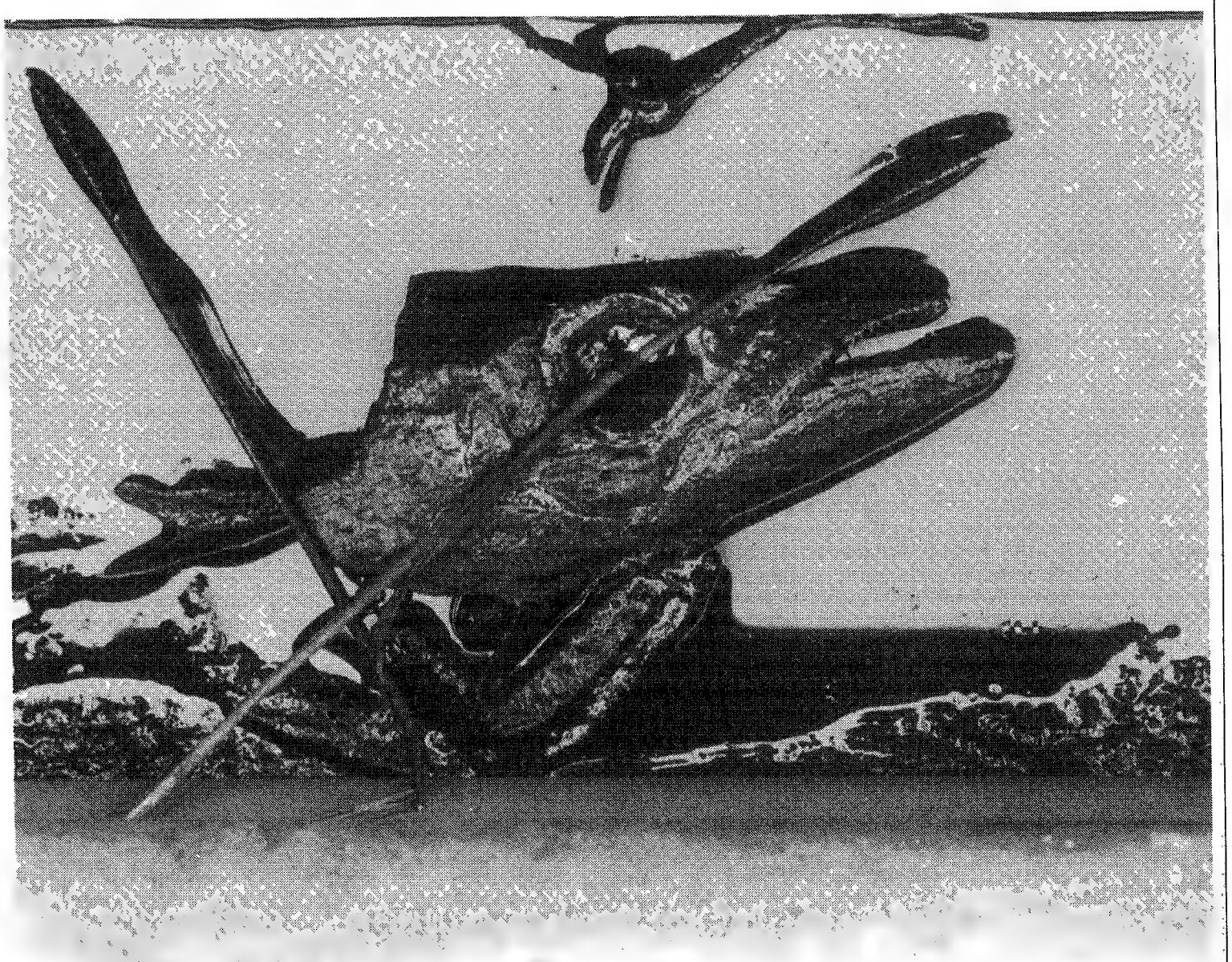
Com pátrias nos compram e nos vendem, à falta
de pátrias que se vendam suficientemente caras para haver vergonha
de não se pèrtencer a elas. Nem eu, nem o Minotauro,
teremos nenhuma pátria. Apenas o café,
aromático e bem forte, não da Arábia ou do Brasil,
da Fedecam, ou de Angola, ou parte alguma. Mas café
contudo e que eu, com filial ternura,
verei escorrer-lhe do queixo de boi
até aos joelhos de homem que não sabe
de quem herdou, se do pai, se da mãe,
os cornos retorcidos que lhe ornam a
nobre fronte anterior a Atenas, e, quem sabe,
à Palestina, e outros lugares turísticos,
imensamente patrióticos.

V

Em Creta, com o Minotauro,
sem versos e sem vida,
sem pátrias e sem espírito,
sem nada, nem ninguém,
que não o dedo sujo,
hei-de tomar em paz o meu café.

(«Peregrinatio
ad Loca Infecta», 1969)

DEAMBULAÇÕES



CABEÇA DE PEIXE MORTO

Gil Teixeira Guerra

A incompetência da vida e da morte
Em tempos estrubachanrte,
errante.
Desconhecido, igual a tantos outros
Indigno, da sua existência.

A incoerência da vida e da morte
com significado,
sem significado
morto, passado.
Exposto às indecências póstumas
dissecado e mal interpretado
sem recurso ou absolvição terrena.

E eu que o vi, masturbei,
e de lá tirei mais um naco putrefacto.
Meu proveito, sorte a dele
o que de pouco lhe restava
ainda deu p'ra eu fazer a festa.

CARTAZ DA MÚSICA

CLÁSSICA

Fundação Gulbenkian
Av. de Berna, 45
Dia 30, pelas 18.30h — Concerto pela Orquestra Gulbenkian, sob direcção do maestro **Michel Swierczewski,** com **Max Rabinovitsj** ao violino. Obras de Berlioz, Lalo e Kurt Weil.
Dia 2, às 18.30h — **Alice Giles** (harpa) interpreta peças de Bach, Hindemith, Caplet, Fauré, Eberhard e Salzedo.
Dia 5, ás 21.30h — Concerto pelo **Coro e Orquestra Gulbenkian** sob direcção do maestro **Michel Corboz,** com a soprano **Brigitte Poschner-Kiebel,** a contralto **Liliane Bizinecke** e o tenor **Reinaldo Macias.** Será interpretada a peça «Missa n.º 3 em fá menor» de Bruckner.

Convento do Beato
Dia 5, ás 21.30h — Concerto pela Nova Filarmonia Portuguesa.

Museu Nacional de Arte Antiga
Capela (átrio do anexo)
Dia 1, às 15.30h — Concerto pelo Coro da Universidade de Lisboa sob direcção de **José Robert.** Obras de Purcell, Bach, Lopes Graça e Kodally.

Sociedade de Geografia
Dia 30, às 21.30h — Concerto pela **Nova Filarmonia Portuguesa.**

Teatro de S. Carlos
R. Serpa Pinto, 9
Dia 3, às 21.30h — Concerto vocal com o tenor **Guy Flechter** e a contralto **Marina Ferreira** acompanhado ao piano por **João Paulo Santos.** Coro: Anabela Rosado, Isabel Biu, Isabel Silva Pereira, Rita Raposo (sopranos) e Ana Paula Campos e Neide Campos (meios-sopranos). Obras de Janaceck.
Dia 4 às 21.30h — Recital com **Tom Krause** acompanhado ao piano por **Irwin Cage.**

SETÚBAL
Igreja de Jesus
Dia 30, às 21.30h — Concerto de câmara pelos **Segréis de Lisboa.**

LIGEIRA
C. C. Fonte Nova
Dia 30, às 21.30h — Espectáculo com a participação de **Vitorino, Janita Salomé** e **Pedro Caldeira Cabral.**

Forum Picoas
Av. Fontes Pereira de Melo
Dia 30, às 22.00h — Concerto com os **Naked City.**

Hot Clube de Portugal
Praça da Alegria, 39
Espectáculos às 23.00 e 0.30 h
Dia 3 — **Art Jazz Trio** com **Sérgio Pelágio** (guitarra), **Mário Franco** (contrabaixo) e **André S. Machado** (bataria).
Dia 5 — **Ricardo Fabini Quarteto** com **R. Fabini** (guitarra), **Carlos Azevedo** (piano), **Zé Lima** (baixo) e **Nelson Cedrez** (bateria).

Lar Militar da Cruz Vermelha
Dia 31, às 21.30h — concerto com os **UHF.**

Rock Rendez-Vous
R. da Beneficência, 175
Dia 1, às 16.00h — Concerto pelos **V 12.**

DAMAIA
Cinema D. João V
Dia 31, às 21.30h — Concerto com **Adelaide Ferreira.**

ESTORIL
Pavilhão dos Salesianos
Dia 30, às 22.00h — concerto com os **Sitiados** e **Ex-Votos.**

BAILADO
Teatro de S. Carlos
R. Serpa Pinto, 9
Dia 30 às 21.00 e dia 31 às 16.00h — Bailado «Dom Quixote» — Estreia em Portugal. Coreografia de E. Volodine segundo **A. Gorsky,** música de **A.L. Minkus,** argumento inspirado em **M. Petipa** e **Cervantes,** cenografia e figurinos de **A. Vassiliev. Artistas convidados: N. Ananiachvili** e **A. Fadeyetchev.** Direcção musical de **A. Stonikov.**

Jorge Fallorca

Sofia Areal resolveu partilhar connosco a alegria da sua pintura, numa primeira individual na Galeria Alda Cortez. Do facto em si se encarregará o futuro, já que as hipóteses de aquisição pertencem ao passado

"Jalco", óleo sobre tela, 1990

A VIDA DAS NATUREZAS MORTAS

"Jonatas", óleo sobre tela, 1990

"Pode ser pouco entusiasmante ter uma exposição praticamente toda vendida antes da inauguração, mas por outro lado prova o interesse das pessoas pela minha pintura. E é tanto mais reconfortante quanto se trata da minha primeira individual".

«D.L.» - O ano passado participaste numa série de colectivas, e representaste a galeria na **Euroarte**, em Guimarães.

"E também participei na exposição que o João Pinharanda organizou para os **Encontros de Arte Moderna**, em Cáceres, e que neste momento se encontra em Campo Maior".

«D.L.» - Suponho que eram outros trabalhos.

"Eram. Aliás tanto na **Euroarte** como em Cáceres, e na colectiva aqui na galeria , onde participei com a Alda Nobre e o Manuel João Vieira, as pinturas nunca se repetiram. Isto tem a ver com o facto de, há praticamente dois anos, me dedicar só à pintura e ter um ritmo de trabalho bastante regular, quase de funcionário público: começo por volta dez e para às cinco da tarde. Os horários da escola do meu filho..."

«D.L.» - E antes desse cumprimento de horário?

"Bom, com 19 anos fui estudar para Inglaterra. Vivia em Moçambique, e como não me agradava particularmente a vida em Maputo, e porque o leque de estudos a seguir era muito limitado, resolvi voltar à Europa... Inglaterra foi uma opção pelo

facto de ter lá uma amiga a estudar (a Joana Rosa, ao tempo, na «St. Martin's») e de me falar muito entuasiasticamente do que por lá se passava. Também porque estava interessada em desenho de tecidos e não haver esse curso em Portugal. Como quando cheguei a Inglaterra, já não tinha a possibilidade de me candidatar ao «Foundation Course» - primeiro ano obrigatório para todos os cursos de Arte - aproveitei e fiz um curso de desenho de tecidos, ao mesmo tempo que ia preparando o meu portfolio para a candidatura ao «Foundation»".

«D.L.» - Esse gosto pelos tecidos, os padrões dos tecidos, ainda sobrevive na tua pintura.

"Talvez, mas o facto de ter tirado esse curso fez-me ver que apesar de ser uma coisa que me atraía muito, tinha muito mais a ver com o que eu queria fazer. O desenho de tecidos era muito técnico, repetitivo.

«D.L.» - Durante quanto tempo frequentaste esse curso?

"Desenho de tecidos, um ano, e outro tanto para o «Foundation Course». Mas - contra a minha vontade... - as propinas subiram muito e vim para Lisboa. Fui para o ARCO e perdi um bocado o ritmo de trabalho que tinha em Inglaterra. Existia, e ainda existe, uma grande diferença de atitude em relação aos jovens estudantes. Lá, seriam bons, médios ou até muito bons, mas estudantes. Aqui, mal se faz um traço, é-se logo um artista em potência. Esta atitude, e o facto de os meus primeiros traços terem tido um certo sucesso, amoleceu-me um bocado. Entretanto casei e tive um filho. Há cerca de dois anos, comecei a pensar de novo em pintar. Larguei o emprego, o que me deu mais liberdade de acção e recomecei a pintura".

«D.L.» - Começaste uma nova vida.

"Foi uma vida nova, porque até a minha atitude em relação à pintura - o que eu queria dela, o que eu pretendia fazer com ela - mudou".

CARTAZ DO OLHAR

Leonel Moura expõe individualmente na Diane Brown Gallery, Broadway, durante todo o mês de Abril.
Consequência do reconhecimento que o seu trabalho começa a ter nos Estados Unidos, sobretudo a partir da apresentação individual na Meyers/Bloom Gallery, de Los Angeles, em 1988, Leonel soube esperar a melhor oportunidade de entre os vários convites para expôr em Nova Iorque.
A Diane Brown é uma galeria que trabalha, por exemplo, com Alfredo Jaar, Julie Wachtel, Erik Levine, Robert Smithson e Joel Fisher, mais conhecido em Portugal, pela sua permanência nos ateliers de pedra da MADE-IN, em Alenquer.
As principais revistas de arte norte americanas («Art In America» e «Art News») referenciam regularmente o trabalho de Leonel Moura, que chegou mesmo a ser convidado pela «Artforum» para apresentar um projecto de quatro páginas, publicado no número de Novembro de 1988, acompanhado de um texto de Ida Panicelli, directora da revista.
As suas obras figuram hoje em importantes coleccões norte americanas, como é o caso da série *Europa*, que lhe deu a merecida projecção internacional.
Refira-se também que a série *Ítaca*, ainda inédita em Portugal, integra-o na exposição "Última fronteira - sete artistas portugueses" recentemente inaugurada no Centro de Arte Santa Mónica, em Barcelona.

Ana Vidigal - Pintura comprometida com a colagem, que assume a arqueologia da memória.
Galeria 111 - Campo Grande (10/13 e 15/19 e 30)

Manuel Vilarinho - 10 desenhos onde os géneros convencionais de paisagem e natureza morta estão presentes de modo ambivalente, através de poderosas imagens a tinta-da-china sobre papel. Em diferentes espaços detalhados por memórias e narrativas pessoais, convocam-se os sinais de uma cultura massificada e urbana.
Loja de Desenho - Rua da Academia das Ciências, 2 (15 às 19 e 30, excepto domingos e segundas-feiras)

Inauguram hoje:
Carlos Barroco - *Zoo*, pintura
Galeria Novo Século - Rua do Século, 23, às 22 horas.
Manuel João Vieira - pintura
Galeria Leo - Travessa da Queimada, 48, às 18 horas.
Mário Bismarck - *Doze soluções de restauro de uma imagem perdida seguido de algumas aplicações práticas.* Uffl
Galeria Stª Justa - Rua de Santa Justa, 93, às 20 horas.

J.F.

CRÓNICA

A SUBVERSÃO DOS CÓDIGOS

Rodrigues da Silva

Se julgam que os óscares» se foram embora, adeus, até para o ano, tirem daí o sentido. Não foram. Uns porque já cá estavam e continuam todos engalanados, outros porque só agora é que aparecem carregados com as suas medalhas. Uma invasão? Mais ou menos mas o mal nem é esse, que se há «oscares» que sim, outros que não, outros, que nem sim nem não, a gente (eu, pecador, me confesso), a todos gosta de ver. O mal não é a invasão dos «óscares». O mal é a quase total dependência da distribuição (que temos) à estratégia dos «óscares».

Tivesse tal dependência uma lógica e um calendário à mão, e enfim, já sabiamos com que o poderiamos contar. Mas não. Se os «oscares» têm uma estratégtia, este terminal periférico que somos do escoamento dos produtos às vezes avaria, e tanto lhe pode dar para entupir como para sorver com apressada gula.

Um perigo, em qualquer dos casos e não sem consequências. As previsíveis são estas: já que não vimos um ror de filmes logo por azar premiados, mais outros que chamaram a atenção, agora há que, de atafulho, estrear tudo a correr e depressa, não vá o efeito dos «oscares» passar, vir o calor e a praia e lá se ir a bilheteira.

Assim sendo, como é quase certo, há que chamar a atenção redobrada para os riscos que correm alguns filmes fora do circuito dos «oscares». De um dia para o outro podem sair de cena sem ninguém dar por isso, que isto as salas não crescem como cogumelos e há que dar vazão.

Uma das vítimas deste desnorte foi «Rock de Fogo» e o atentado aconteceu mesmo antes do dia 26. Por não se sabe que fenómeno, o filme foi destinado a tapar um buraco durante uma semana. Sucedeu que era interessante de mais para merecer o matadouro, mas ninguém foi capaz de salvá-lo. Nalguns casos falou-se do filme quando ele já nem estava em cartaz que antes não houve tempo...e agora há que esperar talvez uma «reprise» de Verão.

São coisas assim, algo terceiro-mundistas, que obrigam a lançar sobre alguns filmes em cartaz este aviso imediato: vejam-nos enquanto é tempo, porque nunca se sabe (é mesmo isto: nunca se sabe) a sorte que os espera.

☆

Feito o aviso, só agora me dou conta que talvez ele seja desnecessário pelo menos em relação aos filmes recentemente estreados. É que um («Tempo de Glória») traz três «oscares» ao peito, outro («A Guerra das Rosas») foi lançado com tal impacto que se falhar só por excesso de zelo e o terceiro («O Filósofo») tem a defendê-lo o Forum Picoas e a distribuidora que lhe está por trás.

É, aliás, graças a ela que toda uma série de filmes, de há um ano a esta parte, têm passado em Portugal fora do circuito dominante. Numa altura em que as distribuidoras hegemónicas já nem Rohmer se dignam passar, é caso para dizer que sem a Atalanta Filmes e o Forum Picoas tudo seria muito pior.

A referência a Rohmer não foi por acaso, «O Filósofo», do alemão federal Rudolf Thome, se algum cineasta do nosso conhecimento evoca é mesmo Rohmer. E aqui a primeira surpresa ou pelo menos o primeiro desfazer de ideias feitas. Se de Rohmer se diz (mal, mas diz) «é bem francês», que dizer deste filmes de Thome? Tudo, menos que é bem alemão.

E, no entanto, que cultura, afinal, mais do que a alemã, seria capaz de produzir uma fábula como esta, nestes tempos cinematográficos? Fique a pergunta sem resposta, para se lançar um alerta e desde já. Quem está totalmente colonizado pelos códigos de representação falsamente realistas é bem capaz de sair do filme a dizer com os seus botões: «o tipo está a gozar comigo ou quê?»

Quê... porque o tipo em causa não está a gozar com ninguém, pelo contrário. Através de uma fábula das três graças e um inocente, o que o cineasta alemão está a fazer é despertar o espectador. E a despertá-lo para várias coisas em simultâneo, a primeira das quais (sejamos materialistas) é para as condições de produção, isto é, pode-se fazer um belo filme e barato, nunca o muito (ou o pouco) dinheiro foram determinantes apriorísticos de qualidade.

Depois do que «O Filósofo» talvez queira dizer é que mesmo em Berlim (sobretudo em Berlim) há gente que aspira a algo mais do que ao consumo da vida corrente ou ao consumo corrente da vida (vai dar ao mesmo). Este filme é bem capaz de ser mais realista do que parece, embora o seu realismo se deduza, a «inverso senso», tal como a arte, não sendo a verdade, a dá a entender.

Em «O Filósofo» há um homem que é virgem e três mulheres que estão fartas dos homens que têm. A insatisfação de todos vai produzir o milagre do encontro e do entendimento perfeito. Temporário — julgar-se-ia. Puro engano: definitivo, a vida eterna aqui na terra, como se a terra, de súbito, recuperasse o paraíso perdido. E qual? O da autenticidade, o da alegria, o da experiência partilhada com as pessoas que não há (?) e que passamos a vida a desejar encontrar.

Há uns anos, uma mulher anónima pôs um anúncio no «Nouvel Observateur», dizia assim: «Tenho 34 anos, procuro a utopia». Rudolfo Thome, com «O Filósofo», diz-nos que a utopia é possível. Parece mentira mas também os rios parecem sempre os mesmos e Heráclito (filósofo invocado no filme) fez-nos ver que nunca nas suas águas nos banhamos duas vezes.

«O Filósofo»: o 12.º filme de Rudolf Thome é o primeiro a estrear em Portugal

«Tempo de Glória»: o heroísmo colectivo

Kathleen Turner e Michael Douglas em «A Guerra das Rosas».

☆

Do paraíso para o inferno para falar de «A Guerra das Rosas», um filme que também foge aos códigos todos a que o cinema nos habituou. À partida, a história é simples: um casal não se entende e inicia a batalha campal portas a dentro. Até aqui, tudo normal, ou pelo menos frequente. O que não é frequente é uma história destas ser dada através da lógica da comédia, sobretudo se na comédia, em vez de desembocar num «happy-end», termina no símbolo por excelência da tragédia: a morte.

De Vito baralha os dados todos e fá-lo, deve dizer-se, graças a um verdadeiro exercício de estilo de bem filmar. «A Guerra das Rosas», antes do mais, é isto mesmo: um filme extraordinariamente bem realizado, sem uma falha.

A falha é outra e a provocar reticências: o moralismo. De Vito, ao assumir o papel de coro da tragédia grega condiciona-nos.

Há um paralelismo entre esta história e — por estranho que pareça — «A Mulher do Lado», de Truffaut. Num e noutro filme a síntese pode ser «até que a morte os juntou»; num e noutro filme há um narrador. Mas enquanto no filme de Truffaut o narrador (aliás, narradora) está ali para nos distanciar da tragédia e para desculpabilizar os crimes do amor, em «A Guerra das Rosas» não é disso que se trata, o narrador aconselha-nos um código de comportamento, dá-nos uma lição de bom senso. E nem seria preciso, a menos que a moral da história seja antes casado do que morto e não aquela que parece evidente: vão-se os anéis, fiquem os dedos.

☆

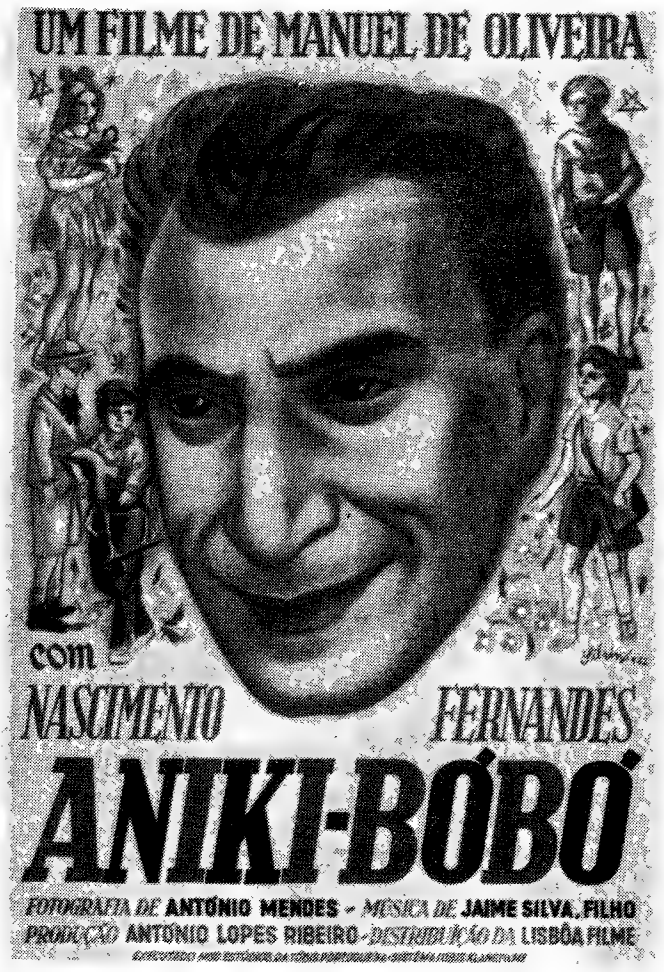
O terceiro filme desta colheita também ele foge aos códigos comuns. É «Tempo de Glória» e podendo-se classificá-lo de filme épico, o que nele mais atrai é a contenção dos «soit disant» heróis. A história do primeiro regimento de negros que combateram na Guerra da Secessão não vive de rasgos individuais, de «performances» deste ou daquele actor. O filme é um fresco, qualquer coisa como se as cenas mais bem conseguidas saíssem de um baixo-relevo cinzelado na pedra e por um milagre ganhassem movimento, cor e dimensão.

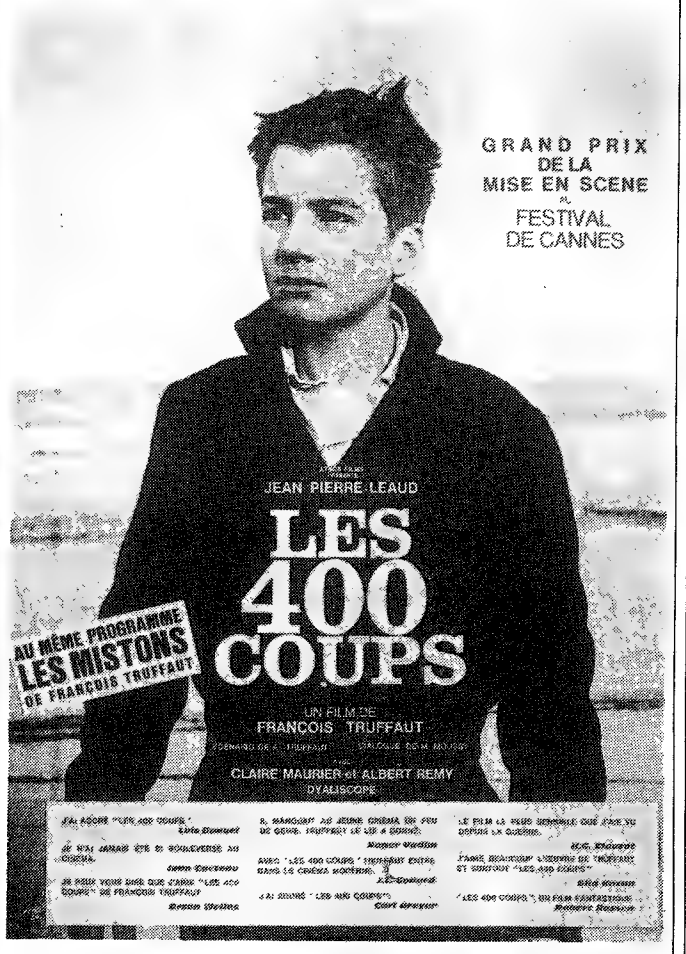
Não é apenas isto que neste filme atrai, é também a sua capacidade de, a nenhum momento, ceder ao gosto fácil, à demagogia, às mil e uma armadilhas que uma obra do género (sobretudo filmada na América) levanta, a começar no maniqueísmo dos bons e maus. Não. A história evolui sempre subordinada ao colectivo, e se há um personagem principal é porque de algum modo é pelos seus olhos que vemos, a história deste regimento entrou na lenda graças ao espólio de cartas que o seu comandante (branco) legou à posteridade.

Como os leitores estarão recordados, «Tempo de Glória» ganhou o «oscar» do melhor som, o que o espectador português literalmente não entenderá.

E não entenderá porque a versão de «Tempo de Glória» que corre entre nós é uma contrafacção, não é verdadeira. O filme, na sua versão original, é em 70 milímetros, servido por um sistema sonoro totalmente diferente deste que por cá existe.

Denuncie-se isto para se perceber como somos pindéricos quando dependentes das grandes estratégias da indústria internacional do cinema. Ou para se perceber como é que, destruídas que são as grandes salas onde se impunha que um filme destes passasse, estamos agora condenados a olhar a epopeia em formato «photomaton»...





Se de um filme a primeira imagem é a do cartaz, aqui estão as primeiras imagens de três filmes, que nos remetem para o gosto gráfico dominante das respectivas épocas. «Zero em Comportamento» (1933), «Aniki-Bóbó» (1942) e «Os 400 Golpes» (1959) passam todos para a semana na Cinemateca, integrados num ciclo sobre o «Cinema e a Escola»

OS FILMES E A ESCOLA NA CINEMATECA

Na Cinemateca, para além de bons filmes (como é hábito), tem havido surpresas (o que é mais ou menos inédito). As surpresas resultam de factores estranhos à casa: são cópias que não chegam, voos atrasados, greves de controladores aéreos, etc., etc., tudo a fazer do calendário previamente indicado uma mera declaração de intenções que de vez em quando é possível cumprir. Diz-se que a partir de agora, as coisas vão ser diferentes. Oxalá que sim. Por nossa parte, há a dizer que nem sempre temos conseguido anunciar as alterações, até porque às vezes sabemos delas... ao chegar à Cinemateca como espectadores.

Esta semana chega ao fim o ciclo «o Topus Ilumina o Opus?» com alguns filmes notáveis, com destaque para as últimas obras de Tarkovski e John Huston (de 1985 e 1987, respectivamente) ambas já exibidas no circuito comercial português.

A partir de segunda-feira, a Cinemateca inicia outro ciclo, «O Cinema e A Escola», pretexto para exibir alguns clássicos, a começar pelo «Aniki-Bóbo» de Manoel de Oliveira (1942). Clássicos serão ainda «Zero em Comportamento», de Jean Vigo (1933), «Les 400 Coups», obra de estreia de Truffaut (1959) e um Buster Keaton de 1927, tudo filmes que vivamente se recomendam.

No teatro da Malaposta o destaque vai para o «Napoleão» de Abel Gance (na versão de 140 minutos, de 1971, da responsabilidade de Claude Lelouch) e o filme «A Tale of Two Cities», de 1935, que se inspira na obra homónima de Dickens sobre a Revolução Francesa.

Por fim, mas não com menor importância, assinale-se que no ABC Cine Clube de Lisboa passa hoje um filme de Rivette de 1981 «Le Pont du Nord».

Todo o programa a seguir, com a ressalva de eventuais alterações de última hora.

HOJE, NO DIA 30

ABC Cine Clube de Lisboa (na Sociedade Portuguesa de Autores, às 18 e 30): «Le Pont du Nord». Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Casal Orlov», de Mark Donskoi; e «A Matter of Time», de Vincente Minelli. Instituto Franco-Português (às 21): «La Nuit de Varennes», de Ettore Scola. Teatro da Malaposta (em Olival de Basto, às 21 e 30): «Bonaparte et La Révolution», de Abel Gance.

AMANHÃ, DIA 31

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Bourdon Street Blues», de Douglas Sirk, seguido de «Querelle», de R.W. Fassbinder; «Sacrifício», de Andrei Tarkovski; e «The Dead», de John Huston. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): O mesmo programa do dia 30.

DEPOIS DE AMANHÃ, DIA 1

Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 17): «A Tale Two Cities», de John Conway.

SEGUNDA, DIA 2

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Aniki-Bóbo», de Manoel de Oliveira; e «Sementes de Violência», de Richard Brooks.

TERÇA, DIA 3

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Adeus Rapazes», de Louis Malle: e «Zero em Comportamento», de Jean Vigo, seguido de «Les 400 Coups», de François Truffaut. Instituto Franco-Português (às 21): «Le Juge et L'Assassin», de Bertand Tavernier.

QUARTA, DIA 4

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 30): «Em Nome do Pai», de Marco Bellochio; e «Aguirre, O Aventureiro», de Werner Herzog.

QUINTA, DIA 5

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 21 e 30): «College», de Buster Keaton; e «The Nutty Professor», de Jerry Lewis. Instituto Franco-Português (às 18 e 30): «Fibres Optiques et Telecomunications» (Cine-Ciência).

A VER

Dos filmes em estreia em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «O Filósofo», Rudolf Thome (1988)
- «Tempo de Glória», Edward Zwick (1989)
- «A Guerra das Rosas», Danny de Vito (1989)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Negócio de Família», Sidney Lumet (1989)
- «Limpo e Sóbrio», Glenn Gordon Caron (1988)
- «Miss Daisy», Bruce Beresford (1989)
- «Ciúmes de Morte», Nicholas Bloomfield (1989)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «Querida Eu Encolhi Os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)
- «Shirley Valentine», Lewis Gilbert (1989)

Em reposição

- «Cinema Paraíso», Guiseppe Tornatore (1989)
- «Silverado», Lawrence Kasdan (1985)
- «Regresso ao Rio Kwai», Andrew V. McLaglen (1988)

R. da S.

Video rama

A MOSCA

Maria João Martins

Purple Rain: Viva a Música

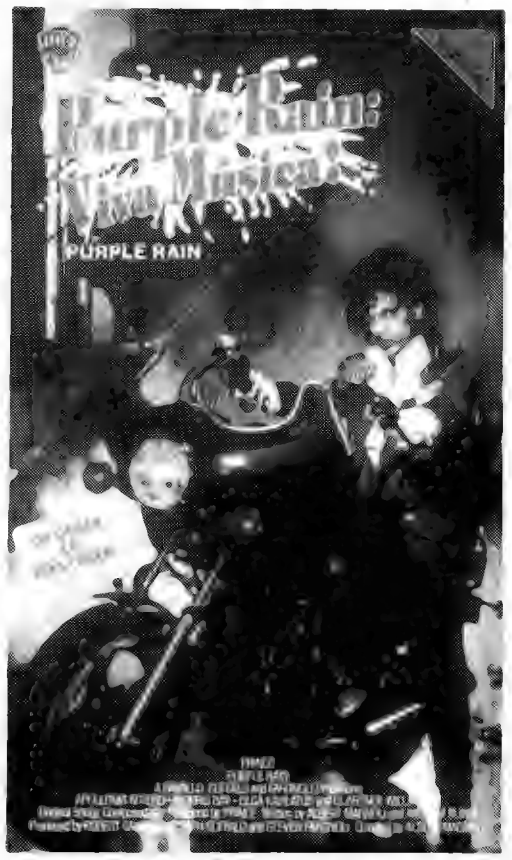
Nascido na década de 50, o rock ainda não perdeu a capacidade de renovação. Já não há Elvis, já não há Jerry Lee Lewis, mas aparecem músicos como Prince. Hoje, como há trinta anos, as vedetas da música não deixam de aparecer no cinema. Prince não é excepção. Deslumbrado pelo êxito nos discos, o autor de «Purple Rain» não tardou a rodar um filme que fará o delírio dos fãns. Mas só destes.

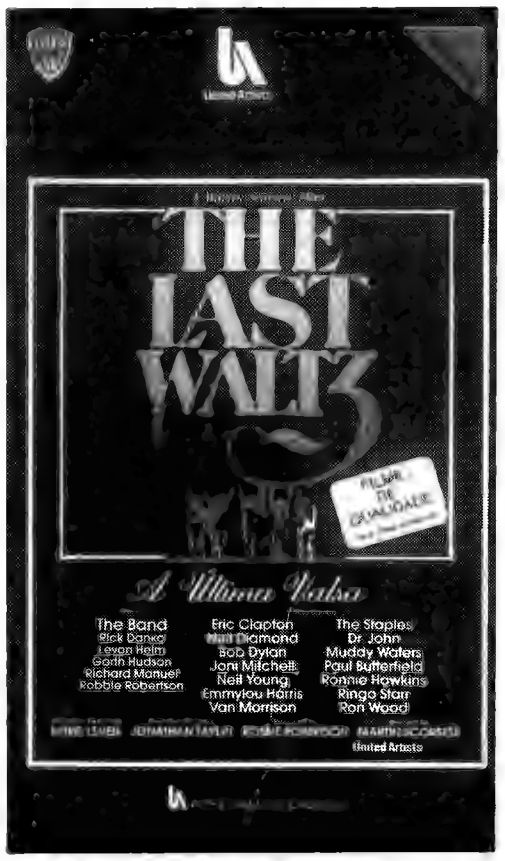
«Purple Rain». Realização: Albert Magnoli. (E.U.A - 1988). Intérpretes: Prince, Apollonia Kotero, Morris Day, Olga Karlatos, Clarence Williams III. Cor. 107 minutos. Musical. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak / Warner Home Vídeo. Venda directa.

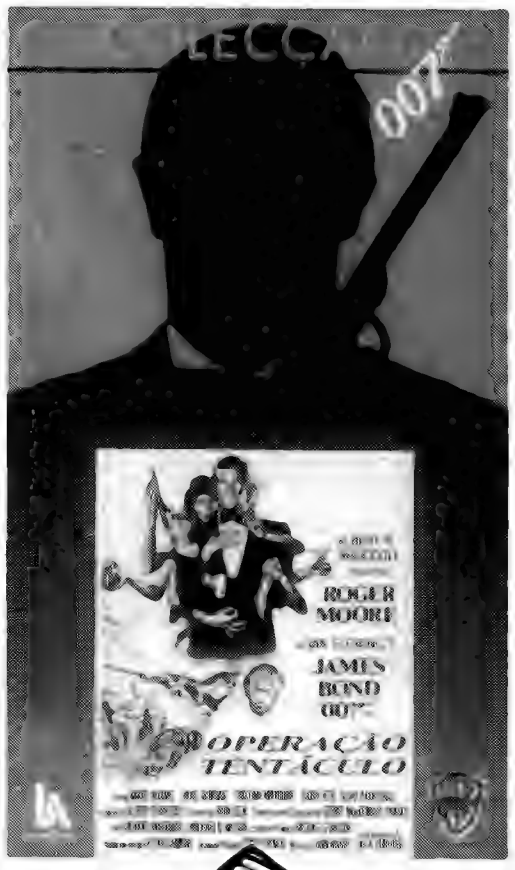
Octopussy: Operação Tentáculo

É uma das mais conhecidas aventuras de Bond, quando interpretado por Roger Moore. Como em muitas outras, o herói vê-se na contigência de viajar mundo fora (se possívelbem acompanhado) na senda de um general soviético que pretendia fazer explodir uma bomba nuclear na R.F.A. De salientar que John Glenn realizou este filme numa altura (1979) em que os russos ainda eram maus.

«Octopussy». Realização: John Glenn. (E.U.A - 1979). Intérpretes: Roger Moore, Maud Adams, Louis Jordan, Kabir Bedi. Cor. 127 minutos. Aventuras. Música de John Barry. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak / Warner Home Vídeo. Venda directa.







(A) Última Valsa

Talvez não se conhecesse esta faceta de Martin Scorcese. Oito anos depois de «Woodstock» de Michael Wadleigh haver consagrado a moda dos filmes-concertos rock, o autor de «A Última Tentação» pegou na câmara e reconstituiu a história do grupo «The Band» até ao anúncio público da sua dissolução no dia de acção de graças de 1976. Não se trata, porém, de uma simples gravação musical. Martin Scorsese é um cineasta e o que ele fez foi, sem dúvida, um filme. A opinião não é só da Mosca. João Bénard da Costa no II volume de «O Musical» (edição da Cinemateca Portuguesa) refere: "Que tem a ver a ópera com o rock, Mozart com The Band, Bergman com Scorsese? Talvez tenham mais do que se supõe, mas não é essa a questão que me interessa discutir. Por onde os comparo, é porque , em ambos os filmes são explorados, até às últimas possibilidades, os espaços do palco, dos bastidores e da assistência, ou seja as três componentes fundamentais do espaço do teatro e, em ambos os filmes, são magicamente transfiguradas».

É nesta acção transformadora que o cinema vive bem casado com os seus melhores obreiros.

«The Last Waltz». Realização: Martin Scorsese. (E.U.A - 1978). Intérpretes: Rick Danko, Levon Helm, Garth Hudson, Richard Manuel, Robbie Robertson (The Band). Cor. 114 minutos. Musical. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak Warner Home Vídeo. Venda directa.

La Gazza Ladra

Baseado numa ópera de Rossini, esta edição de «La Gazza Ladra», tem o selo de qualidade das edições Casablanca. Só que voltamos a pôr o mesmo problema de há uma semana: porque é que só se apostam em óperas estreladas por grandes vedetas como é o caso de Ilea-

na Cotrubas?

«La Gazza Ladra». Realização para vídeo: José Montes- Baquer. (Itália-1987) Intérpretes: Ilea

na Cotrubas, Nucci Condò, Carlos Feller, David Kuebler, Brent Ellis. Cor. 180 minutos. Ópera. Para maiores de 6 anos. Edição Casablanca Vídeo.

«MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS»

lançado, ontem, em vídeo

Para bem dos seus pecados, Pedro Almodovar nasceu numa Espanha que já não é o fidelíssimo reino de Filipe II. Senão, imagine-se o desacato.

Esta imagem de cineasta como o diabo gosta tem-lhe valido, no entanto, uma notoriedade que se calhar não conseguiria só com os filmes que assina. Hoje em dia, importa dizê-lo, Pedro Almodovar é identificado internacionalmente com todo o cinema da Espanha actual. É injusto. Uma cinematografia, uma arte não se reduz jamais ao trabalho de um só homem, mesmo que ele se chame Almodovar. Precisa-se do mais que não existe agora, nos tempos de «Mulher à beira de um ataque de nervos» e que não existiu ontem, nos tempos de Buñuel.

Em 1955, Bramen formula um diagnóstico dramático da miséria a que a ditadura de Franco, como a de Salazar entre nós, votara a cinematografia: «o cinema espanhol é políticamente ineficaz, socialmente falso, intelectualmente frágil, estéticamente nulo e industrialmente raquítico». Trinta e cinco anos depois, ao falarmos com um espanhol ele atirar-nos-à imediatamente com o exemplo de Almodovar e com as suas «Mulheres à beira de um ataque de nervos», nomeado para o Oscar do melhor filme estrangeiro na edição do ano passado.

A que propósito vem esta conversa? Ontem ao fim da tarde,a Vídeo Time lançou a edição videográfica deste filme que ,em Portugal, obteve um espectacular êxito de bilheteira quando da sua passagem no cinema. Resta aguardar como Almodovar se dá com o pequeno écran.

CLUBES DE VIDEO

video 1000

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE **100.00**

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • **SEM JÓIA** • 4.ªS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

Teatro

A MOSCA

Carlos Porto

1990 ANO TCHEKHOV

AS TRÊS IRMÃS

***As Três Irmãs*, na encenação de Peter Stein com a Schaubuhne de Berlim. Na foto, as intérpretes: Corinna Kirchhoff (Irina), Edith Clever (Olga) e Jutta Lampe (Mascha).**

A primeira das peças em mais de um acto de Anton Tchekhov a ser apresentada em Portugal foi **As Três Irmãs,** estreada no dia **21 de Dezembro de 1955,** quase cinquenta e cinco anos depois da sua estreia pelo Teatro de Arte de Moscovo, na encenação de Stanislavski, vinte e seis anos depois da sua estreia em Paris por Ludmilla e Georges Pitoeff.

As Três Imrãs teve a sua primeira apresentação no Teatro da Trindade num espectáculo do Teatro d'Arte de Lisboa, em versão e encenação de Orlando Vitorino e Azinhal Abelho. Demos conta, na semana passada, da respectiva distribuição.

Pode fazer-se uma ideia do teor da leitura proposta por este espectáculo a partir da publicidade que lhe foi feita nos jornais que tinha por base uma frase dita pela personagem Tusenbach: **Daqui a 20 ou 25 anos, todos os homens hão-de trabalhar, todos os homens sem excepção.**

Sobre o espectáculo do Teatro d'Arte, Manuela de Azevedo escreveu neste jornal (22-12-1955) uma crítica de que transcrevemos: **Poucas peças, como** As Três Irmãs **conterão de Tchekhov um tão fundo testemunho de beleza e de generosidade, um tão grande conteúdo humano — ao mesmo tempo feito de renúncias e de irredutíveis vontades. Em pouquíssimas outras o poeta depositou uma tão nobre mensagem de confiança no futuro; a vida presente nada vale, em relação ao que estará para lá das dores do dia que se vive.** (...) **Quanto ao espírito da «mise-en-scène», achamo-lo francamente deslocado. (...) Que ideia se pode fazer, com tal cenário (os rerocós de um «vaudeville» de uma casa burguesa) da Rússia provinciana de há meio século?**

Além da representação da peça, o Teatro d'Arte de Lisboa tomou a iniciativa de a publicar na sua colecção Teoremos de teatro de que tem o n.º 5. O volume inclui o texto da obra de Tchekhov e uma segunda parte assim dividida: para a interpretação de **As Três Irmãs;** Uma nova geração entra no Teatro d'Arte. Mas o mais curioso deste volume que, aliás, só agora descobrimos é o seguinte: na capa anuncia-se na referida segunda parte dos textos incluídos no volume três artigos numerados: 1 — Para a interpretação do drama. 2 — Tchekhov e Stanislavsky. 3 — O Desempenho de **As Três Irmãs.**

Ora, acontece que no interior há 1 e o 3, não aparecendo o 2 — Tchekhov e Stanislavski. Não se trata de um erro de paginação porque a numeração das páginas está correcta. Trata-se apenas de mais um enigma. O volume publica ainda, em Arquivo, textos de José Régio e Gaspar Simões, à margem do espectáculo. A propósito da entrada de artistas novos para a companhia, escreve-se:

O Teatro d'Arte de Lisboa actuando na sua II época congratula-se com a integração destes rapazes e raparigas, que o público de teatro ainda não recebeu a mensagem plena da sua arte, prometendo-lhe o seu palco para a sua arte. Representam Tchekhov. Representar Tchekhov significa uma reivindicação das gerações ansiosas que se pronunciam pelo advento de uma boa nova que há-de surgir. No nosso caso, será a vitalidade do Teatro em Portugal.

Os nomes de Carlos Duarte, Jacinto Ramos, Fernanda de Montemor, Cecília Guimarães, Joaquim Rosa, Luís Cerqueira e Beja Filipe, trazem ao teatro em Portugal uma mensagem de esperança.

A POESIA DEVE SER FEITA POR TODOS

Actor e encenador, Antoine Vitez é um dos maiores criadores do teatro francês dos nossos dias. Além disso, é tradutor e poeta com livros publicados (La tragédie, c'est l'histoire desllarmes **e** L' Essai de la solitude). **Há anos encontrámos um poema de Vitez num suplemento do «Monde» que traduzimos agora para estas páginas que sendo de teatro, não dispensam a poesia.**

O EXÉRCITO GREGO

in memoriam Stratis Tsirkas

Deste lugar donde vemos tudo, o nariz, a testa e os olhos,
e destoutro — como um rio à minha frente
ou a marcha do exército grego até à nascente dos cabelos
ou a caminho das formigas, viagem imóvel —
tenho,
deste lugar onde o exército grego por fim avistava o mar,
na cama desfeita, nas ripas do soalho, nas costas da mão,
vi, desenhei
na mão que beijei na noite, junto da anca à beira-rio,
o exército grego convocado à pressa para participar no combate, os guerrilheiros aliados aos burgueses patriotas, e cada um procura reconhecer o odor do tabaco que o outro fuma,
a sua alma,
toquei
a alma, o fundo da alma pela boca junto ao olho,
quando a janela aberta provoca o voo do papel, do texto do tratado, do salvo-conduto que nos condena à morte,
os lábios da mulher morta, branca, lábios brancos de súbito virados à minha frente,
estalidos dos ombros, e inversão das alianças,
seremos vencidos, atraídos a uma armadilha por um oficial que acaba de entrar no quatro, o rádio ludibria-nos, ainda não é o momento de partir,
temos que queimar tudo, os arquivos e os lençóis, no entanto terei os teus olhos
para mim,
lentamente o globo a sangrar um pouco roda, marcha do tempo,
o tempo que resta antes que a ofensiva seja decidida,
o tempo da nossa sombra que resta antes de o jornal, também ele, voar, e narra tudo aquilo de que precisávamos para viver,
temos de mendigar,
o exército,
do indicador, da Índia à sangria do braço,
inicia a marcha.

ANTOINE VITEZ

ACTO

A IMAGEM

Há semanas, o sr. Primeiro-Ministro, de repente, mandou anunciar que ia à televisão. Expectativa. Que de importante haveria para o sr. Primeiro-Ministro, ele próprio, ir à televisão, apesar de tantas vezes lá ir?

O assunto era importante mas muita gente sentiu que a expectativa fora gorada. A defesa do ambiente, está bem, estamos todos de acordo, até está na moda, não é?

Esta semana o sr. Primeiro-Ministro mandou anunciar que ia ao Teatro Nacional participar na Festa (?) do Dia Mundial do Teatro. Expectativa, outra vez. Era coisa que nunca se tinha visto. Vai não vai? Quem vai ser medalhado? Choveram os boatos, a SEC fechou-se em copas. Se lá for, que dirá o sr. Primeiro-Ministro?

Disse pouco, como pouco disse o sr. secretário de Estado da Cultura. E ainda para azar maior, a televisão pouco mostrou do que disseram. Também quem lhes mandou falar de teatro? O teatro não é notícia para a RTP, mesmo agora que parece estar outra vez na moda, como os acontecimentos do Dia Mundial do dito provaram.

Pelo que parece, anunciou o sr. Primeiro-Ministro que alguns actores, do Teatro Nacional, parece que seis, vão ser substancialmente aumentados. Muito bem. Pena que o sr. Primeiro-Ministro não se tenha lembrado dos outros, não anunciasse ir mandar fazer um estudo da situação dos trabalhadores do teatro em geral. Talvez se sentisse chocado, quem sabe?

Anunciou o sr. Primeiro-Ministro que o Governo se vai interessar especialmente pelo sector da descentralização. Mas então ignorará o sr. Primeiro-Ministro os ataques de que a descentralização foi alvo a ponto de quase ter sido destruída pelos departamentos respectivos do seu Governo?

É curiosa a fórmula de que o sr. Primeiro-Ministro se serve no que a isto diz respeito:

Não se deve contemplar unicamente os que trabalham nos centros urbanos onde beneficiam de autarquias prósperas, mas aquelas que mais dificuldades têm em obter patrocínios. (D.N./28-03-1990).

Mas então há autarquias prósperas ou trata-se de arranjar pretextos para negar apoios a grupos a trabalhar em **certas** autarquias?

Não seria preferível começar por fazer um estudo da situação do teatro e das suas relações com as populações, em todo o país, incluindo os grandes centros urbanos? Não seria preferível começar por anunciar uma campanha a sério de apoio ao teatro para a infância e juventude? Não seria preferível começar por entrar em diálogo com os agentes teatrais, colhendo deles as informações, os esclarecimentos, as propostas — os problemas e soluções — sobre a actividade teatral, incluindo aspectos como o da dramaturgia portuguesa, da formação, etc.? Não seria preferível começar por anunciar medidas imediatas para resolver, de uma vez por todas, a incrível situação dos grupos do Porto?

Teria sido muito fácil ao sr. Primeiro-Ministro propor-nos um pouco mais do que a sua imagem. Foi mais uma oportunidade perdida. Pena.

P.S. (1) — O sr. Primeiro-Ministro entregou a Medalha de Mérito Cultural, da SEC, aos seguintes artistas: Eugénio Salvador, Eunice Muñoz, Helena Félix, Luzia Maria Martins, Raul Solnado e Rui de Carvalho.

P.S. (2) — Seria interessante e elucidativo saber quem esteve e quem não esteve a assistir à cerimónia do Teatro Nacional. Não para dessa contabilidade extrair quaisquer ilações políticas, mas apenas para verificar quem é e quem não é ingénuo, quem está e quem não está de acordo com a (não) política teatral do Governo, mesmo que alguns dos que lá estiverm não concordem com essa (não) política.

FALAS

O cenário parece pronto para uma peça que Brecht podia escrever se estivesse vivo. Uma peça que desvendaria o medo, a vergonha, a ambição, as armadilhas da generosidade. Brecht volta a ser actual. Alguns havia que o tinham pressentido. Estão em preparação três espectáculos, projectados muito antes de Novembro: **A Boa Alma de Seo-Chuan,** encenação de Bernard Sobel em Genneviliers, **O Proprietário Puntila e o seu criado Matti,** encenação de Marcel Maréchal, em Marselha, e **Vida de Galileu,** encenação de Antoine Vitez na Comédia Française, reflexão, diz ele, sobre a Ideia (com maiúscula) do comunismo.

Colette Godard
«Le Monde«-1-03-1990

MARGENS

Começam a chegar as primeiras notícias do Festival de Avignon a realizar naquela cidade do Sul de França de 10 de Julho a 1 de Agosto. Chamada de atenção para o poeta René Char com vários espectáculos, recitais, debates à volta da sua obra.

Espectáculos de teatro: a encenação de Jean-Pierre Vincent de **Les Fourberies de Scapin** de Molière; **O Sonho de uma Noite de Verão,** de William Shakespeare na encenação de Jérôme Savary; uma criação dos Actores Produtores Associados com o Teatro Due, de Parme, com o título **Conversations d'Idiots;** uma outra criação, a peça de Wladislaw Znorko, **La Cité Cornu,** com o Festival de Outono de Paris, Festival de Tardo, de Barcelona. Uma outra criação, com textos de Ch.-F. Ramuz, adaptados por Martine Pascal, encenação do cineasta Michel Soutter. Três espectáculos de Jean-Marie Patte: **Ne plus être une capitale, Par singularité et par distraction mais non point du tout par inconduite, Je cherchais à la revoir hier.** A tragédia **Ajax,** de Sófocles, encenação de Bruno Meyssat; **La Véritable histoire de France,** creação pelo Royal de Luxe. Uma adaptação de outra tragédia, **Prometeu Agrilhoado,** de Esquilo, com o título **Io,** por Dido Lykoudis, encenação de Nico Papatakis, além de um ciclo de peças húngaras.

Isto tudo, e muito mais, pois o Festival inclui manifestações de cinema e dança (em especial da Índia).

Traremos mais notícias do Festival d'Avignon na devida altura.

FITEI COM PRÉMIO INTERNACIONAL

O CELCIT — Centro Latino-Americano de Criação e Investigação Teatral, com sede em Caracas, Venezuela, atribuiu o Prémio Ollantay — 1989 (Prémio Especial) ao FITEI — Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica. O prémio foi atribuído ao conhecido festival portuense, cuja importância já ninguém discute, pelas seguintes razões: **Reconhecimento do seu extraordinário esforço em prol do desenvolvimento e da integração do teatro ibero-americano. Doze edições anuais e consecutivas fazem do FITEI um dos mais antigos e prestigiados da Ibero-América, e um ponto de encontro imprescindível para os homens de teatro ibero-americanos que anualmente, no Porto, confrontam os seus trabalhos.**

O FITEI decorre este ano de 30 de Maio a 10 de Junho e para esta 13.ª edição está prevista a presença de grupos brasileiros, paraguaios, venezuelanos, espanhóis, de S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Angola, etc.

SEMANADA

Neste Março solar e azul, um vento de Inverno percorre os nossos palcos. O Teatro Nacional há meses fechado, por meses fechado continuará. Houve dinheiro para arrancar o amianto, haverá forças para arrancar a rotina? A visita do primeiro-ministro ajudou alguma coisa além de ajudar os actores a fazer contas à vida — uns são aumentados outros ficam na mesma?

E como ir ao teatro, para quem não queira ir ao musical **(A Severa** no Maria Matos), à revista **(Vitória! Vitória!,** no Maria Vitória), ao bulevar **(Os Meninos à Volta da Mamã,** no Variedades)? Há, valha-nos isso, um grande espectáculo: **A Pécora,** de Natália Correia, encenação de João Mota, na Comuna. Concordemos: é muito pouco!

Ainda: últimas no Centro de Arte Moderna dos **Batatinhas,** pelo Theatre Beyond Words, do Canadá, espectáculo para todos os públicos; ao sábdo, à meia-noite, **Festival da Otite,** café-teatro da Comuna; no Chapitô da Tété, à Costa do Castelo, o novo espectáculo de Fernando Gomes **Klassikus Kabaret.**

Fora de Lisboa: em Setúbal, no Luísa Todi, a revista **À Coca,** em Portalegre, o Teatro de Portalegre com **Autos da Índia e das Fadas,** de Gil Vicente (ver foto).

Gil Vicente em Portalegre: «Autos da Índia e das Fadas»

TELE Visão

A MOSCA

SÁBADO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
«O Bombeiro Sam»; «Teatro Jovem»; «Denver, o Último Dinossauro»; «Sonhos de Rock»; «Transformers em Acção»; «Concurso de Cor e salteado»; «Olho Vivo».

12.00 - No Reino do Urso Polar
13.00 - Notícias
13.10 - Oito e Basta
14.00 - Parlamento
14.30 - Crime, Disse Ela!

15.15 - Sessão da Tarde
«Vidas em Perigo», de James Goldstone (EUA-1969), com interpretações de Hal Hoolbrock, E.G. Marshall, Joseph Campanella, Pat Hingle, Jack Albertson, Jeff Corey, Sharon Acker. Duração: 97 minutos.
telefilme inédito em Portugal, que trata a história do filho de um importante senador, que arrisca a sua carreira política para denunciar certas empresas industriais que não tomam medidas preventivas para o combate à poluição atmosférica. Um telefilme socialmente empenhado, que mostra as preocupações de defesa do meio ambiente, tema caro ao cinema e à televisão americana nas décadas de 60 e 70.

16.50 - Os Espectaculares Recordes do Guiness
17.15 - Vivamúsica
18.00 - Ricardina e Marta
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.25 - Contos de Hollywood
22.30 - Oscars 1990

00.10 - Cinema da Meia-Noite»
«Yakuza», de Sydney Pollack (EUA-1975), com interpretações de Robert Mitchum, Brian Keith e Ken Takakura. Duração: 112 minutos.
O recente «Chuva negra», de Ridley Scott, veio conferir novo interesse a «Yakuza», um filme-sensação dos anos 70, que transferia para o Japão uma história de recorte policial, com o «duro» Robert Mitchum a enfrentar criminosos peritos nas artes mortíferas do «Kung Fu». Bem conduzido, o filme tem um encanto que é feito de exotismo e de mistério.

RTP 2

09.00 - Universidade Aberta
10.20 - O Jogo dos Disparates
Estreia
10.45 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»
13.15 - Novos Horizontes
13.40 - A Ilha das Crianças
14.00 - Os negros na Arte
15.00 - Estádio/Edição da Tarde
19.00 - Music Box Especial
19.55 - Encontro em Trieste
21.15 - Estádio/Edição da Noite

DOMINGO

RTP 1

09.00 - Domingão
«O Meu Pequeno Pónei», «Brincar É Coisa Séria» e «Isto É Cinema»

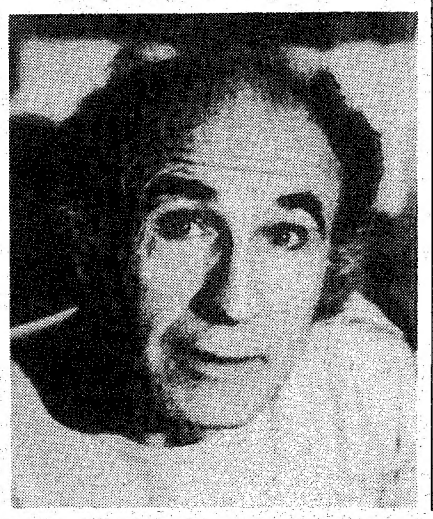
10.30 - TV Rural
10.25 - 70 X 7
12.00 - Eucaristia Dominical
13.00 - Notícias
13.10 - Espaço 1999
13.55 - Napoleão, Meu Amor
14.20 - Peter's Pop Show

15.35 - Primeira Matinée
«Uma Espada para Hollywood», de Frank Tashlin (EUA-\956), com interpretações de Dean Martin, Jerry Lewis, Pat Crowley, Anita Ekberg, Maxie Rosenbloom. Duração: 95 minutos.
Trata-se do último filme da dupla Martin-Lewis, a mais famosa dos anos 50 no campo da comédia. Foi ainda o segundo filme em que Lewis foi dirigido por Frank Tashlin, o realizador que melhor compreendeu o potencial cómico e destruidor de Lewis. O humor devastador e extremamente gráfico do realizador é responsável pelo ritmo vertiginoso desta comédia, criando «gags» surpreendentes, utilizando tanto Lewis como Martin como personagens de desenho animado, que maneja com destreza.

17.10 - Concurso 1, 2, 3
19.00 - McGyver
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Querido John

21.05 - Para Além da Guerra
Estreia: Após a entrada dos EUA na guerra, a família Henry é separada, e os seus membros espalhados pelos quatro cantos da terra. Victor Pug Henry, estacionado em Honolulu, é nomeado para comandar o cruzador «Northampton». Emocionalmente, porém, ele está dividido entre a mulher, que voltou a três com a decisão de se divorciar, e Pamela, a jovem inglesa que está apaixonada por ele.

22.45 - Domingo Desportivo



RTP 2

09.00 - Via Rápida
10.00 - Troféu
13.00 - Caminhos
13.30 - Um Lar para os Animais
14.30 - Sobrevivência
15.30 - Troféu
18.30 - Quem Sai aos Seus...
19.00 - Imagem e Imagens

19.30 - Em Busca da Memória
Estreia - «O Baú»: este título serve para nos introduzir na filosofia adoptada para o entendimento sa série. É ir em busca das coisas através de diferentes apontamentos de índole cultural. Referência a objectos de arte, edifícios degradados, tectos de estuque, quadros, bonecas.

20.00 - A Bela e o Monstro
20.25 - Artes e Letras
Segunda parte do documentário sobre Andy Warhol.

20.50 - Cineclube
«Revolução Francesa», de Harold Young (Grã-Bretanha/1934), com interpretações de Leslie Howard, Merle Oberon, Raymond Massey, Nigel Bruce, Bramwell Fletcher, Joan Gardner. Duração: 98 minutos.
Novo ciclo, dedicado a filmes produzidos por uma das personalidades mais marcantes do cinema britânico dos anos 30: Alexander Korda. O ciclo agora encetado apresentará cinco filmes daquele produtor. O trabalho de Korda não se limitou à produção, tendo também sido um realizador meritório e importante. No entanto, a sua faceta mais interessante é a de produtor e é nessa qualidade que iremos apreciar a sua obra. O primeiro filme desta miniretrospectiva é um dos mais aclamados filmes de aventuras dos anos 30, com Korda a querer mostrar que em espectacularidade as suas produções nada ficavam a dever aos produtos de Hollywood. A base é um conhecido romance de aventuras escrito pela baronesa Orczy.

23.05 - Lusitânia Expresso

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Rota de Howard
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.30 - Hospital Central
17.25 - A Hora do Lecas
«Persil», «As Viagens de Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Clube dos Subscritores
21.40 - Casino Royal
A espionagem dos anos 40 com sabor (e humor) português.
22.50 - Quase Adultos
23.45 - 24 Horas
00.15 - Um Dia
00.20 - Remate
00.30 - Cartas de Humor

RTP 2

11.00 - Ténis
Open do Estoril
14.00 - Telemercado
14.30 - Primeiro Jornal
14.45 - Espaço Infantil
«Fui de visita á minha tia a Marrocos»
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Alf» e «Casa de irene»; bloco B: «Quem Sai aos Seus...» e «Director de Turma»
17.05 - O Jovem Sherlock
A juventude do famoso criminalista foi sempre uma incógnita. Barry Levinson deu-lhe uma adolesc~encia em «O Enigma da Pirâmide», e Gerald Frow criou agora um jovem Sherlock com 17 anos de idade, mas já dotado de uma grande inteligência, curiosidade e poder dedutivo que sempre o caracterizaram.
17.30 - Ícones da Macedónia
Estreia: Uma das melhores colecções de ícones medievais da Europa está na Igreja de Saint Klimont, em Ochrid.

18.00 - Itália/90
Estreia
18.50 - Meu Pé de Laranja Lima
19.25 - Espaço Infantil
«Paulus, o Duende» e «Ana dos Cabelos Ruivos»
19.55 - Estrada 66
20.45 - Via Rápida
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Acerto de Contas
22.00 - Teatro Estrangeiro
«Metamorfose»

ATALAIA
RESTAURANTE SNACK BAR

FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO e AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL e BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES e QUIM DE OLIVEIRA.**

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)
APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.
ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • **TELEFONE 32 01 21**
1200 LISBOA

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Dallas
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.30 - Hospital Central
17.25 - A Hora do Lecas
«Persil»; «As Viagens do Albatroz»; «O Urso Bolke»; «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras de Puchi»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Primeira Página
22.15 - Crónica do Crime
23.10 - 24 Horas
23.40 - Um Dia
23.45 - Remate
23.55 - Cartas de Humor

RTP 2

11.00 - Ténis
Open do Estoril
14.00 - Telemercado
14.30 - Primeiro Jornal
14.45 - Espaço Infantil
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Brigada Especial»; bloco B: «Justiceiro»
17.00 - Os Novos Caça-Fantasmas
17.25 - Há Pintores Que...
17.50 - O Homem na Margem
Estreia
18.50 - Meu Pé de Laranja Lima
19.25 - Espaço Infantil
19.55 - Estrada 66
20.45 - Via Rápida
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cine magazine
21.50 - Cinemadois
«Eles Não Usam Black Tie», de Leon Hirszman (Brasil-1982), com interpretações de Feranda Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, Carlos Alberto Ricelli, Bette Mendes, Milton Gonçalves, Rafael de carvalho, Lélia Abramo, Anselmo Vasconcelos, Francisco Milani, Paulo José, Nelson Xavier. Duração: 129 minutos.
Em S. Paulo, um jovem casal da classe operária acsa apressadamente uma vez que a rapariga se encontra grávida. No plano social e político, a cidade vive uma grande agitação com as greves que rapidamente se vão refletir na vida do casal, uma vez que o pai do noivo é um dirigente sindical e um velho activista político.
E rapidamente o choque de gerações entre pai e filho se transformam em confronto ideológico: enquanto o pai foi aprendendo a adaptar-se à realidade da luta operária do Brasil, o filho deixou-se contagiar pela ilusão de uma sociedade urbana de consumo, marcada pelo individualismo.

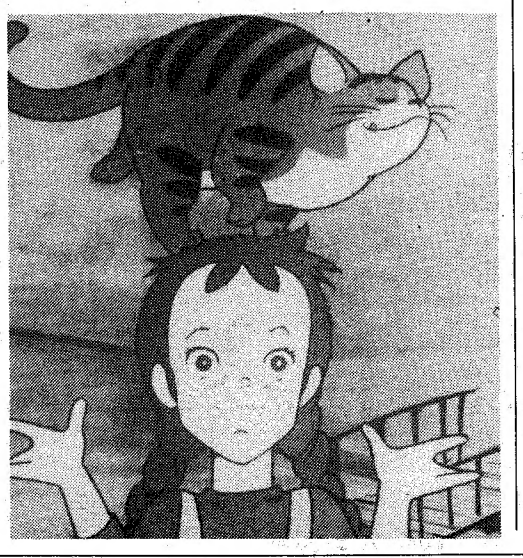
QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Também os Rios Correm
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.30 - Hospital Central
17.25 - A Hora do Lecas
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.30 - Lotação Esgotada
«O Caminho das Estrelas», de Robert Wise (EUA-1979), com interpretações de William Shatner, Leonard Nimoy, Deforest Kelley, James Doohan, George Takei, Majel Barret, Walter Koenig e Nichelle Nichols, entre outros. Duração: 132 minutos.
No século XXIII, chegam terríveis notícias ao quartel general da esquadra estelar en San Francisco: uma gigantesca força maligna aproxima-se do planeta sob a forma de uma formação nublosa. O almirante Kirk retoma o comando da nave U.S.S. Enterprise e reúne a sua velha tripulação com destaque naturalmente para o vulcano Mr. Spock, que rapidamente torna a nave totalmente operacional.
Nada de especial para esta noite, apenas a versão cinematográfica da série televisiva que os portugueses já viram por mais de uma vez.
00.10 - 24 Horas
00.40 - Um Dia
00.45 - Remate
00.55 - Cartas de Humor

RTP 2

11.00 - Ténis
14.00 - Telemercado
14.30 - Primeiro Jornal
14.45 - Espaço Infantil
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Ilha da Fantasia»; bloco B: «Maníacos do Desporto»
17.00 - Os Campbells
17.55 - A Rota Marítima da Seda
18.40 - Meu Pé de Laranja Lima
19.15 - Espaço Infantil
19.55 - Estrada 66
20.45 - Via Rápida
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Submarino
22.25 - Século XX - A Caminho da Guerra
23.15 - Tanita Tikaram



QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Vila Faia
14.20 - Ténis
15.45 - Ponto por Ponto
16.30 - Clínica Geral
Pelos vistos, a RTP apostou nas histórias clínicas a esta hora: primeiro o interminável «Hospital central», agora esta série de 26 episódios.
A história centra-se na vida profissional e privada de um grupo de homens e mulheres num consultório médico suburbano, pequeno e com muito trabalho.
Personalidades diversas unidas por uma placa e uma vocação.
17.25 - A Hora do Lecas
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «Kate e Skubanek», «Vem lá Filme», «Skooly Doo»
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.15 - Sofia e Constança
22.15 - Conversas Vadias
22.40 - Murphy Brown
A segunda estreia do dia: Murphy Brown, de 40 anos, é uma bela, famosa e controversa personalidade de um programa televisivo de informação. Entrevistadora conhecida por descobrir e aprofundar histórias polémicas Murphy, com problemas de saúde, recolhe a uma clínica durante um m~es para se tratar. Porém, ao voltar à televisão é confrontada com uma nova situação...

23.10 - 24 Horas
23.40 - Um Dia
23.45 - Remate
23.55 - Cartas de Humor

RTP 2

11.00 - Ténis
14.00 - Telecompra
14.30 - Primeiro Jornal
14.45 - Espaço Infantil
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Devlin Connection»; bloco B: «Caminho das Estrelas»
16.55 - Os Centuriões
Estreia
17.20 - Novo Elucidário Madeirense
Estreia
17.55 - Os Desafios da Lei
Estreia
18.40 - Meu Pé de Laranja Lima
19.15 - Esapço Infantil
19.55 - Estrada 66
20.45 - Via Rápida
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Emoções
21.55 - Hora da Verdade
22.55 - Quinta Dimensão

HOJE

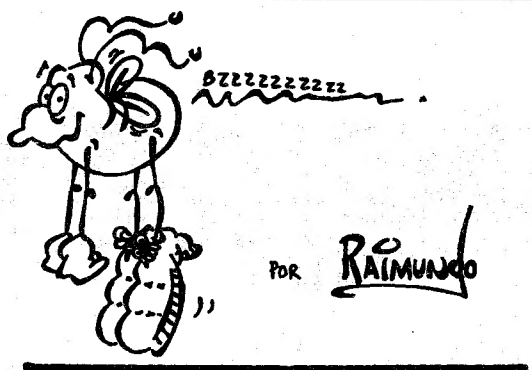
RTP 1

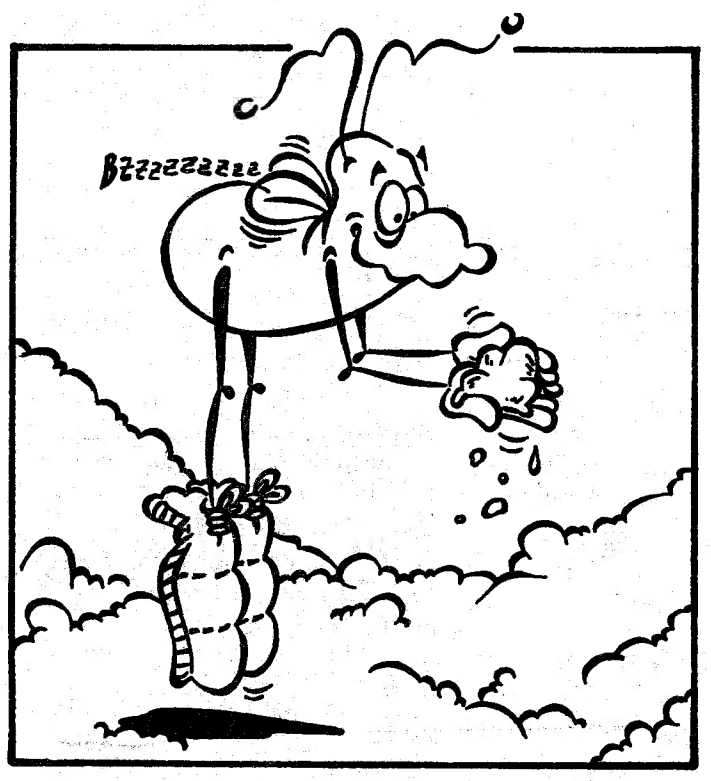
09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», «O Fantocheiro Mágico» e «Fifften».
18.25 - Rua Sésamo
18.50 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Mobil nos Caminhos de Portugal
(Último episódio) - «Algarve desconhecido»: viagem a um Algarve menos conhecido, mas não menos belo. De Alvor a Sagres, passando por Lagos e Vila do Bispo, as famosas praias estão em foco. A terminal, a vista do cabo de S. Vicente, onde «a terra acaba e o mar começa».
21.25 - Missão Impossível
22.20 - Telemundo
Coordenação de Mário Crespo.
23.00 - Chefe, mas Pouco
Tony reencontra o seu antigo rival de basebol, que o desafia a mostrar as suas capacidades. Porém, Ângela também vai ser posta à prova.
23.30 - 24 Horas
00.00 - Um Dia
00.05 - Remate
00.15 - Cartas de Humor
00.20 - Pela Noite Dentro
«A Execução do Soldado Slovik», de Lamont Johnson (EUA-1974), com interpretações de Martin Sheen, Mariclare Costello, Ned Beatty, Gary Busey, Matt Clark e Ben Hammer. Duração: 120 minutos.
«A Execução do Soldado Slovik» dá conta, de acordo com a lógica emocional dos telefilmes, da primeira execução, por deserção, ocorrido em 1945. De recorte liberal, este telefilme conta com a imprescindível presença de Martin Sheen, consagrado nestas histórias onde se defende, normalmente, o direito do indivíduo perante o sistema.

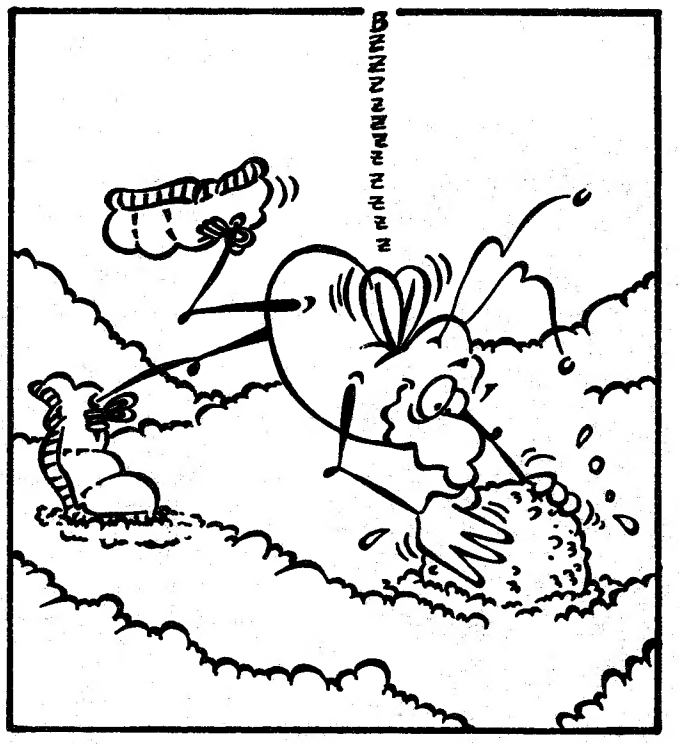
RTP 2

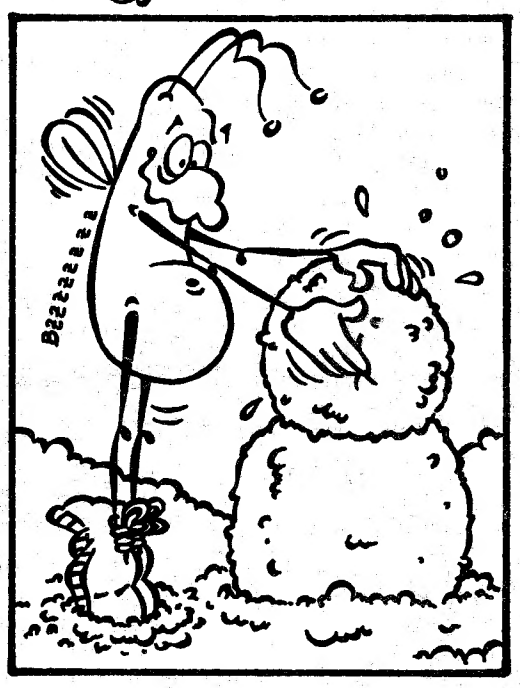
14.30 - Telecompra
14.55 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Ilha da Fantasia»; bloco B: «Bonanza»
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - História dos Instrumentos Musicais
Hoje fala-se do violino
17.45 - Meu Pé de Laranja Lima
18.20 - Haja Música
19.35 - Estrada 66
20.20 - As Cidades e as Terras
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações

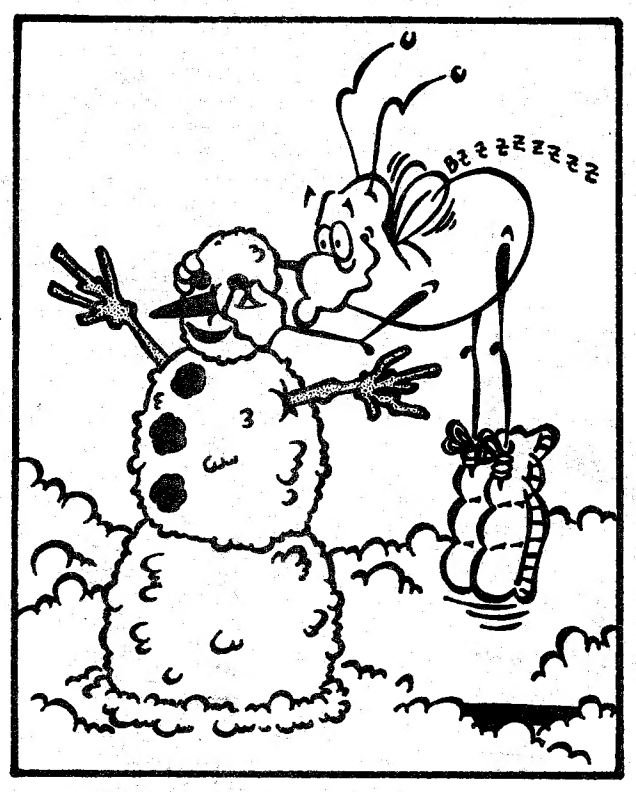
A MOSCA

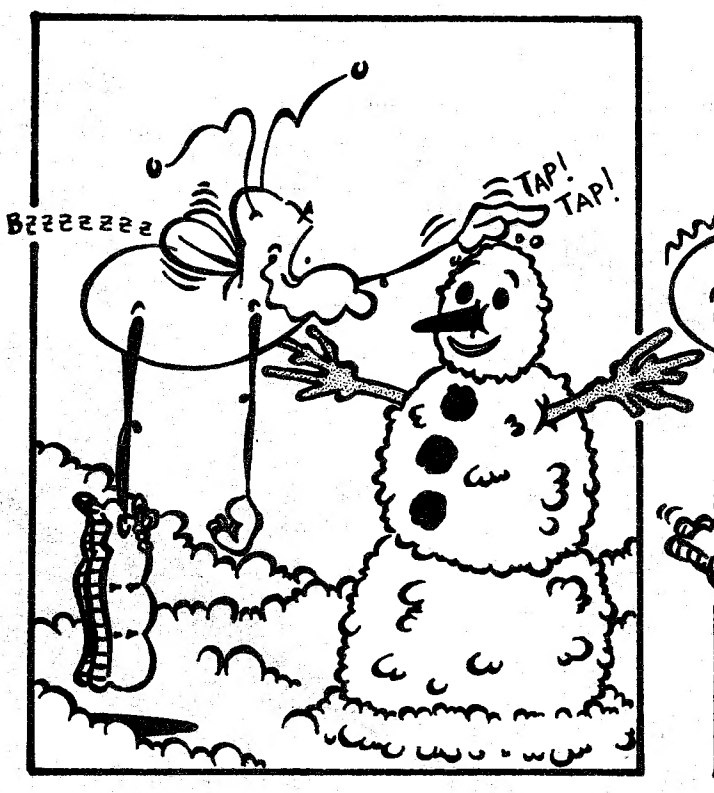

Bzzzzzzzzz
POR RAIMUNDO


Bzzzzzzzzz

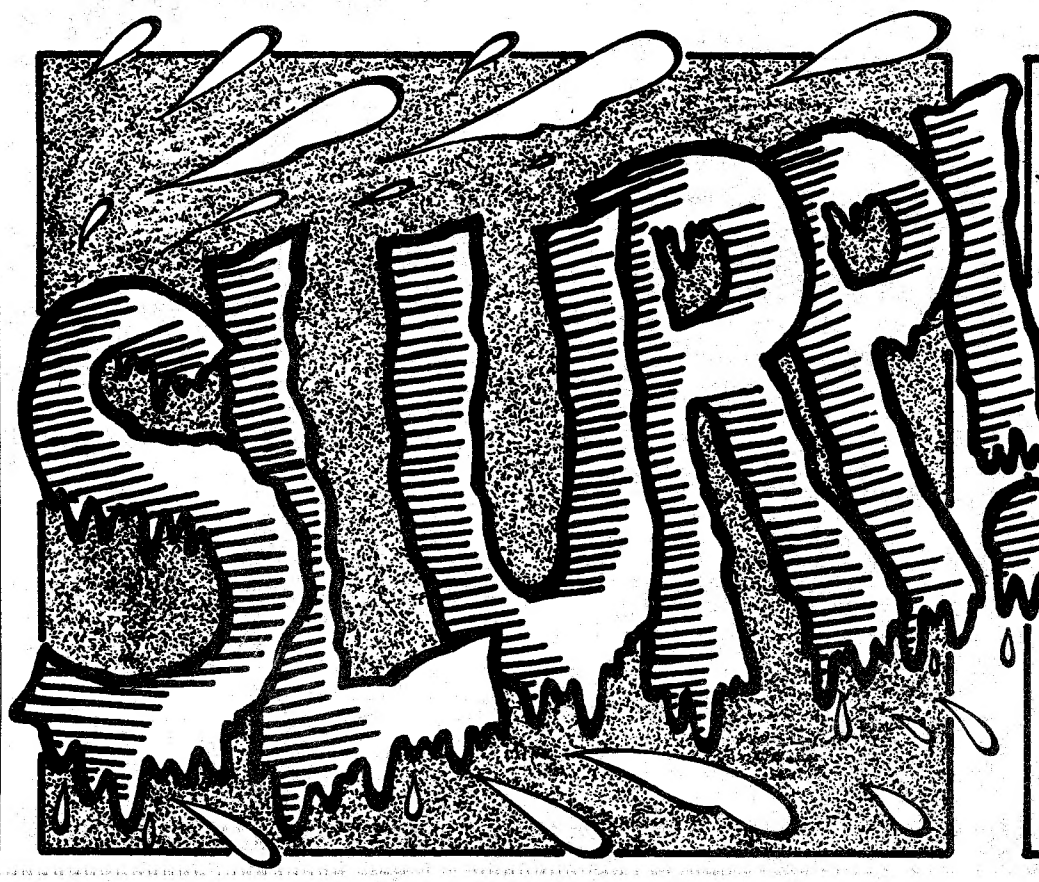

BNNNNNNNNN

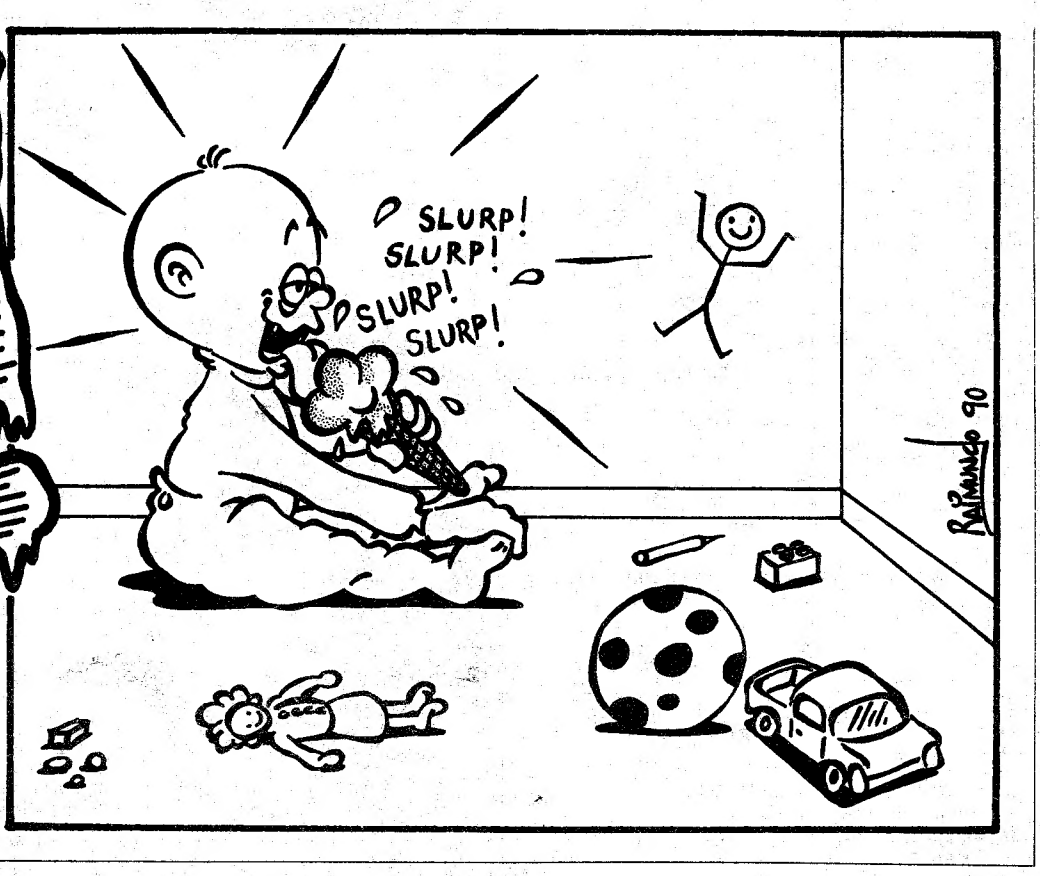

Bzzzzzzzz
1


Bzzzzzzzzz
3


Bzzzzzzzz
TAP!
TAP!
3

?
BROOM


SLURP!


SLURP!
SLURP!
SLURP!
SLURP!
RAIMUNDO 90